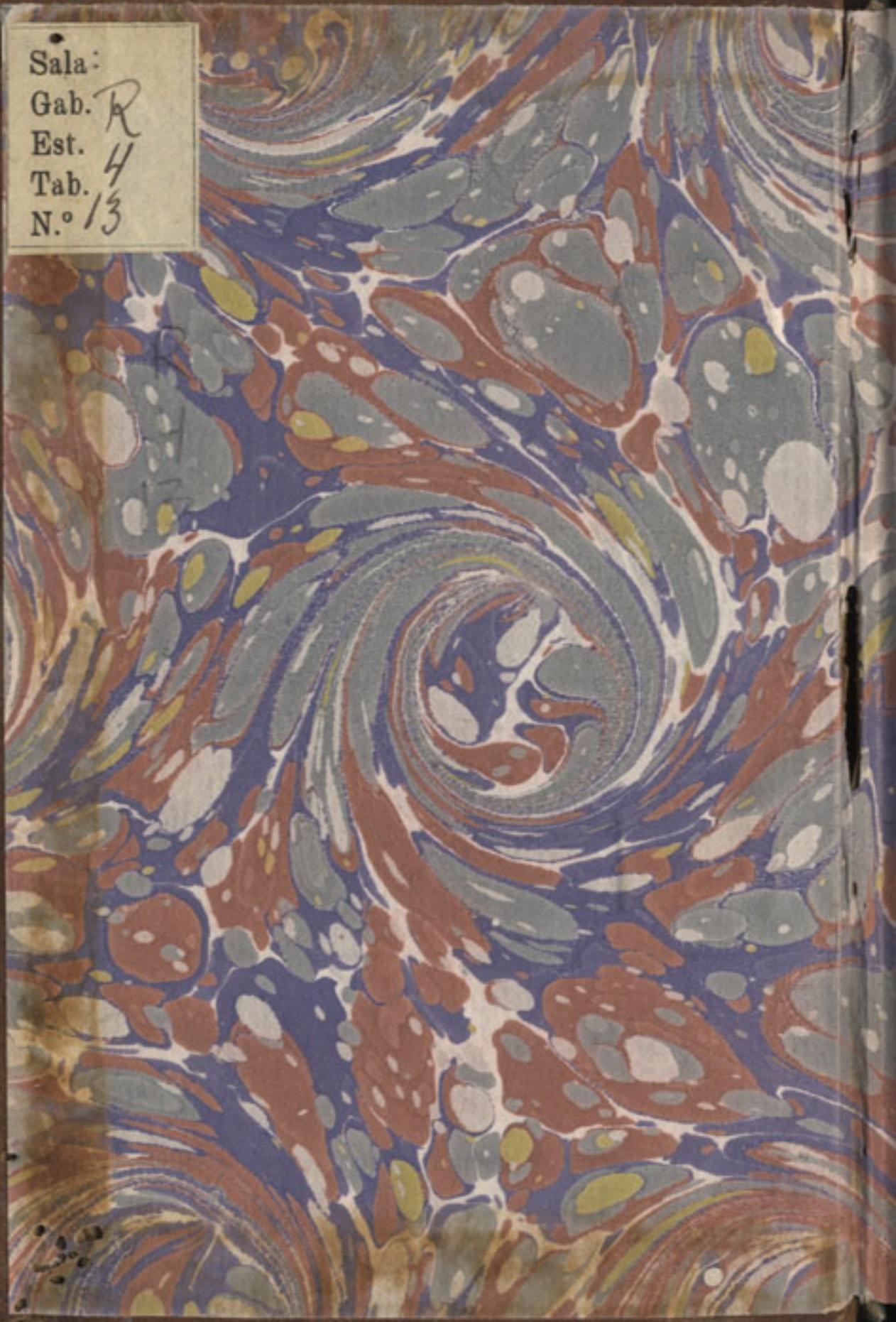


Sala:
Gab. R
Est. 4
Tab. 13
N.º 13



Parte 1^a

IMAGÈM DA VIDA

(1^a) (A)-45 CHRISTAM (A)-45-2

Ordenada per dialogos como
membros de sua
composiçāo. 35725

O primeiro heda verdadeira philosofhia.
O segundo da Religiāo.
O terceiro da Iustiça.
O quarto da Tribulaçāo.
O quinto da vida solitaria.
O sexto da lembrança da Morte.

*Compostos per F. Hector Pinto
frade Jeronymo. E per elle acrescē-
tados nestā segunda impressam.*

Impressos em Coimbra per Ioāo Barreita
à custa de Antonio Coruete mercador
de liuros. Anno de 1565.

Com priuilegio del Rey.



MADAM

DE VIDA

CHRISTIANA

O riducia q̄a bestiologos cont
temporis de l'ant
completo. 322

O diuinatio pedes aenatus p̄mō
O legatio q̄a Rēpālio
O exortio q̄a Tūnici
O dicitio q̄a Lupusq̄o
O diuino q̄a Aionotiss
O lexitio q̄a Iomphatia q̄a Nōtiss

Compendium p̄a F. H. E. G. O. T. M. G.

Antiquitatis q̄a S. Petrus ac d
p̄ea nōtis lassina et vnde dicitur

Temporis cur Gōtis et bestiologos
q̄a dicitur. Historia Gōtis et bestiologos

Compendium q̄a Rēpālio

Hvel Rey faço saber
aos que este aluaravirem, q̄
auêdo respeyto ao q̄ na pe-
tição a tras escripta. Diz F.
Hector Pinto, frade da ordem de S. Icro-
nymo. Ey por bē, & me praz que pessoa
algúa de qualquer qualidade que seja, nāo
possa imprimir, né mandar imprimir em
meus reinos & senhorios, né fora delles, o
liuro chamado *Imagē da vida Christā.*
que diz que fez, & mandou imprimir:
da maneyra q̄ na dita petiçā declara né
opossa trazer de fora dos ditos reynos & se-
nhorios, né vender nelles sem sua licença
& cōsentimento, & isto por tempo de seis
annos somente, que começarão da feytu-
ra deste, sob pena de cincoenta cruzados, a
metade pera os catiuos, & a outra metade

pera quem os accusar, & de perder pera o
dito frey Hector todos os liuros que assi
imprimir ou mandar imprimir, ou trou-
xer de fora, ou vender em meus reynos &
senhorios. E mando a todas minhas ju-
stiças, officiaes & pessoas a que o conheci-
mento disto pertencer, que cumprão, &
guardem & fação inteyramente cumprir
& guardar este aluara como se nelle con-
tem. O qual ey por bem que valha & te-
nha força & vigor, omo se for carta feyta
em meu nome per mí assinada, & passa-
da per minha chancelaria: posto que este
não seja passado pola dita chácelaria, sem
embargo das ordenações do scgúdo liuro
q o cõtrayro despõe. Ioão de Seixas o fez.
Em Lisboa aos vj. de Nouébro de 1564.

O Cardeal Iffante.

PROLOGO do author, dirigido ao illustre simo & muyto excellente se- ñor Dom Theodosio, duque de Bragança.

&c.

Oião os antiguos magi-
narios, quādē acabauão
de fazer suas estatuas, á-
tes que de todo saisse-
sem com ellas a luz, & as des-
sem por acabadas, exa-
minalas curiosamente: & se lhe achauão
tal viuezza, proporção, & perspectiva, que
nem seu artificio tiuesse mais que pintar,
nem seu desejo mais que pedir, punhanas
em lugares, em q todos as podessem ver
miudamente, & cōtemplar a perfeyçao
de suas feyções. Mas se em algúa dellas

iii acha

achauão taes erros & defeitos, que logo se
conhecesssem, dos q̄ a olhassem de perto
punhana núa alta & fermosa coluna, pa-
que os que de longe a vissem, lhos nao
enxergassem, átes a tiuessem por perfeyta
sômente pola perfeyção da coluna. Assi
eu depoys que tive feita esta obra como
statua & imagem da viva Christam, re-
partida em dialogos como em membros
d'húa figura, vilhe tantas imperfeyções,
que senti que me compria, buscarlhe húa
coluna muy alta & excellente, a que a de-
dicasse, E lançando a húa & a outra par-
te os olhos do entendimento, não achey
outra mais illustre que vossa senhoria, a
quem a deuesse intitular & dirigir, pera q̄
sômente cō isto os q̄ a vissem, a estimasssem.
Mas p̄ outra parte vendo q̄ não cōunha
apparecer ante tão excellente principe
senam obras de primor, & grande lustro,
& de tanto preço, que o não tiuesssem,
pondio os olhos na báyxeca desta minha
feita, não per aquelles insírghes artifices

Phidias

Phidias & Policleto, q̄ antre os antiguos
pretenderam abalifar se na arte de archi-
tectura, mas per hum mal destro & pouco
polido imaginario, & laurada pela fraca
mão de meu bayxo ingenho, estive per
vezes cuidando o que faria. E depoys de
baralhado em diuersos pensamētos, con-
siderando a humānidade de vossa senhoria
& a fama de sua grande virtude, igoal &
correspondente ao real trónco dō de pro-
cede, teue esta consideração tāta força, que
ma den per a conuerter meu temor em
ousadia, forjādoa na fragoa do desejo de
o seguir. Aqui cabia bem tomar eu nas
mãos louuores de vossa illustriſſima S.
poys hai cāpo larguissimo, pa me per elle
poder nelles esprayar, mas eu não o farey,
pōrque sey, quanto mays elle quer me-
receilos, que ouūilos: couſa natural d'altos
animos, ter a hontā em muyto, & o pre-
gão della em pouco. Sómente tocarey,
pōrque não posso deyxar de o fazer, a ju-
stiça & paz, em que vossa senhoria tem

suas terras, que he em tão alto grao de
perfeyçao, & passa tanto além das balifas
de meu ingenho, que não podião deyxar
de ficar baixos quaesquer louuores, q̄ lhe
eu nisto quisesse dar. Poys a grande affey-
çao & inclinaçao, que tem ás letras, & a
vontade cō que as fauorece, & deseja de
aumentar, quem ahi que o não veja mais
claro com seus olhos, do que o eu posso di-
zer com minhas palavras, poys está cōsti-
tuindo a sua Villa Viçola, em vniuersal
academia, & fazēdo della outra Athenas
onde concorrão de muitas partes destes
reyno, assí como a Athenas concurrião
doutras partes de Grecia, como a feyra
fráca de todas as bōas artes & doutrinas.
Este he hū grande louuor de V.S. hū ma-
rauilloso resplendor de seu nome, q̄ nú-
ca será escurecido com trevas de esqueci-
mēto, & hū a gloria, que ainda depoys de
sua morte terá vida, em quanto a tiuera
memoria dos mortaes. Quāto mays que
ainda que á virtude faltasse o louuor hu-

mano

mano, não ahí mórt heatro q̄ a consciencia,
& além do eterno premio, q̄ lhe no-
ceo está reseruado, por ser feyta por amor
de Christo nosso verdadeyro Deus, ainda
nesta vida traz ella comsigo gloria & sua-
ue cōtentamento. Isto he o q̄ dizia aquel-
lediuino Paulo vaso de elecyão, na segú-
da aos Corin dichios: Esta he a nossa gloria ^{2.Cori. 4.}
o testimunho de nossa consciencia. Don-
de veo a dizer S. Ambrosio, que assí como Ambros.
o mão he pena de si, assí o bom he gloria
de si mesmo: porque assí como os peccá-
dos sam tratos de polé, & como diz nosso
padre S. Ieronymo, quātos sam os vicios,
tantos sam os tormentos d'alma, assí as vir-
tudes sam gostos do spirito, & quātas ellias
sam, tantos sam elles. Mas como a virtu-
de lance de si hū singular respládor, não
pode deyxar de ser louuada. E caso que os
enuejados a queirão apagar, toda uia não
pode effectuar seu desejo, átes ficio seme-
ração. Ihátes ás infelices berboletas, q̄ querēdo
apagar o claro lum e da candea, ellias mes-

mas se queymão, & ficando a vela accesa
com sua claridade, pagão ellás com sua
morte a temeridão de sua vida, sem a
poderem tirar á clara luz. Esta claridade
resplandece em V.S. em estimar summa-
mente a sciencia, & a paz, ca impossivel
he fauorecer húa desfauorecendo a ou-
tra. E por isso não he de espantar ser V.S.
amigo das lettras, poylo he do assosiego
do reyno, que onde elle royna, ahí tem
ellas seu assento. E esta he a causa dauer
agora tantos & tão excellentes letrados
nesta terra, darlhe Deos principes que os
fauorecesssem, & amasssem a paz. Assim como
quando as ondas dos grandes rios vão te-
sas & fútiolas, se recolhem os peixes a al-
gú remanso, & quando os ventos sam af-
peros & tempestuosos, fogé as aues pera o
abrigado, assi andando revuelto o mundo
em guerras & tumultos, fugirão as artes
& boas letras de suas brauias ondas &
cruelys tempestades, & vierão se todas re-
colher no quieto remanso, & pacifico

abri

abrido deste reyno, onde vindo elles cã-
ladas, & como mortas, cobrarão alento
& receberão sangue & vida, & forão hon-
radas, & fauorecidas, & collocadas no cu-
me de sua dignidade. E ainda que a paz
não tiuera outro bem, senão serconto &
habitação das musas, este era assaz: quan-
to mays que he ella húa cister na de todas
as virtudes, & faltando ella todas faltão,
& a terra que carecer della, onde em lu-
gar d' amor & concordia reinar odio & dis-
sensam, não poderá permanecer. Quer-
reido o Propheta Esaias declarar, que os
Assyrios errarião no Egypto, & o destrui-
rião, & regarião seus campos com o san-
gue da barbara gente, dá por certo final
da destruyçao dos Egypcios, que ante el-
les mesmos se perderia a paz, & se alleia-
taria guerra, & o amor se conuerteria em
desamor. E Oseas diz: Poys seu coração
he diuiso, agora perecerão. Isto he o que
diz Ch̄o nosso Redemptor no Euágelio:
Todo o reino em si diuiso será destruido

Qlipho
Esai. 19.

Ose. 10.

Luc. 11.
&

Iean.13. & desolado. E per S. Ioão diz, q̄ nisto seremos conhecidos por seus discípulos, se nos amarmos hūs aos outros. He tão excellente coufa o amor & concordia, q̄ aré os gentios allumiados não mays q̄ com o lume natural o entenderão. **Empe-
docles.** Agrigétino insinhe philosopho, discipulo q̄ foy do grande Pythagoras, diz que o mundo cõsta de amor & de paz, porque para se gerar qualquer coufa natural hão de concorrer todos os quatro elementos, & vairse em concordia. Isto quis significar o **Orpheo** antiguo Orpheo, quando disse, q̄ o amor tinha as chaves de todas as coufas, com as quaes lhe abria seus nascimentos para fayrem a luz. Hora se isto tāta força tem nas coufas naturaes, q̄ fará nas moraes? **Platão.** Por isso diz Platão no v. da repubrica, q̄ não ha nella coufa mays pernicioasa que a discordia, nem mays útil que a paz. E por esta razão tem V. S. muyta em a cōseruar, como vemos que faz. A quem deuo logo de offerecer minhas obras, que sam

sam trabalhos d'estudos, & fructo da do-
ce paz, senão a V.S. que he o fauorecedor
delle, & conservador della? Tudo o que
digo nesta obra, vay corroborado com
authoridades das diuinias letras, & de
muy approuados & excellētes authores.
Porque assicomos quem quer plantar hū Compa-
nouo jardim, busca garfos & enxertos de raçāo.
bōas aruores, assi eu busquey authorida-
des de gtaues & famosos authores, pera
plantar n'este liuro, diuiso em dialogos a
maneyra dos de Platāo. O que peço a V.
S. he que os aja por seus, & que com sua
custumada benignidade os recolha sob
seu emparo, pera que possam apparecer,
& andar seguros pelo mundo com o
nome & fauor de V.S.a quem
nosso Senhor traga em sua
especial goarda, &aca-
be em seu sancto
seruiço.

Amen.

Os

*Os authores que se allegão nesta obra,
sam os seguintes, a fora as authoridades da
sagrada escriptura, que a cada passo
vão explicadas.*

S.	Avgustinho.	Bartolo.
S.	Ambrosio.	Balthasar Castellão.
S.	Athanasio.	Bartol. a Chassenco.
S.	Antonino.	S. Cypriano.
S.	Anselmo.	S. Cyrillo.
	Alberto magno	S. Chrysostomo.
	Antiocho.	Chrysologo.
	Archiloco chronogra-	Cassiodoro.
	Archiloco poëta. (pho	Chrysippo.
	Aristoteles.	Cornelio Tacito.
	Alexandre Aphrodiseu.	Columella.
	Aulo Gellio.	Calimacho.
	Apolonio Tyrio.	Celio.
	Alcidano.	Cambino Florentino.
	Amiano Marcellino.	S. Dionysio Areopagita.
	Annio Viterbente.	Demosthenes.
	Aliciato.	Diodoro Siculo.
S.	B Afilio.	Dião Cassio.
S.	B Bernardo.	Diogenes Laërcio.
	Beda.	Eusebio.
	Berofo Chaldeu.	Eratosthenes.
	Baptista Egnacio.	Euripides
		Ennio

DIALOGO DA
verdadeyra philosophia, inter-
locutores hū Philosopho, hū seu com-
panheyro, & hū ermitão.

CAPITVLO. I.

Da excelencia da vista sobre os
outros sentidos, & do desco-
brimento da verdade.

NDO praticando pe-
los céseyraes de Coim-
bra, ao longo do Mó-
dego dous amigos, que
sayrão da cidade, hum
delles dado muyto ao
estudo da humanidade, que presumia
excessiuamente de discreto & grande
philosopho, & queria antes parecello,
que se lo, da condiçao dos que escolhe
antes latão lustroso, que prata sem lu-
stro, outro menos humanista, mas mais
humano, encôtrarão com hū ermitão,

A homē



DA VERDADEIRA PHILO.

homē religioso & letrado , de q tinhão
conhecimento doutro tempo , em que
todos naquelle vniuersidade estuda-
rão & conuersarão . E depois de sauda-
dos , & passarē antresi algúas amorosas
palautas , perguntou o Philosopho ao
ermitão como estaua , & q anno tinha
de idade , porq lhe parecia mays velho
do que elle cuidava que era . Eu , respõ-
deo o ermitão , não estou nē tenho nē
hū sooo anno de idade , & o mesmo po-
dem com verdade dizer de si todos os
homēs . Noua opinião , disse o philoso-
pho , he essa . Antes tornou o ermitão ,
nam he noua , nem opinião , se não an-
tigua & manifesta verdade . Que se fo-
ra noua , começara pouco há , & ella he
sentença dos fabios antiguos , que de si
deixarão gloriosa memoria : & se fora
opinião , fora de coulas contingētes &
incertas , & ella he necessaria & certis-
sima . E eu , disse o philosopho , tenho a
por falsissima . E he o tam sem duvida ,
que

que a não terá nisso, se não quẽ segun-
do o costume dos Academicos, quiser
em tudo duvidar. Hai ha verdades, dis-
se o companheiro, que nolo não pare-
cem, não polo não serem, mas por não
entendermos a diuersidade do estilo,
em que sam ditas. Digo isto, porq o pa-
dre, como se desnaturou do mundo,
pera que quanto delle estiuesse mais
apartado, tanto estiuesse cõ Deos mais
vnido, & quanto mais longe estiuesse
da terra, & de si inda mais longe, tanto
mais perto estiuesse do ceo, tem outro
estilo tão diferente do nosso, que aue-
mos de entender: que se o não enten-
demos he, porque passa elle alem das
balisas de nosso entendimēto, mas não
porque em suas palauras aja erro, né
falsidade. Não sey, disse o philosopho,
pera que sam razões, pera escusar húa
sem razão: pois de querer escusar húa
nascem muitas. Assi como lançando ^{Compa-}
húa pedra nū grande poço se faz hum ^{raçāo.}

A ij circu

DA VERDADEIRA PHILO.

círculo n'agoa,& delle procede outro mayor , & este mayor faz outro mays estēdido, apos o qual vem outro,& outros cada vez mayores quasi é infinito, assi d'hū erro nasce outro , & este traz outro consigo mayor, apos o q̄l vē outros muytos cada vez li avores quasi é infinito, se lhe não atalhā logo no principio. Facil cousa seria atalhar logo no principio a hū rio, intupindolhe a fonte, donde nasce, ou lançādolha per outra banda: mas depoys que nelle entrā outros & outros ribeiros, & com a entrada de muitos rios se faz poderoso & profundo, não ha quem lhe possa resistir. Isto he o q̄ diz Aristoteles, q̄ pequeno erro no principio se faz grande na sim, & q̄ dado hū inconueniente se seguē muytos. E ás vezes de não apagar hūa palha, se vem atear o fogo núa & noutra, até que se vē a queymar toda hūa casa , & de pequena fayscā se faz grāde incêdio. Eu, disse o cōpanheyro,

Comparação.

Aristot.

não

C A P I T . I.

não me determino logo tam asinhá co
mo isto a cōdenar, o que não acabo de
enteder. E sempre tive pera mim que
as couſas se auiam de julgar com deli-
beração. Que como diz Bias o philoso^{Bias.}
pho, segundo refere Laērcio, nenhūa^{Laērcio.}
couſa he mays contrayra a deliberar,
que a ira & a pressa. E não vos pareça q̄
repreendo a diligencia nas obras, antes
tenho pera mim, que não ha couſa q̄
ella nao venga. Porque assi como a ne-
gligencia he madraſta das virtudes, assi
a diligencia he mãi de todas ellas. Ella
he húa mina de bens, & a negligencia
hum pego sem fundo, em que todos se
alagam. Mas a diligencia ha de ser pe-
ſada, & leuado nos pés as esporas da li-
geyra & velocidade, ha de leuar na
mão as redeas da razão & do conselho:
de maneyra que na deliberação ha de
ver tardança, & na execução da bõa
obra pressa. Dóde veo aquelle tão an-
tigo como famoso puerbio: Apresſate

A iij dō

DA VERDADEIRA PHILÓ.

de vagar. O que també quis significar o
Tito Ves- Emperador Tito Vespasiano, filho do
pafiano. grande Vespasiano, quando mandou
por por diuila nas suas medalhas hum
golfinho velocissimo, enrodilhado núa
ancora vagatosa. He verdade, disse o
philosopho, que pela ancora se entéde
a tardáça, & pelo golfinho a pressa: por
Aristot. que Aristoteles affirma q̄ he elle ligey-
Oppiano risimo. E Oppiano no seu segundo li-
uro da natureza dos peyxes diz, q̄ nadá
os golfinhos tanto pela agoa, como voão
Plinio. as aues pelo ar. E Plinio no seu nono li-
uro da historia natural diz, que sām os
mays ligeyros de todos os animaes, assi
aquaticos, como terrestres, como volati-
les. E não somēte Tito Vespasiano, mas
Octauiano Augusto se soya muyto de-
leytar com esse prouerbio, conio conta
Aulo Gel Aulo Gellio no x. das suas noytes Atti-
Macrobiuo cas, & Macrobio no sexto dos Satur-
naes. Mas isso se entéde, quando se re-
presentam algūas duuidas, que fazem
distrayr

distrayr o animo em diuersos pareceres entāo ha dauer deliberaçāo vagatosa, & maduro conselho, o q̄l ha de ser secreto: & por isto edificatāo os antiguos Romanos o templo de Conso , aquem elles chamauāo deos dos conselhos , debayxo da terra. E a pos o conselho se ha de seguir a execuçāo com tanta diligēcia, que pateça que o effeito precedeo á deliberaçāo, de maneyra que primeyro pareça feyto, que cuydado. Mas quando as couſas sam tam manifestas , que nellas não ha que deliberar, de que ser uegastar o tempo em conselhos: & ocupar o juyzo em escolher quātas couſas a varia fantasia lhe representa , & o pensamēto em fazer dificuldades , onde as não ha? Quando os erros sam tam claros, como he este do padre, pera que se não condénalos logo sem mayrs? Eu todauia, disse o companheyro , suspendo o entendimento , até ver como vos padre prouays , que nem vos nem

A iiiij homē.

DA VERDADEIRA PHIL O.

homē algū está, nem tem annos de idade. Folgaria muito de saber, como pode ser isso. Isto, disse o philologo, não sabereys vos nunca. Porq? Difico o companheiro? Porque o que não te recipode o Philosopho, não se pode saber. E u vos prouarey, disse o ermitão, o que digo, se vos ná tiuerdes os ouuidos entupidos & opilados. Antes creio eu, tornou o philosopho, q nolos entupireys ves com palauras, & em fim ná a dreyfa vossa empresa. Consa he esta, disse o companheyrô, que eu em estremo folgarey de ouuir. E pera isto assentemnos. Assentemos, disse o philosopho. Assentaiuos vos, disse o ermitão, q eu estarey aqui encostado a esta verde & sombria aruore, & ouui se vos bem parecer. Vos padre, disse o companheyrô, podeys dizer o que quiserdes, sem nos pedirdes as vontades, em especial a minha, q ná discrepanda vossa. Deueys padre, disse o philosopho, de to-

mar

mar outro thema, & não gastar o tempo
em defender sonhos, mas contas d'inas
de vos. A verdade he a que eu vejo co
meus olhos, que vos vejo estar, & vejo
vos viuer, & não podeys vos viuer tem
terdes dias de vida. E hi não ha minor
proua, que a que se vé com os olhos. O
que sabemos d'ouuida pode ter incer
to, mas o que sabemos de vista, he cer
tissimo. Donde vco adizer Thales Mi- Thales.
lesio mestre que foy do grande Anaxi
mandro, & antre os Gregos primeyro
inventor da geometria, que a diferença
q' auia dos olhos ás oreihas, auia da ver
dade á mintira: dando a entender, que
ainda que os ouvidos se enganassem, a
vista nā se podia enganar. E daqui vier
ram os da ilha de Creta, que agora se
chama Candia, onde naerceo Scrabo o
cosmographo, a pintar Iupiter cō olhos
& sem oreihas, como conta Celio no Celio;
vj. liuto das suas lições antigas: signifi
cado q' os q' tiuessem mādo & domínio,

DA VERDADEIRA PHILO.

não auiaõ de crer tudo o que ouuissem, porq̄ podia ser falso, mas o q̄ vissem, por que isto he, o que auiam de ter por sem duvida. E por isso he o sentido da vista mays excellente que todos os outros: em **Galen.** tanto que Galeno chama aos olhos membros diuinios. E não sem causa os posa natureza na mays alta parte do corpo humano, como sentido mays insinhe, & que mays amamos, & a q̄ sobre todos os outros deuemos de estimar. E assi como estam mays altos, assi descobrem mays cousas. E como nenhua naturalmente entēdamos senão per meo dos sentidos portas & seruentias do entendimēto, & pelo sentido dos olhos sintamos mays q̄ per nenhū dos outros sentidos, segue se q̄ a elles deuemos amor parte do q̄ sabemos. Isto sentia Aristoteles, quando no primeiro da Metaphysica disse, q̄ a razão porq̄ tanto amauamos os olhos, he porque nos mostrá elles muitas cousas em cujo conhecimēto consiste a philosophia.

Ana

Anaxagoras aquelle excellente philoso- Anaxago-
pho, que quis ta[n]t[am] altamente conceplar
o cur[io] das estrellas, & a disposição da
machina do mundo, que por fayr d[omi]na
duuida fayo de si, como referre Xenó- Xenophō
phon te no liuro que fez dos feytos & di-
tos de Socrates, pergutado pera que na-
scera respondeo que pera ver o sol, & a
lúa, & as estrellas, assi o conta Lactancio Laetan.
Firmiano nas suas diuinias instituções.

Não disse este famoso philosopho que
nascera pera ouuir falar nestas cousas, se
não pera as ver com seus olhos. Que
aproueyta hum homem sem vista? Diz
Quintiliano na segunda declamaçam, Quintil.
que a priuaçam dos olhos he a total tra-
queza do homem. Vay grande diferen-
ça de ver a ouuir. Assi como o fogo he o
mays sutil & alto dos elementos, & que
naturalmente sobe pera cima, por ser o
seu lugar o cōcauo do ceo da lúa, ficado
o ár abaixo delle, assi os olhos té superio-
ridade sobre os ouuidos: por que, como
diz

DA VERDADEIRA PHILO.

Aristot. diz Aristoteles, vemos com o fogo, & ouuimos com o ár porque dentro dos ouvidos está encerrado hu ár, a q̄ Aristoteles chama immouel, & outros cõnatural, no qual como toca o tom, que ve pelo ár, logo ouuimos. E nos nossos olhos anda hú fogo sutilissimo, a cujo lume ajuntandole o lume ou claridade exterior, logo vemos a cor, q̄ se nos grande apprelesta, se hi não ha empeamento. E esta he a causa, como diz Alexandre Aphrodiseu, no seu liuro das causas, porque ás vezes dando rijo co a cabeça nalgua coufa dura, vemos ante os olhos candeadas acceſas, que he o lume, que nos sae delles com o impenituoſo mouimento da percussam. E algumas vezes acordando de noite ás escutras vemos as mesmas candeadas: porque o lume, q̄ estaua dentro nos olhos encerrado, abrindo os sae junto, & a primeyra coufa que vemos he elle. O que acontece poia mór parte aos colericos, por

por a sua compreyssão responder ao fogo. Donde se colhe que não ha milagre o que Plinio diz de Tiberio Cesar, que em se aleuantando de noite ás escuras, via a casa allumiada. E ainda que estes philosophos isto não testificáro, basta ranos pera isso a philosophia acquirida pella experientia, porque tanto que se faz o trouão, vemos logo o relampado, & depoys ouuimos o tō, sendo tudo nū tempo o tom & o relampado: o q̄ pro cede da ligeyreza & sutileza do fogo, com que nū instâte vemos, & do vagar & espessura do ar , com que per espaço ouuimos. O que claramēte se vé no ti ro da bombarda inuentada per philosophico artificio a semelhança do trouão , que estando de lōge, primeyro ve mos o fumo & o pelouro, que ouçamos o tiro. Tem mays esta potencia do ver sobre a do ouuir, que nū case enfada, nē obra com trabalho, nē tem necessidade de ningué, & estendele mays ao lōge, q̄ todos

DA VERDADEIRA PHILO.

todos os outros sentidos, & não ha coufa, que mays nos certifique que a vista. Logo poys o ver he tanto mays certo, & própto, & excelléte q̄ o ouuir, como q̄ reis vos q̄ crea eu, & admitta o q̄ vos ouço, & não o que vejo, sendo o que diz vossa boca contrayro, ao que vem meus olhos. Saluo se p artificio de ingenho nos querreys perſuadir o que não he, & meternos cō engano no entēdimento a machina **Sinão.** dessa vossa opinião, como Sinão o Grego aos Troianos a entrada do enganoso caualo pelos muros de Troia. Podera vos pera exagerar & amplificar minhas razões trazer h̄ua nuuē de authoridades, cō que vos assombrára, mas não he minha arte meter logo todo os registros, & fazer logo no principio grande toada. Prouuera a Deos, disse o ermitão, que tiuereys vos desempedidos & allumiados os olhos do entendimento, que vos viueys quam falso he isso, que cuydais que vedes, & quā pouco importa a superioridade

dade dos olhos com tudo isto, que dizeis,
para refutar o que eu digo. Os olhos do
corpo enganâse muitas vezes, por estarem
enneuoados, ou doutra maneyra empe-
didos, ou porque ainda que sejam claros,
não hahi distancia delles ao obiecto, ou
sea ha, he desproporcionada, ou pola bre-
vidade do tempo da vista. Mas os olhos
do entendimēto allumiados cō os rayos
do diuino resplendor, não se enganão,
porque doutra maneyra não seria entē-
dimēto. E daqui vieram os diuinospo-
phetas a chamar a suas prophecias visões,
como cousas certas & desenganadas. E
pa vos viuerdes desenganado, folgaria q̄
me ouuisseys, mas queria que me enten-
desseys, porque sayndo d'hu engano não
entrasseys n'outro. Nem tomeys por tra-
balho ouuirme, se quereys q̄ vos eu tābē
ouça, porq̄ quē não for própto no ouuir,
nā se deue de escutar. E ainda q̄ com as
muitas palauras q̄ acumulaastes, aleuāta-
stes tāto pò, ã parece que se não ve a ver-
dade

DA VERDADEIRA PHILO.

Compa- dade,toda via ella em fim se verá. Porq
raçao. assi como o pao fendo com impeto lá-
çado nagoa,ainda q se vaa ao fundo,có
tudo não pode estar tanto escondido,
que logo não torne a cima,& appare-
ça, assi a verdade pode ser per algú té-
po escondida , mas em fim por mays q
façam,ella per si se ha de descubrir. Ca
nenhúa coufa se faz com tāto resguar-
do,que o tempo a não mostre Isto he o
que dizia Christo nosso Redéptor em

Matth.20 S. Matheus: Não ha hi coufa tão encu-
berta,q se não descubra, nē tam occul-

Bernar. ta, que se não sayba. E S.Bernardo diz
que a verdade impunhada & persegui

Tertu- da entāo respládece mays. E Tertuliano

lano. no diz que a verdade ha vergonha de

August. estar escondida. Donde diz S.Augusti-
nho nos soliloquios,que a verdade tem
por companheyra a constancia: Pera
dar a entender quenúqua se abate. E S.

Chrysost. Ioão Chrysostomo affirma que he tam
clara a verdade, que o seu resplendor
abate

abateo do sol. E pera q o verdadeyro resplendor nos allumie, primeyramente inuoco a Ch̄o Iesu nosso Deos summo & sempiterno, a q peço que nos fauoreça com sua graça, dandoma amim pera explicar o que sentir, & avos pera sintir o que eu explicar. Porq onde falece a graça ainda que sobeje a sciencia, não sam os entendimentos tão claros, que não viuão ás escuras.

CAPITVLO II.

¶ Da velocidade & inconstancia da vida,
& do erro dos que cuydam que
estão, & tem annos de vida.



Stando promptos os douos companheyros, começou o ermitão desta maneyra. Hú dos enganos, em q está atollado o genero humano haver pera si, que as coufas do mundo sam firmes & estaneis. E deste erro dos homés vierão elles a cayr em outro, q hc pòr falsos nomes ás coufas, chamando estados a

B coufas

DA VERDADEIRA PHILÓ.

cousas q̄ nunca estão, mas sempre corre. Chamam estado de príncipes, estado de nobres, estado de plebeios. Vocabulo q̄ parece q̄ auia de ser desterrado do mundo, em especial d'antre os Christãos criados no regaço da igreja Catholica, com o leyte das sagradas escripturas: ou ao menos que auia de ser bem interpretado. Se tudo passa, se nenhūa cousa do mundo está, como se pode propriamente chamar estado? Não se pode dizer estar o que nunca está: E poys não está, como he estado? Saluo tomado estado impropriamente, mas eu falo de estado segúdo sua propria deriuação. Como pode auer estado nos homens, & como se pode dizer q̄ estão, dizendo o sancto Iob: O homem foge como sombra, & nunca permanece nū mesmo estado. Nā diz, o homem anda, mas foge, pa mostrar a velocidade do curso da vida: nē diz: foge como corpo, mas como sombra. Que cousa hahi mays mudauel & incōstâte q̄ a sombra?

Iob. 14.

F com

E cõ q̄ palauras podera o glorioſo ſão
milhor explicar & exagerar o cōtinuo-
fluxo & mouimēto de noſſa idade? Isto
ſentia bem aquelle diuino propheta, &
ſereniſſimo Rey Dauid, quādo nū Psal-
mo dizia: Em imagē traſpaffa o homē.
Pſal. 38.

Como fe diſſera: Quereys ver que o ho-
mē nunca está, attentay pera elle, & ve-
reys que não ſomēte paſſa, mas traſpaſ-
ſa, & não como ſubſtancia, mas como
imagē della, não como couſa folida &
maciça, mas como vaã & caduc a. An-
tes deſte verſo diſſe o Propheta eſtas pa-
lauras, q̄ eſtam ſituadas no meſmo Pſal-
mo: Toda a vaydade he todo o homē q̄
viue. Onde diz, que viue, pode dizer, q̄
está, quanto a ſeu parecer. E aſſi inter-
pretam algúſ o vocabulo hebrayco: co-
mo fe mays claramente diſſera: Chamē
os outros vaydade ao q̄ quiſerē, que eu
digo q̄ o homē, que cuýda q̄ está, he to-
da a vaydade do mundo, he hūa imagē
apparēte de fora, & vaã de dentro, que

B ij não

DA VERDADEIRA PHILÓ.

não está, mas sempre corre. Esta he húa das interpretações, & verdadeiros sentidos daquelle lugar, em que o Psalmista nos quis dar o desengano de quē somos. E á verdade se nós quisermos altamente consirar, & desembaraçada a fantesia de seu emleo pregar os olhos na verdade, veremos claramente que as cousas do mundo não sām substâncias estantes, mas figuras: que passām. Donde veo a dizer o

1. Cori. 7 diuino Paulo na segūda aos Corinthios:

Passa a figura deste mundo. Não diz: está, mas passa, nem diz que passa a substância do mundo, mas a figura. Por maiores, & mays ricas, fixas, & permanentes, que pareçam as cousas do mundo, em fim não sām substâncias, mas figuras, ou estatuas transitorias de substâncias. Isto quis significar a sagrada escriptura no

Dani. 2 liuro de Daniel naquella estatua, que viu em sonhos Nabuchodonosor, q̄ eō quanto parecia grande & poderosa, cō tudo era figura & estatua de substâcia:

&

& por ter os pés de barro, tinha tā pouca firmeza, que com hūa pedra, que lhe tocou nelles, foy desfeita & tornada em palhinhias, q logo arrebatadas do vento desapareceram. He muyto pera notar, que entendendo se per aquella visam a grandeza, riqueza, potencia, prosperidade, & finalmente os reynos do mundo, nā diz o Propheta que era substancia, mas imagē, nem que tinha todos os pés de ferro duro, mas que parte delles era de barro quebradiço: nē diz que permanecko, mas que foy desfeyta & leuada do vento, nem diz que foy vista vigiādo, mas dormindo, em sonhos, & não realmente. Que nos quer nisto a sagrada escriptura significar, se não q as couzas do mundo sām hūas vás imagens sem fundamento nem firmeza, varias, incertas, inconstantes, caducas & transitorias, que passam como soaho, poys se não vem se não em sonhos, & em sim q nam sām couzas solidas, mas

B iij som

DA VERDADEIRA PHILO:

- Eccles.34. sombra dellas. O Ecclesiastico chama-lhe sonhos, sombra, vento, & mentiras manifestas. Tertuliano no liuro q fez da coroa do soldado, falando das riquezas, & coufas, que o mundo tem por grandes & verdadeiras, d.i.z, Todas as coufas, quantas ha neste mundo, sao imaginarias, & nenhuma ha, que seja de verdade.
- Tertuliano. y. Sam Ieronymo nua Epistola ao Papa Damaso diz assi: As coufas criadas, ainda q parecam ser, nao sum, porque foy quando nao foram: & pode outra vez nao ser aquilo que nao foy. Deosfò, que he eterno, & que nunca teve principio, tem verdaderamente nome de essencia. E esta he a causa, porque querendo elle declarar a Moyses quem era, disse: Eu sou o que sou. E depois lhe disse que disse aos Hebreos: Aquelle q he me mandou a vos. Isto he de sam Ieronymo. Dizey vos, disse o Philosopho, o que quiserdes, que vos nao me podeis negar o que Aristoteles affirma, & todos os Philosophos
- Exod.3. confes
- Aristoteles.

confessam, que as couſas ſe diuidem em
ſubſtancias & accidētes. Porque ſancto
Thomas principe dos Theologos eſco- Thomas.
laſticos, com todos os outros Theologos
questionarios admitem esta diuifam. E
ou aueys de confeſſar que vos errays, &
os outros todos acertā, ou q̄ vos ſò acer-
tays, & todos os outros erram. Porq̄ co-
mo todos tem cōtra vos, ſe vos dizeis bē
todos os outros dizem mal, & ferá iſſo
quererdes affirmar q̄ a philoſophia eſtā
fundada ſobre engano, q̄ he querer de-
ſtruir toda a ſciēcia humana. E não fey
como vos ouſareys a fazelo, faluo ſe vos
fois o Atlas, que fingirão os antigos, q̄ Atlas.
ſotinha com a cabeça todo o peso do
Ueo, dando a entender q̄ tinha a ſciēcia
não ſomente das couſas humanas, mas
das diuinas. Eſſa diuifão, diſſe o ermitão,
não he má, nem erraram os philoſo-
phos, que a eſcreueram, nem os Theo-
logos q̄ a approuaram, porque falam das
couſas do mundo comparadas antre ſi.

B iij E en

DA VERDADEIRA PHILO.

Exod. 3

E entam he verdade que hūas sam substancias outras accidentes, cotejadas & conferidas hūas com as outras. Mas comparadas ellas com Deos ficam menos que accidentes. Porq como Deos seja aquelle que he , como elle mesmo diz, & o nosso ser seja não per si, mas p participação , & não sejam os per nos, mas per Deos: & elle seja per si, & nos não tenhamos de ser mays, que o que participamos de seu ser, segue se que elle so he a verdadeira substancia, & que nō sem sua cōparaçāo não somos mais, que hūa imagē de substancia, & menos ainda. Per onde fica claro, que o vosso argumento não faz nadā contra mim. Nem ha coufa que possa com razão refutar & desfazer esta verdade, que eu digo, poys como vedes, he tirada do thesouro infalliuel da sagrada escriptura, & da lição dos doutores theologos. Mas porque vos fugistes aos philosophos gentios, per elles vola querer pro-

uar

uar. Iamblico Philosopho Grego na- Iáblico.
 quella obra, que fez, chamada a sua co-
 ua, onde elle copiosamente exprimio a
 doutrina de Platão, mostra que as cou-
 sas do mundo não sam mays que húas
 sombras, & que as não tem por couzas
 & substancias realmente, se não os que
 viuem tão enganados, que leuam a opi-
 nião por guia. Episteto Platonico diz, Episteto.
 que nos não perturbão couzas se não opi-
 niões dellas: & que não façamos fun-
 damento dellas, poys logo passim. Eu- Eurípid.
 ripides dizia que a gloria do mundo
 não durava mays que hú dia, como cō-
 ta Plutarcho. E ainda disse muito. E não Plutarcho.
 sem causa foy repreñido de Demetrio, Demetrio.
 que não ouueria de dizer hú dia, mas hú
 ponto, porque nū ponto se consuma
 toda ella. E daqui veo o antiquo pro-
 uerbio: (Homo bulla) de q^u vſa Varro Varro.
 na prefacão dos liuros da Agricultura:
 & Luciano no dialogo de Charonte, q^u Luciano.
 quer dizer que o homē he húa empola

B v dagoa

DA VERDADEIRA PHILO.

Homerio. dagoa, q̄ logo se desfaz. Homero cōpara a vida humana a folhas d'arvores caducas: & Pindaro a sonho de sombra. Nā se contētou cō lhe chamar sombra, mas sonho de sombra. Isto sentia bē aquelle moral & excellēte Philosopho Seneca, quando escreuendo a Lucilio dizia: Pôrto he o que viuemos. Como se differe: He tão breue noſſa vida, & passa cō tāta velocidade, q̄ nāo dura mays que hū momento. E Marco Tullio na primeyra Tusculana diz que voa a idade, & diz bem, porque nāo ha aues por ligeyras q̄ fejão, que com tanto impeto & ligeyreza vam ferindo os inconstantes ventos com os remos de suas asas, que se possam com o velocissimo curso de noſſa vida comparar. A par do Hypanisrio de Scithia, que cay d'húa parte da Europa no Ponto, diz Aristoteles, que nascem hūs pequenos animaes, q̄ nāo duram mays que hū dia, & os que chegão á tarde sām velhos, & se acertā de chegar até sol psto,

sto, sam decrepitos. Vedes vós esta breuidade de vida destes animaes, poys muyto mais breue he a nossa compara-
da com a eterna. Ainda que nisto não ha cōparaçāo, ca o finito não se compa-
ra ao infinito. Se os Mathematicos affir-
mam que a terra em cōparaçāo do ceo
fica hū ponto, coufa tam pequena, que
se não pode diuidir, sendo o ceo finito, q
fica logo nossa vida cotejada cō a eter-
na, se não menos que hū ponto, poys el-
la he infinita, esta finita: ella eterna, esta
temporal, ella sempre permanece, esta
sempre passa, & finalmente poys ella he
vida, & esta sombra? Isto sentia bē Manilio,
nilio, quando dizia: Nascedo morre-
mos, & a fim pende do principio. E
Quintiliano diz: Toda a hora per cala- Q. quintil.
dos & enganosos curtos nos vay chegá-
do á morte: & nos enleuados num tri-
ste & falso pensamento de longa vida
imos correndo per hūs breues momen-
tos do tempo, q vay de pressa fogindo.
Isto

DA VERDADEIRA PHILO.

Isto he o que sentiam os gentios da brevidade & inconstancia da vida. E pera que nisto não duuideys, quero volo prouar pelas diuinias letras, & doutrina dos santos. Estando húa vez o real Propheta falando nū Psalmo com Deos sobre esta materia disse: (Et substancia mea tanquam nihilum ante te.) Onde Symaco em lugar de substancia põe vista. E foy esta sua interpretação tam recebida dos varões doutos, que até agorainda não vi nenhú que falando nella

Hieronymy. a não engrandeceisse. E sam Ieronymo, aquelle peyto de sapiencia, aquella cisterna, onde se recolheram todos os conhecimentos das lingoas necessarias ao entendimēto das diuinias letras, traslada aquelle verso do Hebraico desta maneira. (Et vita mea quasi non sit in cōspectu tuo.) Como se differa: A minha vida he como nada, & em comparação de vos meu Deos, he quasi como senão fora. Quero dizer, que he hú instante,

&

& menos inda, a vida temporal comparaada com a eterna. Com isto concerta o que diz c Apostolo sam Tiago na sua canonica: Que he vossa vida? He hum vapor, que pouco dura. Como se dissera: Não vos enganeys com a opinião de longa vida, porque vos desengano, que não he se não hum vapor, ou fumo tam mométneo, que tanto que apparece, desapparece. Sam Ieronymo na Epistola do epitaphio de Nepociano diz assi: Cada dia morremos, cada dia nos mudamos, & indo caminhando pera a morte cuidamos que somos immortaes.

Sam Augustinho no liuro xij. da Cidade de de Deos escreue estas palauras: Todo o tempo, que se viue, se tira do espaço da vida, & cadavez fica menos o que mays fica: de maneyra que nenhúa outra cousa he o tempo da vida, que húa carreyra pera a morte, na qual se nam permitte a ningué estar nem deterse, se não correr igoalmente, q tam de preffa corre

DA VERDADEIRA PHILO.

corre o que viue cincuenta annos, como o que viue não mays que hú. O que mays viue não anda mais de vagar, mas anda mays caminho. Isto he do glorioso Augustinho. O Psalmista diz: Os meus dias passaram se como sombra, & eu sequeyme como feno. Falando o libro da Sapiencia nas cousas do mundo diz dellas estas palauras: Passaram todas aquellas cousas como sombra, & como correo, que vay pela posta. E Seneca: Tudo o que ves corre com o tempo, nam ha coufa no mundo estauel, firme, & permanente. E poys tudo vay com as esporas nos pés, poys tudo tam de pressa passa, & nada está, segue se que nos não estamos, mas passamos, & corremos de continuo esta posta até a morte. Passar & correr, & juntamente estar repunha. Como he possiucl, como se compadece num mesmo tempo estarmos & corremos, ficarmos & passarmos? Donde se cõclue, que não vñam

de

de bõa lingoagẽ os que perguntam, como estays? Nem os que respondẽ: estou bem, ou estou mal. Tam má he a resposta como a pergunta. Os que tem mays altos os espiritos, & falão mays propriamente, pergútando dizé: Como passays? E respondendo dizem: Passo desta maneira, ou desta. Desta conclusam se segue a outra, que eu dizia, que não tinha não digo eu annos, mas nem ainda dias de vida. Se os annos passam, se os dias voão, se as horas fogem, se os mométos desaparecem, se depoys de passados não fica nada delles, como posso eu ter, nem outra pessoa algúia, o que hi não ha? Vedes logo quam mal perguntaueys, quantos annos eu tinha. Milhor pergútareys, quantos annos deyxaua de ter. Nunca pergunteys a ninguẽ de que annos he, senão de q̄ anos deixa de ser. Nos liuros das cōfissões diz S. Augustinho: As cou-
August. fias quádo nascem, & vão a seu ser, quanto com mays velocidade crescem para serem

DA VERDADEIRA PHILO.

serem,tanto mor pressa se dão pera não serem. E nos liuros da Cidade de Deos
August. diz assi: O homē indo viuēdo vay quasi continuamente mortendo. E nisto não deve auer debate, poys quāto mays viuemos,tanto mays nos imos chegando á morte, & quāto mays nos appropinquamos ao ser,tanto mays imos deyxando de ser. Aquelle diuino Gregorio outro S.Pedro no regimēto,outro S.Pau lo no pulpito , escreue estas palauras nos Moraes. No mesm o cotidiano momento, que viuemos, sem cessar passamos da vida , & o espaço della entam mingoa,quando cuidamos que cresce. Donde se colhe que viuer he deyxar de viuer. Isto se tira do v.capit.da Sapiencia,onde estam situadas estas palauras.
Sapien s. Nos nati continuo desiuimus esse. Nos em cremençādo a nascer, começamos a morrer. Donde se infere q̄ a nossa vida, como diz S. Gregorio nūa homilia, he hūa morte perlongada: A qual nos não chama
Gregor.

chamamos morte senão na fim da vida,
 mas ella começa, quando a vida come-
 ça. E assi se entende aquillo que Deos
 disse a Adam nosso primeyro padre, q
 no dia que começo d'aruore da sciēcia Genes. 3.
 do bem & mal, morreria. E assi foy, que
 tanto que começo, logo morreço, não só
 mente spiritual, mas corporalmēte: mas
 durou a morte corporal até a fim da vi-
 da, porque em peccando, tanto q o pec-
 cado foy consumado, gerou a morte, &
 elle ficou mortal, & quanto mays hia vi-
 uendo, tanto mays hia deyxando de vi-
 uer. Donde n̄ os quanto mais imos apos
 a vida, tāto mays n̄ os alongamos della,
 & quanto mays della alcançamos, tan-
 to mays della perdemos. E como diz S.
 Isidoro, corremos, & sem sabermos o q Isidoro.
 fazemos, imos dar com nosco nos limi-
 tes da morte. E poys quanto mays imos
 crescendo, tāto mais a vida vay mingoa-
 do, & quanto mays viuemos, tāto mays
 deyxamos de viuer, passandose os anos

DA VERDADEIRA PHIL O.

& os dias, & elles passados deyxā de ser,
& deyxādo de ser não os hahi, está claro
que nē eu, nem ningué, tem annos nē
dias de vida, porq o que hi não ha não se-
té. E cō isto ficão puadas as duas propo-
sições, q̄ eu auia de prouar, q̄ nē eu esta-
ua, nem tinha dias de idade. E não vos
enganeys com vos parecer, q̄ me vedes
estar, porq assicom hū homē, que vay
nūa nao cō todas as velas despregadas a
força dos ventos atrauessando as duui-
dosas ondas, caso que elle vâ assentado,
toda via anda chegandose ao porto, assi
eu, inda que pareça que estou, cō tudo
caminho pera a morte. E olhay quam
pouco ha q̄ vos aqui topey, que desen-
tão até agora passey hūa hora de vida, q̄
agora tenho menos. E esta perdi, este
espaço que viui, porque viuer he perder
a vida, & perdella he morrer, & morrer
he deyxar de ser, que o nosſo viuer & o
nosſo ser andão ao oliuel vnidos & in-
separauueys hum do outro. Donde se
colhe

Compa-
raçō.

colhe que quē deyxa de viuer, vay dey-
xando , de ser , & devxando de ser , não
está sempre nū ser. E daqui se conclue
ser falso o que vos dizieys, que me vieys
com vossos olhos viuer & estar. Porque
como viuer seja passar a vida , & passar
seja não estar, segue se que se me vedes
viuer , vedes me passar & nam estar.
Quanto mays que me não vedes viuer.
Húa coufa he verdesme viuo , outra he
verdesme viuer. A primeyra he verda-
deyra, a segunda falsa Porque se me vis-
seys viuer , verieys ir caminhando a vi-
da, & ella não se vé , dado que se vejam
seus effeitos:porque como a còr seja ob-
jecto da vista corporal , & ella não possa
ver senão coufa córada, porque nenhúa
coufa se vé se não per meo da cór , & a
vida não tenha cor , segue se q he inuisi-
uel. Donde está clarissimo que me não
vedes viuer. E assi tenho prouadas por
verdadeyras , & clarissimamente con-
cluydas as minhas duas proposições,

C ij que

DA VERDADEIRA PH!LO.

ç vos tinheys por falsas, & as vossas po^r
falsas, que vos tinheys por verdadeyras.
Per onde me parece q tereys ja amay-
nadas as velas de vossa opinião, & incli-
nado a minha tençao o voso entendimen-
to, que quando he claro & distin-
to, logo se rende á verdade, que he o seu
proprio objecto.

CAPITVLO. III.

¶ Da reposta às objeyções a cerca da vista,
& da introduçam da verdadeyra
philosophia.



Cabado este razoamento
fez o ermitão mostra, que
de cansado da longa pra-
tica lhe dava fim. E cuydá-
do o Pilosopho que nam
tinha elle mays que dizer, soltou as re-
deas á boca, não confirando quātas ra-
zões o ermitão trouxera, pera o repré-
der, & quā poucas elle tinha, pa se des-
culpar, & disse desta maneira. Custumie
he

he dos Philoséphos refutar primeyro as razões falsas, & depoys prouar as verdadeiras, como faz Aristoteles nos physicos, & nos liuros de Anima, & em outros muytos lugares. Porque assí como o bom laurador primeiro tira fora do cão as espinhas, & depoys lança a bôa semente, assí o bom Philosopho & orador primeyro refuta as razões contrayras, q confirme as suas. Mas vos pelo contrayro confirmastes as vossas sem responder ás minhas, trazendos eu muitas a cerca da superioridade da vista, q vos até agora não desfastes, porque á verdade não cuidastes bem o q auieys de dizer, q as coisas bem cuidadas cuido eu, que não dão cuidado de se desfazerem. Não he sempre necessário, tornou o ermitão, primeyro refutar que confirmar, em especial quando as razões contrairas não fazem a proposito, & sam tales q ellas per si se refutão, porq a falsidade té isto, que como se lhe atrauessa diante a verdade,

DA VERDADEIRA PHILO.

ella per si se desbarata. As razões, que trouxestes pera prouardes a excellencia dos olhos, está claro que não fazem por vos: porqueinda que a vista faça certa proua, isto he quādo nella não ha engano: o q, como p rouey, se não pode dizer pola vossa. Que se bem estiuistes atento, claramente vos mostrey, que me não vieys viuer & estar, & que não somente isto he falso, mas impossivel, que he o q vos dizeys: porque viuer he passar, & estar he ficar, como o mostrey per razões manifestas & necessarias. Per onde fica euidente, que nam vedes o q dizeys que vieys, & que isso he húa pouca darea solta, sobre que fundastes vossas razões, que como não tem alicece, ellas, caē per si com qualquer bafo de vento.

Quanto mays q não hay razão pera cō tantas louuardes, & tão excessiuamente engrandecerdes os olhos, poyselles sam a muitos causa de muitas desauétuas.

Genel.3. Se Eua nāvira a aruore defesa, pode ser
que

que não peccara: mas tanto q̄ a vio fer-
mosa & deleytosa á vista, tomou do fru-
cto della, & comeo. No iij. dos Reys diz
a escriptura sagrada que vio el Rey Da- 2. Reg. II.
uid d'nū seu cyrado a fermosa Bersabé
molher do capitão Vrias, & q̄ foy ferido
de seu amor, & que peccou cō ella. Mi-
lhore lhe fora nunca a ver, poys estando a
vendo ganharā os olhos contentamēto,
& o coraçāo pdeo a liberdade. De Olo-
fernes diz a escriptura , que vio Iudith, Iudith. 10.
& q̄ foy preso em seus olhos. Nas Lamē- Threao. 3.
tações de Ieremias se diz: O meu olho
roubou minha alma. Isto sentia bem o
Propheta Real, quando dizia. Apartay Psal. 113.
Senhor meus olhos, porq̄ nā vejão vay-
dade. E pa q̄ falemos tambē nas huma-
nas historias: Dizeime qual foy a causa
& principio da destruyçāo de Troia, se
nāo os olhos de Paris & Elena? Elles forā
a fonte daquella espātosa guerra tā no-
meada em todo o mūndo. Né hahi razão
pa dizerdes q̄ os olhos sā o coraçāo dōde

DA VERDADEIRA PHILO.

procedem todas as veas da philosophia, como que sem elles não podessemos philosophar, & contemplar os segredos da natureza, & os altos mysterios não somente das cousas naturaes, mas sobre naturaes. Antes a vista he impedimento pera philosophar. E Aristoteles no libro de sonno & vigilia: diz, que os cegos de natureza tem mays perfeytas as virtudes interiores. E vemos cada dia que os homens daltos spiritos buscam lugares escuros para suas cõemplaçôes, onde o juyzo quieto possa escolher as cousas, que o alto ingenho inuentar, porque a vista exterior distrahe a interior. Em tanto que Demochrito, que aprendeo a Astrologia dos Chaldeos & Gynosophistas, a que Plinio chama sagaz & utilissimo pa a vida humana, tirou os olhos, por poder melhor philosophar, & subtilizar as obras da natureza. E não me atrevera a dizer que elle per si se cegara, se o não dissera Aulo Gellio, Laberio, Lucrecio, Mar-

Aristoteles.

Demochrito.

Plinio.

Aulo Gel.
Laberio
Lucrecio

co

co Tullio, & muitos outros autho-
res. Cego toy Asclepiades o philologo,^{M. Tull.}
& Diodoro Stoico, & Cayo Durio o iu-
ri consulto, & nem por isto deyxaraõ de ^{Apio}
ser excellentes & famosos. Poys Apio ^{Claudio.}
Claudio Romano depoys de cego toy
censor, & gouernou marauilhotamente
a republica, & fez grandes cousas, muy-
tas das quaes deixou em escripto Plinio ^{Plinio,}
Philosopho, & aquelle grande orador
Marco Tullio, cume da oratoria, ao q̄l
entre todos os mortaes toy referuada a
palma da humana eloquencia. Que me
direys de Homero aquelle extremo da ^{Homero:}
poësia, tam estimado no mundo depois
de sua morte, que contendetam antresi
muitas cidades, sobre se qual dellas fo-
ra natural: nem ouue Principe entre os
gentios, que das lettras tivesse conheci-
mento, que não estimasse sum namēte
suas horas: em tanto q̄ Alexandre Ma- ^{Alexand.}
gno de dia astrazia nas māos, & de noi-
te as tinha cōsigo á cabeceira: & affirma

C v plu

DA VERDA DEIRA PHILO.

Plutarcho Plutarcho, que trazé dolhe húa vez ap-
presentada húa cayxa preciosíssima, q̄
fora del Rey Dario, disle q̄ era boa pera
guardar nella a Iliada de Homero. Pois
Herodoto afirma Herodoto, que soy cego, & que
sendo antes chamado Melosigenes, fo-
ra chamado Homero, que na lingoa dos
Marciano. lones, quer dizer cego. E Marciano lhe
Petrarcha. chama Meonio cego. E Petrarcha diz q̄
este era o cego q̄ via muitas couſas. Diz
Hieronymo. S. Ieronymo no Catalogo dos escripto-
Didymo. res ecclasticos, que Didymo Alexan-
drino cegou sendo criança, pela qual
causa nunca conhecerá as letras, & que
assí cego aprendeu perfeitamente adia-
lectica & a geometria, & q̄ soy tam ex-
cellente Theologo, que escreueo com-
mentarios eruditissimos sobre todos os
Psalmos, & sobre Esaias, & Oseas, & sobre
os Euangelhos, & contra os Arrianos, &
outras obras de grande doctrina. E soy
contemporaneo & grande amigo de S.
Ieronymo, ao ql dedicou os cōmētarios
sobre

sobre Oseas. Enisto não hai q̄ debater
 poylo affirma o mesino S. Ieronymo co
 mo testimunha de vista. Ainda q̄ os ce
 gos nā possam julgar & discernir o brá
 co do negro, basta que possam julgar &
 discernir o vtdadeyro do falso, o justo.
 do injusto, o honesto do torpe, & final
 mente o bom do mao. E por não gastar
 o tempo em recitar varões insígnes, q̄
 forão carecidos da vista, lede a Officina
 de Textor, & hi vereys grande numero Textor.
 delles. E quanto h̄a a reposta de Anaxa- Anaxago.
 goras, q̄ vos tanto engrandecestes & ce
 lebrastes, está tālōge de dina de ser lou
 uada, como perto de reprēdida. Porque
 se a bem quiserdes examinar, não acha
 reys nella que louuar, mas muyto que
 reprender. Milhor fora certo quan
 do lhe perguntaram pera que nascéra,
 responder que nascéra pera ver, & co
 nhecer, & amat, & seruir, quē fez o sol,
 que pera ver o mesino sol. Se lhe punha
 admiraçā a luz de tā excellēte planeta,
 poscra

DA VERDADEIRA PHILO.

pofera os olhos do entēdimēto naquel-
la luz sempiterna, dōde procede toda a
outra luz: cōfirara aquelle alto Deos,
Ioan. 8.
Ioan. 1. que de si diz: Eu sou luz do mundo. De
quem diz S. Ioāo: Elicea a luz verda-
deira, que allumia todo o homē que vê
a este mudo: o lhar a pera aquelle sol de
justiça, aquelle diuino & sempiterno
lume, q̄ não he todo o vniuerso possante
pera lhe tolher sua luz, & este sol, q̄ ve-
mos, baſta fo a lúa pera o eclipsisar. Se o
atrahia affi a fermosura do sol criado,
contemplara a fermosura do criador,
donde vem toda a outra fermosura, por
que a fermosura das criaturas vem do
criador. Donde vierão a dizer os fabios
antiguos. { Bonitas est in cētro, pulchri-
tudo verò in circulo. } Como o relata
Celio. Celio no principio de suas liçōes anti-
guas. Como se mays claramēte differão:
Toda a bondade está no ponto do meo
da esphera, do qual procede a fermosura
della mesma. A esphera té hū poto no
meo

meo, q̄ se chama cêtro, do qual saé as linhas pera a circúferencia. Pelo centro entendē elles a Deos, & que per si, per sua essencia & natureza só ellehe bom, & que a fermosura das creaturas assi interior como exterior he per participação desta summa bondade, q̄ he Deos. Isto he o q̄ quis significar Christo nosso Redemptor, quando disse, como conta S. Marcos. Ninguem he bom se não só Deos. Assi como o centro he hū, & indivisiuel, & está no meo, & del'e saem as linhas per a a circúferencia, assi Deos he hūa vniade simplissima, hū a eto puríssimo, q̄ está em todas as coisas, do qual procede os rayos da fermosura das creaturas. Elle está dentro em nós, & he fonte de todo o ser, ser do mesmo nosso ser mays intimo a nós que nós. Isto entendia o bom Propheta quando falado com Deos dizia no Psalmo: [Apud te] ^{Psal. 35.} est fons vitae. phrase hebrayca, como se mays claramente differe: Vos Senhor sois

DA VERDADEIRA PHILÓ.

sois a fonte, donde manatoda a vida, & todo o ser. Isto he o q dizia Chfo Iesus falando com os Iudeus: Eu, que falo cõ vosco, sou o principio. E sam Paulo na Epistola aos Romanos: Delle, & per elle, & em elle sam todas as cousas. Deos he hū principio sem principio, a mesma bondade, donde vem tudo o q he bō. A fermosura da terra cõ suas eruas, flores, plantas, r̄ios, & animaes: a beleza do ceo cõ toda a tapeçaria das claras & resplandecentes estrelas, toda a graca, sapiencia, virtudes & ornamētos d' alma: finalmente toda a fermosura assi interior como exterior he hū resplendor dos r̄avos da diuina fermosura. Tudo vê de Deos, daquella fermosura antigua, daquella sapiencia infinita, daquella bondade immensa, daquelle cétro summo & sempiterno, que he D... s. E poys todo o nosso bē he participado & procedido daquelle summo bem, de que servia a Anaxagoras dizer, q nascerá pera ver

Ioan. 3.

Roma. 11.

ver o sol & as estrellas, sem lembrâça de
quê as criou, sem pensamento daquelle
alto & poderoso criador, & moderador
do ceo & da terra? Se nos não nasceram
mos se não pera ver o sol, seguese q̄ os
que nascem cegos, nasceriam de balde,
& serião lançados no mundo pera nada,
que não pode ser mōr erro. Nos nā na-
scemos pera conhecer o sol, senão pera
conhecer a Deos, o que pode ser sem
olhos corporaes, pera que conhecédo,
o amemos: & siruamos, & amandoo &
seruindo o vejamos na vida eterna, &
gozemos delle naquella summa & cele-
stial gloria pera sempre. E esta imortal
bemauenturança se alcança com a ver-
dadeyra philosophia, que não consiste
no conhecimento de muitas couzas, co-
mo vos dizeys, porque pouco aproueita
a hū homē conhecer muitas couzas, se
não conhece a si mesmo, nem faz cou-
zas conformes ao pera que foy criado.
Poys, disse o Philosopho, em q̄ consiste
logo

DA VERDADEIRA PHILO.

Logo a verdadeyra philosophia? Será, respondere o ermitão , longo de contar, o que sinto nesta parte. E por isso será melhor callar , que dizer pouco , no que se não pode dizer se não em muyto. Não ha coufa no mudo, disse o companheiro, que eu agora mays folgara de ouuir, que em que consistia a verdadeyra philosophia: porque he esta húa dificuldade, que tem abalados muitos entendimentos. E não sinto eu agora pessoa, de quē a eu tanto deseje douuir padre, como de vossa reverencia, porque sey que a tratarareys muyto bem , & que responderá o q̄ differdes ao que tendes dito, q̄ certo prouastes marauilhosamente o q̄ propusestes, & desfezestes as objeyções & razões em contrayro com tanta euidencia, que não tenho eu palauras, com que o possa explicar, quanto mays q̄ as vossas sam mays claro & verdadeyro testemunho de vosso louvor , do q̄ as minhas o podē certificar. Foy a vossa pratica

tica hū sol, q̄ me desfez hūa nuuē, q̄ tinha
ante os olhos. E se minhas petições tem
ante vos algūa valia, teria eu grande cō-
tentamento, se o vos tiuesseys de tratar
esta materia. E peçouos muyto que o fa-
çays, porq̄ me fareys nisso grande merce.
E eu tambem, disse o Philosopho, folga-
rey de vos ouuir, & receberey em chari-
dade a q̄ nisto nos fizerdes: não porque o
eu não sayba, mas folgarey de saber quā-
to sabeis. E eu, disse o companheyro, não
o sey, & folgarey de o ouuir, Ia vejo, disse
o ermitão, q̄ me não posso escusar, mas
pesame de não ter igoaes hōbros a tāma-
nha carga, porq̄ me acho muyto faltō de
força, ainda que vosso rogo teue tanta q̄
ma deu. E o que differ ser tirado dos au-
thores, em cuja lição tenho consumida a
mōr parte de minha idade. Porq̄ erro he
intolerauel, querer hum homē tratar so-
mente com suas razões, & inuenção de
seu ingenho materias tam altas, que en-
fraquece o entendimēto, & vacilla logo

D no

DA VERDADEIRA PHILO.

no principio, somente em nellas cuydat.

CAPITVLO IIII.

Da consideração, & conhecimento de si mesmo.



Qui estere o ermitão hum
pouco calado, cō os olhos
pregados no chão, como q
reueluia na memoria, o q
auia de dizer, & tornando
como sobresi disse: He cosa tam alta &
excellente a philosophia, & tam bayxas
& rudes minhas palauras, que não auem
d'attentar o pouco q digo, se não o muy-
to q quero dizer. Os mathematicos pera
mostrar ams couzas do ceo, tem na mão
húa esphera de pão, que acerta ás vezes
de ser de aros de peneyra: & alli estam
mostrando a linha equinocial, o zodiaco
cō os doze signos, cada hú dettinta graos
em comprimento, & doze em largura, os
polos arctico & antarctico, o cyxo, & os
circulos, cō as mays couzas do ceo. A ver-
dadeyra philosophia he como hú ceo, &
milha

Compa-
ração.

minha pratica he esphera de pao, & em comparação da excellencia do subjecto ficam minhas palauras aros de peneyra. Mas trabalhery por ser breue & cōpendioso. Porq assicom o aquella moeda he melhor, que sendo menor na materia, he maior na valia, assi aqlla tenho por melhor pratica, q sendo mays breue nas palauras, he mays lôga nas sentêças. A verdadeyra philosophia começa no homem pela confiração de si mesmo. Isto quis dizer S. Ioão Chrysostomo, quando affirmou q a primeira coufa do homē desejo so da sapiencia he cōtemplar a si. E desta cōtemplação vem o homē em conhecimento de si mesmo, que como diz S. Basilio no seu Examerô, he a mays difficultosa de todas as coufas. Este he hū alto conhecimento, conhecer hū homē a si. Adam nosso primeyro padre pos os nomes aos animaes, & diz a ecriptura no iij.c.do Genesis, q os nomes q elle lhe p. s, Cencl.2. se lhe ficarão: & pôdo nome as outras

D ij cou

DA VERDADEIRA PHILO.

cousas não o posa si. Porq este nome Adā
he appellatiuo, & commū a todos os ho-
mēs, tem embargo q se applica propria-
mente a nosso primeyro padre, mas ba-
sta que o nome he commū. Assi como
homē se deriuia de humo, palaura lati-
na, que quer dizer (terra,) assi Adā se de-
riua de adamah, palaura Hebraica, que
quer dizer o mesmo: porq os homēs sām
de terra. Dōde S. Ieronymo no liuro dos
nomes hebraycos, & S. Augustinho no
xv. liuro da Cidade de Deos dizem que
Adam he nome comū, assicomo o he ho-
mē. O que se colhe de muitos lugares da
sagrada escriptura, q por breuidade dey-
xo de recitar. Muyto he pera ponderar,
& inquirir, qual he a causa, porque pon-
do Adam o nome ás outras couzas, o não
posa si. Porque cuydarmos que soy isto
descuido, será mostrarmos descuidados,
onde auiamos de ser muyto solici-
tos. O q me amim parece he isto. Pera sa-
ber por conuenientes nomes ás couzas,

req ue

requererse conhecerlhe as essencias & naturezas: & como Adam no estadio da innocécia tinha sciécia de todas as cou-
sas, que naturalmente se podiam saber,
& d'outras mays, como o affirma S. Tho- Thomas.
mas seguindo & amplificando a senten-
ça de S. Augustinho, facil cousa lhe foys
por lhe nomes conuenientes a suas qua-
lidades. Mas não pos nome a si, porq nāo
se atreueo a dizer, que se conhecia a si.
August.

Quis nos sensinar a escriptura, que he tā
dificil o conhecimento de nos mesmos,
& tam alta esta philosophia, que muito
mais facilmente entenderemos as natu-
rezas das cousas, por escondidas & inco-
gnitas que sejão, que a nos mesmos. Mas
nam acaba aqui a verdadeyra philoso-
phia, porque passa mays auante. Desto
conhecimento de nó: vim osão conheci-
mento de Deos. E assi interpreta S. Basílio.
lio aquillo do Psalmista: {Micabilis factus est
est sciencia tua ex me: } Como se dissera:
De te scientia de mí vim Senhor a ter

D iij ma

DA VERDADEIRA PHILO.

marauilhosâ sciêcia de vos. Quâto mays
cayô na conta de quem sou,tanto ò meu
Deos se me aleuanta o espirito ao mara-
uilhosâ conhecimento,de quē soys. Philo
Platonico no liuro q fez do somnho de
Iacob diz assi:Aqll e sapiētissimo Abrahā
quâdo summamente sê conheceo,então
se deyxou de conhacer a si,por conhacer
bem aquelle bem,que verdadeyram ête
he o que he.Isto diz elle,porq nos conuê
entrar em nos,& meternos no centro de
nos mesmos,& dahi passarmos a Deos,pa
o conhiceremos,& amarmos,& contem-
plarmos. Vgo no seu liuro de Anima diz:
Por demays aleuanta o olho do coraçao
pera ver a Deos,quem ainda não he ido-
neo pa se ver a si.E á verdade parece isto
ser verdade.Porq como a ignorâcia de si
mesmo seja causa da malicia , como diz
Laetancio Firmiano , & o coraçao mali-
cioso & deprauado não veja a Deos,bé
se segue,q não vendo hū homē a si,nâ ve-
rá a Deos.Diz S.Gregorio Nazázeno,q
assí

Philo.

Vgo.

Laetan.

Nazázeno

assí como focede mal aquē quer pregar si-
tos os olhos nos raios do sol, iédoos do étes
& aggrauados, assí o iputo não pode ver a
summa pureza, & os olhos, que sam tam
enfermos, que não podé consitar & ver
sua bayxeza & miseria, mal verão a sum-
ma grandeza & diuina maiestade. Porq
nos quanto mays p humildade descemos
ao conhecimento de nos, tanto mays per
contemplação sobimos ao conhecimēto
de Deos. Nas coufas corporaes toca no
alto quein se estende & aleuanta, & nas
spirituaes quē se abayxa & inclina. A fal-
sa philosophia com enganosas asas de so-
berba sobe pa descer, & a verdadeyra de-
sce pa subir. Que nos apropueyta conhe-
cer os cursos & influencias das estrellas,
as virtudes das plantas, as qualidades dos
elementos, as naturezas dos animaes, &
de todos os outros corpos mistos, se nos
não conhecemos a nos? Qual pode ser
mòr miseria, que nam conhecemos nos-
sa miseria? Que mòr falta pode ser de
D iiii conhc

DA VERDADEIRA PHILO.

conhecimento, q̄ não acabamos de co-
nhecer, que nos não conhecemos? Como
podemos saber muito na casa alheia, se
também pouco sabemos na nossa, q̄ nos não
sabemos a nós? Se ignoramos nossas cou-
sas proprias, de que serue gloriarmo-nos
no conhecimento das alheias? E mays pois
hahi algúas, que nos seria melhor não sa-
bermos; como parece que quis significar
Genes.3. a sagrada escriptura no ij. capit. do Gene-
sis, onde Deus mandou a Adam que não
comesse d'aruore da sciencia do bem &
1. Corin.8. do mal. São Paulo na primeyra aos Co-
rinthios diz, que a sciencia incha, & a cha-
Bernar. ridade edifica. S. Bernardo diz q̄ a scien-
cia sem charidade he manjar indigesto, q̄
por falta de calor natural, q̄ he o diuino
amor, se corrompe: & que carregá & não
nutre, damna & não aproueyta. A area p-
si só nā aproueyta pera edificar: ha mister
que seja junta & misturada com a cal.
Porque então ajunta, vne, sustenta, for-
tifica, & perpetua as pedras do edificio.

A scien-

A sciencia he area, a charidade cal. Scien-
cia sem charidade he area sem cal. E esta
he a sciencia sem conhecimēto de nos &
sem virtude, em especial quando he de
cousas, que nos danão. Não curemos lo-
go de saber o que nos empece, mas o que
nos aproueyta. E primeyramēte conhe-
çamos a nosmesmos, entédamos nossa
miseria, & desfaremos a roda de nossa
fantesia. Quem hahi que vendo que he
terra, o mays bayxo dos elementos, &
borta de todos elles, ouse ter presunçā?
Não nasce ella senão de não conhecer-
mos quē somos. Sancto Augustinho diz ^{August.}
estas palauras: Antes q̄ fosses homē eras
terra, & antes que fosses terra, eras nada.
Logo antreti & nada não se mete se não
húa pouca de terra, & inda não bōa pe-
ra taypa. Nos somos de terra, & a terra
de nada, logo somos filhos da terra, & ac-
tos de nada. Vedes aqui nossos auoégos.
Esta he nossa geraçāo, & nossa fidalguia,
estas sam nossas armas, & appellidos.

D v De

DA VERDADEIRA PHILO.

Philippe. De Philippe padre de Alexandre magno se diz, q̄ tinha hú pagé, q̄ lhe seruia de lhe dizer cada dia estas palauras: Philippe es homé. Como se lhe differa: Não viuas esquecido de ti, não te emlee a falsa prosperidade do mundo, lembrete q̄ es homé, & que sendo homé es mortal, caduco, & sujeito a enfermidades & desauenturas. Assí como os outros principes té pagés de lança, pagés de campaynha, pagés d'outras couzas, assí Philippe tinha este pagé do desengano, que a meu ver era o mays necessario, q̄ tinha. E prouesse a Deos q̄ tiuessem todos os principes tæs pagés, q̄ os scruissem de lhe dar o desengano de seus profundos enganos, & lhe trouxessem cada dia á memoria, q̄ erão mortaes, & q̄ se conhecesssem a si mesmos. Os antigos differão que a mays excellente sentença & apophthéma, q̄ se podia imaginar, era esta: Conhecete a ti mesmo. Diogenes Laërcio diz q̄ he ella de Thales hú dos sete sabios de Grecia: Plinio diz q̄ he

Laërcio.
Plinio.

de

de Chilo Lacedemonico, Ouidio de Pythagoras, Socrates & Platão attribuenna a Apollo, aos quaes segue Macrobio no somno de Scipião. Como quer q̄ seja, ella era tida por diuina, & em tāta estima, que perguntado Demonax o philosopho quando começára a philosophar, respondeo, que depoys q̄ começara a conhecer a si mesmo conforme á diuina sentença. Em fini q̄ ella era contada antre as couſas sobrenaturaes, & por tal a tinhā escripta na porta do tēplo de Apollo, q̄ elles tinhão antre as vaydades de ſeus falsos deos(es), a cujo oraculo elles hiā fazer ſuas perguntas & oraçōes. Edizião q̄ a tinhão escripta na entrada & tiōtispicio do tēplo, pa significaré, q̄ antes q̄ cada hū pedisse, olhasſe pa fi, & conhecesſe quē era, porq̄ de fe não conhecer, não saberia o que lhe cōpria, & de o nā saber viria a não atinar no que auia de pedir: donde procederia pedir couſas, que cuiydando ferē cauſa de ſua bēauenturança, fossem cauſa de ſua desa

Ouidio.

Socrates.

Platão.

Macrobio.

Demonax

DA VERDADEIRA PHILO.

desauentura. Donde concluião que se os homens não sabião a Deos pedir era, porq se não sabião conhecer, & não conhecendo a si não conheciam as outras coisas.

Socrates, como conta seu discípulo Xe-

Socrates.

Xenophó.

Platão.

nophonte, diz que ignorarse hú homem a si, & cuidar que conhece o q não conhece, não somente he ignorácia, mas desatino. E Platão diz que he cousa ridicula ignorar a si, & querer conhecer os outros. E daqui vem nossa soberba, de não cayrmos na conta de nossa miseria. Vaynos tanto em sabermos que somos terra & lodo, que sem este conhecimento cayremos nú tam profundo abyssmo de males, que nos perderemos de todo. Querendo Christo nosso Deos curar hú cego de natureza, diz S. Ioáo aos ix. capit. de seu sagrado Euangelho, que cuspio em terra, & que fez lodo, & que lho pos nos olhos, & o mādou lauar á fonte de Siloë, & que desta maneyra o sarou. Ainda que á primeyra vista esta cura parecesse cōtra na-

tūreza

Ioán. 9.

tureza, porque a lama láçada nos olhos
çujaos & não os alimpa, cegaoſ & não os
aclara, com tudo quis nosso Redemptor
curalo deſta maneyra, pera nos enſinar,
que ſempre ſeriamos cegos, ſe não tivesſeſ-
mos ante os olhos a terra & lama, de q
ſomos. E que ſe queriamos ter vista, que
viſſemos quē eramos, & q vistas & exa-
minadas noſſas miferias & culpas, noſ ſoſ-
ſemos á fonte da penitencia, & que alli
ſeriamos lauados naqllas diuinias agoas
da ſacramental confiſſam ordenada per
Christo. Não baſta termos nos olhos a la-
ma, ſe noſ não formos á natatoria de Si-
loë: querro dizer, q noſ não baſta conhe-
cermos quem ſomos, & os males que co-
metemos, mas he neceſſario irmoſ la-
uar áquelle glorioſo ſacramento da con-
fiſſão, áquelleſ celeſtiaes agoas de Siloë, q
como diz Eſaias, corrē cō ſilécio áquelle
ſecreta confiſſam, pela qual como per di-
uino cano correm as agoas dos mereci-
mentos da morte & payxão de I E S V
Christo

Eſai. 8.

DA VERDADEIRA PHILO.

z. Cori. 10. Christo nosso verdadeiro Deos, figurado, como diz S. Paulo, naquellea pedra, da q̄ ferida sayo no deserto abúdancia de mā rauilhosas agoas: E como ē nos aja duas partes corpo & alma, não basta conhēcermonos quanto a húa, senão tambem quanto a outra. E deste conhecimento irey tratando, o qual he de tanta excellēcia, que excita aos que o tem a perderem a fazenda por alcançarem a honra, porq̄ aquelles tem a gloriosa fama em muyto, que os interesses da breue vida estimam em pouco.

CAPIT. V.

Da composiçō humana, & do verdadeyro
conhecimento della.

 Alto Deos criador do vniuerso pera que o homē senão ensobrecesse, formou o do limo da terra, & pera que se não abatesse, feio á sua imagē & semelhança. Se se alcuantasse vaā mente, por se ver feyto á imagē de Deos, visse per outra parte q̄ era terra: & se lhe quebrasse o coraçā por se ver terra,

se

se lembrasse q̄ era á imagē de Deos. Deu-
lhe corpo corruptivel, & commū com os
brutos animaes, mas alma racional & im-
mortal. Se viue segūdo a carne, he cōpa-
rado aos brutos, se viue segūdo o espiri-
to, he cōpanheyro dos Anjos. Destas duas
partes corpo & alma he cōposto o homē
com tam marauilhoſo artificio, q̄ lhe cha-
marão os fabios Gregos microcosmos, q̄
quer dizer pequeno mūdo. Dizião elles
que o mūdo era como hū homē grande,
& o homē hū mundo pequeno. Isto he o
que diz Damasceno no ij. da fe orthodo- Damasceno,
xa, q̄ fez Deos o mūdo pequeno no grā-
de. Galeno fez dezasete liuros, em que Galen.
declara o concerto das partes & propor-
ções do homē. Fazer hū ouriuuez nūa grā- Compa-
raçāo.
de pasta muyta obra, não he muyto pois
hahi campo pera tudo: mas debuxar &
obrar todo o mundo nūa pequena me-
dalha, não vem se não d'alto ingenho, &
de querer mostrar seu singular artificio:
Digo isto porque parece, que quis o al-

Ito

DA VERDADEIRA PHILO.

to Deos mostrar sua grande sapiencia na fabrica & composição do homē, que sendo tam pequeno, fez nelle tam maravilhosa obra, que se chama outro mundo.

August.

Admirado disto S. Augustinho no liuro das confissões diz, que he mor milagre o homē, que quantos fazem os homés. He de tanta admiração o homē, & de tanta dignidade, q nem as estrellas clarissimas, nem o sol mais excellente de todos os planetas, que com o resplendor de sua luz allumia o vniuerso, nem os mesmos ceos distintos & ornados & esmaltados com a fermosura & claridade de tantos lumes, mas elle sómerte sabemos que foy criado de Deos á suaimagem & semelhança. E não o criou Deos, senão depoys de ter pa elle criado o mundo, & por isso o não quis criar ás escuras, mas átes de sua criação fez a luz, pera q em o homē abrindo os olhos visse claramente quantos beés, Deos pera elle tinha criado, & se inflammasse no amor, de quem pera elle tantas cousas

cousas fizera. Mas nos esquecidos disto
 não temos conta com Deos, nem com a
 alma, sendo ella muyto mays excellente
 que o corpo sem comparação. O corpo
 he como baynha d'alma, & como vaso de
 barro, em que ella se recolhe. Donde Sa-
 lamā no Ecclesiastes, lhe chama talha da-
 goa quebradiça. E o Apostolo sam Paulo
 na ij. aos Corinthios diz que temos o the-
 souro em vasos de barro, entēdendo per
 elles os corpos. Não hia lōge disto Ana-
 xarco o philosopho, que sendo ferido de
 Nicocreonte tyranno de Chypre, como
 conta Plinio, dizia: Da & fire, quanto qui-
 seres, o vaso de Anaxarco, q̄ a Anaxarco
 nunca o feriras. Tinha pera si este Philo-
 sopho, que elle era sua alma, & que o seu
 corpo era hū vaso seu. E Marcello capi-
 tão Romano queixandose da fraqueza
 dos seus soldados dizia q̄ via corpos Ro-
 manos, que via vasos Romanos, mas que
 não via homēs Romanos. Assi conta Pó-
 tano na sua philosophia. Esta materia
Eccles.12.
2.Corin.4.
Anaxarco
Plinio.
Marcello.
Póntano.

E tra

DA VERDADEIRA PHILO.

tractou altamente antre os philosophos
Platão no dialogo da natureza humana
chamado Alcibiades primo , onde So-
crates disputando cõ Alcibiades proua p
claras razões que o homé não he corpo,
que vse d'ama racional, mas he alma ra-
cional, q vsa do corpo. De maneira q vê
a cõcluyr q o corpo he hú instrumento,
de q vsa a alma, & q o homé he a sua mes-
ma alma, que vsa deste instrumēto. Ver-
dade he q o homé he composto de corpo
& alma, que sam materia & forma, mas
he a alma tanto mays excellente q o cor-
po, que chamão ao homé alma, & ao cor-
po seu instrumento. E ainda que pareça

Aristot.
que Aristotele sem húa parte sentio o có-
trayro, com tudo no liuro segudo de Ani-
ma veo a cõfessar que o corpo he instru-
mento d'alma, & no decimo das Ethicas
declara marauilhosamente a excellēcia
d'alma sobre o corpo, & q em fim o homé
he a mesma sua alma. E destes authores e
M. Tull. romou Marco Tullio, & o deyxou escri-

pto

pto naquelle seu elegāte liuro de Sene-
ctute, & no do sōno de Scipião. Em fim
que custumarā os antiguos philosophos
chamar almas aos homēs. E dos nossos
Theologos tratou diuinamente esta ma-
teria Lactancio no li uro de opificio Dei,
& S. Augustinho no liuro xij. da Cidade Auguft.
de Deos, & muitos outros. Mas pera que
he determe em allegar letras humanas,
poys o testifício as diuinias. Ledē hum &
outro testamento, & vereys que tem por
custume, chamar almas aos homēs. No
xij. capitulo do Genesis, onde se conta a
victoria, que Abraham ouue dos reys, q
leuarão preso a Loth seu sobrinho com
outra muyta gente, diz a escriptura, que
pedio el Rey daquella terra a Abraham
a gēte, & que tomasse pera si todo o mais
despojo, dizendolhe: Dame as almas, &
o al tomao pera ti. Onde ás pessoas cha-
ma almas. E aos quarenta & seys capi-
tulos estão estas palauras. Todas as al-
mas, que entrarão com Iacob no Egipto,

E ij &

DA VERDADEIRA PHILO.

& procederam dellc, foram setenta. E
S. Lucas na fim do penultimo capitulo
dos Actos dos Apostolos diz assi: E desta
maneyra foy feyto, pera todas as almas
escaparem em terra, entendendo pelas
almas os homens, que escaparam do nau-
fragio. E ainda a phrase Portuguesa tem
este estilo como quado dizemos: Em tal
guerra captiuarão os nossos tantas almas.
Colhemos destas razões, que ainda que
a alma he a forma do homem, & húa das
partes de sua composição, todauiia he tā-
to mays excellente que o corpo, que o ho-
mē sechama alma, & o corpo vaso & in-
strumento do homē. Donde se colhe cla-
ramente que quem conhece, somente seu
corpo, não conhece a si, mas couça sua, &
que conhecer a si, he principalmente co-
nhecer sua alma, & a nobreza & digni-
dade della, & segundariamente conhecer
seu corpo, & sua fraquezza & miseria. A
nossa alma, deyxadas as falsas opiniões
dos gentios, he húa substacia participante

de

CAPIT. V.

34

de razão, incorporeia, immortal, inuisível, accom nodada a reger o corpo, semelhante a Deos, criada delle de nada pera os bēs eternos, a qual té a imagé de seu criador. E per aqui vereys quam necessario he conhecemos quein somos, porqüendo a dignidade d'alma, & que somos criados pera coufas altas & celestiaes, nãos abateremos a terreaes bayxezas: & não fazendo caso das coufas temporaes suspiraremos polas eternas, & conhecendo a miseria do corpo, nos não aleuaremos em soberba. Se nos cōsirassemos que he nossa alma immortal, buscariamos bēs immortaes: & se attentassemos que he á imagé de Deos, não trariamos nella debuxada a imagé do mundo, nēnos iriamos tras nossas concupiscencias. Falado Deos com nossa alma nos Canticos de Salamão diz: Se te ignoras a ti ó mais fermosa das molheres, sayte, & vay apos as pegadas das manadas de teus gados. Como se mays claramēte differa: Se te não

Canticos.

E iij co

DA VERDADEIRA PHILO.

Conheces a ti ó alma fermosissima, assella-
da cõ a minha imagē, ornada & arraya-
da cõ minha semelhança, remida & res-
gatada cõ meu sanguine, bella & preciosa
per natureza, sayr te has de ti, & irás apos
teus maos pensamentos, seguindo teus
deprauados appetites, cōparados a bru-
tos animaes. Dō de se colhe que os effey-
tos do desconhecimento, q̄ tem os d' alma,
sam apascētarmos nossas māscōcupiscē-
cias, & seguirmos os passos das manadas
de nossos vicios: & pelo contrario de nos
conhecermos procede nam peccarmos.

Isto he o q̄ diz a escriptura aos v. capitu-
los de Iob. [Visitans speciem tuā nō pec-
cabis.] Como se differe: Queres não pec-
car? Contempla & conhece tua alma, q̄
he tua fēmosura, ou como interpreta S.

anthoni. Anthônino: conhece tua essencia, conhe-
ce a ti mesmo, & não peccarás. Ex aqui o
principio da vida Christaā, per aqui co-
meça a verdadeira philosophia, pela cō-
sideração & conhecimento de si mesmo,

sem

Iob. 5.

anthoni.

sem o qual ainda quetenhamos habili-
dade pera emendar erros alheos, carece-
mos della pera sentir os nossos.

CAPIT VLO VI.

Em que o ermitão vay proseguinto a
materia do conhecimento de si,
& do amor, & da humil-
dade, & da cubiça.



E o homem se conhecesse
fogiria de toda a guerra &
contenda. Porque vendo
que foy criado pera con-
cordia, nā buscaria discor-
dia. Mas nos esquecidos de nos sem co-
nhecimēto da criaçāo de nosso primey-
ro padre, sem lembrança daquillo, pera q̄
Deos nos criou, em lugar d'amor busca-
mos odio, em lugar de paz, dissensam. A
ira não goarda os direytos á razão, a en-
ueja desprega as velas ao desejo, o odio
traz nos tão desterrado o juyzo, q̄ nā ve-
mos o mal, q̄ fazemos anós, cō o querer
fazer aos outros. Qual lie a causa porque

E iiii crianc

DA VERDADEIRA PHILÓ.

triado Deos jútaméte as estrellas, & jútaméte as plantas, & juntaméte as aucs, & juntamente os peyxes, & juntamente os animaes terrestres, não quis criar os homés juntamente, mas criou logo hū sómente, donde procedessem todos os outros? Qual foy a razão disto, senão querer nos ensinar quanto lhe contentaua em nos a vnidade & concordia, & que vissemos, que era a sua vóltade, que a nossa de todos fosse só húa, & que todos fossemos húa mesma causa, & nos lembrasse que todos procediamos d'húa mesmo pay, & por tāto tiuessemos todos hū só coração? E esta he a causa, porque criou o homem nū & sem armas, porque como Deos he amor? como diz S. Ioão, quis que o homé que elle criara á sua imagem & semelhança, amasse a elle sobre tudo, & ao proximo como a si, & q finalmente fosse fundido no fogo deste sancto amor. Donde vem que trazendo os outros animaes logo cōsigo sinacs de guerra & discordia,

1. Ioan. 4.

os touros cornos, os lobos dentes, os liões
vnhas, os ouriços cacheiros espinhos, os
espins setas, & assi os outros animaes. O
homé como foy criado pera paz & con-
cordia, say nu do ventre de sua may sem
nenhúas armas. Mas depoys o odio &
crueldade dos homés tirou o ferro das
entranhas da terra, pera tirar as de seus
proximos. E assi vem os homés a desba-
ratarse húsaos outros, o que não seria se
conhecendo o pera que foram criados,
seliassem & vnißsem per amor. Porque,
como diz S. Cypriano, a concordia per si **Cypria.**
junta não se pode vencer. E sam Grego-
rio Nazanzeno diz que a razão porque a **Nazanze.**
arca de Noé se saliou no diluuiio, he por
que hiam todos em amor & concordia.
Sancto Augustinho no xij. da Cidade de **August.**
Deos diz que todas as naturezas tem cõ-
figo húa paz. De maneyra que a guerra
das creaturas não procede das naturezas,
senão da corrupção das naturezas. Esta
razão moueo algüs dos philosophos an-

E v tiguos

DA VERDADEIRA PHILÓ.

tiguos, a dizerem que o mundo constava
d'amor, & q̄ elle era o principio das co-
isas naturaes. Em lugar, do q̄ Aristoteles
chama priuaçāo, punhão elles discordia,
& em lugar de materia & forma de Ari-
stoteles punhão elles concordia. Em fim
que sentiam q̄ sem amor & concordia se
não podiā as coisas naturaes gerar nem
sustētar, & cō odio & discordia nā podiāo
permanecer. O ql não hia longe da ver-
dade: porque a mesma verdade Christo
nosso Deos diz, q̄ todo o reyno em si di-
uiso será destruydo. Dōde se colhe q̄ nos
he summamente necessario o amor. Mas
este amor ha de ser ordenado, porque se
he sem ordē & puertido ceganos, & em-
pedenos o conhecimēto de nos mesmos,
ainda q̄ seja amor de coisas bōas. Porq̄ af-
si como hūa pasta pōdosenos áte os olhos
nos empêde a vista, do q̄ está diáte della,
tanto medá q̄ seja d'ouro como de chū-
bo, assi a desordenada & sobeja affeyçāo
posta como pasta dianç dos olhos de

Luc. II.

Compa-
ração.

nosso

noso entendimento,nos impede a vista
denos mesmos,quer seja d'ouro quer de
chumbo,quero dizer,quer seja de coufas
bōas,quer de más,basta ser deprauada af
feyçā das creaturas.E de tal maneyra nos
cega,que quanto mays corremos pera nos
entender,tanto menos nos entendemos
& ainda q̄ a razão vá corrédo,não alcāça
a opinião,q̄ lhe vay fogindo. E nisto an-
damos,semelhantes á roda,q̄ vay corré-
do em voltas,que quanto vay a pos si,tá-
co vay fogindo de si,sem h̄a parte alcan-
çar a outra,por ambas correrē igoalmē-
te.Assi q̄ de nos não conhecemos nasce
nossa discordia. Porq̄ como de nos não
conhecemos naſça a soberba, & da so-
berba a discordia,bē se segue, que de não
sermos de nos conhecidos procede ser-
mos discordes,& q̄ este desconhecimen-
to lança antre nos o pomo da discordia,
porque como diz sam Gregorio,a rayz Gregor.
da paz he a humildade, a qual nasce ao
homē do conhecimento de si. E per aqui
verey

Compa-
ração.

DA VERDADEIRA PHILO.

verey quam necessario he ao homē este
conhecimento, poys delle procede a cō-
cordia, q̄ como diz S. Augustinho no iij.
da Cidade de Deos, he húa consonancia
excellente: porque assí como a armonia
se ha na musica, assí a concordia na cida-
de. De maneyra que assí como a musica
ensina a concordia das vozes assí a philo-
sophia Christaā ensina a cōcordia das vō-
tades. E esta concordia vem per meo da

Bernar. humildade, a qual sam Bernardo chama
cofre & receptaculo da graça nú sermão
da Annunciação: & no liuro da confira-
ção a Eugenio papa chama a esta humil-
dade fundamēto das virtudes E sam Gr̄

Gregor. gorio no moraes diz q̄ ella he , a que ac-
cede o lumēdo entendimento. E sam

Chrysost. Ioão Chrysostomo sobre S. Matheus diz
que he sacrificio grandissimo, em q̄ o ho-
mē se sacrifica ao alto Deos no fogo do
diuino amor. E n'outro lugar sobre o
mesmo Euāgelista diz que a humildade
he amāy da mays alta philosophia. E cō-
fiste

sisteella em quatro couſas, a primeyra ho-
em desprezar a ſi, a ſegunda em não de-
prezar ningué, a terceyra em desprezar o
mundo, a quarta em desprezar os despre-
zos, de maneira que quando formos des-
prezados, desprezemos não nos prezare, &
não façamos conta de a não fazerem
de nós. Esta he húa grande perfeyção &
cume da humildade. Das quarenta &
duas moradas ou pouſos, que a eſcriptu-
ra conta, que fizerão os filhos de Iſraél os
quaréta annos, que andarão no deserto,
desque partirão do Egypto até chegarem
à terra de promiſſão, he a quadragesima
Almon Diblataim. Como está eſcripto
aos xxxiiij. capitulos dos Numeros. E ſam Num 34.
aquelhas moradas hú degraos da eſcada
do ceo, perque auemos de ſubir, até che-
garmos à eterna bemauenturança, q̄ he
a verdadeyr a terra de pmiffam. Primev-
ramēte auemos de ſayr de nos, pera fer-
mos ſeus, auemos de deixar de fer nossos.
E depoys de paſſarmos o mar roxo, &

vencer

DA VERDADEIRA PHILÓ.

vencermos nossas diffículdades, viremos ás palmas, õde beberemos nas fontes das suaues agoas, viremos á vitoria de nos mesmos entendida pelas palmas, & alli beberemos do suave contentamento, que comigo traz o triumpho que alcáçamos de nos mesmos, vencendo nossos appetitos, & fazendo os tributarios & seruos da razão. Mas nem inda dahi embocaremos na terra prometida, antes passaremos tanto auante, q̄ cheguemos a Almon di-blataim, que como interpreta S. Ieronymo no tratado das mansões dos filhos de Israël, quer dizer desprezo dos opprobrios. E quando chegarmos a esta perfeição, que não sintamos nossas injurias, antes folguemos de ser desprezados, temos tanto subido, que estando cõ os pés no quadragésimo degrao da gloriosa escada, estaremos ja com as mãos pegadas no ceo á fala com os santos, conuersando com os Anjos. Isto faz a humildade, que quanto mays descemos, tanto mais subimos,

Hierony.

&

& quanto mays imos embusca da bayxeza pela via da humildade, tanto ella mays nos sublima & epina na mor altura. Assi como a propria sobra foge de quem corre Compa- apos ella, & vay apos quem della foge, raçao. si a verdadeyra gloria desta vida foge a quem a busca, & busca a quem a foge, quer a quem a não quer, dá aquem lhe não pede, despedese de quem a tem em muito, segue a quem a tem em pouco, esquecesse de quem a traz escripta na lembrança, & lembrar se de quem a traz riscada do liuro da memoria. Dó dediz Chrysostomo: Despreza as Chrysost. riquezas, & serás rico, despreza a gloria, & serás glorioso. De maneira que o edificio da verdadeira gloria da vida está fundado nos aliceces da humildade. A verdadeyra gloria he desprezala, & não admitir os vaôs desejos daquelles, q̄ per ter fama fazem muito, & pera a merecer nada, & com qualquer falsa honra ficâ h̄us pauões com sua roda, enleuados em suas vaidades, em que a fantesia reparte seus

DA VERDADEIRA PHILO.

seus pensamētos, tam altiuos que cuidão,
que tudo se deue a seu merecimēto, sem
elle deuer nada a ninguem. E não vē os
enganados homēs, que quando cuydão
que estão mays sublimados, estão mays
abatidos, & que entāo serião gloriosos,
quando não desejassem selo, & fizessem
com que o merecesssem ser: que como diz
August. S. Augustinho, grande gloria he não ser
vencido della, & estar firme & inteyro
em sofrer cō animo forte todo o despre-
zo. Esta firmeza traz consigo a perfeyta
humildade, a qual contentandose com
pouco, alancaça muito, & desprezando
as riquezas humanas, vay dar nas diui-
nas. Não vistes nunca nenhū verdadey-
ro humilde, que fosse cobiçoso & auaré-
to, porque a humildade contentase com
pouco, & a cobiça sempre deseja muito,
& hūa está satisfeyta, outra nunca se far-
ta, hūa não tem vontade de beber, a ou-
tra está ardendo com sede. A humildade
pcede ao homē de se conhecer, a cobiça
de

de se não conhecer: porq̄ conhecendo se o homē, & pôdo os olhos ē si, na sua ppria natureza & estatura, veria quā lōge deuia ser da cubiça das couſas do mundo. Porq̄ tēdo os outros animaes a cabeça inclinada paa terra, o homē sómēte atem aleuātada pera o ceo. Quis Deos que noſſa meſma estatura & composição nos signiſicassem q̄ nāo eramos criados pa a terra, mas pera o ceo, & que pera la auiamos de leuar o pensamento, pera onde aleuantauam os o corpo, porque couſa he desproporcionada ter o roſtro erguido ao ceo, & o pensamento caydo em terra, & ſendo a estatura direyta, ſer a conſciēcia torta. Daqui viera os Gregos chamar Anthropos ao homē, que quer dizer couſa que contépla & olha pera cima. Dōde com razão colhe Lactácio, que os homēs Laſtācio. de rasteyros pensamentos, inclinados a couſas terreaes & transitorias, perdidos por couſas que logo ſe perdem, elles mesmos ſe deferdão de ſeu nome, nem ſam dignos

DA VERDADEIRA PHILO.

dignos de ser chamados homens, nem lhe conoé tal appellido, poys renuncião sua propria natureza, deyxando as cousas altas polas bayxas, & destruyndo per obra, o que sam per natural cōposiçō. Bem q

Socrates.
Platão.

Platão. i

Compa-
raçō.

Socrates no Cratilo de Platão andalhe buscando & attribuynndo outra Etymologia, mas em fin quasi vē concertar cō esta. E porque nos temos a cabeça aleuātada pera cima, disse Platão que o homē era aruore transuersa, não fixa na terra, mas virada pera o ceo, porque tendo os ramos, que sam os pés, na terra, tē a rayz, que he a cabeça, pa o ceo, donde lhe vem o mantimento, & nutrimēto, com que se rega & sustenta. Mas os māos & terreaes cōtra natureza virão a cabeça pera bayxo, & põe em a terra suas rayzes, & todos seus fundamentos. E assí como o tronco d'aruore lança as rayzes pela terra a diuersas partes, assí hū homē terreal está repartido em diuersos pensamentos todos terreaes. E assí como os bōslāçā as rayzes

no ceo, assi os maos as mete pela terra, & lançao os ramos ao ar. E como os pés se-
já os ramos, & as cabeças os trôcos & ray-
zes, segue-se que os maos andão cõ os pés
pera cima, & cõ acabeça pera bayxo cõ-
tra natureza. Isto he o que Deos quis si-
gnificar, quando disse per Ezequiel. Filho Ezech. 2.
do homē está sobre teus pés. Como se lhe
dissera: Filho do homē tu que es mortal,
subjeyto a trabalhos & misérias, está cõ
os pés na terra, & com o pensamento no
ceo, porqdesta maneyra estarás sobre os
pés, & pelo contrayro estarás debayxo de
teus pés pisado de ti mesmo. Olha pera
tua natureza & composição, & verás que
foste criado pera cima & nã pera bayxo.
Isto veremos nos claramente, se quisermos
cotejar o arteficio & fabrica do homē cõ
a dos outros animaes: porq todos os que
tē mãos, andā com ellas pela terra, senão o
homē q̄ astē aleuātadas. Que outra cou-
sa nos quis nisto significar aq̄lle alto cria-
dor, senão q̄ os brutos animaes nā nascerā

F ij pera

DA VERDADEIRA PHILÓ.

pera possuyr senão a terra, & por isso a trazem nas mãos: mas nos como fomos criados pera possuyr o ceo, não tocamos com as mãos na terra, pera ater & possuir, senão com os pés, pera a calcar & desprezar. Esta he a philosophia de nossa natural composição. Mas he muyto pera sentir a miseria dos mortaes, q̄ sendo a terra tão pequena, que a comparão os matematicos a hú ponto, se perdem por ella, & tem suas coufas por tā grandes & magnificas, que deyxá porellas os beés eternos, querendo antes as que logo paſſam, que as que sempre duram deyxando as fixas polas trásitorias, as altas polas bayxas, desejando antes as indignas de empregar nellas o desejo, que as que se deuē summamente desejar. O cegueira intelectuacl, ó vaydade dos filhos de Adam, ó erro grandissimo, & ignorancia muyto pera chorar, & atrauessar com dor todo o piedoso coração! Como podē ser coufas grandes, as q̄ cabem nū ponto? Qual

he

he o juyzo que deyxa o ceo pola terra,
alma polo corpo,o bē polo mal,& final-
mente aquelle,que he tudo,por aquillo,
que he nada? Donde nos vem isto, senão
de termos pdido o conhecimēto de nós,
& de não acabarmos de cayr na conta de
quein somos? He logo a resoluçāo desta
pratica, que de nos não conhecermos vē
não termos humildade,& de não ter hu-
mildade vem a soberba, donde procedē
odios & cubiças,cruéis discordias,& per-
petuas auarezas:as quaes couſas trazem
conſigo húas escuras treuas, em que a al-
ma está metida.Verdaſe he que temos o
lume da fé, cō aqual allumiados vemos
muvtas couſas, que noſe excitão a tornar-
mos ſobre nós & a vermos que nos não
vemos,até que aparelhandonos pera a
graça,& fazendo o que em nos he,Deos
nola dá pela ſua misericordia. E conſti-
tuydos neſta graça, fazemos bōas obras,
ſaydas da fé, esperança,& charidade,as
quaes eſmaltadas cō o ſangue de Christo,

DA VERDADEIRA PHILO.

& ornadas com os merecimentos de sua morte & payxão, sam meritorias dos bēs eternos. Mastristes daquelles, que senão querem dispor & aparelhar pera a graça, mas estando á escuras viuem tão longe de si, que nem entrão ainda, né sōmēte pelo arrebalde do conhecimēto de si, & né com elle, atinão, nem querē atinar, E por os homēs nā terem desí este conhecimēto, o perderá de Deos, & metidos na escuta noyte da infiel dade deyxárão o culto do criador, & vierão adorar as creaturas, & a ter por deoses paos, & pedras, & serpentes, até virem a tanto desatino, q̄ edificarão templo á injuria & desonra ergonhamēto, como a coufas diuinas, como o

Cicero. conta Cicero no seu ij. liuro das leys. E estando o mūdo feyto hū labyrintho de incōportaueys erros, falsas, & diabolicas opiniões, auendo Deos misericordia do homē, q̄ criara, mādou seu filho vñigenito Christo nosso Deus, pera nos saluar. Veo o bom I E S V S , aquelle esplendor

dor da gloria, como lhe chama sam Paul- Hebr. I,
 lo, & figura de sua substancia, veo a-
 quella verdade sempiterna, veo aquel-
 la verdadeyra vida, quella sapiencia sem
 fim, aquella bondade imensa, aquelle
 lume do lume, aquelle verbo diuino nos-
 so summo bem, & tornada nossa huma-
 nidade couersou com nosco pera nosen-
 finar, & mostrar o caminho da eterna be-
 aueturáça, & allumiar nosso entédiméto.
 Porq nascouſas sobrenaturaes sem o lu-
 me diuino está cego o ingenho humano.

CAPIT VLO VII.

¶ Em que o ermitão prosegue a materia da
 encarnação de Christo, & sua morte,
 & do desprezo do mundo.



Glorioso Dionysio Areopagita, Dionysio
 discípulo q̄ foy do diuino Pau-
 lo, diz que o bem he diffusuo &
 communicatiuo de si mesmo. E com isto
 concertá todos os Philosophos & Theo-
 logos. Donde se o bem for summo, sum-
 mamēte será diffusuo & comunicatiuo.

F iiii E co

DA VERDADEIRA PHILO.

E como Deos he summo bem, summamente se auia de diffundir & communicar. Poys como podia Deos mays sumamente comunicarse com nosco, q̄ fazer se homē como nos, tomar nossa natureza, & cōuer sar cōnosco? E assi era cōueniente a Deos, poys era cōueniente segúdo a razā de sua ppria natureza. Porq̄ como a natureza de Deos, he a essencia da

Dionyfio. bōdade, como o affirma o diuino Dionyfio, segue se q̄ o q̄ ptece á razā do bē cōue nha a Deos, & á razão do bem pertence communicar se, & á do summo bem cōmunicar se summamente, logo foy con ueniente a Deos ajuntar a si a natureza criada, & fazer se homē, pera se suimma mente comunicar aos homēs. Quan to mays q̄ he cōuenientissimo, que pelas couſas visiueys se mostrem as inuiſueys de Deos. E por isto foy criado o mundo, como diz o glorioso Paulo no j. capitulo da Epistola aos Romanos. E poys pelo my sterio

sterio da encarnação, como diz S. Ioão Damasceno, se mostrão as cousas inuisíveis de Deos, segue-se que foy cōuenientissima, poys nos mostrou a bondade de Deos, & a sua sapiencia, & potencia, & justiça. A bondade porque não desprezou a enfermidade da sua propria creatura. Em q̄ podia Deos mays mostrar sua bondade, que em se fazer homē por saluar o homē, & receber morte por lhe dar a vida. Mostrou sua sapiencia no modo excellentissimo, que achou pera nos saluar, ensinádonos per palauras & obras, quāto lhe deuiamos, pera q̄ empregassemos em suas cousas o cabedal de nossas obrigações. Mostrou sua potencia em nos liurar do poder do demonio. E mostrou sua justiça, porq̄ nos nā quis liurar p̄ força, mas per direyto, pagando por nos, tomando nossos peccados sobre si, sacrificandose por nossas culpas, & tirando da mão do tyranno o homē pelo homē. E assi diz S. Paulo no terceyro capitulo da Roma. 8.

F v Epi

DA VERDADEIRA PHILO.

Epistola aos Romanos, que padecço
Christo por nos, pera mostrar sua ju-
stiça, poi q̄ o padre celestial quis castigar
nossos peccados em seu proprio filho. Dó
de elle diz per Esaias: Pola maldade do
Efai.53. meu pouo offerí. E o mesmo Propheta
Rſri.53. diz falado de Christo: Verdadeyramēte
Pſal.22. elle sofreo nossas enfermidades, & to-
mou sobre si nossos trabalhos. Donde o
mesmo Christo num Psalmo chama aos
nossos peccados seus, porq̄ os tomou ás
costas pera padecer por elles, pera que
com sua morte nos abrisse o caminho da
eterna vida. O q̄ estaua traçado, figura-
do, & prophetizado no testamēto velho,
sombra & figura desbastada do nouo em
tantos lugares, q̄ que celos agora todos al-
legar, seria coufa quasi infinita: mas toca-
rey sómente algūs como de passagem. No
Nam.20. anno q̄ o nouo pouo entrou na terra de
promissão, morreu Aaron summo sacer-
dote no monte Hor, como está escripto
aos xx.ca.dos Numeros. Dizer a escriptu-

ra q̄ p̄ta os filhos de Israél entrarem na
 terra de p̄missão, auia primeyro de mor-
 rer o summo sacerdote, & q̄ morreto nal- Figura.
 tura d' hū mōte, & nā em valle, nā carece
 de mysterio. Que summo sacerdote he
 este senão Christo nosso Redéptor? que
 se offereceo por nos no altar da Cruz, &
 entrouper seu proprio sangue no sc̄tā san-
 ctorū, que he o ceo, cōforme ao q̄ estaua
 figurado no summo sacerdote do velho
 testamēto, como p̄ muitas & sentēcio-
 sas palauras vay declarádo o Apostolo S.
 Paulo na Epistola aos Hebreos. Que mō
Heb. 6.7.8
 te he este, em cujo cumemorreto o summo
 sacerdote, senão o mōte Caluario, onde
 expirou o dador da vida, pera q̄ alli, onde
 acabauā seus trabalhos, começasssem nos
 sos desc̄isos. Quis nos nisto a escriptura
 significar, que auia de morrer o summo
 sacerdote Christo nosso Deus no monte
 Caluario, pa o nouo pouo, pera os filhos
 de Israél segúdo o sp̄rito, q̄ sam os Chri-
 stáos, entrarē naq̄lla verdadeira terra de
 promis-

DA VERDADEIRA PHILO.

promissam, q̄ he a vida eterna. Recebeo ali morte, pa nos dar aqui a vida da graça, & depoys a da gloria. Sédo viuo quis receber a morte, pera q̄ nos, que eramos mortos, viuessedemos. O que muito tempo auia que estaua no Propheta Eliseu figurado.

4. Reg. 13. Contam as diuinias letras no iiii. li-
uro dos Reys, que estādo hūs homēs en-
terrando hu morto, virão vir ladrões, &
que fugirão lançando o corpo morto no
sepulchro do Propheta Eliseu, que alli
estaua enterrado. E tanto que o morto
tocou nos ossos do sancto Eliseu, ficou
viuo, & aleuantouse sobre seus pés. Qué
he este morto, lenā o homē, que está em
peccado mortal? Este era o genero hu-
mano contaminado de vicios. Quem sam
estes, que o enterrão senão seus dānados
appetites? Estes o sepultá, & o deyxão em
poder dos ladrões, q̄ sam o diabo, o mū-
do, & a carne. Mas aquelle celestial Eli-
seu Christo nosso Deus com sua morte o
resuscita, morto dá vida, & sepultado
obra

obra nossa resurreyçāo. Todos foramos mortos, se elle nos não dera a vida com sua morte. Este he o cordeyro morto no Egypto, cujo sāgue liurou os Hebreos: & a serpēte de metal crucificada no deserto, pera a qual os Israēlitas feridos aleuātauão os olhos pera sārarem, da qual disse Moyses no Deuteronomio: E será tua vida dependurada ante ti. E Esaias diz. Foy offerecido á morte, porque elle quis Eſai. 55. E o mesmo Christo per Ieremias: Eu sou o cordeyro manso leuado á morte. Isto he opera que Deos se fez homē, pera morrer por nos. E assi lhe chama Esaias no capit. ix. Deos & homē. Porque depoys de dizer Eſai. 9. que auia de nascer, & ser minimo, & verdadeiro homē, diz q̄ o seu nome che Deos. E no capitulo xl. disse, que Deos auia de vir ao mundo. E o Psalmista diz falando de Sião: O homē nasceo em ella, & elle, que he o altissimo a fundou, Como se diffiera: Christo é quanto Deos fez a terra de Sião, & elle mesmo em quanto homē nasceo

Pſal. 86.

DA VERDADEIRA PHILO.

Baruc.3.

nasceo em ella. E o Propheta Baruc falando bem claro de Ch̄o verdadeyro Deos, depoys de muytas palauras diz no terceyro capitulo estas. Depoys destas couſas foy visto na terra, & conuersou cō os homēs. Vſado preterito polo futuro, pera significar a certeza da prophecia, como he custume dos prophetas. E pera q̄ o resplendor de Deos não cegasse os fracos olhos dos homēs, como quando saindo de lugar obscuro, nos feré de improviso os claros rayos do sol, mandou diante húa lucerna, que foy S.Ioão Baptista, ao qual os Judeos, vēdo que era vindo o tempo da vinda do Mexias, quiserão dar o mexiadego, polo tirar a Christo. Que este he o custume do mūdo, fazer homēs pera desfazer homēs, & aleuantar hūs pera abater os outros. Dos nossos Portugueses se escreue nas Chronicas do descobrimento & conquista da India que no cerco de Goa, sendo gouernador aq̄lle inuēciuel & espátoſo capitão Afonso de

Albo

Alboquerq, cõ hū tiro de artelharia chamado esperá, quebrará outro dos ímigos chamado camelo. Os nossos fizerão húa espá pa desfazeré hū camelo, & os Iudeus queríā fazer hū camelo, pa desfazer húa esperá. Qué he o camelo senā S. Ioão vestido de pelos de camelo, & qué he a espá senā Chřo nosso Deos, nossa verdadeyra esperáça? Chřo he o verbo de Deos, & S. Ioão a sua voz, como delle tinha escripto Esaias aos xl. capit. como o interpretá to- Ezai. 40.
 dos os Euágelistas. Mas esta voz matou a Matt. 14.
 injustamente Herodes, como côta copiosamente o Euágelho. E por esta causa alé Marc. 6.
 das outras nã quis Chřo respôder à Herodes, q̄ lhe perguntou muitas couſas, como côta S. Lucas aos xxiiij. c. da sua histo- Luc. 23.
 ria Euágelica. Porq̄ como auia Chřo deres pôder aqué lhe tinha morta a voz? Mas ainda que se calou em casa de Herodes, falou na Cruz. Não falou onde lhe hia a vida, & falou onde hia nossa saluaçam, porque a isso veo ao mundo a morrer por nos

DA VERDADEIRA PHILO.

nos saluar. O amor o trouxe do ceo á terra,& de immortal o fez mortal. Em q̄ podia Deos mays mostrar a fineza, lustro,& alto cumē do amor, com que nos amava, que em morrer por nos resgatar do triste captiueyro de Satanás, pondo no banco da Cruz seu precioso sangue em preço de nosso resgate? Alli padecço por nos antre douis malfeytores, como o tinha prophetizado Esaias dizendo: E cō os maos será deputado. Num destes ladrões mostrou Christo sua justiça, n'outro sua misericordia: hū nos cōuida a temor, outro a esperança. Em ambos temos exemplo, no perdido em se perder pera nos saluarmos, & no saluo em se saluar pa nos não perdermos. Que couſa foy estar o bō Ioseph preso no Egypto antre douis

Genes 40. Figura: Egypcianos, hū dos quaes foy liure, outro cōdénado, senão estar o bom Iesu encravado na Cruz antre douis ladrões, hū dos quaes foy saluo, outro pdido? Antrelles estaua aquelle diuino pelicano mantendo os

donos cõ o sangu e de suas chagas. Que
merce se podia mayor imaginar? Qual
he o hom e que se esquece de tão immen-
sa misericordia? Qual he o coração que se
não derrete na fragoa do diuino amor?
Que tempo ha no mundo, que tribula-
ção, que prosperidade, q lem brança, que
esquecimento, que possa tirar de nossa
alma a memoria de tão pa simoso amor,
& tão alto beneficio? Que sam isto senão
effeytos d'h u amor, que he Deos, & d'h u
Deos, que he amor? Não podia tão altos
beneficios ser senão daquelle alto Senhor,
que he charidade increada & sempiter-
na. Em quanto Deos não podia morrer,
& por isso se fez hom e, pera que sendo
Deos & hom e, em quanto hom e padeces-
se, & em quanto Deos nos saluasse. E assi
sam duas naturezas diuina & humana,
mas h u só supposto, h u a só pessoa, h u só
Christo nosso Deos. Isto não entendeo
Platão, isto ignorou Aristoteles com to-
dos aquelles, que carecendo do lume da

DA VERDADEIRA PHILO.

fé, leu auão a falsa sabedoria por guia, da qual diz Deos pelo Prophetá, como o interpreta S. Paulo escreuēdo aos Corinthis: Eu destruyrey a sapiēcia dos sabios, & reprouarey a prudēcia dos prudētes.

Efai 33. A verdadeyra sapiēcia destrue a falsa.

1.Corin.1. Christo he a sapiēcia verdadeyra, de q

1.Corin.2. diz S. Paulo: Falamos a sapiēcia de Deos em mysterio escōdida. Que couſa foy o nascimēto de Christo, & sua morte, & todo o discurso de sua vida, senā hūa reprouaçā da falsa sabedoria do mūdo? O mūdo pōe bēauēturança em riqueza, Christo em pobreza: o mundo em alegrias, Christo em lagrymas: o mūdo em vingar injuriias, Christo em sofielas: o mūdo em pōpa, Christo em humildade: & finalmēte o mundo em suas proprias couſas, & Christo no desprezo dellas. Bem auenturado he aquele que conhecido o engano & vaydade do mūdo foge delle, & se abraça com Christo. Que tem o mundo peradar senão palhas? E ainda estas muytas vezes

vezestira, semelhante a Pharao , q̄ dava palhas aos Israēlitas, & em fim tiroulhas.

Serue hū homē muitos annos a hū Rey, Exod. 5
 & per derradeyro māda o ir ganhar hūa comenda: de mancira q̄ lhe paga seus tra-
 balhos com trabalhos. E ainda q̄ algūs se-
 jão favorecidos & priuados, & alcancem
 dos principes grādes merces, sam tão pou-
 cos, q̄ se pode a corte em algūa maneyra
 comparar com a probatica piscina, dc q̄
 fala S. Ioāo, onde entrauão muitos, mas ^{Ioan 5}
 so hū auia o q̄ desejava. Quanto mays q̄
 quē hahi, q̄ aja das couſas do mundo quā-
 tas deseja: Só Deos nos enche & satisfaz:
 Elle he nosso summo bē, & fartura de nos-
 sos desejos. Duas figuras hūa redōda ou-
 tra pyramidal não quadrão , & metida a ^{Comp. 2.} raçāc.
 redonda na pyramidal não a enche, por
 que ficam vazios os cantos: & como o
 mundo seja redondo, & o nosso coração
 pyramidal , he impossivel que o mundo
 lhe quadre , & o encha, & satisfaça.
 Um triangulo enche outro triangulo.

G ij A nos

DA VERDADEIRA PHILO.

A noſſa alma ſendo húa tem tres potencias, entendimento, vontade, & memoria, a maneyra de triangulo, & por iſſo nā ſe pode quietar & ſatisfazer na circuferēcia da eſphera mundana, mas no triágulo da Trindade diuina, que ſendo hú ſó Deos em eſſencia, he trino em pessoas, Padre, Filho, & Espírito Santo. Quereys ver iſto? Dauid hú pobre pastor veo a ſer Rey, & grande ſenhor: & nem iſto poſde fartar ſua alma: antes dizia nū Pſalmo: Então Senhor me fartaſey, quando aparecer a voſſa gloria. Como ſe diſſera: He verdade Senhor que foys tempo, em que eu andando paſtorando gado nāo tinhay mays que húa çamarra, & hú cajado, & currão, & que voſ me fizestes Rey: d'hú dos mays ricos & excellētes reynos do mundo: mas nada diſto me quieta nē farta, porque como fuys criado pera voſ, ſempre ſerey inquieto até que repouſe em voſ: então Senhor ſerey farto, & ſatisfeyto, quando gozar de voſ na eterna bem

bem auenturança. Quando húa cera está assellada com hú sello, com nenhú outro apodem tornar a assellar, que quadre cō o primeyro. Se nossa alma he á imagē de Deos, se está assellada com o sello diuino, como lhe pode armar o sello mundano? Donde diz S. Bernardo que bem se pode a alma racional cō muytas couzas ocupar, mas não encher, porque como he capaz de Deos, tudo o que não he Deos, dado que pareça muito, pera a encher he pouco. Pera que he logo occupar o desexo em couzas, que o nā podem satisfazer, ainda que durem muytos annos, & até a morte? Quanto mays que quantos vistes vos, que viucessem em prosperidade muyto tempo? Antes vi eu ja muytos criados á sombra de grandes esperanças, q̄ estando sublimados no cume das honras do mundo, forão abatidos em dou s dias, & tão destruydos, que nem ainda deyxarão final de sua passada prosperidade. Criados dc príncipes sam tentos de contar.

Bernardo.

Compa-
raçao.

G iij Está

DA VERDADEIRA PHILO.

Compa-
sçao. Está hū homē a húa mesa com contos lá-
çando cōta, & sēndo todos os tētos d'hú
mesmo metal, & a'hus mesmos cunhos &
cruzcs, hūs valē mil, outros cento, outros
dez, outros hū: mas desfeyta a conta, jun-
tos todos os tētos nū monte, torna a cō-
tar, & acertase q̄ os que dātes estauão por
mil, estão agora por hū, & os que estauão
por hū, esten por mil, por ser assi a vontá-
de do contador. Os priuados dos princi-
pes q̄ estão no contos dos mil, não se em-
soberbeção, & os q̄ estão no conto de hu,
não desesperé, porque pode desmāchar-
se essa conta, & barahados os contos fa-
zerse outra, em que os tentos se mudem.
Não façamos conta da que faz de nos o
mudo, mas da que auemos a Deos de dar
Compa-
sçao. de nossā vida. Honras humanas sā jogos
de mininos, fazem hū Rey, que dura, em
quanto o jogo dura, & elle acabado arre-
pelāno. Mas isto não querē entender os
filhos da vaydade: antes logo no príncipio
de sua vida pōc os olhos na falsa fermo-
sura

sura do mundo, & affeyçoão se a elle,indo este amor criando tão fundas rayzes em seu peyto, que depoys não se podem senão com gráde força arrancar. Mas taes hahi que folgão cõ ellias,inda que vejão o dāo, que lhe fazé: conhecem seu mal, mas não pera lho quereré. Donde vem que alongádose da vida, que he Deos, dizem, que he necessario seruir ao mundo pera buscar vida, & deyxado o arrayal de Christo, desemparada a sua bandeyra, q̄ he a Cruz, vāo se ganhar soldo no campo do demonio, sem veré os tristes, que onde cuydão que ganhão se perdem, até perderem a conta de si. E assi infuna los naquellas engauosas esperanças gastão seu tempo, andādo a mōr parte delle sem a saberem de si: & quanto mays seruem, tanto pior lhe pagão, quāto mays no mundo cōfião, tanto se achão mays desconfiados, & quanto mays cuydani que ganhā tanto mays se perdem, & cuydando que buscão vida, fogem da vida, & sem

DA VERDADEIRA PHILO.

saberem o que fazem, vão com os olhos fechados dar consigo em casa da morte. E pera nos tirar deste enleio, & dar o desengano de nossos enganos, veo o filho de Deos do ceo á terra, fazendo tanto por nos, que morre o por nos, ensinandonos o que auiamos de fazer por elle, pera q abertos & allumiados os olhos de nosso entendimento deyxassemos o mundo, & polo seguirmos a elle deixassemos a nos, & em lugar de nossa vontade possestemos a sua, porque tanto se acrescenta na virtude, quanto se tira da propria vontade.

CAPIT. VIII. E FINAL.

Em que o ermitão prosseguindo sua pratica mostra como auemos de seruir a Christo, & fazer guerra ao mundo, & vltimamente declara em que consiste a verdadeira philosophia.



Epoys que o ermitão acabado isto cobrou alento disse: Não vos pareça que corto o fio á pratica, antes vos queremos

mostrar o engano destes, que vos agora dizia, que dizem que deyxão Christo por buscar vida: pera que visto seu erro conclua, & dé sim a esta questão. Christo he a vida, como elle diz per S. Ioão, & o dia-^{Ioan.14.}
bo he a morte, como lhe chama o mesmo S. Ioão no Apocalypse, & Christo diz ^{Apocal.6.} delle que he homicida desdo principio.

Poyshomē enganado como buscas vida, ^{Ioan.8.} se deyxas a Christo, que he vida, & te vas ao diabo, que he a morte? Se o diabo he matador, se he homicida, se dá a morte, se he a morte, como acharás a vida em casa da morte? Busco vida. Qual vida, se tu deyxas a vida? Isso não he vida, mas morte. Como homē que vay correndo pera o ^{Compasso} norte em busca da cousa, que fica ao sul, ^{raçāo.} quanto mays cuya da que chega a ella, tanto mays se alonga della, assi tu quanto mays buscas vida, tanto mays te apartas della: vás norte sul da vida. Dizes q̄ queres viuer. Como podes viuer sem vida? Christo he a vida, & tu pa acharas a vida,

DA VERDADEIRA PHILO.

foges da vida. O engano grandissimo, ó desatino intolerauel! Busca o q̄ buscas, mas não hai, onde o buscas: Busca a vida em Christo, q̄ he a mesma vida. Mas dizes q̄ he necessario viuer cōforme ao custume & regra do mundo, & que també se saluão os que conforme a elle viuem, & esta he a discricão do mundo. O ignorante discricão, ó falsa philosophia mūda na, ó estulticia chamada falsamente prudencia: Que sam isso senão enganos do demonio, & assouios daquella antigua serpente, q̄ com enganos derribou Eva noſſa primeyra madre? Antes te digo que totalmēte te perderás, se tomares a regra do mūdo: Escripto está no velho testamēto q̄ vindo os filhos de Israēl do Egypto destruyrão a Cidade de Ierichó, q̄ estava diante tolhēdolhe a entrada, & mā dando Iosuē capitão dos Israēlitas q̄ ningué tomasse couſa algúa da cidade, mas q̄ toda fosse destruyda, não faltou que quebrasse este preccyto, porq̄ Acham filho de

Iosuē. 6.

Figura.

Carmi

Carmi tomou húa regra d'ouro de Ierichó, pelo qual peccado o exercito dos Israëlitas p' deo a victoria, & ficou alli vencido núa batalha. E sabida a causa foy o Achá morto & apedrejado p' maldado de Iosuē. Mandou Iosuē ao sol, que estivesse Iosuē 10. quedo, & esteue quedo, & cō o sol obedecer a Iosuē; alcâçou elle p' teita victoria de seus ímigos, & maldou á cubica q' estivesse queda, & ella não quis senão ir por diante, por onde elle perdeu a victoria. O sol insensivel obedeceo ao bom Iosuê, & esteue quedo grande espaço sem se bolir no meo do ceo, & a cubicados homens nã obedeceo. As creaturas insensiveys obedecem ao bom I E S V, & os homens racionaes nã lhe querê o obedecer. Qual he o coração q' cuydado nisto senão desfaz em lagrymas, saluo se he mais seco q' os mòtes de Gilboé! Quantas coufas auia q' dizer sobre isto! Mas passo auante onde me chama o proposito: Não podião os filhos de Israël possuir a terra de promissão

DA VERDADEIRA PHILO.

sem destruyrem Ierichò, nem se auia de
saluar, quem tomasse a sua regra. Mara,
uilhosa figura he esta, & dina de a trazer-
mos impressa em nossas almas. Iosuë era
figura de Christo não somente no nome,
mas nas obras, como diz o glorioso Iero-
Hicrony.nymo núa Epistola á Pauhno. Porq assi
como Moyses não pode meter os filhos
de Israël em terra de promissam, & foy
necessario vir Iosuë, que os lá metesse, assi
a ley velha per si não leuaua a ningué á
eterna bemauenturança, & era necessá-
rio acabar se ella, & vir o verdadeyro Io-
suë Christo nosso Saluador, que nos le-
uasse á gloria, que he a verdadeira terra
de promissam. Mas põe se nos diante Ie-
richò, & tolhenos a entrada: & por isso pa-
poderemos entrar na celestial patria auer-
mos de fazer guerra a Iericho, & vencer-
molo, sem deilequerermos nada. Quem
he este Iericho senão o mundo? Iericho
quer dizer lúa, com a qual o mundo he
comparado. Porque assicom o a lúa hora

he

he chea, hora mingoada, hora esclarece,
hora se eclypsa, assi o mundo tem suas en-
chentes & vazantes, nunca está num ser,
nunca tem firmeza nem constancia. Aos
que hoje empina & exalça, a manhaã des-
riba & abate. He logo necessario fazer-
mos guerra ao mundo, & derrribarmolo;
que elle he, o que se nos atraueſſa diante,
pera nos impedir a passagem pera a cele-
stial Ierusalem. Mas que quis significar a
sancta eſcriptura em dizer que mandara
Iofuē matar a Acham, porque tomara a
regra de Ierichō, ſenão declararnos que
manda Deos, q̄ moura, & ſeja ſepultado
no inferno pera ſempre, quem goardar a
regra & custume do mundo? Liure nos
Deos da regra de Ierichō, que ainda que
ſeja d'outro, basta ſer de Ierichō. Quero
dizer, que ainda que nos a esperança do
mundo afague com doces enganos, & li-
ſongeyros pensamentos, prometēdo nos
grandes riquezas & pſperidades, ſe vſar-
mos da regra & deprauado custume do
mundo

DA VERDAD E I RA PHILO.

mundo cōtra o preceito do bom I E S V
nossc verdadeyro capitāo, q̄ nāo lance-
mos māo detaes promessas, porque nos
perderemos, senos cōform armos com o
mūdo. Olhay o q̄ diz S.Paulo na Episto-

Roma 12. la aos Romanos: [Nolite cōformari huic
seculo, sed reformamini in nouitate sen-
sus vestri.] Como se dissesse: Fogí da regra
de Ierichó, nāo sigays o mundo, nāo vos
queyrais cōformar cō elle, deyxay seu de-
prauado custume, reformayuos na noui-
dade de vosso espirito, segui a regra de
Christo, & deyxay a do mundo, que ain-
da que vospareça d'ouro, em fim he do
mundo. Vigiay, & viuey sobre aniso, nāo
vos engane Iericho. En'outra parte diz:

1. Thessal. s Não durmamos assicom os outros, mas
vigiemos. Como se dissera: Nā permane-
çāmos no somno do descuydo, nāo nos
deixemos ir onde nos leuar o mūdo, nāo
siguamos os que o seguem, q̄ esses cuydá-
do que vigião dormē no somno do pecca-
do: mas vigeimos, que temoso mūdo, por
imigo

ímigo, & he necessario por lhe cerco, &
derribar estes muros de Iericho. Esta he a
exposiçā da figura,esta he a verdade,esta
he a doutrina do glorioso Apostolo, em
que nos ensina q̄ obedecêmos ao verda-
deyro Iosuē,ao verdadeyro Saluador Ie-
su Ch̄o nosso Deos,& q̄ fujamos dos en-
ganos,regras,& vaydades do mundo,& q̄
vigiemos & não dürmamos. Porq̄ assico-
mo dormindo Adā foy feyta Eua, q̄ o ex-
citou a peccar, assi dormido nos no sôno
do descuido se está criando nossa sensua-
lidade,a qual nos está pondo diante dos
olhos o pomo defeso,dizēdo q̄ comamos,
& sigamos ao mundo sem ter conta com
Deos. E logo no principio da idade nos
começa d'enganar em tempo,q̄ as falsas
& pestiferas esperâças ainda muito ao lõ
ge se começão de vrdir,sem nunca mays
devxarem de nos cōbater. Mas he necces-
sario resistir lhe com animo fortissimo,&
vigar cō grande cautela,desprezando o
mundo com suas vaydades, & seguindo

Genes.2.
Genes.3.

2 Chri

DA VERDADEIRA PH!LO.

a Christo nosso redemptor. E assi armados com a fé catholica da sancta madre igreja Romana,& ornados da esperança & charidade, auemos de resistir aos ímigos d'alma,& comprir os mandamentos de Deos,& da igreja,& as obras de misericordia,& abraçar monos com a humildade,& lançar mão dos conselhos Evangelicos,& abater a sensualidade,& fazer que a razão tenha firme jurdição sobre o appetite,& finalmente saber ganhar a vida eterna. E pera isto he necessario a cada hú de nos não sómente ter cõta comigo,mas com os proximos aconselhandoos,& ensinandolhe o que não sabem, quando compre. Mas de tal maneira auemos d'ensinar que nossas obras nam discrepem de nossas palauras: Porque então dizemos que está o relogio certo de todo,quando não sómente dá as horas certas a seu tempo, não dis creepando do sol,mas a mão,que as mostra, as aponta sem errar,& anda conforme ao compasso

Compa-
raçao.

passo do relogio & do sol. As horas sam
as palauras, & doutrina, & bons cōselhos,
que hão de ser gouernados pelo sol da
justiça Christo nosso Deos, a mão he a
operaçāo, que mostra a doutrina: porque
as obras hão de ser do mesmo metal das
palauras. Pera que não sejamos como os ^{Compa-}
carpēteyros & calafates da arca de Noé, ^{raçāo.}
que fizerão a nāo onde os outros escapas
sem, & elles nāo entrarão nella, & pderão
seno diluuiio. Nāo se deve chamar philo-
losophia, a que ensina, que dādo aos ou-
tros a doutrina bōa, fiquemos nos com a
vida má, semelhātes á peneyra que dey-
ta fora a bōa farinha, & fica com o farelo.
Mas a verdadeyra philosophia ésina ser a
vida, que fizermos, conforme á bōa dou-
trina, q̄ ensinarmos. Esta he a vida Chri-
staā, esta he a propria sabedoria, esta he a
verdadeira philosophia, que nāo cōsistē,
como vos dizieys, em conhecer muitas
cousas, porque a fim della mays he fazer
que saber, mays he amar que disputar.

H Don

DA VERDADEIRA PHILO.

August. Donde diz S. Augustinho, no nono da Cidade de Deos, que o verdadeiro philosopher he amar a Deos. Mas consiste a verdadeira philosophia é nos conhecermos a nos mesmos, & dahi sobirmos ao conhecimento de Deos, & amalo summa mente com todo coração, com toda alma, & com todas as forças, & darmonos a elle, & fazermos lhe húa total entrega de nos mesmos, amando sobre tudo a elle, & ao proximo como a nos por elle. E consiste em cuydarmos na sua morte & payxá, & nos mysterios da redempção humana, & em nos abrasarmos de tão feruente amor de Christo, que não estimemos por amor de Ie, a vida, nem a morte, né coufa nenhúa do mundo. E com estas asas de amor a nos de trabalhar de sobir aos altos ceos, levados no ardente carro de Elias, inflamados naquellas suaves & bem auenturadas chamas do glorioso fogo do alto amor diuino: de maneira que estando inda na terra com o corpo, estemas no

ceo com pensamento, conuersando com os Anjos, vnidos com Deos, & feytos hū espirito com elle, onde separados da escuta noyte das couzas terreaes, allumiados com o resplendor da luz de Deos contēplemos a diuina fermosura. Isto he o em que consiste a verdadeyra philosophia: q̄ em fim bē assomado tudo, consiste nū ferventissimo & sapientissimo amor. Muytos a mão a Deos com hū amor tão tibio, que quasi parece que o não amam. Os q̄ não passam além deste amor nadãoinda cō cortiça á borda d'agoa, sem se meterem no pego alto: & não se podē chamar de todos perfeytos na philosophia Christaā: mas Compa.
ração. sam como auezinhas nouas, ainda não bem cubertas de todas as suas pénas, quo ainda que comecem de sacudir as aas, & voar algum tanto, todavia nam se apariçāo tão inda longe do ninho, nem se lançāo ar aberto, né ousam ainda de atravesſar as alturas indo ferindo os ventos cō a força de suas aas. Mas os perfeytos n'esta

H ij phi

DA VERDADEIRA PHILO.

philosophia alheos de si & transportados
em Christo, de tal maneyra estão cō elle
liados & ynidos com os suaues liames do
amor, que nem ha tormento nem alegria,
fome nem fartura, vida nem morte, ceo
nem terra, grandes alturas nem profun-
dos abyssimos, que os possam da charida-
de de Christo apartar. Os que passam per
esta portella chegão ao alto cume da ex-
cellente philosophia, donde vem lá no
fundo do monte os apaulados brejos, &
perigosas varzeas do mundo, tão tristes
& carregadas ao entendimento dos bôs,
que vê seus males, como alegres & apra-
ziueys ao sentido dos maos, que não caé
na conta desseus enganos. Iste he o que se
me offereceo nesta materia, em que sey,
que auia muyto mays q̄ dizer. Mas porq̄
o piloto, depoys de cansado da longa na-
uegação, achando lugar opportuno láça
ancora pera descansar, assi eu cásado da
longa prática quero lançar ancora á lin-
gôa, & amainar as velas de minhas pala-
uras

Compa-
raçao.

uras, que bem sey, que não respondéram
à grandeza & preciosidade da materia.
Vos padre, disse o Philosopho, prouastes
muyto bem tudo, o que propusestes, &
declarastes copiosamente a questão. E
certo que folguey de vos ver tão visto assi
nas letras humanas, como diuinias. Eu me
dou por vencido, & folgo de o ser de vos,
que parece que nascestes pera nunca o
serdes de ningué. Mas a falar verdade cõ
vosco, ainda me não encheistes as medi-
das, porque usastes d'algúas palauras nã
admitidas dos bons ouuidos. Que eu ain-
da que professo philosophia, não a tenho
por boa, senão he acompanhada de boa
eloquécia: & antes queria boas palauras
sem sentenças, que sentenças sem boas
palauras. E as palauras pera boas não hão
de ser muyto antigas, ca como diz Pha-
uorino, & refereo Bartolameu a Chasle-
neo na prefacão do catalogo da gloria
do mundo: a lingoagé ha de ser de vocabu-
los presentes, & a vida de custumes an-

Phauorino.
Chasleneo

H iij tiguos

DA VERDADEIRA PHIL O.

tiguos. As palauras, respondeo o ermitão
sem sentenças sam corpos sem almas. E
ainda q̄ hahi sentenças sem bōas palauras,
nam se podē chamar bōas palauras as q̄
sam sem sentenças. Eu como ando remo-
to da corte, nā he muito vsar de palauras
toscas. E quanto he nisto nāo se me deve
pōr tacha, se me acharē algūas. Mas assi
como quē ha sede, primeyro bebe, & de-
poys cōtempl a galanteria & artificio do
vaso, assi tenho pera mī, q̄ todo o homem
desejoso de doutrina, primeyro a ha de
gostar, & depoys attētar, se quiser, pa o ar-
tificio da lingoagē. Antes, disse o compa-
nheyro, estou padre pafnado da elegan-
cia de vosso estylo. Nācuydey q̄ nū ermi-
tao ouuesse tanta eloquēcia. Mas em fim
assicom os Hebreos deyxando o Egypto
trouxerā cōsigo as joyas dos Egypcianos,
pa seruitē a Deos cō ellias, assi vos deyxá-
do o mūndo leuastes cō vosco as joyas de
sua eloquēcia, pa cō ellias fazerdes a Deos
seruiço. Dissestes tantas couſas, & també
ditas

Compa-
raçāo.

Compa-
raçāo.

ditas, declarastes tão altamente a materia,
que vos metemos ante as mãos, abristes
ta claramente as fontes da verdadeira phi-
losophia, q̄ na acho palauras, cō q̄ vos pos-
sa declarar meu cōceyto: nē creo, q̄ hahi-
tam manho rio de ingêndo, nē tāta copia
& força de eloquencia, q̄ baste p̄ a dizer a
vossa. Estou tā contete cō vos ouuir, & sa-
tisfezme tanto vossa doutrina & sciēcia,
quenão sinto couſa cō q̄o possa cōparar.
Tomara por partido nā me apartar nūca
de vos. Nāo me pesa senā porq̄nūca vos
fiz seruiços cōformes a vossos merecimē-
tos, & meus desejos. Mas se no q̄ desfale-
ce nas obras, se recebe por preço a vontade,
a minha hetão certa p̄ o q̄ vos cōprir,
que a ninguē darey auantagē nos dese-
jos da bōa amizade, ainda que a muytos
nos effeytos delles. Pesame, disse o Phi-
losopho, e se acabar tam asinha este dia
porque folgara de estarmos aqui mays.
Mas assoma a humida noyte, & as estrel-
las, q̄ começā apparecer, nos amoestão q̄

H iiii nos

DA VERDADEIRA PHILO.

nos vamos. E virādoſe pa o cōpanheyro
diſſe.ſerá bō iſmos cō o padre, q̄ cō suas
paſauras & doutrina nos leuatá traſſi, aſſi
ſi como homē, q̄ leua apos ſi cachorros ſol-
tos, cō lhe ir láçado pedaços de pão, q̄ vāo
comēdo. Eu, diſſe o ermitão, tenho muy-
to q̄ andar, & q̄ rezar, & he neceſſario par-
tirme, & ir ſó: O q̄ cō ajuda de Deoſpo-
dery fazer, porq̄ he ſaida a lūa, q̄ com ſua
claridade recebida do ſol vē tirādo parte
da eſcuridão da noyte. Os louuores, que
me dais, nē eu os conheço, nem os ha em
mī: mas parece que eſtādo louuado a mī
eſtais debuxando a vos, O bē vē de Deos,
& a elle fe á de attribuir: elle fique cō vo-
ſco, & vos de ſempre a ſua graça. E a vos,
respōdérā elles, cō ferue nella, & vá com
voſco. Aqui feabraqarão todos tres, & fe
despedirão cō ſoydade, & algūas lebran-
ças do tempo paſſado. Porque em ſim
antre os bons amigos ainda que fe perca
a conuerſaçāo, não fe perde o amor.

Fim do dialogo da verdadeira philosophia.

DIA

DIALOGO

DA RELIGIAM: IN-
terlocutores hū Religioso,&
hum peregrino.

CAPITVLO. I.

¶ Do repouso solitario, &
quietação da cella.

NA LOMBARDIA antre Parma & Plazença, se toparão nū caminho dous Portugueses, hū delles frade de S. Ieronymo, outro leygo, homē fidalgo em traïos de romeyro, q̄ logo em sua maneyra parecia homē d'alto sangue. E depoy de se saudarē, & passarē antre si palauras de cortesia, disse o peregrino: Poys nos Deos aqui ajútou, assentemonos ao longo desta fresca ribeyra, debayxo destas sombrias aruores, & estaremos descansando hū pouco, apascétado

H v os

DA RELIGIAM.

os olhos com a vista dos verdes cãpos,& os animos com o contentamēto de algúia bôa & honesta pratica. Assentemos, disse o religioso, que ha grande espaço q̄ caminho cansado assi do corpo como do espirito. A causa da cásyra do corpo, disse, o peregrino, está clara, a do espirito folgaria de saber, se nisso não ha empeditmēto. Eu vola direy, respondeo o religioso, ao menos a principal parte della. Eu ha muyto tēpo que ando distraydo em negocios da ordem, a que fuy mādado per obediencia. Tiue muitos trabalhos em Roma, donde agora venho, onde estaua feyto hū poço, em que os negocios entrauão continuamente a tirar agoa de meu repouso, & abazcolejarme, & pturbar-me, & distrairme. E se algúia hora me queria furtar a mí mesmo, & roubar o coração & pensamento aos negocios, erā tātos sobre mí, que me tomauão com a pressa nas mãos, & atauão mas pera que eu nam podesse fazer o que queria, mas o q̄

ellos

elles querião, que eu quisesse. Verdade he
que per outra parte me trazião estes tra-
balhos algú descanso, quādo me lembra-
ua que os sofria por seruir aos padres, q̄
me lá mandarão, & estimaua eu mays o
gosto, com que os seruia, que o galardão,
que delles por isso esperaua. Mas em fim
os negocios me trazião tão distraydo, q̄
fizerão meus olhos erdeyros de muytas
lagrymas. Foy tempo, em que viui muy-
to contente nū repousso solitario, dado ao
estudo das diuinias letras, estando em Por-
tugal, metido o mays do tempo na cella:
mas por meus peccados vim a tantos tra-
balhos, que parece que desferirão sobre
mim todas as velas: em tanto q̄ mays des-
contente me faz a lembrança do conté-
tamento que tiue, q̄ o descontentamen-
to que tenho. Bem passaria com o tra-
balho, que ganhey, senão fosse a lembran-
ça do descanso, que perdi: porque então
causam insofriuel dor os males presentes
quādo sá acópanhados da memoria dos
bēes

DA RELIGIAM.

beés passados. E por isso me parece a mí
que permitio Deos que os filhos de Israël
indo desterrados de Ierusalem , captiuos
dos Babylonios, leuasssem comsigo os in-
strumentos musicos pera lembrança de
suas passadas alegrias. Conta o Propheta
Psal. 136. nū Psalmo, que indo elles assi captiuos se
assentaráo ao longo dos rios de Babylo-
nia, que sam o Tigres & o Euphrates, e-
stillando suas dores em tanta lagrymas,
que parece que querião fazer dellas ou-
tros rios: & que alli dependuráo os in-
strumétos nos amargosos sanguieiros, sem
quererem cantar, nem tanger, nem in-
strar sinal algú de alegria. Em todo aqülle
Psalmo senão conta que elles leuasssem
de sua terra senão aquelles instrumétos,
que certo parece cousa marauilhosa, por
que pera que os leuauão, senão auiaõ de
vsar delles? Mas parece que o permitio
Deos assi, pera que vendo elles diante de
seus olhos, as violas, arpas, laüdes, & os
outros instrumentos de musica, com que

em

em outro tempo em sua terra se deleytavaõ, se lembrasem pera mõr magoa sua das musicas de Ierusalem, dos serões & contentamentos, festas & alegrias, q̄ por seus peccados perderā: porque a soydosa memoria do prazer dos bēs passados lhe acrescētasse a magoa da tristeza dos males presentes Assi amim pera mayor magoa da inquietação que tenho, se me apresenta ante os olhos a quietação, q̄ tive, cuja soydademe faz muitas vezes desfazer os olhos em lagrymas, coufa em q̄ ella faz experencia de sua dor. E esta he a causa da canseyra de meu espirito, porque me perguntays. Mas prazera a Deos que cedo estes meus trabalhos terão fim, & irey gozar da suauidade do mosteyro, & da doce quietação da cella, tornando em amizade com meus amigos antiguos, quero dizer com os liuros, que não sey, como sou viuo sem elles. Porque assi como a pomba não acharia descanso fora da arca de Noë, assi o religioso não sente repou

DA RELIGIAM.

repouso fora do mosteyro. O ramo da oliueyra, com que a pomba hia contente leuandoo no bico, he a esperança da certa & prepinqua tranquilidade, na qual posta hua alma fica clara, ainda que antes estiuesse escura. Que isto tem a quietaçam a placar o espirito, & a aclarar o entendimento. Assicomodo agoa d'hu tanque, se a mouerdes, & reuoluerdes, fica turua & escura, mas acabado todo o mouimēto, estando ella em paz, & sem se bolir, fica clara & limpa, assi alma distrauida & perturbada está escura & çuja, mas quietádose & repousando, vayse aclarado, até que de todo fica limpa. E assicomodo estādo agoa turua & bazcolejada nā vos vedes nella, mas como está quicta, vos representa logo vossa imagē, assi o desassossego & perturbaçāo na alma faz com q̄ vos nāo vejays nella, mas sua quietação & repouso faz cō q̄ vos esteys nella conhēcendo, & vendo quem sois. De maneyra que a tranquilidade do spirito he como

hū

hum espelho, que vos está pondo ante os
olhos vossa propria imagé. E creo eu q nā
hay lugar, onde se ella melhor alcance &
conserue, quem no recolhimento do mostei-
ro & da cella. Folgo, disse o peregrino, de
vos ouuir isto, porque eu tinha pera mí,
que nos mosteyros auia grádes trabalhos.
Si ha, tornou o religioso, mas como elles
sam sofridos por amor de Christo trazem
comigo suaves contentamentos. E quā-
to os trabalhos sam mayores, tanto mays
fazem aleuātar o espirito a Deos. Assi co-
mo arca de Noë, de que agora falaua, nāo
sómente senão perdeo nas agoas do dilu-
vio, antes quanto ellas mays crescião, tā-
to ella hia mays sobindo, & chegando se
pera o ceo, assi quanto mays & mayores
sam os trabalhos & espirituales exercicios
da religião, tāto mays se vay o animo ale-
uātado & appropinquando a Deos. O pé Compas-
d'hūa parreyra á vista pareceruos ha seco raçao.
& aspero, & se o apalpares com a mão, a-
chalo cysinda muyto mays aspero: mas
se

DA RELIGIAM.

seolhardes bem, vereys na latáda muitas
folhas verdes, bradas, & graciosas, & muy
suaue & excellente fructo: assi a vida da
religiā cà de foraparece aspera, & se a ex-
perimentardes, achalaeys muyto mays
aspera, mas as folhas da doce cōuersaçāo
monastica, & o marauilhoſo fructo dali-
çāo, oraçāo, meditaçāo, contemplaçāo,
obſeruancia, & repouſo ſolitario, excede
ratos as balifas de todos os humanos cō-
tentamentos, que o entendimento dos
homēs do mundo fica muyto áquē de o
poder alcançar. Mas afficomo o pé da
parreyra, ſenão dá fructo, não aprouey-
ta pera nada, auendo muytas aruores, q
caso que não dem fructo, aproueytão pa
muyto, como ſam bordos, pinheyros, ce-
dros, & ſouereyros, que ſeruē de madeyra
pera naos, & edificios, & outras couſas,
affi o religioso, que acerta de ser ocioso,
& diſtraydo, & regido per ſua propria vó-
cade, não aproueyta pera nada, auendo
muytos leygos, que ainda que eſtem com

as mãos pegadas ē seus proprios appetites,
& tenhão dado vassalagem & obediencia
ao mundo, a proueyrão pera defender a
terra aos ímigos, & pera officios mechanicos,
& pera outras cousas. O religioso que
acertar de ser deste toque, terá por aspe-
ros os trabalhos da religião: mas os boos
religiosos tem nos por suaves, porque o
amor de Christo nos trabalhos acha des-
canso, & no meo dos tormentos refrige-
rio. Este he hū dos bēs, que tem a virtude,
trazer cōsigo contentamento. Não que-
ria mōr vingança d'hū mão, que poder
lhe mostrar quanto perde em perder a
Deos: onde cuya da que acha cōtentamē-
to, a hi o perde: porque o vicio traz com-
sigo dor, & não fica delle mais que o arre-
pendimento por despojo. Seneca diz que Seneca.
não ha mōr pena pera os peccadores que
auer peccado. E pelo contrayro não ha
mōr gosto pera o bom que selo. E á ver-
dade elle diz muyta verdade, porque assi
como he grande tristeza pa hū peccador

DA RELIGIAM.

lembralhe que peccou, assi he grande ale-
gria pera hū justo ver que fez o que de-
Sapien.s. uia. No liuro da Sapiencia dizem assi os
maos. Cansados estamos da via da mal-
dade & perdição, andamos per cami-
nhos fragosos & difficultosos. Não hahi
que debater senam que os maos viuem
com grandes descontentamentos, por
que suas proprias consciencias os accu-
sam, & atormentam. E pelo contrayro
de si & dos boōs, dizia sam Paulo escre-
uendo aos Corinthios: Esta he a nossa glo-
ria o testemunho de nossa consciencia.
Esta gloria & gosto espiritual he hū excl-
lente mantimento dos boōs religiosos,
& hū pasto marauilhoso, em que sua al-
ma se deleyta. Mas isto nam acabam de
entender os filhos da vaydade, que em-
pégados & engolfados no mundo bus-
cam sómente os contentamentos do cor-
po, sem fazer caso dos do espirito. Nam
he muyto, disse o peregrino, nam senti-
em muytos dos leygos esse s gostos espi-
rituac's

tituaes, poys hahi algūs religiosos, que
de os nam sentirem, se tornam outra vez
ao mundo, onde calam as virtudes dos
religiosos, & sómente falam em seus de-
feytos, se lhe algūs viram fazer, coufa cō
que além de offendarem a Deos, deshon-
ram a si, & escandalizam os que os ou-
vem. Os olhos desses taes, disse o religio- Compa-
so, sam alambres, que nam colhem das ragam
vidas alheas senão as palhas. E nam he
muyto, porque natural he aos maos ter
hum parecer pera julgar, cō que emen-
dam o alheo, & outro pera fazer, com
que nam sentemo seu.

CAPIT. II.

¶ Em que o religioso estranha aos que se
faem da ordem dizer mal della, &
declara que coufa he reli-
gião, & donde se deriuia.

I ij NA

DA RELIGIAM.



A religião ha muitas & muy grandes uirtudes, que essas, que se saé delia, não queré seguir, nem contar. Nem attentão senão pera algúas venialidades feytas a furto da razão, sem as quaes a vida humana senão passa. Estas contá acrecentandolhe muyto mais, & fizédo das palhas traues, pera escusarem sua apostasia: & elies quanto mays se desculpão, tanto mays se condenão. Mas não he nouo no mundo os maos praguejar dos boos. A incontinéte ama do casto Ioseph, notouho de incontinécia Os soberbos Hebrewos condénauão ao humilde Moyses de soberba. O desfregido Absalão repredia ao bom Rey Dauid de mao regiméto. O maluado Rabsaces viuendo d'enganos accusaua ao desenganado Rey Ezechias de enganador. Mas melhor he por ser bom fer murmurado dos maos, que por ser mao ser odioso aos boos. Os santos Apostolos, & os gloriosos Martyres

Genes 39.

Num. 16.

z. Reg 35.

4. Reg 18.

de

de Christo erão chamados feyticeyros &
peruersos. E per este caminho passou sam
Ieronymo, S. Ioão Chrysostomo & os ou-
tros sanctos, q̄ forão dos maos falsamente
murmurados, & injustamente perseguidos.
Né he de espátar poys a Ch̄r nosso Deos
chamará enganador, Samaritano, feyti-
ceyro. O seruo nā he mayor q̄ o Señor: &
pois murmurará do Senhor, quanto mays
dos seruos. Diz Salamão nos Proverbios
que os que vão pelo caminho direyto, &
leuão a Deos por guia, sam desprezados
dos que caminhão pela via da infamia.
Pera que he mays fēnão q̄ blasfemarão
os maos de nosso Salvador & verdadeyro
Deos. Achou de quem murmurar a mali-
cia humana na bondade diuina pondo
nomes de culpas ás virtudes, affezando os
bēs com cores de males. A lingoa d'hu
praguento he pincel do demonio, & co-
mo diz o Psalmista. Sepulchro aberto he
a sua garganta: com suas lingoas vsam de
enganos, veneno de aspides bichas peço-

Prover. 14

Compa-
raçō.

Psal. 5.

DA RELIGIAM.

nhétas & mortiferas, está em seus beiços,
1. Corin 6. Estes sam os de que diz S. Paulo na pri-
meyra aos Corinthios: Os maldizentes
não possuyram o reyno de Deos. A lin-
goa d'hú maõ té poder pera desenterrar
mortos, & enterrar viuos. E pera que to-
que nas historias humanas: os Ephesios
injuriará cō feas palaurasa Hermodoro,
até o lançaré da cidade, excedédoos elle
a todos na virtude & cōstácia. O mesmo
fizerá os Athenienses a Aristide, & a Cymo-
ne, & a Themistocles, & os Syracusanos a
Hermocrate, & a Dione, & os Romanos
& a Camillo, & a Rutillo, & a Metello. E
nātēdo Catão Vticēse nenhūa cubiça, nē
Hercules nenhūa couardia, cōta Plutar-
Plutarcho cho q̄ notarão a Catão de cubiçoso, & a
Hercules de couardo. Finalmente quasi
todo los varões de grandes & heroicas vir-
tudes sam enuejados & murmurados &
perseguidos, & caso que algūs ponhão os
olhos em suas obras pera as imitar, sam
muytos mays sem comparação os q̄ poe-
nellas

nellas suas lingoas pa as reprēder, & suas
 forças pa as destruir, sem veré q̄ cuidado
 q̄ danā aos outros, danão a si, diz S. Atha-
 nasio q̄ assicom o q̄ toma cō suas mãos
 húa bibera pa a láçar a outro, q̄ o morda,
 primeyro elle fica mordido della, aísi o
 malicioso q̄ quer p̄seguir o justo, primey-
 ro p̄segue a si mesmo, & querédo morder
 a fama alheia mata sua alma ppria, ca não
 ha mordedura de bibera né alpe tá vene-
 nica & peçonhenta como a malicia d' húa
 peruerso. Mas isto não acabão de enten-
 der os quem murmurão da virtude, & atri-
 buem a vicio, & cō falsidades fazem pa-
 recer o bē mal, & dos paos fazem pedras,
 como a fonte d'Alemanha, de que fala Al-
 bertomagno. Esses que dizem mal da re-
 ligião, & sesayrão della, nem sam pera el-
 la, né ella pera elles. Sam como cestos ro-
 tos, que não colhem agoa clara & excellē-
 tedas vidas dos boōs, sen io algūslimos,
 ou palhas d'algūs descuy los, em que os
 homēs algūas vezes cacm, ainda que se-
Athanasio
Alberto.
Compa-
rige-

I iiii jam

DA RELIGIAM.

jam justos. Quereys ver claramente quem sam esses grosadores, olhay o que dizem, atentaylhe pera a practica, ca ella he a q̄ descobre os corações. Sancto Ambrosio diz que pela mōr parte o espelho d'alma resplandece nas palauras. São Ieronymo diz que as palauras que saē per fora, sam final do q̄ está dentro. São Bernardo diz q̄ a nossa boca he porta & seruentia de nosso coraçāo. Socrates diz q̄ qual he o varão, tal he sua practica. Themistocles compara os homēs que não falão a cartas pintadas & enroladas, & praticar a desenrolar. Se quereys saber que debuxos sam os d'hū pāno de Frādespintado, desenrolaylo: quereys saber de que está pintado o coraçāo d'hū homē, praticay com elle. Pera q̄ he mais? Ch̄o nosso Redemptor diz que da abūdancia do coraçāo fala a boca, & que pelas nossas palauras seremos justificados, & condēnados. Bem mostrāo esses, que se saē da religião, & murmurāo della, nas palauras q̄ dizem

dizem, as más entranhias que trazem. O Ezech. L
 Propheta Ezequiel diz, que viu hūs animas, que hião onde os leuaua o espirito, & nem estauão ociosos, nem tornauão pera trás. Se esses, que se saírão da religiā, leuárão o espirito por guia, & se deram aos santos exercícios da ordem, elles forá por diâte, & ná tornará atras: mas tâsto q seguirão seu appetite, & se derão á ociosidade, perderão os gostos do espirito: donde veo andaré descontentes no mosteyro, & enfastiados da māná do ceo desejarem as cebolas do Egypto, até se tornaré ao mundo, contentandose de bayxos cōtentamētos, & perdendo o juyzo, semelhantes á molher de Loth, que caminhado pera o monte, por olhar pera tras se tornou em statua de sal. Que parece q o quis Deus assi, pera que com a memória daquelle sal salgassem & adubassem as ensossas consciencias. Mas elles esquecidos disto saíse da religião, & vê morrer nas māos do mundo, que ainda q pareça

I v que

Genes. 19.

DA RELIGIAM.

Compa-
reig.

que tinhão deyxado quanto ao corpo, ná
tinhão deyxado quanto á vontade. Os
ceruos feridos da erua, caso que vão fo-
gindo do caçador, todavia como leuãas
entranhas o farpão emeruado, vem lhe
morrer nas mãos. Assi os que sam feridos
do amor das coufas do mundo, por mays
que pareça, que se apartão delle, se elles
não lançá de si a seta em eruada, andá, &
andá & p derradeiro vê acabar no mûdo.

Chrysost. Esta côparaçao me lembra q li em Chry-

sostomo, que ameu ver he bem natural.

Bernardo. O glorioſo Bernardo compara a religião
a hū bō estamago, q os boōs mantim etos
conseruaos, & retémos & os peçonhentos
expelleos & arreueſſa os. Bé assi a religião
retém & conserua os boōs religiosos, mas
os maos expelleos, & como a igoarias ve-
nenosas os arreueſſa: porq de tal maney-
ra os apprema, que se faē elles. Assi como
o mar não reté om si os corpos mortos, af-
fi nem a religião aos maos religiosos, &
andá no mûdo como homés arrueſſados

Compa-
reig.

& como corpos mortos, que o mar de si
lançou, perdidos por causa tão perdida,
como he o mundo. Não sey, disse o pere-
grino, qual he a causa porque muitos de-
stes que se saé da ordem sendo nella cria-
dos, & ensinados em virtude, depois que
per cá andão, sam piores que os leygos.
Eu volo direy, respondeo o religioso, A
ago a corrête, se per algú tempo a repre-
sam, depoys quando acha lugar, sae com
mays impetu & em mór quantidade, que
quando vinha per seu curso: assi a maldade
de desses, que na religião nã corría como
antes, estaua represada, sem seus effey-
tos per fora apparecerem, mas tanto que
se saem da ordem, & achão liberdade de
peccar, & effectuar seus antiguos & de-
prauados custumes, sae a maldade em tâ-
ta copia, & có tanta furia & desoluçá que
excede a dos q sempre forá no mundo de-
solutos. Esta nossa espanha vltior está
no Occidete, onde, como yedes, se acaba
aclariade do sol, & começa a escuridão

Compa-
raçio.

da

DA RELIGIAM.

da noite & pelo cōtrayro a India Orital, q
os inuiçõssimos & Christianissimos Reys
de Portugal de gloriafa memoria desco-
britão & ganharão, está no Oriente, on-
de, como Iabeys, nasce o sol, & mostra
mays seu resplendor. De maneyra que se
pode dizer que os Indios habitão no dia,
& nos na noyte, & que em elles se come-
ça a claridade, & em nos a escuridão, por
que la nasce o sol & cā se põe. E sendo isto
assí, elles sam negros, & nos brancos, elles
escuros & nos claros. Desta mesma ma-
neyra sendo a religião em comparaçam
do mundo hū Oriente, & o mundo em
comparaçao della hū Occidente, vêreys
algūs homes entinados na sancta religiā,
que sam na consciencia muy escuros, &
outros no mudo, que sam nella muy cla-
ros. Mas nem por isso os boos religiosos
perdem sua valia. Porque assí como está-
do hū cofre cheo de moedas de fino ou-
ro, ainda que antr'ellas estivesse húa fal-
sa, né por isso as outras pdiā seus quilates
assí

Compa-
raçāo.

assí a religião he hū riquissimo thesouro
de seruos de Deos, de tão preço, q o não
tem, cheo de deuotos & excellentes reli-
giosos, ornados de tão grandes virtudes &
louuores, q por muytos q se delles digão
ainda nelles ha mais, & sendo ella pouoa-
da de tão claros varões não he bem que
percão os boōs por hū mao. E assí como
quando tomays na mão húa grande espiga
de trigo, ainda que de fora não vedes
mays que as praganas, toda uia julgays q
está de dentro cheia de fermosos grāos, as-
si considerada bem a religião, caso que da
fora vejays andar algūs pelo mundo se-
melhantes a praganas, aueys de ter fixo
em vosso conceyto que nesta fructifera
& gloriosa espiga da religião ha excellē-
te fructo, & que está cheia de dentro de tā
marauilhosos grāos, quero dizer, de tão
virtuosos & religiosos varões, que o quo-
mays de seus louuores se disser, he o me-
nos q nelles ha. Está isso tão claro, disse
o peregrino, q querel o cu cōtrariar, seria
querer

DA RELIGIAM.

querer cegar o sol. Mas poys falamos em religião, folgaria de saber a sua definição & derivação. Porq sendo eu moço em tempo que o uso da palmatoria me fazia ter conhecimento das letras latinas ganhadas ao fumo da candea nas longas noytes, me lembra que linos Officios de

- M. Tullio. Marco Tullio, q tratandose d'algua coufa, se auia de começar da definição, pera se enteder o de que se disputaua. E lembrame que dizia alli o meu mestre, q os legicos tinhão isto por regra infallivel, sem embargo que confessauão, que segúdo natureza primeiro era diuidir que definir, pera se evitar a equiuocação, mas q quando definem sem diuidir presupõe a diuisam, ou hetal a coufa, q a não require. Religião, disse, o religioso, tomase de muitas maneyras, primeyramente pola sciencia das coufas diuinias, como refere Plutarcho na vida de Paulo Emilio. Tomase també por temor, como nota Servio sobre Vergilio. E tomase pola religião Christã
- Plutarcho
- Servio.

Christã em cõmũ. E té outras accepções,
de que aqui não tratamos. Sómente fala-
mos da religião, assí como se cõmunm éte
toma, quando por hú homé, que deyxou
o mundo, & se meteo na ordem de S. Iero-
nimo, ou de S. Domingos, ou de S. Fran-
cisco, ou em qualquer outra approuada,
dizemos q̄ se meteo em religião. Essa he,
disse o peregrino, a de que vos pergunto.
Religião ppriam etc, disse o religioso, he
húa virtude moral, mas o estado da reli-
gião, porq̄ pgūtays, he húa modo de viuer
separado que com votos, regra, cõstituy-
ções, pias & ordenadas ceremonias, & bōs
costumes nos ata & liga com Deos, co-
mo com principio sempiterno, pera o ar-
marmos sobretudo, & ao proximo como
a nos mesmos. Daqui se segue que as cou-
sas da religião sam liames, cõ que ella nos
lia com Deos & commosco. E por isso se
chama ella religião, à religādo, como diz
Lactancio Firmiano, que quer dizer atar
& apertar. Esta dcriuaçam segue sancto

Auga

DA RELIGIAM.

August. Augustinho no liuro de vera religione,
Anthon. & S. Anthonino na sua terceyra parte
theologal, onde diz q̄ se deriuia de religá-
do, porq̄ o religioso aléim do commū lia-
me dos preceptos he tambem atado com
o vinculo dos votos. Verdade hc que S.
August. Augustinho no decimo liuro da Cidade
de Deos diz que religião se deriuia de rec-
ligēdo, que quer dizer tornar a escolher,
porque auemos de buscar aquelle, que
pelem peccado perdemos. A quem segue S.
Thomas. Thomas na Secunda secundæ, o qual co-
mo era sanctissimo & doctissimo teue por
costume arrimarse sempre a S. Augusti-
nho lume da igreja, assi nas letras como
nas obras. Desta deriuação se infere que
a religião excita & moue a tirar o amor
das criaturas, que nos impedē o do cria-
dor, & polo no mesmo criador tomādo
por aluo, onde vāo parar as setas de nos-
sas obras, palauras, & pensamentos. De
maneyra que a religião ordena o homē a
Deos, nam assi como em objecto, mas
como

como em fim, & por isso senão chama cl-
la virtude Theologal, mas moral, porque
as virtudes theologaes tem a Deos por
objecto, & as moraes por fim. Outros di-
zem que religião se diz deste verbo relin-
quere, que quer dizer deystrar, & q̄ aquela
cosa se chama religiosa, q̄ por sua san-
tidade he separada das cousas profanas.
Dende os latinos antiguos vierā chamar
lugar religioso aquelle, que por sua difi-
culdade he remoto & apartado da con-
uersação dos homēs. E á verdade parece
isto ser verdade, porque o religioso ha se
de apartar & esconder do mundo, & co-
mo Moyses, pōr pelo rostro hū veo de Exo 3: 4.
clausura & recolhimento, & não se con-
fiar tanto de si, que cuyde que está segu-
ro de si no mundo, antes lhe ha de fugir,
& terse portão imperfeyto, que cuyde, q̄
qualquer cōuersação do mundo lhe pode
é algūa maneira empecer, & q̄ qualquer
torua ção lha pode dar. Porq̄ esta he húa
grāde pfeyçao conhacer sua imperfeiçā.

DA RELIGIAM.

CAPITVLO III.

¶ Do recolhimento, & da verdade,
& da fugida de si mesmo.



Q V I falou o peregrino,
dizendo: Todas esías deri-
uações de religião me pa-
recem muyto bem, mas a
meu geyto essa derradeyra
me satisfaz sobre todas, porq o recolhi-
mēto & apartamēto parece coufa natu-
ral ao religioso, & quam bem lhe elle pa-
rece, tão mal lhe cestá o distrahimēto. Tri-
ste daquelle, disse o religioso, que estando
na ordē não pode viuer é clausura, & no
ençarramento do mosteyro, & vindo a
religião pa se apartar do mūdo, não pode
sofrer viuer apartado delle, & auēdo de
deyxar suas coufas ainda em busca dellas,
buscado manevras pa andar fora do mo-
steyro, & estando nelle com o corpo cestá
cō a vōtade no mūdo, empregrando seu
amor em coufa tão sem elle. Mal imitāo
estes a S.Ierony mo, q dizia, q a pouoaçā

Hierony.

Ihc

lhe parccia carcere, & o solitario apartamento parayso. Mõge quer dizer solitario & apartado da secular cõuersaçao. A isto alludia S .Ieronymo, quâdo escreuêdo a Hierony.
 Heliodoro dizia: Se es monge, q fazes na cidade? Scto Anthão dizia, q assicomo a Anthom. substâcia humida dá nutrimêto aos peyxes, assi a vida solitaria dá ornamêto aos religiosos, & q assicomo os speyxes sayndo em terra se corrompem, assi a gloria dos monges chegâdo áscidades se perde. Isto me lembra q li em Cassiodoro na sua hi- Cassiodo.
 storia tripartita. Antiocho autor Grego Antiocho, antiquo diz, q assicomo as abelhas juntas & encerradas na colmea fazem seus do- Compa-
 ces fauos, & nam andando fora della es- raçao.
 palhadas, assi os religiosos dentro em seu mosteyro, & não apartados pelas cidades pduzê o doce fructoda religiã. Por quêtc que esté no inuerno húa estufa, se lhe abrirem as portas ao ar, logo se esfriará. Quero dizer, q por feruete no amordecos q seja o religioso em seu principio,

K ij se;

DA RELIGIAM.

se elle abrir as portas da vontade aos vê-
tos do mundo, & seus negocios, & tem-
pestades, de tal maneyra se esfriará, que
nem gosto da lição, nem da oração, nem
da contemplação, nem dos outros exer-
cicios do mosteyro, senão dos negocios do
mundo, q̄ he bē triste gosto, & bem differé-
te dos que tem os que se dão ao repouso
solitario. As imagés grádes quanto mays
ao perto as vedes, tanto menos perfeytas
parecem, querem se vistas ao longe, porq̄
então parecem mays naturaes, tão viuas
no parecer como mortas nos menos.
Da mesma maneyra os religiosos não se
hão de deyxar ver & conuersar ao perto,
mas longe do mundo, apartados da secu-
lar cōuersaçā se hão de deyxar ver & co-
nhecer, mays per fama de religião, q̄ per
familiaridade do mundo. Isto sentia bem
sam Paulo primeyro ermitão, S. Anthão,
S. Hilarião, S. Ieronymo, S. Basilio, S. Ber-
nardo, & os outros sanctos gloriafos, que
tomarão vida solitaria & recolhida, pro-
fun

fundos na humildade, altos na contemplação, lembrados de Deos, esquecidos do mundo, frios no amor da terra, abrasados no amor do ceo, mortos á carne, vivos ao spirito: os quaes fizerão tão aspera & espantosa penitécia, que os membros desemparados da força do corpo se sustentauão no esforço do spirito, & quando de fracos não podião catar, & láçar a voz & oração, ao alto Deos, soava aquelle musico instrumento, aquella arpa sonora & suauissima de seu coração, q̄ ainda que senão ouça dos mortaes, soa altamente ante Deos. E pera que tomemos a causa mays de lóge, dizeyme Elias, & Eliseu, & os filhos dos Prophetas, & S. Ioão Baptista, & outros diuinos varões, que se farião aos ermos, que fazião senão ensinar nos, quanto nos conuem o apartamento: Si, disse o peregrino, mas todauiia esses mesmos tornauão a pouoado. E sam Ioão veo do deserto a Ierusalem a pregar na corte del Rey Herodes, Isto, disse o reli-

K iij gio

DA RELIGIAM.

gioso, he verdade, porque quando a charidade o requere, licito he aos religiosos pregar nascidades, & nos paços dos principes. Nē digo eu que não fayão nūca os religiosos de casa, mas que não fayão a negocios desnecessarios. Porq se elles sam necessarios & importantes, & que redúdāo em seruiço de Deos, então deuem cō deuida obediencia fayr a fazelos, & nem por isso perdem sua religião. Porq assí como o sol ainda q mude os signos, & corra todo o zodiaco, não por isso deyxa dc resplandecer, & allumiar aos mortaes, assí o bom religioso mudando diuersos lugares, & correndo muytas partes, em todas mostra sua virtude, & respládece cō suareligião. Assí o fez S.Ioão Baptista, q mudando os lugares não mudou a vida, & tão sancto era em Ierusalem no paço de Herodes, como fora no deserto de Palestina. Foy muito, disse o peregrino, falar S.Ioão tão solto a el Rey Herodes, & dizerlhe a verdade tão liuremente. A verdade, disse

Compa-
raçāo.

o religioso, he tão liure & isenta nos ho-
més de bō espirito, q̄ onde se lhe apresen-
tão mores temores, ahi tem mōr ou sadia,
& onde lhe fazem mays força, ahi mays se
esforça. Verdade he q̄ hahi verdades, que
senão hão de dizer: & hay outras, q̄ caso
que he bem que se digão, querē se ellaz co-
zidas, porq̄ húa verdade crua não ha esta-
mago de em a q̄ a esmoa. Húa galinha he
bōa igoria, mas quer se assada ou cozida,
porq̄ crua não ha quem a digista, né quē
a possa comer: Assi a verdade he igoaria
marauilhosa, mas quer se cozida & tem-
perada pera cōfortar o estamago d'alma
& não escádalizar. Bé que hahi peccados
tão crus, que he necessario que a verda-
de se diga crua, & que o pregador a di-
ga sem receio, como fez sam Ioão, de que
falamos, com Herodes, pelo qual elle
omatou. Este foy o bispado que el Rey
deu a seu pregador, matalo porque lhe
falou verdade. He coufa marauilhosa
húa dona tam bella como a verdade

Compa-
raç̄im.

Matth. 14.

Marc. 6.

K iiiij paris

DA RELIGIAM.

parir hū filho tão feo como o odio. Mas
soldemos o fio á pratica que cortastes cō
vossa pergunta. São Ioão ainda que pre-
gou no paço, todavia criouse no deserto.
Aquella foy a academia & eschola, onde
aprendeo. O deserto he como arrebalde
do ceo , onde Deos leua os seus muyto
amados, pera lhe fazer grandes merces.
Oce. 2. Falando elle pelo Propheta Osca na al-
ma deuota diz: Leualaey a lugares solita-
rios, & alli lhe falarei ao coraçā. Estes esco-
lherão os sanctos pera nos ensinarem o
proueyto, que traz comigo o apartame-
to, em especial ao religioso, q̄ ha de dey-
xar o mundo com seus contentamētos.
Exod. 12. Vindo os filhos de Israël do Egypto, diz
a sagrada escriptura, que sayrão todos de
Ramasses, que era húa cidade de ladrilho
quasi nos termos do Egypto. Bem pode-
ra a escriptura contar esta sayda do Egyp-
to sem fazer menção de Ramasses, mas
dizer que pera caminharem pelo deser-
to pera a terra de promissam, auião de

deyxar

deyxar totalmente a esta cidade de terra,
não carece de mysterio. Ramasses, como
diz S. Ieronymo no tratado das mansões
dos filhos de Israël, quer dizer trouão de Hieronym.
côtētamēto. Que he isto? Que nos queré
niſte as diuinias letras significar? Senão q
os religiosos, que deyxão Egypto, que hc
o mundo, hão tambem de deyxar seus
contentamētos, & hão de caminhar pera
a verdadeyra terra de promissam, que hc
a gloria, pelo deserto, & vida solitaria, &
recolhimento da religião? E poys buscão
contentamentos do ceo, hão de deixar os
da terra, porque os do ceo sam tão lógos,
que ja nunca se hão de acabar, & os do
mundo tão breues, que os compara aqui
a ecriptura a toruão, que logo passa. Em
dizer que esta cidade do Egypto era de
terra & de taypa, & não de pedra & cal,
nota abaixeza, vileza, & incerteza do cō-
tentamento do mundo, & em dizer que
se chamaua toruão de contentamēto si-
gnifica sua inconstancia & pouca dura.

K v Poys

DA RELIGIAM.

Poys este cōtentamēto do mūdo tão incerto & tão breue ha o religioso de dey-xar, & morrer a elle enterrandose na reli-giā, viuēdo nella sepultado ao mūdo. Isto

2. Corin. 6.

he o q̄ dizia S. Paulonaij. aos Corinthios,

Sejamos como mortos, sendo nos viuos.

Coloss. 3.

E aos Colossenses: Mortos sois, & vossa vi-

da escōdida he cō Ch̄o em Deos. Estádo
hū homē pera morrer faz seu testamēto,

& testamēteyros, & appropinquandose a
morte perde o calor natural, & o uso dos

sentidos, de maneira que nē ve, nē ouue,
nem fala até que morre, que perde total-

mente o mouimēto, de maneyra q̄ pera
ser mouido ha de ser per outrē & não per

si. Então o emborilhão & amortallhão, &
finalmente o sepultão. Desta mesma ma-

neyra se ha de auer o que vē tomar o ha-
bito á religião: primcyramente ha de fa-

zer seu testamento, encomendando sua
alma a Deos, & o corpo aos trabalhos, &

repartindo suas riquezas sem appropriar
nada pera si, fazendo testamenteyros a

seus

seus prelados, entregando sua vontade
á delles mesmos. E logo ha de perder o
calor natural, quero dizer, o amor do
mundo, & nem ha de ver, nem ouuir, nô
falar coufa, que lhe empida o amor de
Deos. E tanto que fizer profissam ha de
ficar morto ao mundo, & ja senão ha de
mouer per sua vontade, senão pela de seu
prelado, & ha de ser amortalhado nô ha-
bito, & finalmête escôdido no mosteyro
como em sua propria sepultura. E viuen-
do desta maneyra he morto & viuo, & vi-
uendo em si não ha coufa tão longe del-
le como elle. Isto, disse o peregrino, folga-
ria eu de entêder. Porq como he possiucl,
que viuendo hû homê em si viua lôge de
si? Eu volo direy, respondeo o religioso.
Em mî ha dous eus. E isto ha em todos os
homês, hû segundo a carne, outro segun- Coloss. 3. 4.
do o espirito. Ao primeyro chama S. Pau Roma. 6.
lo homê velho, ao outro homê nouo. O
homê velho trazemos de Adâ, & do vêtre
de nossa mây saymos com peccado, q̄ he a
for

DA RELIGIAM.

forte que nos cabe, por sermos da linha-
gem dos primeyros padres transgressores
do diuino perceyto. E no homē nouo so-
mos renouados per Christo, do qual te-
mos a graça, por sermos regerados & re-
midos com seu precioso sangue. Porque
assí como o senão foramos gerados de Adá,
nam nasceramos injustos, assí se nam fo-
ramos regerados per Christo, nam fo-
ramos justificados. E este homem vo-
lho, que he segundo a carne, auemos de
despir, & despidir, & desterrar de nos, &
ficar no nouo, que he segundo o espirito,
para que assí deyxemos de ser quē fomos,
& viuendo em nos segundo o espirito, vi-
uamos longe daquelle nos, que he segú-
do a carne, & possamos dizer cō o diuino
Paulo: Viuo eu, ja não eu, mas viue Chri-
sto em mí. Aquelle mesmo homē inflam-
mado no amordo alto Deos viuia longe
daquelle si mesmo, que em outro tem-
po perseguiua os Christãos. Embebeo-
tanto no amor de Christo, q̄ sc crucificou

Galat. 2.

Galat. 6.

ao mundo, & o mundo a elle, & abrasado naquellas bem auenturadas chamas da diuina charidade, como aue Fenix morreu ao mundo, & ficou gerado outro Pau-lo per Christo. Morre o em vida, ajuntou a lenha de seus pensamentos, & accendeose h̄u fogo como aquelle, de que dizia o Prophet: Em minha meditação arde-
rá o fogo. Alli naquelle fogo se esteue de-
batendo com asas da consiração de quē
fora, & quam cego andara no tempo em
que elle affeyçoadó a seu erto corría tras
elle a redea solta pſeguindo os Christãos.
E desta cōsideraçā nascia outra das mer-
ces, que de Christo tinha recebido, que o
fazia esquecerse de si, & o soruia nas lē-
branças do mesmo Christo. E abrasa-
do em h̄u diuino amor & ardente desejo
queymou as pēnas velhas dos peccados,
& desfez o q̄ fora, & na cinza do despre-
zo de si se gerou aquelle bicho de humil-
dade, ao qual nascerão grandes pēnas de
charidade & amorosos desejos, & de to-
das

DA RELIGIAM.

das as vittudes. E alcuantouse em conté-
plaçam , & foy arrebatado marauilhosamente,& veo a voar tão alto, que chegou ao terceiro ceo, & ouvio segredos, que como elle diz, não he licito ao homē per pa-
z.Corf.12. lauras explicalos. Finalmente morreo a Fenix velha do pseguidor dos Christãos, & leuantouse & resurgio outra aue Fenix vnica, nomeada em todo o mundo. Por que aue Fenix he húa só no mudo , segú-
do dizé. De perseguidor alcuantouse hú Apostolo, & vaso escolhido,vnico na cō-
uetam,vnico no amor,vnico nos traba-
lhos,vnico,no sofrimēto,vnico na sabe-
doria & doutrina,vnica Fenix na alta cō-
templaçam,vnico espelho de pecadores pseguidores de Ch̄o,em q̄ resplandece a diuina misericordia. Finalmēte ficou tal,
Chrysost. que diz Chrysostomo, que o seu coraçam
era mays alto que os ceos, mays largo q̄
todo o vniuerso, mays resplandecente q̄
o sol mays feruente que o fogo, mays fir-
me que o diamante. Vedes logo aqui co-
mo

mo nām repunha viuermos em nos scim
nos. Antes he necessario lançar de nos a
carne, & viver segundo o spírito. Isto he
o que dizem as diuinias letras no Eccle-
siastico. Nam vas tras tuas concupiscen-
cias, & apartate da tua vontade de E sam
Paulo aos Romanos: Vestiuos do Se-
nhor I E S V Christo, & o cuydado da ^{Roma.13.}
carne nāo o façays em vossos desejos. E
aos Ephesios: Deyxayuos segūdo a vossa ^{Ephes.4.}
velha & antigua conuersaçam, ponde a
hum cabo o homem, que se corrompe se-
gundo os desejos errados, & sede renoua-
dos no spírito da vossa mētc, & vesti o no-
vo homem, que segundo Deos he criado
em justiça, & sanctidade da verdade. E
finalmente isto he o que nos ensinou a-
quelle celestial mestre Ch̄o nosso Deos,
dizendo: Quem me quiser seguir, negue ^{Matt.16.}
a si mesmo, & tome sua Cruz, & siga-
me. Trescoufas diz aqui Chристо, aos que ^{Luc.9.}
quiserem yr tras elle. A primeyra que
scham de negar a si mesmos: A segunda
que

DA RELIGIAM.

que hão de tomar cada hū sua Cruz, a ter.
ceyra que deyxandose a si hão de seguir
Hierony. a elle. Diz S.Ieronymo que aquelle ne-
ga a si mesmo, que deyxa o homē velho
com suas obras, & pode dizer cō verdade:
Viuo eu, ja não eu, mas viue Ch̄o em mí.
Então nos negamos a nos mesmos, quá-
do batendo o mundo á porta de nosso co-
raçā tētando nos cō suas falsas esperāças,
& o diabo cō seus éganos, & a carne com
suas pestiferas deleytações, nos negamos,
dizēdo q̄ nā somos os q̄ el les buscā, que ja
alli nā viue quē elles cuidão. Isto he o q̄
Hierony. quis significar S.Ieronymo nos commē-
tarios sobre a Epistola ad Titum, quan-
do disse que tātas vczes nos negauamos,
quantaspisauamos com os pés os vicios
antiguos, deyxando de ser o que fomos,
& começando a ser quem deuiamos de
ser: Não he outra couſa negarse hū homē
a si, senão sopear & abater o corpo, trazer
arrecadado o pensamēto, resistir a todo
o mao appetite, morrer á carne & guiar

e pelo norte do espirito , & finalmente
desterrar de si a si, pera que viua Christo
nelle. Isto estaua figurado no testaméto
velho sombra & figurado nouo, onde e-
stá escripto, que teue Abraham dous fi- Genes. 16.
lhos, hū chamado Ismaël filho de Agar cri- Genes. 21.
da sua, outro chamado Isaac de Sara sua
propria molher. O filho da serua nasceo
segúdo o humano custume , & o da liure
segundo a diuina repromissam. A hū cha-
ma S. Paulo segundo a carne, ao outro se- Galat 4.
gúdo o espirito. E dizem as diuinas letras
no Genesis que vendo Sara que o filho de
Agar brincaua com seu filho Isaac, disse a
Abrahā , que o lançasse fora de casa. O q
Abraham tomou duramente. Mas disse
lhe Deos que fizesse o que lhe dizia Sara,
E não curando elle de se por ás chaças cō
Deos, láçou fora de casa seu filho Ismaël,
que andou desterrado em risco de se per-
der. Per Ismaël se entende a carne , p Isaac
a alma : Sara q na lingoagē hebrea quer
dizer Princesa, he a razão, que esta he a q

L todos

DA RELIGIAM.

ha de dominar, & a q todos os sentidos
hão de obedecer. Em os sentidos ouuin-
do a cāpaynha da razão hão logo de acu-
dir promptos a todo o seruiço. Agastar se
Sara de ver Ismaël brincar cō Isaache nā
sofrer a razão, que a carne faça mimos &
afagosa alma, representādolhe lisongey-
ras esperanças, falsos contentamētos, &
doces enganos. Mandar Deos a Abrahā
que descerre & lāce fora a Ismaël, & que
obedeça a Sara, he dizernos q lancemos
& apartemos de nos nossa carne, & que
viuāmos segūdo o espirito, & obedeça-
mos á razão. Donde veo a dizer S. Paulo
escrivendo aos Romanos: Os que sam em
a carne, nāo podem contentar a Deos. E
Roma.8. logo mays abayxo: Se viuerdes segundo
a carne, morrereis. Donde se colhe clara-
mēte q nos vay a vida em viuermos sem
nos, & q viuendo em nos nāo viuemos,
porque a tal vida da carne he morte d'al-
ma. E dos que desta maneyra viu iam di-
Math.8. zia Christo nosso redemptor. Deyxay os
mortos

mortos enterrar seus mortos. E a morte
dos taes procede da carne, q tanto perse-
gue a alma, que a mata pelo consentimē-
to do peccado mortal. Esta he a causa, por
que diz S. Paulo na Epistola aos Galatas, Galat. 4:
que Ismaël perseguiua a Isaac. Isto, disse o
peregrino, folgaria eu padre que me de-
clarasseys. Seno Genesis, onde se conta a Genes. 21:
historia, não diz que Ismaël perseguiua a
Isaac, senam que zombaua, ou brinca-
ua com elle, como vos agora dizieys, co-
mo diz sam Paulo que o perseguiua?
Que cousa he esta, a brincos chama o
Apostolo perseguições? Si, respondeo o
religioso, Nam ha mōr perseguiçam no
mūdo q ajsque a carne faz a alma. Aquel-
les mimos & afagos, cō que a carne a mi-
ma & grangea a alma, pera que consinta
no peccado, aquellas enganosas deleyta-
ções, que lhe representa, aquellas teas, q
lhe anda vrdindo de falsas esperança, a-
quelles fios de vāos pensamētos tão lon-
gos, & tão asinhas cortados, & dados ante-

DA RELIGIAM.

tempo aos agudos fios da morte, aquellas promessas tam brandas & tam falsas das prosperidades do mundo, que sam se não teribeys perseguyções Esta he a causa, porque dizendo o liuro do Genesis q Ismaël afagaua a Isaac, diz S. Paulo que o perseguiua. Porque á verdade aquella se pode chamar verdadeyra perseguiçam, que cuberta com apparéncias de alegrias temporaes leua a alma a tormétos eternos , apagando o juyzo pera nam ver seus males, & accendendo o appetite, pera nam pagar os direytos á razam.

CAPITVLO IIII.

¶ Dos dous sentidos da sagrada escratura, & da perfeyção, que he a fim da religiam.



M estremo folgou o peregrino de ouuir a explanação da figura, por lhe faltar o entendimento, que estava faminto & desejoso de entender

enteder, & pondo os olhos no religioso,
disse: Satisfizme tanto a exposição dessa
figura, & descubrio ella tam claramente
o proueyto da fugida de si mesmo, q̄ me
moueo a desejar de achar caminho pera
fugir de mim. Crede que húa das cousas,
que mays deleytam o espirito he tratar
cousas da sagrada escriptura. Quādo co-
meçastes a cōtar a historia, pareciam-me
as palauras conchas de ostras, mas como
as começastes a abrir, vias dentro cheas de
perolas mays preciosas q̄ as nossas orien-
taes. A sagrada escriptura, disse o religio-
so, além do sentido literal tem outro spi-
ritual. Refere Eusebio na historia escho- Eusebio.
lastica, q̄ diziam os antiguos, q̄ era a escri-
ptura hū animal, cuja letra era o corpo, &
o espirito a alma. Diz Origenes que assi Origenes.
como andando Christo na terra, muytos
viam sua humanidade, mas poucos co-
nheciā sua diuindade, assi estando ante
nos a diuina escriptura, muytos lhe vem
aletra, mas poucos o espirito. Diz Theodo- Theodosio.

L iij doro

DA RELIGIAM.

doreto que assí como as pedras preciosas quando as achão, estão per cima cubertas de bayxa & vil materia, aqual os mestres & artificiosos lapidarios lhe tiram, assi a doutrina da sagrada escriptura debayxo de palauras pouco polidas tē ricos & preciosos mysterios. As palauras de cima dizem q Ismaël he hū filho de Abrahā, mas hū dos sentidos alegoricos diz q he a carne. Este he o homē velho, isto he o q temos de Adā. Aquelle mortifero bocado, que Eua o cōuidou foy principio de nos sas desauéturas. Dōde os mininos ē nascēdo nūs como em naufragio saē tremendo & chorando, parece que polo peccado de Adā. E na boca, p onde Adam peccou, trazé elles o final do peccado, q he o choro, como prenúcio dos trabalhos, que depoys em todo o discurso de sua vida ham de passar. Porq como diz S. Augustinho, as lagrymas dos mininos são claros sinaes da miseria de noſſa vida. Assí como húa ribeyra, que nasce no pínaculo d'húa alta

ſerra

August.

Compa-
raçāo.

ferra perto do mar, & logo fazendo rugido, & vêdecendo pelos arrecifes batendo nas duras rochas, & fazendo húrouco tó com os quebrados de suas agoas a maneira de quem vem chorando, até se vir meter no mar, onde vão parar todos os rios, assi nos como nascemos começamos a lamentar, & assi vimos todos os dias de nossa vida chorado & gemendo, & queixandonos, dando cõ nosco hora nú, hora n'outro trabalho, até q em fim imos dar cõ nosco no mar da morte, onde os rios de nossas vidas assi grandes como pequenos se vão acabar & cõsumir. E acabada a vida imos dar conta a aquele justo juiz & alto Deos, do qual somos segudo nossas obras julgados, & postos no lugar de nossos merecimentos, hús no parayso, outros no inferno, ontros no purgatorio, a fora os mininos que morrem sómente com peccado original, questes vão ao lugar pera elles constituydo. E aquellos que nesta vida se apartaram do mundo &

DA RELIGIAM.

de si mesmos & tomadas suas Cruzes seguiram a Christo , recebem por breues trabalhos eternos descãos . E pera se isto melhor poder fazer se fizerão as religiões , que sam como certos atalhos pera a vida eterna , per mão daquelle alto Deos ordenados , que em nenhúa cousa teue desordem . Qual he , perguntou o peregrino , a fim da religiam ? A fim , respondeo o religioso , pera q̄ ella foy ordenada , he a perfeyçam .

Anthon. Assi o diz S. Anthonino na terceyra parte , onde vay seguindo a doutrina

Thomas. na de S. Thomas . E esta perfeyção consiste em alcançar a perfeyta charidade se

Coloss. 3. gundo aquillo do Apostolo aos Colossenses : Sobre todas as couisas tende charidade , que he o liame da perfeição . Esta charidade lia & vne com Christo : & o que a tem he feyto hū espirito com elle . Isto he

1. Corin. o que diz S. Paulo : Aquelle que está vni-
do com Deos , he hū espirito com elle . O amor tem virtude vnitiva & transforma-
Augusti tiva . Sancto Augustinho diz q̄ alma mays
está

está onde alma, que onde anima. São Dionysio diz que o amor transforma o amante no amado: & como a charidade he amor, vne & transforma, & faz sobir tam alto o amante, que o leua ao ceo, onde está couuersando com os Anjos feyto hū espirito com Deos. Sam Gregorio usa, pera explicar isto, desta comparaçam: Agoa que vem d'alto, sobetanto que chega ao ^{raçam} lugar, donde desce, se está vnida na fonte: por q̄ se fizerdes buracos à fonte, derra marscha a goa, & nam subirá acima. Assi se nossa alma está vnida cõigo, sobe tanto pera cima, que chega ao eeo, que he a sua patria: mas fazeylh̄ hū buraco pera as riquezas, outro pera as honras, outro pera os falsos contentamentos do mundo, derramar se ha alma, & nam subirá: mas ajuntandose & vnindose sobe tam alto, q̄ traspassando as nuuēs se vay ao ceo, ficando quanto a sua essênci a ē terra. Isto he o que dizia o Real Propheta: La estauão os ^{Psal. 122.} nossos pés nas tuas moradas ó celestial

DA RELIGIAM.

Ierusalē. Os pés d'alma sām as affeyçōes
cō as quaes ella anda como o corpo cō
os pés, sem se mouer per si localmēte. Isto
Philipp.3. he o que dizia S. Paulo aos Philippenses: A
nossa conuictaçāo he nos ceos. Isto dizia
elle, porque os justos estão liados cō Deos
per amor & charidade. E como a perfey-
çāo da criatura seja estar vniida cō o cria-
dor, & esta vnião seja effeito da perfeyta
charidade seguese que quem alcáçar esta
charidade, alcáçará a perfeyçāo. Mas esta
perfeyçāo, que se alcaça nesta vida, he de
duas maneiras, hūa menor, outra mayor:
A menor he quādo o homē exclude & nā
admitte cosa cōtrayra á charidade, q̄ he
o peccado mortal: a mayor he quādo o ho-
mē se aplica todo a darse a Deos, & nam
sómēte nāo comete peccado mortal, mas
deixa as coisas humanas polas diuinias,
& se entrega a Deos em holocausto &
perpetuo sacrificio. E a esta mayor per-
feyçām he ordenada a religiam como a
fim. E c̄sta he a que deuenem buscar, &
traba

trabalhar por alcançar os religiosos, poys
pera isso forão as religiões constituydas.
Porque Deos inspirou aos sanctos que fi-
zessem regras, & estatutos, & clausuras,
onde os religiosos separados dos incôue-
nientes do mundo guardassein a vida Euā-
gelica gastando o tempo nos louuores de
Deos, rezando & cátando os diuinios of-
ficios, supprimindo & sopeando os appe-
tites com vigilias, abstinēcias, liçōes, me-
ditações, disciplinas, & outros spirituaes
& corporaes trabalhos & exercicios & o-
bras de misericordia, empregādo nisto o
cabedal de suas obrigações. E daqui vem
que os religiosos, como diz S. Bernardo,
Bernard.
caē mays raramēte, & aleuātan semays li-
geyramente, andam mays cautos, viuem
mays quietos, sam de Deos mays fauore-
cidos, morrem com mays confiança, &
sam remunerados com mayor gloria. Os
leygos virtuosos dam a Deos a fructa da
sua aruore, mas os boōs religiosos não só-
mēte lhe dão o fructo, mas toda a aruore,
por

DA RELIGIAM.

porque pelos votos que fazé, se dain todos a si mesmos a elle. E esta he a causa, como diz S. Anselmo, porq he mays meritaria a bōa obra do que he obrigado p voto, que daquelle que he sem a tal obri gaçam: porque o hū dá a Deos a fructa ficandolhe a aruore, o outro a fructa & aruore. E desta maneyra fazé os religiosos sua vontade em a nam fazerē, somtendose ao prelado, & offerecendose a Deos em holocausto quero dizer, em total sacrificio. E assicom o holocausto era todo queymado, assi o verdadeyro religioso ha de ser abrasado naquella viua chama do diuino amor, que cōsume toda a terreal bayxeza, de maneyra q separado do corpo, alienado de si mesmo, esté mays em Deos que em si, pera que como verdadeyro amante seja no amado embebido & trāformado. Assicom o espeílo d'aço posto aos respládecentes rayos dosol, nam sómente fica resplandecente mas ainda lança de si os mesmos rayos seme

Anselmo.

Compa-
ção.

semelhante ao sol, & transformado neli-
le, assi o verdadeyro religioso estando a-
mando & contemplando a Deos, está re-
cebendo os rayos do diuino resplendor,
& allumiada sua alma está allumiando,
& lançando de si estes rayos, transforma-
da na mesma imágē d'húa claridade grá-
denoutra mayor. E assi estando amando
& contemplando a Deos se está fazen-
do diuina, transferindose no modo & imi-
taçam da diuina natureza. Assi interpre-
ta Theophilacto depois de Chrysostomo Theophili
aquelle lugar de S. Panlo na secunda aos
Corinthios. Nostodos descuberta a face 2. Corin.
especulando a gloria do Senhor na mes-
ma imágem somos transformados de cla-
ridade em claridade. Este modo de vida
he o a que communmente chamamos
religião, que consiste em datse a Deos &
apartarse do mundo, & de si mesmo. Dó-
de parece bôa a sentença dos que dizem
que se deriuia religião de relinquendo, q
quer dizer deyxar ou apartar. E de tal
maney

maneira hão os religioso de deyxar o mundo, & apartarse delle, & fugir lhe, q nem delle nem de suas cousas queyrão algúia. Conta a sagrada escriptura, que vendose o bom Iacob m uytas vezes enganado de Labam, & que quanto mays o seruia, tanto pior o tratava, pagando lhe com ingratidão & injurias obras merecedoras de galardão, lhe fogio pera a terra de promis sam, trazendo cōsigo todo seu fato & fazeda. Tanto que o Labam disto foy sabor, foy apos elle, & o alcançou no mōte Galaad, onde lhe reuoluco seu fato sem achar cousa nenhūa sua. E alli fizerão hū cōrrato q nē Iacob queria nada de Labá, nē Labam de Iacob. E poserão nome a quelle monte Galaad, q quer dizer monte de testimunho. Diz S. Ieronymo, aqué segue Pagnino, q Labam quer dizer bráculo. E Philo Hebreo diz que quer dizer cór. Como quer que seja, elle não quer dizer cousa solida, & firme, & substancial, mas a cór da cousa. Quē h̄c este Labam,

cōr

este enganador, traydor, ingrato, que tantas vezes enganou a Iacob? Quem he este maio, que não tem do bem senão a cor, q não te causa firme, & maciça senão sombras & apparencias? Quem he este senão o mundo: Poys vemos seus enganos & seus males, & que não cura nossos grádes descontentamentos senão com algúis descontos de breues alegrias, & estas cõuer-te-as em tão desesperadas tristezas, que a esperança que nos falta pera sermos alegres, nos sobeja pera sempre sermos tristes, não o situamos, né lhe obedecamos, mas tomemos todo o nosso fato, todos nossos pensamentos, entrouxemos tudo no carro da memoria, & fujamos do mundo, não tenhamos com elle comprimento algú, vamônos sem nos despedir dele, fujamos lhe caminho da terra de promissam, que he a vida eterna, fujamos de Labay, deste enganador & perseguidor dos bons, & subamos ao monte Galaad. Mas que monte he este, onde facolhei o bom

DA RELIGIAM.

o bom Iacob, onde aüemos com elle de subir, senão à religião monte alto de virtudes? Mas os que aqui estiueré, não cuydem q̄ estão seguros, porq̄ aqui os ha de vir buscar Labam, aqui ha de vir dar com elle tentandoos & perseguindoos, a hūs com representações de cōtentamentos, a outros de honras, a outros doutras couſas. Ao coraçam do religioso por humilde & virtuoso que seja, quando vagão os officios & prelazias, lhe tocam algūa hora áarma os pensamētos vāos, mas sempre acudir logo com a razam, & desprezar tudo, & fugir detaes pensamentos como de couſas de Labam, pera que quando nos quiser saltar, & dar com nosco estādo nos em Galaad, nam conſreça em nossas couſas nenhūa sua. Bé auenturado he aquelle, em cuja conſciencia nam ha couſa do mundo, em cuja casa, em cujo coração nam acha Labā alfaya sua. Que couſa he religião senão hū mōte Galaad, hū mōte de testimunho, hū mōte que testifi

testifica que nem Labá quer nada de Iacob, nem Iacob de Labá: querer dizer que nem o religioso quer nada do mundo, nem o mundo do religioso. O glorioso monte, ó maravilhoso cōuto, onde se faz o contrato & concerto, que nem Iacob quer ter cōta com o mundo, nem o mundo com elle, onde o religioso professa & testimunha que deyxa nam sómente o mundo, mas a si, & que caminha pera a terra de promissām, pera o cco, pera o bāquete dos anjos, pera a soberana Ierusalēm, pera aquellas glorioſas & bem auenturadas moradas que ja nunca terão fim. Os que andão no mundo andão no corre em perigo, mas o religioso está sobre o firme paláque, como homé que da terra está vendo a tempestade & naufragio do mar. Verdade he q̄ se acertão de quebrar as cordas do palanque, cae o que estava nelle acolhido: assi se os votos se quebrarem, dá o triste dō monge desauenturada queda. Mas em fim a religião he o firme

M palan

DA RELIGIAM.

palanque & o alto mōte Galaad. Verdade
he que per may s que hū homem deyxer a
cōuersaçāo do mundo, & fuja a todo cor-
rer de Labā, não subirá ao cume do mō-
te Galaad, senão arder em fogo: quero di-
zer, que não alcançará a perfcição da re-
ligião, senão tiver a perfeyta charidade.
Fingirão os antiguos escriptores húa ser-
pente chaimada hydra de muytas cabe-
ças, de tal natureza que cortandolhe húa
jhe nasciāo por ella muytas, & que nam
auia outro remedio peralhas tirar de to-
do senão queymalas, porque o fogo lhas
não deixauā crescer. E fingirão q o famo-
so Hercules cō fogo a matara, pela qual
causa elle mereceo perpetua memoria.
Isto he o q elles escreuerão: não pera nos
crermos que isto realmente assi passata,
senão pera q nestas fiçōes metessēm sua
doutrina embuçada em fabulas poéticas.

O glorioso Basilio, a quem os antiguos
cō muyta razão chamaram Magno pola
grandeza de sua alta sabedoria, singular

Basilio,

clo

cloquēcia,& grāde sanctidade,interpretā
& moraliza altamente esta fiçāo:Diz elle
que as cabeças da terribel serpente sam
os appetites& tentações,& que o fogo he
o amor diuino,sem o qual,cortadas as ca-
beças tornão logo a crescer,porque ficão
de bayxo as rayzes,& donde ás vezes cui-
damos que atalhamos a hú appetite ou
tentação,caymos em outras muitas.Pelo
qual he necessario queymalas de todo cō
o diuino fogo,pera que assi tiremos a vi-
da a esta braua serpente da sensualidade,
imiga de nossa alma.De maneyra que os
religiosos ham de ser abrasados nas glo-
riosas chamas do alto amor de Deos.
Isto quis elle significar,quando manda-
ua no Leuitico , que fossem , queyma-
dos no fogo os animaes , que lhe erām
offerecidos em sacrificio. E os que estam
inflammados nesta perfeyta charidade,
alcançam o cume de Galaad , quero di-
zer a perfeyçam da religiam .E este mo-
do escolhi eu de vida , pera alcançar a

M ij vcr

DA RELIGIAM.

verdadeyra vida, por me parecer que se a-
talha peraqui maȳs, & que he este hum
caminho direyto pera os bēes eternos, &
nelle viuo muyto contente. E proueraia
Deos quē tal fora minha vida, qual he a
doutrina, q̄ eu recebi na religião, na qual
sempre vi moyta virtude, vinte annos ha
que nella viuo: ainda que não sey sediga
que viuo, porque a vida dos que não dam
verdadeyro sim a seus males, nem verda-
deiro principio a seus bēes, parece que se
deue chamar morte, que os taes myntas
vezes deyham primeyro a vida, que co-
mecem de viuer.

CAPITVIO V.

¶ Da obediencia, & victoria de si mesmo.
& verdadeyra nobreza.



ENDO o religioso acabado
seu razoamento, cuydando
que não auia hi mais que di-
zer, disse o peregrino. Hū in-
cōueniente acho eu nas ordens, & he q̄ aué-
do nellas homens de bôa casta & noble
sangue

sangue, acertão de ter por plados homens
bayxos, & ás vezes não dos mays virtuosos. E parece que os homens de lustro & de
tomo mereceram pouco com o desgosto
de severem mandados de quem merecia
ser mandado delles. La na religiam nam
me determino no que vay, mas cā crede
padre que sentem os homens altos serem
gouernados dos bayxos, & quanto mays
olham pera o alto de seu merecimento,
tanto mays sentem o bayxo de sua des-
ualia. Alt o pensamento & bayxa ventu-
ra sam dous materiaes, que quando se ajuntam,
fazem hūa beberagem, que estraga
& apostema de tal maneyra a natureza,
que mytas vezes senão arrebentasse pe-
los olhos, arrebentaria o coração. Isto se
escusaria se os principes & capitães fizessem
toque dos homens, & quantos quilates
cada hū tiucisse de merecimento, tantos
lhe dessem de galardão. Mas quando eu
vejo maosfaurecidos & boos desestima-
dos, & os que estão ouro & fio na culpa

M iij desi

DA RERLIGIAM.

desigaoes na pena, & q a coufa se gouerna
nā per razão mas per affeyção, perco mil
vezes o softimento. E como os religiosos
d'alta estofa, caso que sejão spirituaes, to-
davia sām humanos, parece q terão pou-
co merecimento com o desgosto de tirui-
rem, quem, se estiuerão no mūdo, se pre-
zara de os seruir. Antes esse, disse o reli-
gioso, he muyto mōr merecimento. Que
coufa pode ser mays gloriosa, q catiuar
hū homē sua propria vontade por amor
do Christo, fazédo se subdito de quē fol-
gara n'outro tempo de ser seu criado, &
atar seu proprio querer de pés & māos: E

Genes.22. assí como Abrahā fez a seu proprio filho
Isaac, polo no altat da obediencia, pera
fazer delle a Deos perpetuo sacrificio:
Esta he a mays excellēte victoria, a mays
alta presa, o mays illustre triumpho, & o
mays glorioſo tropheo, que se pode ima-
ginar, vencer hū homē a si mesmo, & ca-
tiuar se pa ser liure, porq seruir a Ch̄o nā
he seruir senā reynar. Isto he o q diz Salas.

má

mã nos Prouerbios. O vará obediéte cõ-
tará a victoria. E como diz S. Augustinho
o homẽ nã se somete ao homẽ, por amor ^{August.}
do homẽ senã por amor de Deos, & como
o amor de Deos seja alto, & vêça todas as
cousas, fica o bô subdito alto & vencedor
obedecendo a hú bayxo & vencido, poys
obedece a elle por obedecer a Deos. E he
tão acceyta a Deos esta obediencia, q díz
elle que a quer antes que sacrificios. Diz
S. Gregorio que nã sem causa he preferi-
da a obediencia ao sacrificio, poys no sa-
crificio se offerecia a Deos a carne alheia,
& na obediencia sua vontade propria.
Se Christo verdadeyro Deos obedecéo,
porque nam obedecremos nos? Delle
diz sam Paulo aos Philippenses: Humil- ^{Philip. 2}
douse a si mesmo feyto obediente até a
morte morte de Cruz. Palavras sam estas
pera nos mouerem, & fazerem meter
toda nossa presumpçam de bayxo dos
pés. Mas sam os homês tam opiniati-
cos & altiuos, que nam tem a lembrança

M iiii de-

DA RELIGIAM.

destas couſas pera com elles tāta forçā, q
a faça a sua fantesia, que elles dizem que

Peraldo.

os forçā. Obediencia, como a define Pe-
raldo, he hū voluntario & racional sacri-
ficio da propria vōtade. São Paulo escre-

Hebr. 13.

uendo aos Hebreos diz affl: Obedecey a
voſſos prelados, & ſometeiuos a elles. São

Gregor.

Gregorio diz que a obediēcia não sómē-
te he virtude, mas madre das virtudes. E
nos moraes diz, que a obediencia he a q
enxerta n'alma os garfos das outras virtu-
des. E esta he a cauſa, porque os grandes te-
ligosos querē antes morrer que desobe-
decer, & trazem ſempre ante os olhos a

obediencia de Christo nosso Saluador, do
qual diz S. Paulo aos Hebreos. Sendo el-

le filho de Deos aprendeo a obediencia
das couſas, que padecço. Isto hedo Apo-
ſtolo. A desobediencia de Adam lançou

o homem do parayſo, & a obediencia de
Ch̄o o meteo nelle. Em S. João diz Chri-
ſto: Desci do ceo, não pera qfaça minha
vontade, mas a daquelle que me enuiou.

E em

Hebr. 5.

E em S. Matheus: Não assí como eu quer,
ro, mas assí como vos quereys. Diz S. Bernardo:
Matth. 26.
nardo que a razão, porq̄ Christo morre com a cabeça inclinada, foyp̄era mostrat
a obediencia, com que acceytau a morte, que lhe davaõ, porque antes quis per-
der a vida, que hú ponto da obediencia.
E assi o religioso ha de estar aparelhado
pera por em perigo a vida, antes q̄ come-
ter hú crime de desobediēcia. Olhemos
logo pera nossa cabeça, ponhamos os olhos em Christo, contemplemos seus tor-
mentos, & o sangue das suas chagas, & a-
prêdamos a obedecer até morrermos por
quem morreco por nos. Alcuantemos ao
monte Caluário os nossos olhos, & ver-
lheem os seus quebrados, & os seus ca-
los, arrancados, & a cabeça esburacada
dos duros espinhos, & o seu belo rostro pi-
fado & denigrido, & as suas mãos & pés
atrauessados de duros pregos, & o peyto
ferido da cruel lança, & elle lauado em
sangue, feito nú a chaga, morto & espeda-

M v çado

DA RELIGIAM.

çado na Cruz, naquelle glorioſa escada de Iacob, que com húa ponta estava na terra, & com a outra tocava no ceo, & o abria & manifestava. Alli estava estendida aquella diuina arpa de Dauid. Alli estava o bom Iesu feyto sacrificio por nosſos peccados: alli acabou seu trabalho, & começou nosso descanso: alli a sua vida temporal fez fim, pera a dar aquem nola dava, quero dizer, que morreo na Cruz pera com sua morte, matar á morte que nos mataua. Olhemos logo pera a Cruz, & nella veremos a obediēcia no mays alto cume de sua perfeyção: & aprendamos a obedecer por amor de Christo, que obedeceo ao padre até padecer morte, por nos dar vida. Cousa he muyto pera espátar, & como diz S. Ambroſio, muyto pa eſtranhar, q̄ obedecēdo as outras criaturas, só o homēnā queyra obedecer, nērō conhecer superioridade. Tres sam as hierarchias dos Anjos, suprema, meā, & inſima: & cada húa té tres ordeés. Donde se colhe

colhe q̄ antre elles ha h̄ua superioridade. Os ceos no seu mouimēto obedecem ao primo mobili. Antre os elemētos hahi su perioridade: o mais bayxo he a terra borra de todos elles, logo agoa, depoys o ác. Per cima do qual está o fogo mays alto & eminēte, sem se nūca gastar, por estar cōseruado no seu pprio lugar, q̄ he o cóca uodo ceo da lúa. Os animaes té por Rey a o lião, & as aues a aguea. Os alifantes seguē a hú, os grous a hú, as abelhas a hú. Os carneyros & ouelhas obedecé ao pastor, & as vacas ao vaqueiro. Cada couisa obedece a seu superior. Somēte o homē nā quer obedecer. Os brutos animaes seguē os q̄ osgoardão, vāo p onde sām guiadados, pascé onde os metē, & finalmēte tem sua obediencia: & o homē racional a nāo quer ter, sendo lhe mays necessaria: elle só he o q̄ sempre quer dominar, & nūca obedecer. Mas os verdadeyros religiosos gloriāse de ser bē obediētes, & nā se afrota de obedecer a outros mais baixos, nē té por

DA RELIGIAM.

por isso nenhū descontétamento. Quā
to mais que pola mayor parte sam prela-
dos os mays virtuosos, ou que sam mays
pera o serem. E ainda que algūs fejão de
obscura geraçāo, todavia sam venerados
& acatados & obedecidos, não se olhado
pera o bayxo metal de que sam, mas pera
Herodoto o que representāo. Conta Herodoto no
Amasis. segundo liuto de sua historia, que vindo
hū homē plebco chamado Amasis a ser
Rey do Egipto, começou a ser desprezado
& tido em pouço por ser de bayxa gera-
çāo. E vendo elle isto, como era pruden-
te, mandou fazer hūa estatua à hū ídolo,
a q todo o Egypto adoraua, & tinha em
summa veneraçāo. E esta estatua mādou
elle fazer d'hūa bacia, em que elle & seus
hospedes soyão lauar ospés: & depois mā-
dou chamar o pouo: & falādolhe na esta-
tua que elles adorauā, disselhe a materia,
de que ella era feyta: & que poys a elles
adorauão não atentando á bacia donde
ella fora feyta, senão por ser imagem de
seu

seu Deos, que assi não tiuessem conta cõ
a bayxa geraçāo, dōde elle procedia, mas
que confirassiem a imagem, que c̄presen-
tava. Teue tanta força esta comparaçāo,
que a placou os Egypcianos, que se co-
meçauão contr'elle alcuantar. E não só-
mente o pouo meudo, mas ainda os q̄ an-
tre a geralidade tinhão mays credito &
respeyto, lhe obedeceram. Da mesma
maneyra os religiosos não tem othopera
abacia, que nouitio tépo seruia de lauaré
os pés nella, senão pera o em q̄ se tornou.
Quero dizer q̄ não hão d'attētar pera a
bayxeza da geraçāo do prelado, senão pa-
o officio & dignidade, que tem. E ainda q̄
hū homē não seja nobre p̄ geraçāo, basta
selo per virtude: porq̄ ella he sabão, com q̄
se tira a noda da bayxa casta. Da terra ^{Compa-}
nasce o ouro, mas nē por isso he tido em ^{ragão.}
pouco. A verdadeira nobreza consiste na
virtude. Diz S. Ieronymo que aquelle che ^{Hicrony.}
principal patom Deos, que val não per
nobreza de sangue, né per dignidade do
mundo.

DA RELIGIAM.

Hierony. mundo, mas per deuação da fé & sancta
vida. E escreuēdo a Celacia diz, q a sum-
ma nobreza a cerca de Deos he ser claro
em virtudes. E está isto claro, porque que
aproucyta selo em sangue quē he obscu-
ro na vida? A moeda val na terra, onde se
faz: entrays n'outra terra, não a querē. Se
dizcys que he de grande valia, respondē
que isso he na terra do senhorio, em q se
bateo, mas que nas outras não corre. O q
me acontece cada dia nesta Italia, q em
cada cidade ha sua moeda diuersa, & a
d'húa não val na outra. Assi a nobreza he
de muyto preço, mas naquelle que a fez,
que bateo a moeda, pondo nella o escudo
de suas armas & gloriosos feytos, obrádo
de maneyra q se fez nobre, auenturando
a vida por alcançar a fama, estimando a
virtude é muyto, & os interesses da vida
em pouco, perpetuando seu nome com
miraculosas façanhas asperas de come-
ter & incertas d'acabar. Neste tal, que he
húa cidade de virtude firme & in expu-
nctuad

Compa-
raçāo.

nhauel, val a moeda de sua nobreza, mas
nos outros não val. Que aproueyta a hū
homē dizer q̄ procede de fonte clara de
virtudes, se he elle hū peçonhēto charco
de vicios? Caso q̄ a fonte seja excellēte &
perēnal, se agoa se encharca, & enche de
limos, & sapos, porque terá o charco cujo
a gloria da fonte limpa? O primeyro fi-
lho de Iacob se chamou Ruben, & o ter-
ceyro Leui. E como Ruben era o primo-
genito, presumião os desta tribu de mór
nobreza & fidalguia q̄ os da tribu de Le-
ui. Donde veo pretenderē Datão & Abi-
tão a prelazia & summo sacerdocio, por
se terē por mais nobres, & serē da geraçāo
de Rubé. Mas Deos deu a prelazia a Arō Num. 17,
da tribu de Leui, porque a sua vara flore-
ceu milagrosamente, & deu frol & folhas
& fructo diante do tabernaculo. De ma-
neira que as prelazias da ordem nam
se ham de dar por via de fidalguia, mas
de virtude, nam aquelles cuja vida he-
se ade merecimentos, mas aquelles que
a tem

DA RELIGIAM.

a tém florida de doutrina & exemplo de
bōas obras. E porq̄ isto se pode fazer sem
a nobreza de sangue, está claro q̄ a tal no-
breza não he da essencia do prelado; né os
religiosos, q̄ a tē, se desprezão de obedecer
aos q̄ a não tē: antes essa he mōr gloria sua
& mōr merecimēto. Verdade he q̄ a no-
breza da geraçāo faz muyto ao caso nos
prelados, & ora os muyto, & resplande-
ce em grande maneyra. E assí como o bō
pomareyro não busca pa enxertar senão
garfos de bōa casta, assí os eleytores deuiá
de eleger homēs de noble geraçāo, & ter
muyto respeito a isso, porq̄ elles pela mōr
parte sam como fino ouro, q̄ recebe em si
o esmalte das virtudes melhor q̄ a ferru-
gento cobre & bayxo latão. E p experié-
cia vemos que pola mōr parte sam may-
excellētes, & melhor inclinados, & de mais
primor os prelados de bōa casta q̄ os bai-
xos & plebeyos. E cō isto me parece q̄ te-
nho respōdido a vossō incôueniēte & ob-
jeçāo, & declarado q̄ cousa he religião, &
donda

Compa-
raçāo

donde se deriuia, & qual he a sim pera
que foy instituyda & ordenada, que sam
as tres couisas, que vos perguntastes, &
que desejaueys saber. Mas deyxado isto,
poys vos dey nouas de mim , folgaria
de as saber de vos, pera saber com quem
falo. E atreuome a soltar estas palauras
forjadas no amor , que vos tenho , polo
que parece que tendes á virtude, porque
o descontentamento, q̄ tenho de vos não
conhecer, he tão sobejo, que me faz selo,
em vos perguntar quē sois. Quē sou, res-
pondeo o peregrino, seria grande deteçā
pera mí, que he longo de contar, & gran-
de dor pa vos, q̄ he couisa triste de ouuir.
Mas com tudo eu vos darey em poucas
palauras conta d'algūas couisas minhas, q̄
de todas será impossivel, porq̄ como po-
derey eu dar cōta de males tão sem cōto?
Agora quando aqui dey có vosco me vi-
nha eu lamentando & queyxando de mí
entre estes surdos atuoredos tão occupa-
do & transportado nisto, que nem tinha

N acor

DA RELIGIAM.

Acordo pera lograr o conté taméto desta floresta, nē sentido pera arrecear os que me podiā ouuir. Cuydey em mí, & soltey os olhos ao choro desfazendo em lagrymas o estrago de minha vida q̄ nāo tenho de virtude senão pesarme de a nāo ter.

Vegecio. Acheyme nas ilhas Balcares, onde diz Vegecio q̄ se inuentou a funda, em Mayorca, quando agora á tres annos os Turcos a entrarão, & ahi me catiuaro com outros muytos, tratandonos tão sem dó, q̄ nāo auia quem de nos o nāo ouuesse se nāo elles. E quis Deos q̄ eu fosse catiuo, pera ficar liure, porque andaua eu catiudo do mundo, dependurado de suas falsas esperanças, perafusando cō o pensamento m̄ vaydades, & tão forade mí, q̄ queria bem a meu mal. E depoys q̄ me vi catiuo, torney sobre mim, & como o filho prodigo & esperdiçado, de q̄ fala o Euágelio, determiney tornarme a casa do misericordioso pay, que he Deos. E vi que aquelle catiueyro me forá dado per elle pera

Luc. 15.

perame tirar daquella terra, & atalhar os
 passos de meus desordenados desejos. E
 assi estando catiuo abri os olhos do enté-
 dimento, & com a luz, que me Deos deu,
 vi as treuas, em que andara, & a merce,
 que me Deos fizera. Cuydey os dias an-
 tiguos, em que eu dissipay os beés, que
 Deos me tinha dado, que eu entreguey
 a meu descuydo, pera que elle os tratasse,
 como quem elle & eu eramos. Consenti
 cegar meus olhos, & deyxey atras a con-
 sciencia, por ir adiante com o appetite.
 Mas depoys de tornado sobre mim, cho-
 rey minhas culpas, bati ás portas da diui-
 na clemencia, fogi & socorrime ao porto
 da diuina misericordia, & achey consola-
 ção, & senti em minha alma grádes mer-
 ces de Deos. Entā me lembrou aquillo, q
 conta Plutarcho de Themistocles o Gre-
 go, que vendo se lançado de sua terra,
 acossado de tribulações, foy ter a Per-
 sia, onde sendo acolhido, favorecido, &
 honrado del Rey, muyto mays do que

N i j o nun

Plutarcho
Themis-
tocles,

DA RELIGIAM.

o nunca fora em Greeia , disse aos com-
panheyros, que com elle foram: Por cer-
to irmãos perdidos foramos, se nos não
perderamos. Agora pola misericordia de
Deos saí de catiucyro, & vou fazer húa
romaria. Sctá Maria, disse o religioso, ahi
vos achastes nesse desbarate da Mayor-
ca? Ahi me achey, respondeo o peregrí-
no , ou por melhor dizer, ahi me perdi-
mas permitio Deos que me perdesse, pe-
ra que me ganhasse. Agora faço esta ro-
maria, não tanto por me Deos tirar do ca-
tiueyro dos Turcos, como por me liutar
do catiueyro dos peccados. Que ainda
que agora faço muitos, todauaia verme
liure daquelles, he pera mim grande con-
tentamento. Certo, disse o religioso, não
vos posso declarar per palauras o con-
tentamento, que tenho com as vossas, em
me dizerdes que fazeys romaria por vos
Deos ter tirado do catiueyro dos pecca-
dos. Porque agora neste tempo fazem os
homens romarias yédoise fora do catiuey.

ro dos moutos, mas vendose bem confessados fora do catiueyro do demonio nam fazem nada, auendo entam de fazer muyto mays. Essa, disse o peregrino he a verdade. Mas assicom o shomēsdepoys de muyto velhos vem a tresualiar, assi o mundo parece que de velhice vem a não ter tino em seus desatinos. Praza a Deos que me faça tanta merce, que ainda me eu veja nesse habito, deysaldo o mundo totalmente, & goze de vossa santa amizade na religiam. Folgaria de saber, disse o religioso, de que terra sois de Portugal. Importa, respôdeo o peregrino, nam o dizer. Quanto mays que nam tenho nenhūa terra. Socrates dízem que dizia que o homē perfeyto todo o mundo auia de ter por suaterra propria: & eu digo que o auia de ter por alhea: porque a terra nam he nossa terra, mas nosso desterro. E porque o feroz da calma he acabado, ergamonos, & caminhemos, que temos muyto qne andar. E iremos ao

N iij lon

DA RELIGIAM.

longo destas sombrias & deleytosas atuo-
tes, que como vedes, toda esta Lombardia
he quasi húa floresta de muytas ribeyras
& aruoredos. Ergamos, disse o religioso,
& caminhemos com o animo pera a ce-
lestial cidade de Ierusalem nossa verda-
deira patria, que aqui, como diz sam Pau-

Hebr.13. Io, nam temos cidade que permaneça,
mas buscamos a que ha de ser, que he nos
ceos. E de cada terra alequantemos a el-
la os olhos saudandoa com piedosas lá-
grymas, & penetratiuos suspiros, pera quo
acabada a jornada desta vida per gra-
ça, entremos nella, que he a glo-
ria, a qual Deos pela sua mi-
sericordia nos quey-
ra conceder.

Amen.

Fim do dialogo da religião.

DIA

DIALOGO
DA IVSTIÇA: INTERLOCVTO.
 res hū Doutor Theologo, hum Ma-
 thematico, hum Iurista, &
 hum Cidadão.

CAPITVLO I.

¶ Da perda do tempo, & da des-
 niçam da justiça.

ACHANDOSE HVM
 dia quattro amigosprati-
 cando, hū delles Doutor
 em theologia, outroPhi-
 losopho Mathematico,
 & hū estudāte em leys,
 & hū Cidadão, disse o Theologo, em cuja
 casa elles estauão. Eu sempre tive pera
 mim, & tenho inda agora, que húa das
 grandes perdas, que ha no mundo, he a
 do tempo: porq̄ he elle precioso muyto,
 & vala peso d'ouro, & perdido não se po-
 de mays cobrar. E por isso o pintarão os

N iiii anti

DA IVSTIÇA.

Galat. 6.

Compa-
ração.

antiguos caluo na traseyra parte da cabe-
ça, significando nisto que depoys que se
nos passa, não achamos em q̄ lhe pegar
pera o determos. Por isso diz S. Paulo na
Epistola aos Galatas: Em quanto temos
tempo, gastemolo em boas obras. Faz nos
o Apostolo esta lembrança, pera que co
ella, & co a termos de nossas obrigações,
não percamos o tempo. E perde se elle,
quando se gasta em vicios, & em couſas
vãas, q̄ a ociosidade descobre aos homens
enfadados, que de não terem que fazer
andão traçando na fantesia mil castellos
de vento, tão esquecidos de si, que na cé-
do pera verdadeyro trabalho, não buscá
senão falso descanso. Donde vem anão
fazereim couſa, com que deyxē de sime-
moria. Assí como he necessario fundir no
fogo o metal, pa se delle fazer húa ima-
gem & estatua, que depoys fique & per-
maneça, assí he necessario fundir nossas
vidas no fogo dos trabalhos & boos exer-
cícios, pera dahi sayr húa imagem de húa
fama

fama dirigida à hóra & seruiço de Deos,
 a qual depois de nossa morte dé testimunho de nossa vida. Eurípides diz que o Eurípides
 trabalho he pay da bôa fama, & Hermio-Hermio.
 nio affirma que do trabalho & experien-
 cia aprendeo a sciencia. Lede o ij. capitu-
 lodo Genesis, & achareys estas palauras: Genesis. 2.
 Pos o Senhor Deos o homé no parayso
 da deleytação, pera q̄ obrafse, & o goat-
 dasse. Diz S. Ioão Chrysostomo na Ho- Chrysost.
 milia xiiij. sobre o Genesis declarado este
 lugar, que a razão porque Deos quis, que
 Adam no parayso terreal obrafse, & não
 estiuesse ocioso, he porque a ociosidade
 he mestra de toda a malicia. São Jerony- Hierony.
 mo em húa Epistola diz q̄ auemos sem-
 pre de trabalhar, pera que o diabo nos
 não ache ociosos. Santo Augustinho no Auguft.
 primeiro liuro de Ciuitate Dei, tem q̄ foy
 pior a Roma destruir Carthago, porque
 a seguridade, q̄ lhe ficou, pario a ociosida-
 de q̄ foy causa de sua pdicão. São Bernar- Bernardes.
 do chaia á ociosidade sentina & bôba,

N v onde

DA IVSTIÇA.

onde todos los males se ajútão, & n'outra parte madrasta das virtudes. E a senteça de Seneca he, q a ociosidade he morte & sepultura do homē viuo. Dōde se colhe q os homēs ociosos sam ímigos de si mesmos, poys deyxada a diligencia dos boos trabalhos, q he hū mina de beés, se dão à ociosidade, que he hū abyfmo de males. E o q pior he, que não cuidão que ganhão o tempo, senão quando o perdem: & elles não ganhão cō esta perda senão sua perdição. E auēdo de buscar tempo pera passar couſas, buscão couſas pera passar tempo. E em fim elles não o passam, mas elle passa per elles. Pera que he mays, senão q Heraclides Licio fez hū liuro dos louores do trabalho, como o refere Rauisio Textor no segudo proēmio da sua Officina. He tão fundado, disse o jurista, esse juyzo, que sem elle será, quem lhe contrariat. E dahi vem, q quasi todos os homēs de ingenho se queyxão da perda do tempo como de couſa preciosissima. He verdade

Heraclid
Rauisio.

dade, disse o Theologo, mas deuiâse queixar de si, quando se disso quisessem queixar: porq̄ eu vejo os chorar porque perdem o tempo, & calar a culpa, porq̄ o perdem. E pera nosnós aprovemarmos delle, & não cayrmos na culpa dessa perda, ja q̄ aqui estamos jútos, pratiquemos n'algúia coufa de doutrina, & traçtemos algúia bôa questão. Isso, disse o mathematico, será muyto bom, porq̄ senão possa dizer por nos o que diz Platão, que os amigos ^{Platão.} s̄am ladrões do tempo. E nā podem elles fazernos m̄or dâno, q̄ roubarnoso tempo de nossa vida, sendo tão breue & irreparravel. Não sey, disse o jurista, como se pode chamar breue o tempo da vida, poys o tempo de dez annos se chama longo, como tem communmente os nossos doutores, segûdo Bartolo na ley primeyra. ff. ^{Bartolo;} de superficiebus. E a vida dura muito mais. Não he inconueniente, respõdeo o mathematico, chamarse húa mesma coufa lôga & breue segûdo diuersos respeytos:

hū

DA IVSTIÇA.

hú mōte podeſe chamar alto em respeyto d'outro bayxo, & bayxo em respeyto d'outro alto, como affirma Aristoteles nos predicamentos: affi o tempo dedez annos he longo cotejado cõ hú mes, mas em comparação da eternidade diz Sene-
ca escreuendo a Lucillo, que he tão bre-
ue, que se compara a hú ponto, & menos
inda. E delle parece q̄ o tomou Plutar-
cho no liuro que fez do ensino & criaçā
dos mininos, onde escreue a mesma sen-
tença. Eu, disse o cidadão, não sey nada
de disputas, mas folgarey muyto de as
ouuir, principalmente se forem da justi-
ça & gouernança da republica, pera dahi
me ficar algūa couſa, de que me possa
nalgū tempo aproueytar. Poys o senhor
doutor Theologo, disse o Mathematico,
começou a falar do tempo, será bom dis-
putarmos se o hahi, & que couſa he. Por
que o tempo não tem senão duas partes,
passado & futuro, que o instante, como
dizem os philosophos, não he tempo,

mas

mashū ponto, onde se as suas partes ajū-tão, ca segūdo sentença de todos os Mathematicos o instante se ha com o tempo, da maneyra que se ha o ponto com a linha, porque tão indiuisiuel he hū como o outro, & poys o ponto não he linha, logo nem o instante he tempo. Assi que poys o tempo não tem mays que duas partes, passado & futuro, & o passado ja se acabou, & o vindouro está por vir, parece q̄ o não hahi, poys das quantidades somente aquellas se dizem ter existencia, cujas partes té ser em sua realidade. Nessa primeyra questão, disse o jurista, não tenho eu nenhūa duuida, porque pois nos esta-mos em tempo, & o temos pera nelle pra-ticarmos, claro he q̄ o hahi. Quanto mais que vos pera prouardes q̄ não hahi tem-po, mostrays q̄ o hahi, poys dizeys q̄ tem elle duas partes juntas a hū ponto & não se podem chamar partes, senão em res-peito do todo. E pera os argumentos não faltarām repostas: Não me pesaria práti-carmos

DA IVSTIÇA

carmos nesta materia, se cá os senhores
nifso consentirem. Consentirám, disse o
mathematico, porque a amizade consiste
principalmente no consentimento das
vontades, como diz Platão, de quem o to-
mou Cicero na sua amicicia. E como to-
dos sejamos amigos, quererão elles o que
nos quisermos. Eu, disse o Cidadão, quero
o que vos quereys, mas queria que quises-
seys vos o que eu quero. He tão longa, dis-
se o Theologo, essa materia do tempo, q
elle nolo não dará pera lhe darmos fim.
E os mesmos philosophos parece q a tra-
tão a fim, de nunca lha darem. Essoutra
materia de justiça he proueitosa, & par-
ce justiça tratarmos della. Poys assi he, dis-
se o mathematico pera o Theologo, vos
senhor ueis de tomar antre as máos a ma-
teria, trazendo pera isto não só mēte pon-
tos de theologia, mas também sentenças
de philosophos & historias antigas, que
sey que fostes dado a lelas: & ainda ago-
ra depois que vos achays cansado do gra-

Platão.

Cicero.

ue

ue estudo da sancta theologia, folgays de
tomar na mão hū liuro de humanidade.
Isto he o que digo, se parecer bem a estes
senhores. Eu dille o Cidadão, leuarcy nis-
so muyto gosto, & folgo de ser essa vossa
vontade, porque a minha nam era outra.
E eu, disse o jurista, tambem com isso fol-
garey. Este carrego, disse o theologo pera
o jurista, era vossio, cuja faculdade he in-
terpretar o direyto, & tratar da justiça.
Mas farey o que todos me mandays,
querendo antes nisto errar obedecendo,
que acertar sendo desobediente. E ainda
que tomar este cargo seja contra minha
vontade, com tudo façoo por comprir cō
a vossa, & com a que tenho de vos servir.
Justiça tomaſe algúas vezes pola virtude
em commun. E esta virtude compre-
hende em si todas as outras. Dondo
diz Gregorio Nazanzeno no seu pri- Nazanzeno
meyro liuro da Theologia que a virtu-
de he húa, ainda que se diuida em muy-
tas. Isto he o que diz sam Jeronymo Hieronymus
escreuē

DA IVSTIÇA.

Hieron. escreuendo a Demetriadē, que todas as espécias de virtude se contem no nome de justiça. Desta justiça se entende aquilo que diz Christo nosso Redptor em S. Matheus. Atentay não façays vossa justiça diante dos homēs pera serdes vistos delles. Quernos Deos assegurat nossas mercadorias: & pera isto nos diz que as asfellemos com o sello da tençāo posta nelle, & não na gloria do mundo, pera q̄ ās não percamos. E põe logo exemplo da esmola & oração. Dóde se colhe que dar esmolas & orar sam actos de justiça, & al si todas as outras bōas obras. Tomase rábem justiça pola justificação, quando pela diuina misericordia hū homē de impio peccador he feyto justo. E desta maneýra se entende o que diz S. Paulo aos Romanos: Agora sem a Iey a justiça de Deos he manifestada. E aos Galatas: Se fora dada Iey, q̄ pudera viuificar, verdadeyramēto da Iey fora a justiça. Mas o nosso intento he deyxadas estas & outras significações, falac

falar da justiça, em quanto he virtude mortal, húa das quatro, a que commumente chamamos cardeaes. Dessa, disse o jurista tratamos: aqual os nossos jureconsultos dizem que he húa vontade constante & perpetua de dar seu direyto a cada hum. Desta maneira a define Vlpiano. ff. de Iustitia & iure. E Iustiniano na statuta q̄ eu tenho pera mim que he a nata do direito Ciuil, sem embargo, que cuydão muitos, que não he ella mays que húa instrução pera elle. Essa definição, disse o theologo, entendida assicom jaz, não he bôa. Como não? Disse o jurista. Eu volo direy, respondeo o theologo. Toda a virtude mortal he habito d'alma, ao qual Aristoteles no segúdo das Ethicas chama habito ele-^{Aristot.}
ctiuo: & nenhúa potencia he habito d'alma, logo nenhúa potencia he virtude moral. E a vontade he potencia: logo não he virtude moral. E poys nenhúa vontade he virtude moral, & a justiça he virtude mortal, bê secõclue q̄ a justiça não he vontade.

O E poys

DA IVSTIÇA

Epois vos confessais que ella he virtude, he necessario q confesseis que nā he vontade. Se a justiça fosse vontade, como a vontade he potencia, a justiça seria potencia, & sendo potencia nam seria habito, & nā sendo habito nam seria vertude. Donde claramēte se infere q sendo vontade nā seria vertude. E ella he virtude, logo nam he vontade. Donde fica falso o que diz os vossos jure consultos q a justiça he vontade, se entendē essa definiçam, assi como parece que soa. Antes, disse o jurista, nam seria vertude se nā fosse de vontade. Húa cousa he, tornou o theologo, ser vontade outra he ser de vontade. A vertude he de vontade, mas nā he vontade. Assi como o peccado actual ha de ser volūtario, comodiz

Augustin. santo Augustinho, que doutra maneira nā he peccado, assi na vertude, pera ser virtude o entendimento ha de fazer o alvara, & a vontade o ha de assinar. Pareceme assim, disse o mathematico pera o jurista, que tem o senhor doutor a sua sobre

sobre o fito. Pois Amim, disse o jurista não
me pode quadrar negar assi húa definiçā
dos jureconsultos, admitida de todos os
doutores, & que está por ley recebida em
todo o mundo. Nam sey, disse o cidadão,
que isto he, que como ouço allegar leys ci-
uis, parece que lhe tenho húa maneira de
fastio, ou nam sey se lhe chame auorreci-
mēto, como a causa de brigas & cōtendas
Porque assi como na casa, onde hahi pur-
gas & couſas de botica, nam ha faude, assi
no pouo, onde se alegam muitas leys, nā
hahi paz. Antes, disse o jurista, assi como
as purgas sam mezinhas pera as enfermi-
dades, assi as leys sam mezinhas pa euitar
contendas & decidir questōes. E a sciēcia
delas he muy necessaria, como filosofia
moral, q̄ ella he muyto excelente. E dado
que aja no seu vſo algūs abusoſ, iſſo nam
he vicio das leys, mas de quem vſa mal
dellas, que ellas sam bōas, & feytas co n
grande prudencia & cōſideraçām. E por
iſto digo eu que esta diſniçām, poys

Compa-
raçām.

O ij h:

DA I V S T I Ç A.

he ley, não he bem que se negue, porq̄ te-
mos nos hūa ley que diz que a ley não se
ha de negar, porque negādo vos a ley ne-
gays a justiça, & negando a justiça negais
todos os beēs. Em tanto que sendo a ap-
pellaçō hūa coufa natural, cō. tudo não
se pode appellar da sentēça & pena dada
pela ley, como diz o texto na ley Si qua
pœna. ff. de verborum significatione: ma-
ximamente quando consta da tençō &
razão da ley: porque assicom o homē a
alma ha de dominar sobre o corpo, assi na
ley a razão ha de dominar sobre as pala-
uras. Texto he na ley Nō dubium, C. de
legibus. Isto he o que diz Bartolo na ley

Bartolo. Cum mulier. ff. Soluto matrimonio, que
a razão da ley & a mente della mesma he
o mesmo. Epoys nesta definição não só
mente as palauras sam claras, mas ainda
está manifesta sua razão, parece que não
ha nenhūa pera a negar. Eu, disse o theo-
logo, sou com vosco como Theodoro A-
theu com seus ou pintes, & he soia a dizer
Theodo. como

como refere Plutarcho, quando via quā ^{Plutarcho} pouco se aproueytauão delle, q̄ lhe dava a doutrina & palauras com a mão direyta, & elles que astomauão cō a ezquerda torcēdolhe a téçá. E cō quāto queria trabalhar com razões polos trazer á razão estauão elles tão fora della, que lha nā podia persuadir. Verdade he que o estar forada razão senão pode entender em vos, mas ao menos tomays cō tenção czquer da, o que eu digo com direyta. Eu nāo nego a ley, mas interpretoa. Entēdida bem essa definição nāo quer dizer que a justiça he vontade, mas que he hū habito, com que a vontade está constante & perpetuamente determinada de dar o seu a cada hū em seu tempo. E Aristoteles no v. ^{Aristot.} das Ethicas affirma que a justiça he habito, a quem seguem todos os philosophos. E sancto Augustinho no liuro das oyten- ^{August.} ta & tres questões diz assi. Iustiça he hum habito do animo, que dá a cada hū sua dignidade conservada a vtilidade commū,

O iij cujo

DA IVIŚTIÇA.

cujo principio he nacido da natureza. A quem seguem todos os theologos. E digo que se ha de dar acada hū o seu em seu tempo, porque se tiuerdes ē deposito armas offensiuas dhū vossa amigo, & o virdes furioso a pedir uolas, pera com ellas satizar a sua ira & deprauada indinaçam, nam lhas deveis de dar porq em tal tempo he injusto dar o seu acujo he. Esta razam moueo a Socrates a repreender a Simonides, que definido justo dizia, que era dar acada hū o que lhe eradeuido sem acrescētar mais, como refete Platā no primeiro dialogo da republica. Porque ha hi tempo, em que se lhe não ha de dar, & dando selhe he contra as justas leys, ás quaes he injusto desobedecer. Porque como é outro lugar diz o mesmo Platā: justiça he hum habito que obedece ás justas leys, & dá a cada hum o que merece. Esta he a mays excelente das virtudes moraes, a qual hum dos sabios antiguos, que os gētiostinhão antre seus thesouros, pintou

Socrats.

Simonid.

Platão.

Platão.

par

par de Iupiter, significando que nem os mesmos seus deos se podiam bem gouernar sem justiça, quanto mays os homens. 3. Reg. 2.

Estádo enfermo o bom Rey Dauid, sen-
tindo que se hia ja apagando & cōsumin-
do o pauio de sua vida, chamou seu filho Salamão, é cuja mão deyxaua o leme do reyno, & encomendoulhe a iustiça, dizé-
dolhe que fauorecesse os bōs & castigasse os maos. No liuro da Sapiēcia o frōtilpi
Sapien. 2.
cio, & a primeyra coufa, q̄ se offerece aos olhos, he esta sentença. Amay a iustiça os q̄ iulgais a terra. E o Psalmista diz: Sa-
cificay sacrificio de iustiça, & esperay em o Senhor Dādo a entender q̄ a iustiça he sacrificio, que os principes fazē, quando a fazē. E o Ecclesiastico: Até a morte po-
Ecclesi. 4.
leia pola iustiça. E S.Paulo na primeyra
3. Timoth.
a Timotheo: Homē de Deos sigue a iusti-
ça. Pera que he mais se não que Christo
noso Deos a os cinco capitulos de S. Ma-
teus: diz Bē auenturados sam os q̄ ham fo-
me & sede da iustiça. E logo mays abaixo
Mathc. 5.

O iiiij Bē

DA IVSTICA.

Gregor.

Bemauenturados sam os que padecē por fazerē justiça. São Gregorio nos moraes diz que a justiça he paz do povo, firmezada patria, liberdade da gente, temprança do ar, serenidade do mar, fertilidade da terra. São Ioão Chrysostomo diz q

Chrysost.

a justiça he rayz da vida. Sācto Isidoro afirma que he a ordem & igoaldade, com que o homē se ordena bem em todas as couſas. Sācto Ambrosio declara que ella

Ambrosio.

he a que dá o merecimento conforme ao premio, & a pena a deuada á culpa, & q não estima seu proprio pueito, mas goarda a igoaldade commū. Donde veo a di-

Anthoni.

zer sācto Anthonino que a justiça he quella virtude, que igoala hūa couſa com a outra. Donde vem q quando duas couſas vem igoaes, dizemos que vem justas.

E onde ha esta justiça hahi paz, porq não tem ninguem razão de se agrauar. E isto he o q dizia o Psalmista falando do principio dado per Deos: Nascerà em scus dias justiça & abundancia de paz. E noutro

Psal. 77.

Psalmo

Psalmo: A justiça & a paz se beyjarão. Fe-^{Psal. 84.}
 lice a republica gouernada per justiça, &
 infelice a gouernada sem ella. Ainda que
 a verdade, como elegantemente proua S.
 Augustinho no liuro xix. de ciuitate Dei,^{Aug. 1st.}
 não se pode chamar republica, a em que
 não ha justiça. A corrupção que tem hú
 corpo sem alma, tem o povo sem justiça,
 porque faltando ella alleuātase a dissen-
 ção, & cae per si a concordia, falta a libe-
 ralidade, & cresce a cubiça, viue a treyçā,
 & he sepultada a lealdade, ensenhoreia-
 se a força, & he abatida a paz, he atreuida
 a mintira, & anda acouardada a verda-
 de, anda solto o appetite, & jaz presa em
 ferros a razão, preualecem os maos, saõ
 opprimidos os boôs, & finalmente cn-
 trão de tropel os vicios, & sam destruidas
 as virtudes. Porque assí como a justiça a
 he triaga contra a peçonha dos vicios,
 assí a injustiça he cutelo das virtudes.

DA IVSTIÇA.

CAPITVLO II.

¶ D o p r e m i o & c a s t i g o , & d e q u a l d e l l e s
se ha o p r i n c i p e m a y s d e p r e z a r .



Cabando o theologo estas palautas disse o cidadão as q̄ se seguem. Pois tēdes declarado que coufa he iustiça, & quam necessaria no mundo folgaria q̄ explicasleis o em que p̄ncipalmente consiste. A iustiça, disse o theologo, consiste principalmēte em galardoar bōs, & castigar inaos. Esta he toda a armonia da boa gouernança. Assi como a desestima dos bcōs dá ousadia aos maos, assi o fauor, que se daa aos maos quebra o coraçāo aos bōs. Donde veo a dizer Democrito o philosopho que duas coufas gouernauam o mundo, premio & pena. Isto quis significar el Rey Ciro, quā do disse que a obediencia das leys consistia, em os que mandam louuarē & honrarem aos obedientes, & castigarem & reprenderē aos desobedientes. Assi o cōta na Pedia

Democriti.

Pedia Xenofontes, aquelle per cuiā voz Xenoph.
diz Cicero, que falauā as Musas, & a quē Cicero.
Volaterano chama Musa Attica, pola su Volatera;
auidade de sua cloquēcia: & profundeza
de sua philosophia. Ambas estas duas par-
tes premio & pena ha de ter, quem toma
na mão o leme da repubrica, pa dar bōa
conta da nao, & chegar com ella a porto
de saluaçāo. Porque assi como hū corpo
humano nam pode ser perfeyto sem ter
dous braços, assi nem o que gouerna, sem
fauorecer bōs, & castigar inaos. De qual
desses, disse o cidadāo, se ha mais de pre-
zar quē gouerna? Responderuosey, disse
o theologo, cō aquillo q̄ respondēo o Em-
perador Tito a hū seu amigo, q̄ lhe pro-
pos essa questão. Dizia elle q̄ fazer mer-
ces era o braço derecho, & punir culpas o
ezquierdo. Eassī como mais nos seruimos
& prezamos do deryto, q̄ do ezqrdo, assi
he couſa mais glōiosa fauorecer virtudes,
q̄ castigar vicios, porq̄ na primeira resplā
dece o amor, na segūda o temor. Ehe isto
cōfor-

DA IVSTIÇA.

August. conforme ao quediz S. Augustinho que
o que gouerna ha mays de desejar de ser
amado que timido. O principe he a cabe
Plutarcho. ça, & o pouo o corpo, & como diz Plutar
cho, o pescoço que ajunto o corpo com
a cabeça, he o amor, que vne & lla o po
Compa-
raçam. uo com o principe. E assí como nā auēdo
pescoço, q̄ ajúte o corpo cō a cabeça, nē
o corpo nē a cabeça terā vida, assí nā auē
do amor antre o pouo & o principe nē
d'hūa parte nē da outra, scrá destruyda
a república. Muyto bōas, disse o cidadão,
me parecerá assí a repostado Tito como a
comparaçāo de Plutaacho, Foy muyto ter
o Emperador Vespasiano dous filhos Ti
to & Domiciano tão differentes, que do
Tito nā se contāo cousas muyto bōas,
Genes. 25. & do Domiciano senão muyto mas. Nāo
Ialach. 1. he, disse o theologo, pera espantar disso,
porq̄ Isaac teue dous filhos Iacob & Esau
& diz a ecriptura diuina, q̄ amou Deus
a Iacob, & teue odio a Esau. Cada dia se
acontece d'hū mesmo pay, procederem
dous

dous filhos, hū virtuoso, outro deprauado. Cōparo eu isto, disse o cidadão a me-
loeyro, no qual d'húa mesma peuide na-
scem dou s melões, hū em extremo bom,
outro é extremo mao. Isto he, disse o ma-
thematico, como os dou s ribeyros de Si-
cilia, de que fala Vitruuio no sen viij. li-
uro que procedédo ambos d'húa mesma
fonte, hū he doce, outro salgado. Assi de
Vespasiano forão gerados dou s filhos,
dos quaes o Domiciano nunca disse cou-
sa, que bōa fosse, & o Tico disse muitas
muyto notaueys, húa das quaes he essa q̄
referis, que certo me quadra muyto. Pois
amí, disse o jurista, não me satisfaz, porq̄
claro está, que o pouo não se mouet tanto
pera se tirar dos vicios: & dar ás virtudes,
quando ve o principe fazer merces por
algū assinado feruiço, como quando o ve
castigar grauemente algum feo excesso.
Assi como o temeroso rayo do fogo, q̄ cac
em húa parte, mata a so hū, mas espanta a
muytos, assi hū bruto castigo cac sobre
hū,

DA IVSTIÇA.

hū, mas faz temer a todos. Não me parece mal, disse o theologo, essa comparação, mas nam cõclue o que quereis. Bem que proua ser necessário o temor, né eu o nego: mas nam se infere dahi, q̄ he mais exeléte que o amor, nem q̄ he falso o que nos diziamos, q̄ mais se ha o principe de prezar de fauoreser bens, q̄ de castigar males. Antes diz Aristoteles nas Ethicas, q̄ o Rey se ha dauer cõ os subditos, como o bō pastor com as ouelhas. E nas Politicas diz, q̄ ha de distribuir as hōrrasper si, & os castigos per outros. E el rey Agesilao diz, como refere Plutarcho q̄ o bom principe ha de ser com os vassallos, como pay com filhos. E eu digo que não como qualquer pay, mas como pay benignissimo & amorosissimo, em tanto que antes pareça q̄ os vassalos se sustentam do amor & fauor de seu principe, que o principe do trabalho & fazenda de seus vassalos. Claro está que se o principe não fauorecesse as virtudes, que auctria poucos que as fizeselem,

ainda

Aristot.

Agesilao.
Plutarco.

ainda que castigasse vicios. Mais se moue
os homens com amor que com temor, &
mais se anima a coisas grandes, & se aba-
lisam na excelente virtude com esperanca
de futuro premio, que com medo do cas-
tigo. Nam habi que debater senam quo
o amor & benignidade do principe cati-
ua os coraçoes dos homens, & de tal ma-
neira os move ao servirem, que nam de-
sejam de lhe saber avontade, senam pera
lha fazerem. E com este amor, que tem a
seu Rey, polo q' elle lhe tem a elles, se pre-
zam de ser seus, & se excitam & aueturam
a coisas grandes & duuidosas. E não so-
mête aos seus, mas ainda aos estranhos os
principes catiuam com amor & benigni-
dade. Isto he o que diz Tito Liuio, q' ma-
ys augmétou Roma seu imperio cõ cle-
mencia, q' com vitorias. Donde vieram os
antigos Romanos asingularizarse ante
as outras nações, & fazer aquellas espântosas
estranezas & feitos é armas, de q' estâ che-
as as historias, senão de ádaré inflamados

no

DA IVSTIÇA.

no amor da perpetua memória, que elles tinham polo mays excellente de todos os premios Húa estátua, que o senado punha a hú capitão, & o fauor que lhe nisto fazia, em querer que húa imagem de pedra ficasse em memoria dos notaueys serviços, que tinha feito á repubrica, excita ua outros a morrer por ella. E os nossos Portugueses ainda que principalmente se mouão por amor de Christo, todavia muitos os excita a benignidade de seu rey, & as merces, que lhe faz. Donde vem terem feytasem nossostempos em Africa & em Ásia façanhas tão excellentes & passinofas, que as Gregas tão cantadas de Homero & Thucydides, & as Latinas tão celebradas de Lucano & Tito Liuio, fiquam em sua comparação hú pequeno outeyro apar do alto monte Olimpo. Caudizein elles, & dizem bem, que conuem comprar a fama longa a troco da vida curta.

CAP.

Da clemencia & cruidade dos principes,
& qual delas the quadra mays.

Por essa razā, disse o cidadão
me parece a mim, que cōue
mais ao principe a clemēcia
que a cruidace, & que se co-
lhe bem, que todo o que go-
verna, & tem mando & dominio na re-
publica, se ha mais de prezar de piedoso
que de cruel. Nisso, disse o theologo, nam
tenho eu nenhū dēbate. Verdade he que
o principe ha de seguir a justiça direita
& igoal: mas tendo isençāo no afficio ha
de ter humanida de na execuçāo delle, &
estando acousa em duuidahā se de incli-
nar á parte da clemencia, & prazerse de
piedoso. Se nam vedeo em Nero & Iulio
Cesar, qual delles foy mais amado, & ma-
is famoso, & em q tempo se fizeram mortes
cousas, & mais dignas de louuar. Era Ne- Nero,
ro tam cruel, que era sua vida nam a dar
aninguem, em tanto q matou sua propia
māy, & pos o fogo a Roma, pera se delei-
tar

P tar

CAPITVLO III.

tarem a ver arder & destruir. Chorando todos cō muita lastima assi mininos como velhos, arrebentando sua dor em gritos de tanta magoa, que era pera todo o mundo ater delles, só elle a não tinha: antes estaua olhando da alta torre Tarpeia recreandose em ver abrasar aqüelles nobres & átigos edificios, & éouuir os tristes clamores começados pela dor & rotos pelo pranto, com que a miserauel & descoiso lada gente representaua sua desauértura & sentimento. E assi não fez couisa, q̄ bōa fosse, antes lhe socedeo tudo tão mal, q̄ de atribulado & desesperado fugio de Roma, & em saindo dos muros apar da porta flaminia, que se agora chama do Populo, se matou com suas propias mãos. Entá descansarão os Romanos quādo virainz desestrada fim de quē a queria dar a suas vidas. Verdade he q̄ no principio de seu imperio deu elle bōas mostras de si, por q̄ duraua inda nelle o mouimēto da doutrina de seu mestre Seneca. Assi como

húa

húa roda mouida cō grāde ī peto, per grāde espaço depois in da q̄ cessē o mouedor ella per si se moue ē virtude da q̄ lle ī peto, q̄ lhe pos o braço, até q̄ pouco a pouco se vay acabādo o mouimēto, Assi Nero em sua mocidade foy mouido cō a doutrina de seu mestre Seneca excellēte philoso- pho, & ainda q̄ como começou a imperar cessou a doutrina, todauaia per algū tépo elle mesmo como p̄ si, se mouia a clemēcia, por a q̄ lle impeto de seu mestre: até q̄ pouco a pouco se foy desfazēdo a q̄ lle bó mouimēto, o qual acabado começou a q̄ la espātosa crueldade, & dominou a q̄ lla fera & diabolica impiedade, da qual estā cheos os liuros. E pelo cōtrairo Cesar foy Cesar: tā humano, q̄ a seus propios ímigos nā so- mente perdoou, mas honrou. Deu avida a quēlha queria tirar, fez honra a quēlha queria fazer perder. E trazendolhe áfsen tada a cabeça de seu ímigo Pópeo nāo a quis ver, antes lhe pesou tāto de o mata- rē, q̄ de dor & piedade lhe arrebentarão

P ij as

DA IVSTIÇA.

Plutarck.

as lagrimas dos olhos, como cota plutarcho na vida de Pópeo. Verdade he que perseguió elle injustamente a Pompeo, & por isso pmitio Deos q̄ morresse devinte & tres punhaladas no senado, & caio ao pé dhúa coluna, onde estaua a estatua de Pompeo, que parecia q̄ o estaua alli pisando cō os pés, & vngandose dos maledicentes que lhe fizera. Certo disse o cidadão, essa foy húa cousa notavel, vir à morrer aos pés, de quem por sua causa fora morto. Assi disse o theologo, o cota Plutarcho Vedes a quem que se tornou a potencia de Cesar, ganhou quem o fez perder: ganhou o imperio pera perder a vida. Quā asinha se mudou tudo aquilo, que em logo tempo se buscou, & pera longo tempo se buscaua. Mas com tudo elle foy piedoso, & prezou se sempre mais de favorecer virtudes, q̄ castigar vicios. Dóde veo a ser muyto amado, & a prouocar os animos dos seus grádes feytos: dos quaes elle ajudado alcançou incridiueis vitorias

rias em menos tempo, do que parece que o vontade o podia desejar. E com isto tinha conta com a justiça, & com dar a cada hū o que merecia, causa com q̄ muito ilustrou seu nome, porque a mais substancial qualidade do príncipe he distribuir os premios & as penas conforme aos quilates dos merecimentos & culpas. Pera illo, disse o cidadão, me parece amim q̄ ha mister hū juizo muy intciro, despejado de odio & affeyçam. Por que hū juizo corrupto o bē julga por mal, & o mal por bem, como eu algúas vezes tcnho visto. Isto, disse o theologo, he verdade. A justiça anda prenhe, & ás vezes parece monstros, porq̄ concebe dede odios ou interesses, os quaes detal maneyra perturbam o juizo, q̄ lhe fazê parecer as coisas, das cores que q̄rem Assi, disse o mathematico, como o sol, que entra pelas vidraças, tal cor representa, qual he a das vidraças, assi qual he a affeyçam, tal he a sentença. O sol quando nasce, & quando se põe, parece mayor q̄ ao meo

Compa.
raçam.

Compa.
raçam.

P iij dia,

DA JUSTIÇA.

dia, scndo elle sempre dhū tāmanho: mas enganānos a vista os vapores, q̄ pela manhaā & á tarde se nos põe ante os olhos, atrauessiandose antre nos & o sol, os quais vapores nos seruē de oculos, em q̄ os raios visuaes batē como em vidros transparentes, & estendendose per elles fazē parecer o sol mór do q̄ parece ao meo dia, & doutra cōr: porq̄ quanto os rayos visuaes mais se alargā, tāto mór nos parece a causa que vemos. Estes vapores, que sobē da terra, sam nossas affeições, que saē de nos que somos terra: & elles sam os q̄ atravesando nos diante dos olhos dalmam nos fazē parecer nos as cousas vistas maiores & doutra cōr. E assi enganado o juyzo & corrupto o entendimento, julgamos as cousas não segundo a verdade & realidade dellas, mas segūdo a affeiçā do amor ou odio q̄ lhē temos. E esta he a causa por
Compa- raçam. q̄ no terra ha tam pouca justiça. Assi como opintor per arte de p̄spectiva nos faz parecer as cousas altas & baixas sendo a aboa

taboaigoal & toda lisa, assi nossa estimati
 ua per industria da affeiçao nos faz parc
 cer húas mesmas obras em húsgades &
 eminentes, & em outros pequenas & es
 curas, sendo a substancia dellas núa mes
 ma igoaldade & resplendor. E desta en
 ganosa perspectiva da affeiçao ser cõmú
 a muitos, vé a desenganada justiça a es
 tar em poucos. Isto quis significar Hesio
 doro, quādo disse q a justiça vendose mal
 tratada na terra sefora pera os ceos, & q
 era húa virgē incorrupta: pera significar
 que erão poucos os justos, & q não podia
 julgar segundo justiça, se não os q tinhão
 o juzyo liure de corrupção. E Chrysippo
 declarando isto mais disse q esta virgē ti
 nha o aspecto temeroso, & os lumens dos
 olhos espertos, & o resto seuero & graue.
 E Nigidio Figulo disse que esta era aqlla
 virgem q os antiguos dizião q estaua naq
 le circulo celeste, a q os nossos Mathema
 ticos chamā Zodiaco colocada átre o lião
 & a libra, entēdēdo pelo lião a fortaleza,
Chrisippo
Nigidio.

DA IVSTICA.

& pela libra a prudécia & temperança, q
estão com suas balanças pesando as cou-
sas. E a justiça esta pintada com húa espa-
da aguda dábos os gumes na mão, contra
cujos fios nam possa valer dureza de odio
nem brâdura damor, porque sem temor
corta direito & igoal. Quiserá nisto sig-
nificar os antignos q a justiça he húa vir-
tude celestial, pois acolocaram no ceo, &
que está autrc as outras virtudes cardinaes
no mço delas como mais excelleente, & q
dá, reparte, & distribue, cōforme aos me-
recimentos, sem attentar pera affeiçāo.
Isso, disse o theologo, quis significar Casi-
odo sobre os Psalmos, quando diz que
a justica não conhece pay, nem may, mas
a verdade. E pa isto querouos trazer húa
figura do velho testamento. Porque pois
vos como philosopho trouxestes razões
do intimo da mathematica, trarey Ieu co-
mo theologo razões do intimo da sagra-
da escriptura. E por vos fazer a vontade
atre as diuinias tocarey tambē algumas hu-

Cassiodo.

manas. Diz o propheta Ezequiel aos qua
renta & hú capítulos de suas visões, q̄ vio
nū templo pintados muytos cherubins,
& que cada hú tinha dous rostos, hú de
homē, outro de lião, & que com cada hú
delle solhaua pera húas palmas, q̄ estauā
entre cherubim & cherubim. Pelo cheru
bī, que como diz sam Ieronimo, quer di-
zer muytos, se entende o Príncipe, & prela
do, o qual se chama quasi muitos, porq̄ to
das as virtudes q̄ estão espalhadas pelos
subditos, há de estar juntas no príncipe. E
há de ser quasi muytos, porq̄ hade acudir
a todos, & ser de todos: de maneira q̄ o q̄
menos p̄te ha de ter nelle ha de ser elle.
Ter cada cherubim duas faces, húa bran
da de homē, & outra carrancuda de lião,
hedar a entender o propheta que o prin
cipe aos bōs se ha de mostrar brádo & su
ave, & aos m̄aos carregado & temeroso:
abūs se ha de mostrar humano, & a ou
tros seuero, ahūs ha de fauorecer, & a ou
tros castigar. Mas quer fauoreça, quer ca
stigue

Ezech. 42

Hierosy.

P. V. stigue

DA IVSTIÇA.

Stigues, semp̄ ha de ter os olhos na palma,
que he o premio da vitoria, & eterno ga-

Texto 6. Jardam, a q̄ S. Paulo na seguda a Timo-
theo chama coroa de justiça, que lhe está-
ua no ceo aparelhada. Neste galardá diui-
no ham de ter postos os olhos os q̄ man-
dam & gouernā, pondo sempre em Deos
o pensamento & tençam, porque elle he
o verdadeyro premio, dirigindo a elle su-
as obras, pois a perfeiçam dellas consiste
principalmente em ter a Deos por fim, &
escolher meyos cōuenientes pera o alcá-
çar.

Cati. 8.: Isto he o que diz o esposo nos Cati-
cos de Salamão falando com a esposa, q̄
he Cristo, q̄ fala com a alma deuota, Poé-
me como final sobre teu coração. Como
se differe: Tomame por fim, poéme como
aluo na barreira de teu coração, onde vá
parar todas as setas de tuas palauras, obras
& pésfamentos & quer castigues, quer fa-
uoreças, poé os olhos ē min. Isto quis sig-
nificar S. Augustinho no liuro dos custu-
mcs da igreja, quādo diz, q̄ a justiça he hú
sanguini *amor*

amor, que serue a só o amado, q̄ he Deos,
& porque a elle serue, por isso verdadeira
mente manda & domína. Quer dizer q̄
a tençam do que faz justiça ha de ser po-
sta em Deos, & que por seu amor se ha de
mouer a fauorecer & castigar sem accep-
tação de pesslo as, & q̄ quādo se offerecerē
duas couſas jūtas, hūa da pessoa outra do
officio, quer dizer quādo jūtamente se
encontrarem dous respeytos hū da natu-
ral affeyçāo, outro do carrego pubrico, q̄
o homē tem, primeyro se ha dacudir ao
do officio pubrico, q̄ ao priuado da pessoa
Esta he a causa porq̄ Christo nosso Redē
ptor estādo na Cruz primeyro falou po-
los pecadores, que falasse á glorioſa virgē
fua madre, que estava ao pé da Cr̄nz, cō
a tristeza impressa ē ſeu vulto, triste mais
q̄ todas as tristes, & primeyro despachou
o ladrão q̄ á virgē, porq̄ como ſeu officio
era ſaluar peccadores, & a iſto veo ao mu-
ndo, quis primeiro acudir a oſpeito pubri-
co de ſeu officio, q̄ ao particular do amor
que

DA IVSTICA.

que tinha á sacratissima virgē: ac odio pri-
meiro ao respeito de redemptor, & depo-
ys ao de filho: & assi a terceyra palaura q
falou na cruz foy avirgem, & a primeira
foy pedir ao celestial padre perdão pera
os peccadores. Colhemos desta figura do
diuino Propheta Ezechiel, & das mays
authoridades allegadas que todos os que
tem dominio há de preceder aos outros
em virtudes, & ham de dar a cada hū oq
merece, nāo segouernando per affeiçāo,
mas per justiça, alcuantando o espirito a
Deos, & pondo nelle os olhos de sua ten-
ção, acudindo antes aos respeitos de seu
officio que aos de sua pessoa. Equando di-
go que os principes & prelados ham de
goardar igoaldade, nāo quer dizer q tá-
ro ham de dar a hū como a outros, porq
essa igoaldade, he disigoaldade, mas q as
merces ham de ser igoaes aos merecimē-
tos, & os castigos ao oliuel dos desmereci-
mentos. O sol quando bate na frontaria
dhū alta edificio, entra per todas as jane-
las

las abertas daquella banda, enchendoas de sua claridade: mas como húas sam grã des, outras pequenas, per húas entra muito resplendor, p outras pouco. E dizemos que o sol entraigoalmente ptr todas aquellas janelas, não porq tanto entre per húa como pela outra, mas porque entra igoal & conforme ao tamântio & capacidade de cada húa. Assi entâ dizemos q os principes & prelados sam igoaes, não quando tanto fauor fazem aos de menos quilates como aos de mays, mas quando as merces sam proporcionadas com os merecimé tos, & imitão a Deos acerca do qual nam hahii accepçao de pessoas, como o affirma a scriptura no cap. x. do Deuteronomio & sam Paulo no segundo da Epistola ad Galatas, & sam Pedro nos Actos dos A- postolos, como o refere sam Lucar no. x. dos mesmos actos. Tal ha de ser o princi pe Christão, imitador de Christo, ornado de todas as virtudes, abrasado no fogo da diuina charidade, pera que insine & go uerne

Deute. 10.

Galat. 2.

Aa. 10.

DA IVSTICA.

**Compa.
raçam.**
uerito nam somēte com leys & palauras
mas cō obras & exemplo. O qual elle nā
fará se se guiar per affeyçā corrōpedora
do juizo. Assi como pera discernirmos &
diuisarmos a couſa mayor da menor uſa-
mos de medida justa, & pera discernir-
mos a couſa pefſada da leue uſamos de ba-
nça certa, & pera dizernirmos os mais
os menos uſamos de numero desenga-
ado, Assi pera julgarmos & diffinirmos
& distinguirmos o justo do iusto, he ne-
cessario uſarmos do juyzo da razā liure
& incorrupto, o qual necessariamente ha-
de ter o justo principe & prelado; por q̄
mal pode ser a sentença liure, se o juizo
esta catiuo, & mal pode ter a vara direyta
quem tem a consciencia torta.

CAPITVLO. IIII.

Das ideas de platão, & dos votos, &
elecyões, & qualidades, que ha de-
ter, o que a outros gouerna.

AQui



Qui respôde o mathematico dizendo: Hū desses prí-
cipes será mais raro de achar
que aue phenix, que nā ha
mais que húa no mundo: &
esta não se ve senão em Phenicia região
de Arabia, & viue quinhélos ános, como
diz Pomponio Mela, com quem concor ^{Pomponio,}
da Herodoto, ainda que Solino diz, que ^{Herodoto}
^{Solino.} viue quinhélos & quarenta annos, & Pli-
nio seis centos & sesenta. Creo eu disso ^{Plinio.}
cidadão, que auerá destes principes muy
poncos. Mas per ventura nenhū disso
jurista. Antes, disse o theologo, auerá mui-
tos Quanto mais que ainda que nenhū
nucessse esta perfeyçāo, aquelle que mays
perto for della, se chamará mays perfey-
to. Como de muytos besteyros, que tirā a ^{Compa-}
húa barreira, quando nenhū delles dā no ^{raçam.}
aluo aquelle que mays perto chega delle
he o milhor. E alem disto ainda que a
coufa nā seja, nem aja de ser, bē se pode
descrever & definir. Isto, disse o jurista
paracē

DA IVSTIÇA

parece impossivel, porque como o definito & a definição sejam relatiuos, & não possa ser h̄ sem o outro, como pode haver definição se não há h̄ definito, nem o h̄ nunca dauer? Ainda respondeo o theologo, que o não aja realmente, hao no conceito daquelle que o define.

Platão.

Dōde veo Platão a definir & escreuer h̄ a republica a mais excellente q̄ elle imaginou, a qual

Xenophōne. nunca foy nem ha de ser. Xenophonte excellente philosopho & oradar condiscipulo do mesmo Platão pitou na Pedia de Ciro h̄ perfeito principe, qual elle nunca vira, nem cria que veria nunca. Isto lie o que diz Cicero no segudo liuro de or-

Cicero.

Volatera. tote, & Volaterano na vida de Xenophonte, que não seruio Xenophonte tanto à historia de Cyro, como a instituir h̄ pefeyto principe. Ambos estes doulos philosophos Platão & Xenophonte forão discípulos do grande Socrates, de cuja fonte beberão esta doutrina: não definitivamente nas suas obras o que era, mas o que desejavam que

que fosse. Assi o affirma o glorioſo. S. Ambroſio no proēmio, que fez no primeyro liuto de abraham. E o mēſmo Cicero, cõ quem agora alegaua, descreueo hū perfeito orador, qual nūca ouue, nem auerá. A estes autores imitaram em nōſſos tēpos Thomas Morus conde de Inglaterra, no liuto da cidade, q̄ hi nāo ha: & Balthazar Castellão Conde de Italia no seu liuto do pſeito cortefam. E outros modernos, que por breuidade deixo de cōtar. Quādo Phidias aquelle famoso pintor tā nomeado no mundo, pintou aquella imágē de Minerua tā bela em suas naturaes proporções & lugares de sua gentileza, q̄ nāo ouue quem depoys podesſe imitar a perfeição de suas feições, nāo olhaua pa nenhūa molher que tirasse pelo natural, mas em seu entendimento estava hūa figura de fermosura pérfeitissima, a qual el le contemplando, & tendo nella fitos os olhos de sua mente, a sua semelhança dirigia a mão. E matizou hūa imágē tam ex

Q celēte

DA I VSTIÇA.

cellente,& tão viua ao parecer, q̄ parece que gastou nella todo seu artificio, mas ainda nam chegou áquella traça & figura, em q̄ tinha pregados os olhos do entendimento, que era como h̄u extremo de natureza, de tanta perfeyçam, que nem a imaginaçam tinha mais que pintar, né o desejo mais que pedir. A estas figuras traçadas no concepto chama ideas aquelle insigne Platão, aquem o philosopho Panecio chama sapientissimo & Homero dosphilophos. O qual nã somete na philosophia, mas ainda na eloquencia eclipsou a memoria dos ante paffados, & ensinou os homens a fugirem da sensualidade, em tanto que lhe fizeram os gétios h̄u epitaphio que dizia, q̄ o deos Apollo tiuera dous filhos Sculapio & Platão, Sculapio pera curar os corpos, & Platão as almas, como o refere na sua vida Marsilio Ficino. Enā vos pareça que nam ha hi ideas, porq̄ as ha sem duvida. E S. Augustinho no liuro das oytēta & tres questões onde

Platão.

Marsilio.

Augusto.

onde trata copiosamente esta materia, diz que as ha hi, & que tem tanta força, que ninguem sera sabio, se as não enteder. Cō a qual sentença se vão os outros theologos. E por esta causa bē podemos pintar & descreuer huijn principe justissimo & pfectissimo, não como retrato dos q̄ hi ha, mas da idea, que em noſſa alma concebemos. Quanto mais que como disse, ouue hi, & ha oje em dia muitos principes gloriosos & excellentes, que com sua justiça, virtude, esforço, & sapiencia alcançarão tam illustre & perpetua fama, q̄ morrédo elles, ella sempre viuira, se auer couſa no mūdo, q̄ a poſſa enterrar no esquecimento. Ellas ideas de Platão, disse o jurista, ſam mais escuras ſeſſéta vezes q̄ a noſſa lei Gallus, q̄ nos temos por hū extremo de escuridade. Verdadeyramente ellas me parecem hūas chimeras, q̄ o q̄ dellas mai entendo he nā as etéder. Não ſam ellasmuyto claras, disse o mathematico, mas mais difficultes ſā os numeros de Pythagoras, & a inuēçā da

Q ij roda

DA IVSTIÇA.

roda & esphera viua, & da quadratura do círculo, & o nacemento & occasu dos signos, & outras materias desta qualidade, onde ha muitas subtilezas & delicadezas mays meudas & piores dentender q̄ os atomos de Epicuro. O que eu desejo disse o cidadão, he saber as qualidades, q̄ em especial ha de ter hū Rey, ou hū prelado, ou em fim qualquer gouernador, q̄ tem mando & dominio; pera se poder chamar perfeyto. E auendo eu de eleger hū cidadão pera gouernar a republica, qual antre os outros escolherey. Isto folgaria q̄ tractasseis, porq̄ me parece materia mays útil, que adas ideas. No velho testamēto, disse o theologo, está escrito aos dezaseste capitulos dos Numeros q̄ contendēdo muitos sobre o sumo sacerdocio, foy pronunciado per Deos, q̄ aquelle tiuesse esta dignidade, cuja vara florecesse. E postas as varas de todas as gerações dos filhos de Israël ē o tabernaculo do cōcerto, somēte acōteceo isto á verga de Aron, a qual milagrose

Jagrosamente deu folhas, & flores, & fruta, & não qualquer mas excellēte. Quis Deos nisto significar que aq̄lle he digno da dignidade & prelazia, & de termádo sobre os outros, cuja vida té folhas & flores, & fruto. Pellas folhas se entendē as palauras, letras & doutrina, pelas flores as bōas esperāças & reputação: & pelos frutos as bōas obras. E pelo contrario aq̄lle he indigno da dinidade, cuja vida he seca, nua de bōas letras & de bōas esperanças, & de bōas obras. Que as letras sejão necessarias ao que gouerna, cm especial ao prelado ecclesiastico, dilo sam Paulo escreuendo desta maneira aos Ephesiōs: Ep. Iac. 4.

Deos deu huūs Ap̄los, outros prophetas, outros euāgelistas, outros pastores & mestres. Sobre estas palauras diz assi sam Hieronymo. Nota que aquelle que he prelado, ha deser mestre. Nam diz, outros pastores, outros mestres, mas outros pastores & mestres. O mesmo S. Paulo na primeira Epistola a Timótheo, & na ep̄la a Timo. 3.

Q iij Tito

DA IYSTICA:

Tito, nas quaes debuxa & matiza o bom
prelado, antre as outras qualidades, q̄ lhe
atribue, põe a doutrina & sciēcia. No Le-
vitiico dizia Deos que lhe nā offerecessē
animal cego. Que animal cego he este q̄
Deos reproua, senām o prelado sem scien-
cia? Isto quis Deos significar, quādo má-
daua no Exodo, que o summo sacerdote
trouxesse no peyto hū racional com hūas
letras, que disse sem: Doutrina & verdade
Prelado sem letras he aue sem penas, &
nauio sem leme, & relogio sem pesos. No
primicyro capítulo do Deuteronomio
falando Moyses com os Iudeos dizialhe:
Dayme d'entre vos varões sabios & pru-
dentes, cuja conuersaçō seja aprouada
de vós, & eu os farey vossos principes. Isto
quiseram significar os antiguos Hebreos
no seu alfabeto, no qual nenhūa letra a-
leuanta a cabeça senam lamed. Estando
todas as outras bayxas, só ella cestá alta
com hūa coroa em cima como raynha &
princesa das outras. E auēdo no alfabeto

Lévi. 22.

Exod. 28.

Dente. 1.

hebrayco vinte & tres letras, o lamed he
aduodecima, de maneira que está collo-
cada pōtualmēte no meo de todas ellas,
& q̄r dizer doutrina, deriuada do verbo
lamed hebraico q̄ quer dizer ensinar. Ca
todas as letras hebreas, alem da q̄ sam, tē
suas significações. Per este lamed se enten-
de o principe & prelado, q̄ está mais alto,
ao qual todos os outros se inclinam, elle
manda, & os outros obedecem. Alcuāta a
cabeça pera cima, porque o prelado ha de
ter a mente pera o ceo alcuantada, pedin-
do sempre o diuino adjutorio. E signifi-
ca doutrina, porque o prelado ha de ser
docto, & sua vida ha de ser hūa viua dou-
trina, de maneyra que ensine cō palavras
& com obras. S. Cyrillo no segudo liuro
dos cōmentarios que fez sobre o Leuitico,
que algūs querē atribuyr a Origenes,
diz q̄ arazā porq̄ no Leuitico, óde se fala
do peccado do prelado, se nā faz mēçā da
ignorancia, fazendose quando se traça
do peccado das outras pessoas, he porque

Cyrillo.

Q. iiii se

DA IVSTIÇA.

se presupõe que nam pode auer ignorâcia no prelado, pois pera ensinar os outros foy electo & instituido. No segûdo Psalm. 2. dize Deos: Sede eruditos vos os q̄ julgais a terra. E pelo Propheta Osea: Pois tu desprezaste a sciēcia, eu te desprezarey pera que não tenhas officio de sacerdote. Pera que he mays senam q̄ as mesmas dignidades se chamão magistrados, porque os que mandão & presidē hā de ser mestres ornados de sciencia & doutrina? Isto baste quanto ás letras. Que seja necessario ao que ha de ser electo dar de si bōa espeçança, & estar em bōa reputaçā, dilo sam Paulo a Tito & a Timoteo. E está he à causa, porque Christo nosso Redemptor perguntou a sam Pedro, primeiro q̄ o fizel se principe dos apostolos, se o amava, para nos ensinar que a aq̄lles se liam de dar os carregos & prelazias, q̄ estiuarem em reputaçam de amadores de Deos. E não somente lhe perguntou se o amava, mas se o amava mays q̄ os outros, porque aq̄lles
ham

Psalm. 2.

Ose 4.

Tito. 1.

1 Timo. 3.

Ioan. vlt.

ham de ser electos em prelados, q̄ tiueré fama de exceder aos outros em charidade. Enam se contentou o Senhor de perguntar a Sam Pedro húa vez se o amava, mas três vezes lho perguntou, como o diz sam Ioão no seu Euágelho. Ensinou nos nisto o Saluador o exame, que auiamos de ter na cleyçam do prelado. Nam pergúta a sam Pedro se he fidalgo, se he cator, se he debuxador, mas se he sobre todos verdadeiro amador. A elle diz: Apascenta minhas ouelhas. Nam diz Apascentate a ti, mas minhas ouelhas, né diz: mata as, comelhe a carne, esfolaas, trosquiás, vistete da sua laã, se não apacentaas. Aquelle a pascenta as ouelhas que acorre a suas necessidades, assi da alma como do corpo, ensinandoas com doutrina & obra, com palauras & virtudes. **Mas porque os eletores nam erré, ham de eleger aquelles,** que em melhor reputação estiuerem, & melhor esperança de si derem, que farão bem seu officio, & medirám suas obrascõ

que

Q. IV

DA IUSTIÇA:

a regra da doutrina Evangelica. Isto heia

1.Timot.3 que diz S.Paulo: Conue q o electo tenha
bom testimonho daquelles q sam de fo-
ra. Isto he quanto á reputação. Poys que as
bōas obras lhe sejão necessarias dilo Chri-

Matib.5. sto nosso Redemptor em S.Mattheus: O q
fizer & ensinar este será grande no reyno
dos ceos. E sam Paulo diz escreuendo a Ti-

2.Timot.4 mothco, que elle constituyra em prelados:
Tu vigia, & em tudo trabalha. Porque o
prelado ha de ser exemplo de bōas obras.

Iudic.3. Isto declara a escriptura no liuro dos Iu-
zes, onde o bom Gedeão capitão dos Is-
raelitas lhe dizia: O que me virdes fazer,
isso fazey. O bō-principe ha de obedecer

Deuter.17 ás leys pera dar exéplo. No Deuteronó-
mio mādaua Deos, que tanto que el Rey
fosse electo & cōstituido, escreuesse a ley,

& a tiuesse cōsigo, pera per ella se gouer-
nar. E no iiii.liuro dos Reys está escripto,
que querendo constituir em Rey o prin-
cipe, lhe pos o sacerdote na cabeça a co-
roa real, & em cima a ley de Deos, porq

4.Reg 12.

ella

ella he a q̄ os reys per cima de tudo ham
 de estimar. Diz S. Ambrosio, que o q̄ do- Ambros.
 mina faça leys, que elle mesmo goarde.
 Não porque seja sogepto à ellas, mas polo
 exemplo que de si deuedar aos outros. O
 principe ou prelado he oliucl, q̄ não só-
 méte em si he igoal & direyto, mas igoa-
 la, & indireyta o edificio: & mal pode elle
 indireytar, se for torto. Assicomo não po Compa-
 de ser direyta a sombra da vara torta, assi raçam.
 não he o pouo justo, quando o Rey he de-
 prauado. Isto he o q̄ diz Salamão nos Pro Prouer 29
 uerbios: O Rey justo aleuanta a terra. E
 no Ecclesiastico se diz: Qual he o rege- Eccles. 10.
 dor da cidade, taes sam os moradores del-
 la. E daqui vem que os peccados do pouo
 sam attribuidos aos prelados, q̄ não sómē
 te peccá com obras, mas cō maos exem-
 plos. Quando hū relogio, q̄ tem todo seu Compa-
 concerto necessario, anda destempera- raçam.,
 do, mays se attribue este erro ao relogiey-
 ro, que tem carrego de o temperar, que
 ao mesmo relogio. Assi errando o pouo,

DA IVSTICA

& dcyxádo avirtude polo vicio, a aquelle
se ha de dar a culpa, que tein carregodo deo
moderar & reger, pois com seu mao exé-
plo o estraga & destempera. Assi como o
mar imita & segue ao ár, de maneyra q se
o ár está sereno, está o mar assollegado, &
se o ár anda tempestuoso, anda o mar co
tormenta, assi se o principe he virtuoso,
o pouo segue a virtude, & se he vicioso,
he també o pouo dado a vicios. Por isso
dizia S. Paulo a Tito Em todas as couisas
te põe por exemplo de bōas obras. Resu-
mindo & epilogando o que tenho dito,
respondo a vossa questão, que a aquelle a
ueys de dar vossa voto pera gouernar, q
antre todos tiuer mais saber, & der de si
milhores mostras & esperanças, & fizer
milhores obras, q sam as qualidades substá-
ciaes do prelado. Assi como húa nao nam
se deve chamar bōa por ser melhor pintá-
da nem por ter a proade de prata, nem por
ser ornada de fermosas bandeiras & esté-
dardes, se nam por ser firme & segura, &
bem

Compa-
raçam.

Tito.3.

Compa-
raçam.

bem vedada, ligeyra, veleyra, obediente
ao leme, de bôs mastos, velas, madeyra, &
pregadura, assi não se chamará ninguem
bom prelado por ser bom tâgedor de te-
da, bom escriuão, de nobre geraçam, pri-
uado de principes, ou por outras quali-
dades desta maneyra, porque ainda q̄ or-
nema pessoa, nam entram na essencia de
bô per lado. Mas aquelle se chamara bô
prelado q̄ tiuer letras, reputação, & virtu-
des. Nas quaes tres couisas se cōprehende
ser sobrio, cōtinente, justo, diligēte, pru-
dente, & amador de Deos. Finalmente
aqueles hão de ser em prelados cōstitui-
dos que forem sabedores no regimento,
virtuosos na vida, exemplares nas obras,
experimentados nos dias, humanos na
conuersaçā, & liures no officio. De ma-
neira que se ha defazer toq̄ nos homēs, &
aqlles hā de ser escolhidos pera gouernar,
q̄ mais quilates tiueré de cōfiāça, porque
quāto cada hum está em lugar mais alto,
tāto ha de ser é merecimēto mais eminēte.

CAP.

DA IVSTICA;

CAPIT. V.

Em que o theologo trata do officio do principe, & do perigo em que viue, & das qualidades que ha de ter se-gundo a sentença dos philosophos.

Bias.

Celio.

Pindaro.

Diodoro.

Fulgosio



Erguntado Bias o philoso-pho qual era o bom principe & prelado, respõdeco, como refere Celio Rhodigo, que aquele q obedecesse ás leys, & que he o primeyro q se somete a ellás. E nisto diz elle verdade, porque Pindaro affirma que a ley he raynha de todos os mortaes. Dóde os Reys do Egypto, como conta Diodoro Siculo, então se tinhão por bema venturados, quando obedecião ás leys. Conta Fulgosio q Anthioco terceyro Rey de Asia escreuço atodo seureyno, q se em sua cartas ou alu-rás se achassem cousas contraria as leys, q soubesssem q era descuido, & q não goardasse taes cousas, porq sua tençao não era quebrar as leis. E o mesmo fez Tiberio Cesar,

como

como o affirma Nicephoro no primeyro Nicepho:
livro da sua historia. Solão Salaminio diz: Solão.
Então rege, quádo tiueres aprédiado a ser
regido. Socrates diz q̄ he ignorácia que- Socrates.
ter imperar sobre os outros, quē nā pode
imperar sobre si. Plutarcho diz q̄ pessimo Plutarcho,
he o gouernador, q̄ nāo gouerna a si. Por
que delle ser mal regido procede nā auer
no pouo bō regimento. E pelo contrayro
quando o gouernador he justo, & obedele-
ce ás leys, os subditos folgā de lhe obedele-
cer a elle. E cō isto se sustentão os reynos.

Dizia Cambises Rey dos Persas q̄ duas erão
ascousas, cō q̄ se podia a república suste-
tar, a primeira quádo a virtude regia ao q̄
regia, & a segūda quando os q̄ obedecião
entendião quāta honra era bē obedecer.

Dizendo hūs a Theopompo Rey de La- Theopop.
cedemonia q̄ então hia bem aos Lacede-
monios, porq̄ os reis aprédiā a bē mādar,
respōdeo elle: átes porq̄ os subditos aprē-
dē a bē obedecer. E então obedecē elles,
quádo vē os principes bē mādar, & entā

má

DA IVSTIÇA.

mandá bem, quando fazé o que mandá
Porq então fica a ley hū prelado mudo,
& o prelado húa ley que fala : Então heo
prelado ley que fala, quando faz o q de-
ue, sem a solta liberdade, que o mádo &
dominio consigo trazé, corromper com
vicios sua bōa inclinaçāo. Então he ley q
fala, quando satisfaz com a pessoa o q de-
u e a o officio. Então he ley que fala quan-
do vfa da prosperidade dō mundo como
de couſa, que em nenhūa faz assento né
firme alicessē, antes conhecendo sua va-
riedade & inconstancia, nem acquires fo-
berba na bonança, nem perde o animo
na aduersidade, pera deixar de fazer justi-
ça, & perder o tento de sua gouernança.
Então he ley que fala quādo com seu es-
forço o dá aos seus, quando a razão ven-
ce o appetite, & a justiça não tem conta
cō a affeiçāo, quando tem posto os olhos
no proueyto cōmū, confirando que elle
mesmo não he seu, mas do pouo , & q ha
de ser hū sol igoal a todos, & ha de puer
a to-

a todos & ter conta com todos, & vigiar
 sobre todos cõ mays olhos, dos que fin-
 gem os poetas q̄ tinha Argos. Osiris quer
 dizer coisa, que tem muitos olhos. E por
 esta causa diz Ensebio no liuro da prepa- Ensebio.
 ração Euāngelica, & Porphyrio no liuto Porphyrio
 contra os que comē carne, q̄ os Egypcios
 poserão este nome ao sol, porque elle cõ
 seus rayos vencedores das trevas como
 com clarissimos olhos vê & rodea todas
 as couzas. E porque Osiris como diz Dio- Osiris.
 dor, foy Rey do Egypto, onde ensinou Diódoro,
 muitas artes, o adoratão os Egypcios co-
 mo a Deos, ou Rey divino, dizendo que
 elle era o mesmo sol. Quiserão nisto signi-
 ficar os antiguos, que o bom principe &
 prelado, he hū sol commū a todos, que vi-
 ga sobre seu povo cõ muitos olhos, estâ-
 do sempre no meo como o sol, que está
 no meo, dos sete planetas. Os Egypcios
 antiguos, q̄ em lugar de letras se enten-
 dião per figuras & charatercs, quādō que-
 nião significar Deos, pintauão humcetro

R direy

DA IVSTIÇA.

direyro & alcuātado com hū olho em ci-
ma,dando a entēder que Deos era justo
Rey,& que via tudo,& que tacs auiaõ de
ser os principes,se quisessem ter por vida
em pregala em couſas de gloriosa memo-
ria.Dc maneyra q̄o principe & prelado
ha de viuer sobre os seus cō grande vigi-
lacia,& acodir a todos,& olhar por todos.
Esta he a causa, porq̄o tribunõ do poto
não podia estar forade Romalhū dia in-

Aulo Gel. teyro, como o affirma Aulo Gellio no se-
gundo capitulo do terceyro liuro das suas
Macrobie. noites Aticas,& Macrobie. no terceyro
capitulo do seu principio liuro dos Satur-
naes. Porque querião os Romanos, q̄ os
que tiuessem carregos pubricos,& domi-
nio antre a geralidade,fossem presentes a
tudo,pa q̄ deyxasssem passar culpa sem ca-
stigo,nem virtude sem galardão. E pa esta
execuçao escolhião magistrados,q̄ nēalar
gassem tanto,que perdessem por brādos,
nem tirassem tanto,que excedessem por
rigorosos. Dizia Fronto consul que foy

Fronto,

no

no tempo do Emperador Nerua, como
o refere Fulgosio, que mao era viuer á obediencia do principe, que vay a mão á tudo, mas pior era estar subje^cto a principe, que não vay á mão a nada. Porque ainda que faz damno o que não permite nada, muyto mór o faz o q permite tudo. Grā-de trabalho, disse o cidadā, he o do bō principe & preladodo, poys he obrigado a ser justo & igoal, & a coimprir com todos, & a contentar a todos, que parece coufa nā somente difficultosa, mas impossivel. He coufa, disse o theologo, tão trabalhosā & perigosa que dizia. Demostenes, que se nos fossem mostradas duas vias a escolher, hū que guiasse á morte, outra á gouernāça da repubrica, auiamos antes de escolher a da morte que a da gouernāça. Assi o conta Plutarcho na sua vida. E Chrysippo dizia, que nenhum homem auia de pretender dignidades & prelazias, poys está tomado as mãos que se o fizer bem, ha de descontentar aos homēs &

R ij sc

Fulgosio.

Demostenes.

Plutarcho

Chrysipp.

DA IVSTIÇA

Fythag.

Laêrcio.

Turbo.

Dião.

Seneca.

se o fizer mal, a Deos. Isto quis significar
Pythagoras naquelle sua sentença rela-
tada mas não explicada per Laêrcio, lida
de muitos, & entêdida de poucos, q diz,
que não curê de fauas. Isto dizia elle, não
porque prohibisse comer fauas, mas porq
em tépos antiguos as eleyções dos votos
se fazião com fauas, & quem mais leuaua
alcançaua a dignidade & prelazia. Quis
dizer o Philosopho que ningué buscasse
nem pretendesse carregos nem gouerná-
ças, se queria viuer quieto. Quam grádes
& incóportaueis sejão os trabalhos dos q
bem gouernão sentiu bem Turbo prefe-
cto dos Romanos, o qual fendo amoesta-
do do Emperador Adriano que descan-
sasse, & senão desse tanto ao trabalho, ref-
pondeo, como refere Dião Cassio, que era
necessario aos homens q gouernão outros
morrer em pé trabalhando. Côcerta isto
como o q diz Seneca noliuro da clemen-
cia, que não ha de cuidar o que manda &
gouerna, que a república he sua, mas que
cile

ellehe da repubrica: nem se ha de ter por
senhor mas por escrauo & seruo pubri-
co. E como diz Pittaco hū dos sete sabios, Pittaco.
ha de ser subjeito á razão dos seus, & liure
á sem razão dos alheos. Diz o Petrarca Petrarcha;
que o bom Rey o dia que começa a rey-
nar, acaba de viuer a si, & começa a viuer
pera os outros. E se faz o contrayro, de-
struye totalmente a repubrica, porque, co-
mo diz Xenophonte, todas as que se per- Xenophon.
derão, foy por causa dos gouernadores. E
per aqui vereys quam graue peccado he
eleger á scinte homés indignos, por affei-
ção ou particular interesse. Sácto Antho- Anthoni.
nino na terceyra parte affirma q̄ peccão
mortalmente, poys indo cōtra a charida-
detrazem notavel daimno á igreja, á qual
ninguē mais empece que o mao prelado.

Dizia o Papa Pio segundo como o refere Pio. 2.
Platina, que os homés se hão de dar ás di- Platina.
gnidades, & nā as dignidades aos homés,
Húa das virtudes de que foy louuado o
grande Constantino foy, que aos homés

R ij bay

DA IVSTIÇA.

bayxos, a q̄ quis bē, antes q̄ fosse Emperador, depoys d'alcāçado o imperio lhe fez merce de dinheiro, mas não de officios da repubrica, saluo aos que pera isso tinhão habilidade & merecimento, como o cōta na sua vida Pomponio Leto: porq̄ dizia elle, q̄ os carregos publicos & magistrados não se auiaõ de dar por affeyçam mas por razão. Esta he ordē per onde tudo vay fcm ella, prouerē as pessoas de officios & não os officios de pessoas. Daqui vcm os descōcertos & desbarates dos subditos, porq̄ assi como sendo a fonte solubre, não podem ser doces os ribeyros, assi sendo corrupto o prelado, sam tambem os subditos corruptos. Mas o bō prelado ha de olhar o officio, que tem, & confirar, que quanto está mays alto, tanto está em maior perigo. Declarando sam Gregorio aquellas palauras de Christo nosso Saluador em S. João: [Accipite spiritum sanctū:] diz assi: Grāde he a hōra da prelazia, mas he graue o seu peso. Couisa dura he q̄ seja juyz

Leto.

Compa-
raçam.

Gregor.

Ioāo vlt.

juyz da vida alheia, quem não sabe gouernar a sua propria. Quem não he pera ser arraez do pequeno barco de sua vida, como sera piloto da gráde nao da repubrica? cō que coraçāo ousa tomar na mão o leme da gouernança de todos, quem não atina a gouernar a si? Se hū Anjo custodio sendo espirito tão purificado & excellente, se contenta com ter húa só pessoa debayxo de sua goarda, qual he o homē, que deseja & pretendete ruytas, sendo fraco, & imperfeyto, & finalmēte sendo homē E mays poys ha de dar conta das ouelhas a elle cometidas. Falando Deos cō o prelado aos iij. capitulos do Propheta Ezechiel diz: Senão falares & declara- Ezech. 3.
 res a teu subdito, que se tire de seus vicios, elle morrerá em seu peccado, mas tu me darás cóta do seu sangue, eu tomarey vin gança de ti. Palauras sam estas pera meterem espranto, & fazeré desfazer a roda, & tornar sobre si, & meter debayxo dos pés todas as fantesias. Em Deos dizer q o

R iij pre

DA IUSTIÇA.

August.

3. Reg. 7.

prelado lhe pagará a morte do subdito, dá a entender que o mao exemplo dos prelados he causa da perdição dos subditos. Donde veo a dizer S. Augustinho q o prelado, que viue mal, he homicida. E pera não ser tal, ha de ter sciencia cōpetente, & fazer inteyra justiça, & dar exēplo de vida & sanctidade. Isto quis a escriptura diuina significar no terceyro liuro dos Reys, quando diz que mandou Salamão fazer no templo certas basas de colunas, em que estauão esculpidos cherubins, & liões, & bois. As basas sam os principes & prelados, que hão de ter sobre si, todo o peso do edificio. Donde vierão os Gregos a chamar ao Rey Basileus, q quer dizer basa do povo, como hū assento, sobre que está todo o peso & trabalho da república. E daqui se colhe que quanto cada hū está mays aleuantado per dignidades, tanto he mays opprimido com o peso dos trabalhos. Pelos cherubins que como muytos dizē, querēdizer cōprimēto de

de sciencia a qual interpretação segue S.
 Gregorio, significou Salamão q̄ os prin- Gregor.
 cipes & prelados em especial os ecclesiá-
 sticos hão de ter sciencia & conhecimen-
 to da diuina escriptura. Pelos liões se en-
 tende a severidade da justiça, & o efforço,
 & alto animo. E pelos boys os rrabalhos
 nas obras & exercicio de virtudes. Todas
 estas couſas estauão nas basas do templo,
 que sam os principes & prelados compa-
 rados, como diz Chryſostomo, ás basas & Chryſost.
 fundamentos do edificio, porque affico- Compa-
 mo ainda quecaya & se perca hūa pedra
 daparede, facilmente se repaire, mas per-
 dendoſe o fundamento perdeſe todo o
 edificio, & leuado o alicerce, cae a machi-
 na, affi o erro d'hū ſubdito facilmente ſe
 emenda, mas perdendoſe os principes &
 prelados, & ſendo leuados de ſeus vicios
 & desbarates, fica tão arruynada a repu-
 brica, que pera ſeu mal ter remedio tem a
 eſperança perdida, & pa ver ſua deſtruiçā
 ſobejão lhe eſperanças, ſe ſe podē chamar

R v eſpe

DA IVSTICA.

esperâcas os temores de seus males & desfuenturas. Verdade he, que poys a misericordia de Deos he immensa, não se deve nunca della de desesperar. Mas hão de cósirar os principes, que poys sam fundamento da republica, conuem ter muita firmeza no pensamento, pera poderem sostener tão alto edificio. E hão se de entregar totalmente á virtude, & viuer cõformes á ley Euangelica, & goardar inteyra justiça, depenando as soberbas dos reueltos, & dâdo asas de fauor aos pacificos, pera que ornados de boa sciëcia, & de boa fama, & de boas obras, alcancem nome de perfeitos principes & prelados, & acabada esta vida, que he transitoria, alcancem a outra, que he eterna, onde a gloria he sem termo, & o amor sem fim, q̄ ainda que passse o amor do mundo, o de Deos não passa, porq̄ começa aqui, & lá he mais perfeyto, & cá o amor do mundo he só d'entre nuués, q̄ arde muito & dura pouco. E assi tenho mostrado não somente pelas

pelas letras diuinias mas humanas, qual
he o officio do bom principe & prelado,
& em quāmanho perigo viue, & as quali-
dades que ha de ter, pera ser dignamente
electo, & comprir com sua obrigaçāo, que
he singularizarse no resplēdor da virtu-
de sobre todos, poys tem superioridade
sobre todos, pera gouernar como prudē-
te & acautelado, o que elle deve ser pera
não errar. Porque as bōas cautelas, caso
que ás vezes ganhem pouco, todavia asse-
guram muyto.

CAPITVLO VI.

Nem que o theologo declara que os principes
ham de ser mansos, & humildes, &
imigos de nouidades.


Das estas qualidades, que o
principe ha de ter, hão de ser
adubadas cō mansidão & hu-
mildade porq a ira & sober-
ba estragão as virtudes. E se
isto conuē a todo o principe, quanto mais
ao prelado ecclastico, que ha de imitar
aquele

DA IVSTIÇA.

aquelle bō pastor Christo nosso Deos, q
trouxe aos hombros a ouelha que se per-
dera, & que diz em S. Matheus: Quem
quiser ser mayor antre vos, seja vossa mi-
nistro, & o que quiser ser primeyro, seja
vossa seruo, assicomo o filho da virgem, q
não veo a ser seruido, mas seruir, & a dar
sua vida em resgate por muytos. E daqui
veo chamarse o Papa seruo dos seruos de
Deos, que a meu ver he o mays excellen-
te dos titulos do mundo, cujo inuētor foy
o glorioso Gregorio vigayro de Christo.
Aos xxij. capitulos de Esaias, falado Deos
do bom prelado diz: (Dabo clauē domus
Dauid super humerun eius.) Como se di-
sera: Eu lhedarey poder na igreja, que he
a casa do verdadeiro Dauid, que he Chri-
sto. Mas he muito de notar, que falando
aqui Deos da chaeue, q dá ao prelado, não
diz q lha ha de por na cinta, mas no hō-
bro. Que chaeue he esta tão carregada, q
não pode andar dependurada no cinto p
hūa fita ou cordão, mas ha mister fortes

chapeu

hombros

hombros pera a fosterem? Que chaue he
esta, q faz agiolhar oshomés cõ seu peso,
senão a superioridade, & plazia, & poder de
fechar & desfechar? Tristes daqlles q não
querē esta chaue pera a trazer aos hom-
bros, mas ao pescoço. Quero dizer, q não
querem prelazia pera seruir & trabalhar,
senão pera dominar & vaágloriarse. Tra-
zem na ao pescoço como couisa leue, &
como joya pera que lha vejão, & saybão q
sām prelados, & não ao hōbro como cou-
sa pesada, & de muytos écarregos & obri-
gações, não curão dos trabalhos, & offi-
cios, mas das rédas & dignidades, ás quaes
elles não trazem mays merecimētos que
desfjalas & pretendelas, & isto he o com-
qiemenos as merecem: da humildade
isentos, & da presumpção captiños, tão va-
zios de razões & consirações de sua misé-
ria, com o cheos de ambições & vaydades,
em que a fantasia reparte seus pensamē-
tos. Verdade he que hahi muitos prelados
humildes, & excellentes, amaderes da vir-

tude

DA IVSTIÇA.

tude & religião Christaã, qne trazem as dignidades aos hombros, inclinados p humildade, & diligētes na administraçāo, & finalmēte vcedadeyros pastores, ca como

Bernardo. diz S.Bernardo, o officio do prelado he ser sollicito, & tão altiuo. E dado que isto principalmente conuenha aos prelados ecclesiasticos, não cuydem os principes seculares, & todos os q tem mando & domio, q sam escusos da obrigaçāo da misericórdia & humildade, antes trabalhem pessoas acquirir & conseruar como couisas, q lhe san summamēte necessarias. E se peruentura antes de terem as dignidades & carregos publicos, estauão irados contra algūas pessoas, tanto que se virem com domio, lhe hão de pdoar.

Trasibulo o Grego tanto que matou os tyrannos de Athenas, & ficou com o principado, vendo que aquia him mytos, q o tinhão offendido, fez hūa ordenaçāo, que ningnem fosse castigado né accusado de culpas passadas, por não ter occasiāo de vingar as que contra elle

elle seus ímigos tinhão comitidas, & cha-
mauase esta ordenaçāo a ley do eſqueci-
mento. Isto sentia bem Elio Adriano, que Adriano
ſendo confirmado em Emperador, acer-
tou de ver hū homē, a que dantes tinha
odio, & como o homē eſtiuesse assomбра-
do & medroſo, diſſelhe o Emperador: Es-
capate. Como ſe lhe diſſeraz: Agardece tu
ao imperio, que eu tenho, que ſe o eu não
tiuera, eu tomara de ti vingança. Hū du-
que d'Orliães, que fora injuriado doutro
ſenhor, veo a ser Rey de França, & ſendo
acôſelhado que ſe vingasſe, poys o podia
fazer, q'então era tempo, respondeo que
não conuinha a el Rey de França vingar
as injurias feytas ao duque d'Orliães, nē
lembraitſe dellas. Destes principes paſſa-
dos devião tomar exemplo todos os pre-
ſentes, como vemos que o fazem os que
ſam justos, & de altos animos. Mas os in-
justos & de bayxos eſpiritos parece q' não
acceptão os carregos de justiça, pera a fa-
zerm, mas pera ſe vingarem nam tem-

conta

DA IYSTICA.

Compa-
raçam.

conta com clemencia, mas cō vingança.
As brasas na fragoa estando quietas, cu-
bertas de pó & cinza & caruões, sendo vi-
uas parecem mortas, mas tanto que lhe
soprão, & levantão os folles, começão a
centillar, & lançar fayscas & chamas de
fogo: assi o subdito apassionado, que tem
fistuladas as entranhas cō odio antiquo,
como não tem poder pera se vingar, mo-
strase quieto, & dissimula suas injurias
mas se lhe soprays, & alcuantaes os folles,
com lhe dardes qualquer gouernança ou
capitania, ou outro qualquer carrego de
justiça, logo se accende em ira, queren-
do effectuar, os desejos de suas vingan-
ças, logo centilla, & mostra as chamas de
seu rancor, logo prorompe em palavras
injuriosas, logo se descobre & manifesta
por vingatiuo, & pubrica seus odios anti-
guos, & suas damnadas entranhas, porq
tē por gosto tiralo aos outros, & por des-
gosto não o dar a ningué. Assicomó húa
tina por fendida que seja per muitas par-

Compa-
raçam.

tes,

tes, se est á vazia, n ão se conhece , mas tâ-
to que he chea d'agoa, logo descobre suas
fendas, & se enxergão suas faltas, assi h u
subdito n ão mostra qu e he, & por fendi-
do q seja, encobre suas quebras, mas tan-
to que o enchem de dominio, tanto que
lhemetem nas m ãos officio, logo pubrica
seus defeytos & suas fendas: p h uas appa-
rece a soberba, p outras a cobiça p outras a
fantasia, p outras a cruidade, p outras os
écubertos & velhos desejos d vingáça. Isto
he o q diz Pittaco h u dos sabios de Gre- Pittaco.
cia, que o officio descobre o varão. Mas
os que quisarem bem gouernar a outros,
primeyro deu e de vedar & calafetar a si,
pera acertarem: & qu ádo virem que erra-
rão, n ão se hão de correr de emendar seus
excessos, nem se hão de ter disso por afrô-
tados. Acabado Philippe Rey de Mace- Philippe.
dona de julgar injustamente h ua cau sa
contra Macheta vassallo seu , com ira &
pouca consideração, disse Macheta que ap-
pellaua. E fazendo el Rey zombaria de
S sua

DA IVSTIÇA.

sua appellaçao, disselhe: Não sabestu que
não tenho eu superior? Poys pera quem
appellas? Respondeo elle: Senhor appello
de ti perati, depoys q̄ estiueres desagasta-
do, & vires a causa com melhores olhos.
Tornou Philippe sobre si, & vêdo q̄ erra-
ra, reuogou a sentença. Isto fazēos princi-
pes alheios de soberba, ca os inchados del-
la inda q̄ vejão seus erros, hão se por ab-
batidos em os cmedar. E como se gouer-
não per seu prorio parecer querē mostrar
suas inuenções, & ir cō ellās auante, & fa-
zer mil nouidades, com que destruē a re-
pubrica. Muito ha o principe de fugir de
nouidades. Diz Aristoteles que o q̄ bem
quiser, gouernar, trescousas ha de ter, ju-
stiça, poder, & odio a inuenções nouas.
Platão louua muytos os Sicionios em ná
consentirē mudanças em sua cidade. Os
Rhodios forā muito louuados dos Chro-
nistas, em q̄ com grande difficultade fa-
zião & acceptauão leys nouas, mas depois
que crão feytas & acceptadas, inuiolauel-
mente

Aristot.

Platão.

mente as goardauão. Os Lacedemonios
não admitião custumes peregrinos, & se-
gundo as leys de Licurgo não podião ir a
terras estranhas, por não verē nem aprē-
derem nouidades, em tanto que porque
Tipandaro nū instrumēto musico acre-
scentou húa corda aléin das custumadas,
a elle poserão em desterro, & ao instrumē-
to fizerão em pedaços. Florêça, & Sena,
& Pisa, crão tres excellētes senhorias em
Italia cada húa sobresi, & por serē dadas
a mudanças & nouidades perderão seus
estados & liberdades, & vierão em nossos
tempos a ter por senhor a Cosmo Medi-
ces, que de pobre soldado veo a ser duque
detodas ellis. E pelo cōtrayro a senhoria
de Veneza por não consentir nouidades
se conseruou até agora em sua antigua di-
gnidade, & he hoje em dia húa das maiores
illustres & famosas republicas do mun-
do: E tem isto os Venezianos, que natu-
ralmente sam inimigos decousas nouas:
o que não acontece aos Portugueses de

Sij nos

DA IVSTIÇA.

noso tempo, que per cima de muytas
cousas que tem bōas, tem esta mà, que he-
serem muito denouidades, em especial
nos trajos, que cada dia mudão: em tanto
que se agora resurgisse hū Portugues dos
antiguos, vestido ao modo daquelle té-
po, nem noso conhecerímos a elle, nem
elle a nós. Mas ja se sofrerião nouidades
estranghas nos trajos, com tanto q̄ os prin-
cipes as não admitissem nos custumes &
regimentos. Colhemos daqui que os go-
vernadores per cima de humildes & hu-
manos hão de ser inimigos de mudanças
damnosas, se quisere m sustentar seus esta-
dos, ca as respúbricas insinhes permane-
cem na honra ganhada com fazer o com
que a ganharão, & não com inuénções
nouas, com que muytas se perderão.

CAPIT VLO VII.

¶ Da liberalidade, & dos louvores do
direyto ciuil, & da mathe-
matica.

Húa

 Va qualidade, disse o cidadão
 ficou por tocar, que eu te-
 nho pera mí que lustra mui-
 to no principe, & que he das
 mais substanciaes, que elle pode ter. Que
 qualidade, perguntou o theologo, he ella?
 He, respondeo o cidadão, à liberalidade
 & magnificécia. Essa, tornou o theologo,
 se comprehende na virtude cõ outras muy-
 tas particulares, que eu deyxey de tocar.
 Quádo eu digo que o principe ha de ter
 letras, entendoo não somente das huma-
 nasmas das diuinias: & quando digo q̄ ha
 de ter virtudes entendoo de todas, húa
 dasquaes he a liberalidade. Diz Socrates,^{Socrates}
 como refere Xenophonte, que conuem ^{Xenophōtē}
 ao principe ser mays amigo de dar que
 de ter. E Agesilao diz, como refere na sua ^{Agesilao} vida Plutarcho, que aquelle he valeroso ^{Plutarchos}
 capitão, que enriquece mays seu exerci-
 to que a si. O principe cubiçoso & auar-
 to além de ser mal quisto dos homens, está
 mal com Deos, & quanto quer ser mays

DA IVSTIÇA.

rico, tanto he mais pobre. Que tem quem
se a si nam tem? Quē he seruo da cubica,
de quē pode ser senhor? Como podevi-
uer cō a casa chea dc bēs, quē tem a alma
chea de males? Como quadra ter hū prin-
cipe seus paços armados de rica tapeçaria
& alma desarmada da virtude, as paredes
de pedra vestidas, & os pobres de Cristo
nūs? Credē que nam a mores riquezas q
nam as desejar. Hum homē sem cubica
anda descansado & se he cobiçoso, nam tē
descanço, porque sempre traz os sentidos
occupados em seus interesses cō hūaforja
viua de trabalhosos cuidados, q de dia &
de noyte lhe arde no pensamento. Assico
mo quādo o estamago nā coze, nē repar-
te o manjar pelos mēbros, dizemos q está
muyto enfermo, assi quādo o principe he
escafo & auarēto, nāo hai que debater se
nāo q tē grāde enfermidade. O estamago
recolhe ē si as igoarias, & depoys de asdi-
gerir cō o calor natural, repartea pelo cor-
po, mas faltā do o calor, nā se faz a digistā,

Compa.
raçām.

& inchado estamago, & os membros em malecē & enfaquecem. O rico he o estamago, ó de se recolheram as riquezas, para q̄ esmoydas como amor & calor da divina charidade se repartisse pelos pobres mas faltado o amor apagado o fogo dacha tidade encheso o rico & os pobres perecer & quanto mays cheo está o estamago, quanto mais embaçado está o homem, tanto mais mingoados estam os membros, q̄ fam os pobres. O que se dá aos pobres não se dá, mos poe se em deposito na arca de Deos, pera que álli este goardado, ca como, diz Chrysologo: a mão do pobre he o cofre de Christo: & o mesmo Christo diz que façamos tesouro no ceo, onde estarão migliori goardado. E não somente receberemos o que dermos, mas cento por hú, & a vida eterna. Que cousa he logo fazer esmolas, senam leualas da qui em letra, pera lá no ceo as recebermos ao galariam? Isto he o que diz Salamão nos Proverbios: Aq̄l ledá o scu áozena ao Senhor, q̄ Prover 19

Chrysolo
Mat. 6.

Mat. 19

S iiiij faz

DA IVSTIÇA.

faz esmola, & vfa de misericordia com o pobre. Se isto confirassem os ricos, despedrião bem o seu, & não estarião feytos estamagos encruados & opilados, mas repartirião o mantimento pelos membros.

Sexto. Diz Sexto Aurelio que soya Traiano chamar ao seu thesouro baço da repubrica, porque assí como crescendo o baço, o corpo se corrombia & consumia, assí quanto mays cresce o thesouro do principe, tanto mays se consume a repubrica: porque o thesouro do principe ha se de despendar com os vassallos, & acodir ás necessidades dos pobres. Ca pera só isto se pode de sejar riquezas, pera com ellas socorrer ás deuidas necessidades. Que aproueita a húa figueyra estar carregada de excellentes figos, se ella está núa rocha antre tais fragosos arrecifes, que ninguem lhe pode chegar? Assi que aproueyta a húa principe estar cheo de riquezas, se se ningué dellas

Alexandre aproueyta? Alexandre Magno foy tão liberal, que parece que não conquistava

Compa-
taçam.

as terras, senão pera as dar. E perguntan-
dolhe húa vez hú seu amigo, q̄ lhe ficaua,
poys dava tudo? Respōdeo q̄ lhe ficaua o
gosto, q̄ tinha de dar. Ainda que Plutar-
cho diz que respondeo, que lhe ficaua a
esperança. Ena vida de Phocião Athene-
nies diz que mandou de Asia grande so-
ma de dinheyro a este Phocião, que era Phocião.
muyto pobre, & que elle o não quis acce-
ptar, dizendo que se cōtentaua com sua
pobreza, poys lhe abaftaua o quetinha. E
foy ventilada esta questão nas academias
dos philosophos de Grecia, qual fora mais
rico, se Alexandre em mandar o dinhey-
ro, se Phocião em o não querer. Quanta
gloria alcançou Alexandre com o nome
de liberal, em tāta infamia encorreo seu
imigo Dario com fama de cubiçoso. Cō- Dario.
ta Herodoto no primeyro liuro de suas Herodoto
historias, que pos Nitochris Raynha do Nitochris
Egypto hum letreyro no seu sepulchro,
que dizia q̄ se nalgū tempo el Rey de Ba-
bylonia tiuesse necessidade de dinheyro,

S V abri

DA IVSTIÇA.

abrisse aqlla sepultura, & tornasse dahi o que quisesse, mas q a não abrisse senão cõ necessidade. E socedendo depoismuytos reys nenhū abrio esta sepultura senā Dario: mas não achou dentro nenhū dinheiro, senão húas letras que dizião: Senão foras auarento, & cubiçoso de torpe ganho, nã abritis tu as sepulturas dos detuntos.

Odiosa causa he a cubiça. Hū auarento cuya da que tem dinheyro, & o dinheyro téno a elle. Quão ricos serião os homés se se quisessem cõtentar cõ pouco! Sene-
ca diz: Se viueres segundo a opinião, nū-
ca serás rico, & se segúdo a natureza, nū-
ca serás pobre. A opinião nunca se farta,
& a natureza cõ pouco se contenta.

Architas Tarentino cõparaua o animo d'hū
cubiçoso a vaso sem fundo, que nunca se
acaba d'encher: & pelo contrayro o ani-
mo nū de cubicalogo se cõtenta, & com
pouco se satisfaz. Entrando húa vez So-

Socrates p húa praça, onde auia grāde fey-
ra, vendo muytas riquezas & grande va-
rieda

Scæca.

Architas.

Socrates.

riedade de couſas, diſſe como espartado:
 De quantas couſas não tenho necessi-
 dade! Chrysſtomo diz: Despreza a ri- Caryſt.
 queza, & ſerás rico, despreza a gloria, &
 ſerás glorioso. São Paulo na primeira Epi- 1.Timo.6.
 ſtola a Timótheo chama á cubiça rayz de
 todos os males. Assi como a terra que dá compa-
 ouro, he eſterile pera todo o mays, assi o ^{raçam.}
 homē cheo de ouro não aprovita pa na-
 da. Falo dos auarétos, aos quaes resplâde-
 ce mais o ouro q̄ os rayos do ſol, os quais
 esporcados cō a cubiça & cfpáça de inter-
 reſſe corrē pa õde os guia o appetite, & fo-
 gē dō de os guia a razā. E aída q̄ a auareza
 ſija p nicioſa é qlquer peſſoa, muytos mais
 he nos principes & plados, q̄ hão de empa-
 ro dos neceſſitado ſemelhantes a bedés,
 que por cobriré os outros estão á chuua:
 & hão de gouernar & julgar liuremente
 ſegundo juſtiça. O que elles ſendo cubi-
 çosos & auarentos não podem fazer, por
 que os dōes & preſentes, que recebē, os
 enlēão & deprauā. Iſto ſentia Ictro, quādo Exod.13.
 2043 aconſe

DA IVSTIÇA

aconselhaua a Moyses, que escolhesse per
ra gouernadores homens temêtes a Deos,
& verdadeyros, & ímigos de auareza. No
Exodo & Deuteronomio diz Deos, que
os que tem carrego de justiça, não tomem
presentes & dadiuas, por que cegão nam
sómente os ignorantes, mas os prudentes.

Compa-
raçam.
O julgador cubiçoso he como balança,
q̄ pera onde lhe põe mór peso, pera alli se
inclina, & mete os malfeytores na cadea
pela porta do ferro, & tiraos pela porta
do ouro. E assi he auorrecido, & injusto,
& incôstâte: & pelo côtrayro se he liberal
& magnifico, he amado & justo, & amigo
da firmeza. Mas he necessario q̄ a liberali-
dade tenha & goardo suas deuidas cir-
cunstancias, pera que não sejão os princi-
pes relogios destemperados, que dám fo-
ra do tempo, dando dez, quando hão de
dar húa, & húa quando dez. Mas basta q̄
hão de ser liberaes & d'alto animo, não
querendo satisfazer só com palauras a fal-
ta de suas obras, semelhantes áquelles em
cuos

Compa-
raçam.

cujos reinos correm palauras por moeda.
Isto baste quanto á liberalidade, que disse-
stes ser necessaria ao principe, como lhe sa
muytas outras virtudes & sciencias. Ao
menos, disse o jurista, he lhe necessaria a
sciencia do direyto, poish ha defazer goar-
dar as leys, & he impossivel fazelas goar-
dar, sem as saber. Quanto mays que hahi-
ás vezes tempo, em que he necesario fa-
zer leys, & não se podem fazer as nouas,
sem se saberem as antigas. E estáclaro q̄
ninguē pode fazer leys, que toquem ao
commū estado doreyno, senão el Rey. I.
finali. § penultimo, & finali. C. de legibus.
E as virtudes das leys sam como diz Mo-
destino nosso jureconsulto imperar, ve- Modestino
dar, castigar, & permitir. E Vlpiano diz q̄ Vlpiano.
os p̄ceptos do direito sam viuer honesta-
mente, não empecer a ninguē, dar o seu
a cujo he, nos quaes se inclue toda a mo-
ral philosophia. E as leys sam as que ensi-
não estes preceptos. Per onde se mostra
que são ellas regras de philosophia, & dou-
trina

DA IVSTIÇA.

trinas de bē viuer dadas pera o bem cōmū. Porq̄ ley nāo he senão hūa ordenança da razão, & hū precepto dado de quē tem cartego dislo pera o commū proueyto, & conservação da humana sociedade. Com as leys se quietão os tumultos, & se conserva a doce paz, & finalmente se governa todo o mundo. Em tanto que atē os coſſayros, & os que na terra viuem de roubos, senão poderião conservar em sua companhia, senão fessiem as leys que tem, & a justiça distributiua, q̄ antre si guardá. A cidade, onde nāo ouuerbōas leys, será muy cedo deſtruyda, & o reyno que per bōas leys senão gouernar, será facilmente desolado. Tanto durou a repubrica dos Lacedemonios, quanto nella durou a autoridade das leys de Licurgo: & tanto a dos Athenienses, quanto as leys de Solão. Mas perdidas as leys, perderão ſe també as republicas, porque a gouernança, que foja andar nos ſabedores, foy vſurpada dos ignorantes. E pera isto dou por testemunhas

munhas não as palautas presentes, mas
 as historias antigas. Diz Platão que en- Platão.
 tão serão bemauenturadas as cidades,
 quando os philosophos regerem, ou quâ-
 do os Reys philosopharé. Per essa autho-
 ridade, disse o mathematico se proua, que
 he necessaria aos principes, & a todos os
 gouernadores a philosophia, em especial
 a mathematica, pera saberem o sitio do
 mundo, & o mouimento dos ceos, & as
 nauegações, & climas, & constellações, &
 pera saberem situar húa cidade, & orde-
 nar hú exercito, & guiar húa armada, &
 outras couisas desta qualidade, q̄ pertenecē
 ab hú perfeito principe. Isto moueo a Pto-
 lemeu Rey do Egypto darsé tanto á ma-
 thematica, que venceo nella os philoso-
 phos de seu tempo, & esclareceo a memo-
 ria dos antiguos. Deos fez o mundo, &
 Ptolemeu o escreueo & matizou. A este
 famoso Rey imitou el Rey Dom Afonso
 de Castella na cōposiçāo das suas ^{dō Afonso} taboas
 mathematicas. Iulio Cesar aquelle illustre ^{Cesar.}
Empera

DA IVSTIÇA.

Emperador, & espantoso capitão deu se tanto a o conhecimento do curso do sol, lúa, & estrellas, & philosophou tão altamente nas cousas de mathematica , q̄ teve tantas erra cōsigo mesmo sobre a sciēcia, quanta tiuera com os immigos sobre o imperio, & estimaua tanto, as letras que aprēdera, como as terras, q̄ conquistára. E não conquistára elle tantas, se as não vira debuxadas na Mappa mundi, a qual inucentou Anaximandro, como o conta Erastothenes, & refere o Strabo no seu primeyro da geographia. Quādo os poetas fingirão q̄ el Rey Prometheo estaua no cume do monte Caucaso atormentado d'húa aguea, que lhe estaua a roendō o coração, ou como outros dizem, o figado, sem nunca acabar de lho comer, que outra cousa quiserão significar, senão que o bom principe ha de ter conhecimento do curso das estrellas? Que aguea he aq̄lla, q̄ lheroia o coração, senão a alta & triſte meditação dos mouimentos celestes,

8c

& a cõtemplação espherica & mathemática? E porq̄ na subtileza desta sciencia d̄hū cuydado nasce outro, & hū pensamento gera outro pensamento, fingirão que esta aguca sempre roya o coraçā sem nunca acabar de o cōsumir, porq̄ a parte ruida tornaua a nascer. E porque esta meditação mathematica he sobre as cousas altas & celestiaes, differão que estaua este Rey nā nūa verde varzia, ou sombrio valle, se nāo no alto cumê do mōte Cauaso, que parece que confina com o ceo: nem fingirão que lhe roia o coraçā animal ter teste, mas hūa aue, & nāo qualquer, mas a princesa de todās ellas, a que voa mays alto, a que era dedicada ao grāde Iupiter a quem elles chamauão Rey das estrellas & collocauā antre as vaidades de seus deuses, como mais excellente & supremo de todos elles. No que quiserão significar a excellēcia & superioridade da mathemática sobre as outras sciēcias, & quam apurados & refinados sentidos se requerē pa-

T scus

DA IVSTICA.

seus altos juyzos & delicadas confirações.
E porque nam disseisse alguem que esta
sciencia não pertencia a Reys, differam
que este Prometheo era não qualquer
homē, mas grande Rey. Não por outra

Homerio.

causa diz aquelle grande Homero fonte de grega poësia, que o escudo do fa-
Achiles.moso Achiles, tinha esculpidas muitas
constellações celestes, senão pera dar a
entender, que os insinhes & abalizados
capitães, & excellentes principes se han-
de prezar do conhecimento das sci-
ências mathematicas, & asham de estimar
& fauorecer, pera que con seu fauor se
aumentem & multipliquem. Porque al-
ficomo a temperança do ar faz a terra
fertil, assi o fauor do principe excita &
alleuanta os engenhos dos vassalos agri-
des couſas.

**Compa-
raçam.**

CAPITVLO VIII.

¶ Da philosophia actiua & contemplatiua,
& qual dellas conuem mays ao
perſeyto principe.

NAM

IAM se pode negar, disse o jurista, ser a mathematica vtil ao principe, como o são todas as mays sciéncias & artes liberaes, as quaes lhe dão grande lustro & resplendor. Mas aque lhe mais conué, & he propria sua, & summamente necessaria, he a sciencia do direyto. Porq, como diz no prologo das suas Instituções o Emperador Iustiniano, á imperatoria Iustinianis majestade conuem não sómente ser afermosentada com armas, mas armada com leys, pera que hū tempo & outtro assi o da guerra como o da paz possa ser direyta-mente gouernado. E quanto he ao que dizeys da authoridade de Platão, que os philosophos hão de reynar, ou os Reys philosophar, está claro que faz mays por mim que por vos, porque se entende não da philosophia contéplatiua, mas da actiua, não da mathematica, mas da moral; na qual se cōprehende a sciencia das leys como ja tenho trouado, as quaes sam tā

DA IVSTIÇA.

excellentes, que não somente conservão
o proprio reyno, mas ainda gouernão &
sustentam outros reynos & senhorios re-
motissimos, como se vê claramēte nas le-
ys feytas neste reyno, que não somente o
conservão, mas elles mesmas regē & sosté
as ricas Indias do Oriente, per grande di-
stancia do imenso mar alongadas de nos,
que os inuietissimos & Christianissimos
Reys de Portugal dō Manoel & dō Ioão
de gloriosa memoria p seu capitáes del-
cobrirão & cōquistarão, & com o diuino
fauor someterão á fede Iesu Christo nos
so verdadeiro Deos, ajuntando as agoas
orientaes do Ganges da odorifera Asia
com as occidentaes do Tejo da guerreira
Lusitania: cousta tam noua & inaudita, q
meteo em admiraçā o mundo vniuerso.
Bem que pera os nossos ganharé os gran-
des reynos da India, & destruyrem nella
a gentilidade & secta Mafometica, lhe a
proueytou muyto o inuincuel animo,
com que pelejará, & o singular & pasmo

so esforço, com q̄ nas batalhas nauacs tea-
giam o mar & o tornauão sanguinho, &
nas da terra a scmeauão de corpos mot-
tos, regando os campos com o sangue da
barbara gente ímiga de Christo. Mas pa-
se isto sustentar forão as leys sumamē-
te necessarias, & ainda pera se cometer,
por que ja de cahião as leys & regimētos,
que os capitães auião de ter é conquistar
& os caualeyros em lhe obedecer, com as
quaes leys mouidos & gouernados come-
terão couſas terribelis, não estimado a vi-
da pola gloria, tendo por maishórosa aq̄l
la victoria, onde suas pessoas cō mór riſ-
to se auenturauá. Dizeime senão fossem
as leys perq̄ os nossos se regem no mar &
na terra, como poderião elles sustentar a
India, nem ainda achala & conquistala?
Mas senã fosse a mathematica, disse o ma-
thematico, como poderião elles la levar
essas leys? Vos náovedes que he isso cõtra
vos? Dizeime esse mar tam profundo &
tēpestuoso, como se podera nauegar sem

T ij ma-

DA IVS VIÇA

mathematica? Como se poderão atraves-
sar as duuidosas ondas das imensas agos,
& fazerse estrada real & directissima per
ellas sem conhecimento do norte, & das
estrellas & dos circulos celestes? A agulha
& carta de marear q̄ cousa he senão mera
mathematica? Essas regiões tão separadas
& tão estranhas como fora possivel des-
cubriremse & conquistarense, se os nos-
vos não forão instructos no conhecimen-
to dos mouimentos do ceo, nos graos da
altura, nos circulos & cursos das plane-
tas, na diuisam dos climas, na mappa, no
astrolabio, no quadrâte, na ppriedade &
variedade dos vētos, nos eclypses, na arte
da negaçā, na cosmographia & sitio do
mudo, na quantidade da terra, na nature-
za dos elemētos, & finalmente no conhe-
cimēto da esphera, oq̄ tudo cōsiste na ma-
thematica? Per onde cōsta q̄ o q̄ trazcys
cōtra mí he cōtra vos, & o q̄ cuydays q̄ he
contra a mathematica, he por ella, & o q̄
allegays pera seu descredito, allego eu p^a
sus

sua valia. Day húa volta a essas vossas razões, & achalas eys cõformaes a meu propósito. Conta Plutarcho que hú pintor Plutare. chamado Pausam se concertára com hú Pausam. homé de lhe pintar hú caualo, que estiuera se lançado com as pernas para cima, ca fazia assi a seu propósito, & tenção, & o pintor parece que esquecidão disto pintou o correndo: indinado o q̄ o mandara pintar, disse o pintor sorrindose: vitay a taboa, & achalo eys á vossa vontade. E assi foy, que tanto que deu húa volta á taboa em q̄ o caualo estaua pintado, ficou elle com as pernas pa cima, & assi ihe parecio bē, o q̄ dâtes lhe parecia mal, só com lhe dar húa volta. Day húa volta a essas razões, olhayas cō bōs olhos, & aquillo q̄ vos parecia cōtra mí, vos parecerá pormí: como acõtece a muitos, q̄ allegá coulhas cōtra seus aductarios, pa cō ellias os desacreditarem, as quaes viradas & vistas com bōs olhos elles podia cō razā allegar pa se acreditaré, porquero que se traz pera

T iiii sua

DA IVSTIÇA.

suá desualia, podião elles trazer pera sua honra: & o q̄ se diz pera sua infamia, podião elles dizer pera sua gloria. Nunca disse o jurista, disse couſa a que não fosseis à mão. Parece que ácinte reprendeys minhas razões, não sey com quanta, ou por melhor dizer, sey que sem nenhūa. E cō a não terdes vēdeys voſſa parte por tam juſtificada, q̄ está a vitoria tam perto de vos como vos lōgede a merecerdes. Eu, disse o cidadão cōtra o jurista, vista voſſa razā, pera mí tenho q̄ a não tendes em vos del le agrauardes, poys se ninguē, nessa parte delle agraua: antes em suas praticas traz por si tam boa razão, que os q̄ a tem dizē que a té elle. E poys se os outros delle cōtentão, contentayuſos vos tambē. Antes disse o jurista, iſſo he o de q̄ me eu quiçoxo, que contentando elle aos outros não quer contentar a mí: & he de tal vontade, que fazendolhe a elles a sua, nunca fez a minha. E quer me sustentar que he māys necessario na repubrica pera sua bōa go- uer

vernança, o conhecimento da mathemática que o do direito, sendo a mathematica philosophia contemplativa, & a sciēcia do direito philosophia actiua: & dizendo todos os authores q̄ a armonia da bōa governança consiste em galardoar bōs & castigar maos, que sam obras actiuaſ, & não contemplatiuaſ, as quaes clarissima & p-
r̄fissimamente conuē ao Principe & gouernador. Porque gouernar nā he especlar os segredos da natureza, & mouimentos do ceo, mas he fazer justiça, & tratar d̄ cuſtumes, & prouer a terra, & dar o seu aca-
da hū, o que sem duvida nenhūa conuē à philosophia actiua & moral, & não à spe-
culativa & mathematica. Eu, disse o cida-
dão, tenho pera mi, q̄ pera acidade ser bē
regida não he necessaria philosophia al-
guna, nē philosophos, senão homēs de bō
juizo & bōa cōsciencia. E isto me parece
amí que eu mostrarey per razões. De que
serue na repubrica o officio de philoso-
pho, mathematico, nē moral? Sabeis dis-

T v se

DA IVSTIÇA

seo theologo, quão necessaria he a philosophia, que isso q̄ vos fazeyſ em falar cōtra os philosophos, he tomar officio de philosopho. Até isso, q̄ dizeis cōtra a philosophia he philosophia. Quereis ver isto? O officio dos philosophos he tratar, & disputar, & mostrar como se ha de gouernar a repubrica, & quaes sam os generos de homēs, q̄ nella ha dauer, & quaes não & querēdo vos mostrar per razões q̄ na repubrica não ha dauer philosophos, co-
mays officio de philosopho, & disputan-
do cōtra a philosophia vſays della: como

Socrates.

Platão.

Socrates q̄ nūca vſou de tão aita eloqua-
cia, como quādo reprehende a eloqua-
cia, o que se entende não da verdadeira
mas da falsa, a qual elle reprēde no dialo-
go de Platão intitulado Gorgias, onde
lhe chama especia de adulacā, & ao que
della vſa chama no Phedro serpēte pesti-
fera, & no Menexeno feyticeyro & ca-
baydot, pior q̄ Circe, porq̄ esta mudaua
exterior, & elle o interior roubado o ju-

zo & ofuscado o entedimento. Ena Apologia vitupera a eloquécia de seus aduersarios. E emenhua parte se esmerou mais na eloquencia qnestas q a repréde. De maneyra q pa a disputar cõtra a eloquécia vſa della, & entâo se mostra principe dos oradores, quâdo cõtra elles arguméta, & quâdo quer abater a rhetorica entâ a exalaçâ, & pa a desbaratar a cõfirma. Tal era o q disputado cõtra os sonhos dizia, q se não auia de crer nelles, porq elle sonhara que não cresce ninguê no q sonhasse. Assi que tratado cõtra os sonhos, pa lhe tirar o credito lhodava. A verdade he, a meu juyzo, qhe a philosophia necessaria ao principe, em especial a moral. E esta he a sentença de Platão & de todos os philosophos. E ainda que tambem a matematica, & a natural, lhe conuenhão, isto he como coula acesoria, & não principal. De maneyra que muyto mays lhe arima & conuem a philosophia que consiste em accam, que a que consiste

em

DA IVSTIÇA.

em speculação, mays a actiua que a contéplatiua, mais o conhecimento do direito que o da mathematica. Porq̄ claro está que acidade se pode bē gouernar sem conhecimento dos circulos do ceo, mas não sem conhecimēto das leys & posturas da terra. A mathematica confiste em specular, & a moral em tirar vicios, plantar virtudes, reformatr costumes, & melhorar vidas, que sam as pprias qualidades do principio. E isto fará elle melhor tendo conhecimento da sagrada theologia, q̄ he a verdadeira, & a mays alta & soberana de todas as sciencias, porq̄ ella he diuina, & as outras sam humanas. Muyto, disse o mathematico, auia nisso que replicar, se eu quisesse mostrar quam mais necessarios sam na repubrica mathematicos q̄ procuradores. Mas porque pera me espratar nos louuores da mathematica auia mister hum dia de seis meses, como sam os da quella parte, que esta ao norte, ou ao sul, por isso faço sim no que nā teria sim. Pro-
uardes

uardes vos, disse o jurista, que ha hi lugar,
óde o dia he de seys meses, tenho eu por
tā impossivel, como prouardes ser mais
necessaria a sciencia mathematica que a
juridica. Nam apercieis nisso, disse o ma-
thematico, porque he sem falta, o q̄ vos
digo. Isto, disse o jurista, nam he aperciar,
mas defender a verdade. Muyto folgaria,
disse o cidadão, saber como isso he, porq̄
parece impossivel auer terra, onde o dia
seja de seis meses. Nā vos pareça isso im-
possivel, disse o theologo, porq̄ he certo &
necessario. Se isso, tornou o cidadão, se
poder prouar per mathematica, eu a te-
rey por húa marauilhosa sciencia. Aqui
olhou o theologo pa o mathematico di-
zendolhe. Por honrrada mathematica
aueys de fazer essa demonstração. Eu a fa-
rey, disse o mathematico, se estiuerdes a-
tēcos, porq̄ a prompta atençō de quem
ouue affina o juizo de quē fala. Pera pro-
uar isto he necessario ter dous principios,
o primeyro he q̄ onde quer q̄ estemos, se
for

DA IVSTICA:

for em' mōte ou campo raso, ou em qual-
quer lugar desabafado, vemos a metade
do ceo. Isto, disse o jurista, nego eu. Pro-
nuoo, disse o mathematico. O sol em vin-
te & quatro horas dá húa volta ao mundo
& a todo o espaço do ceo, & como elle
anda sempre dhū compasso, segue se q̄tā-
to espaço anda em doze horas como nas
outras doze, & q̄ em cada doze horas anda
a metade do ceo. Isto he verdade, ou não?
Verdade, disse o jurista. Pergunto, disse o
mathematico. No mes d' Março, qñ os di-
as sām igoaes cō as noytes, não he o dia d'
doze horas? Si he, respôdeo o jurista, por
q̄ nasce o sol ás seys da manhã & poēse ás
seis da tarde. Vedes vos disse o mathema-
dono de nasce o sol até onde se põe? Vejo
respôdeo o jurista. Vedes logo, respôdeo
o mathematico a metade do ceo. Porque
poys o sol em doze horas anda a metáde
do ceo, & vos vedes toda aquella parte
do ceo, que elle anda em doze horas, lo-
go vedes a metáde do ceo. Concedouos,
disse,

disse o jurista, esse principio, venhamos ao outro. O outro, disse o mathematico, he que o sol anda seys meses da linha equinocial pa cima, gastado tres meses em subir, & tres em decer, & outros seys meses anda da linha equinocial pa baixo. Tudo isso, disse o jurista, vos cõcedo. Porq a linha equinocial vay per meo do ceo do oriente ao occidente, & desque o sol no mes de Março entra na linha, sobe pa nos até q os dias deyxão de crescer, & então torna a decer pera a linha, até q em Setembro entra nella, & dahi dece pa o sul, até q os dias deyxão dc mingoar, & como começão a crescer, torna a subir pera a linha, até q em Março entra nella. E nã vos pareça q estou tã estranho na matematica, q nã saiba algúia coufa della. Está muyto bê, disse o mathematico. Faço logo desta maneira a demonstraçao. Os que estão bê ao norte vê a metade do ceo, q he até a linha equinocial, q he o seu orizonte. A qual linha diuide o ceo em duas

partes

DA IVSTIÇA.

partes igoaes de oriente a occidente. Isto
esta claro pelo primeiro principio, q̄ po-
ssemos, que onde quer que estemos vemos
ametade do ceo. E o sol á da seis mezes da
linha equinocial pera cima, pelo segudo
principio, que possemos, logo os que estā
ao norte, que tam os que o tē sobre a ca-
beça, vē continuamente o sol seis mezes.
E como o dia seja a presençā do sol sobre
a terra, esta claro q̄ seis mezes continuos
he dia, poys seys mezes continuos tem
o sol diante dos seus olhos. E tanto que
o sol comeca a decer da equinocial, que
he o orizonte onde se acaba a vista dos q̄
viuem ao norte, lhe comeca a noytecer,
& dura a noyte outros seis mezes desde
Setembro, q̄ o sol dece da linha, até Mar-
ço, que o sol torna a entrar na mesma li-
nha, assi como o dia lhe dura de Março,
até Setembro. E todos os scis mezes, q̄ he
dia aos que viuem ao norte, he noite aos
q̄ viuem ao sul, & pelo contrario todos os
scis mezes, que he dia aos do sul, he noytre
aos

los do norte. Porque assí como os que tem por zenith o norte, que sam os que tem sobre a cabeça, tem por orizonte a equinocial de cima pera bayxo, assí os que tem o sul por zenith tem por orizonte a mesma equinocial debayxo pera cima. Bem pode ser que sejam desabitadas aquellas partes que estam debayxo do norte & do sul, aque nos chamamos polo arctico & antarctico, mas basta que nellas o dia he de seys meses, & a noyte doutros seys, que he o que eu ania de prouar. E assí todo hū anno he ahii hū dia natural, que consta d'hū dia & noyte artificias. E esta he a demostraçam clara & manifesta, na qual se per ventura meti algūa palaura soberba, ou em defender a mathematica vsey d'algūa descortesia, vos peço que mo per docys, porque a furia do argumentar leua ás vezes as palauras á boca, primeyro que as registe com a razão, mas só com a portaria da vontade. Mas a minha não

DA IUSVIÇA

he falar mal, q̄ bem sey q̄ bōas palauras & cortesia são laços, cõ q̄ se prende vōtades;

CAPITVLO. IX.

¶ Daigoaldade do principe & prelado, & da tençam que deuem ter os electores.



Esempeçado o entendimento do cidadão da duvida & toruaçāo, em que estaua, disse: Em estremo folguey de vos ouuir essa demonstraçāo, porque está ella tão clara, q̄ a entendo eu, sendo tão isento de letras per meu natural, como vos ornado delas per longo estudo. Quanto val, disse o jutista, a pratica de homēs doctos. Convencem tanto o entendimento essa razão, que tenho por necessario, o que tinha por impossivel. Acabo de crez que he a mathematica hūa sciencia excellente, & muyto gostosa. Mas como o principe tenha por principal officio fazer justiça, & as leys en sinem a fazela, não ahinduvida, senão que sam ellasmuyto mays

sub

substanciaes & necessarias ao principe q̄
a mathematica. Nem he muito dispu-
tardes vos contra a sciencia das leys, poys
Carneades o Grego & Furio o latino se Carnea-
atreueraõ a disputar contra a justiça. Isto,
disse o theologo he verdade: mas pera
bem não sómente as mathematicas, mas
todas as sciencias, se fosse possiucl, auia
de ter o principe, & todas as virtudes &
excellentes obras. Diz Platão que a dif- Platão.
ferença, que ha antre o ouro & os outros
metaes, ha dauer antre o príncipe & os val-
salos. Té elle nisso, disse o mathematico,
muita razā. Porq̄ assicomo he grande pe- Compa-
rigo eclypsarse o sol, assi he causa muy pe raçāo.
rigosa deprauarse o principe, poys delle
pder a luz vēficarē os outros ē treuas, &
da sua corrupção pcede a da repubrica.
Por isso ha elle de ser mais excellēte q̄ to-
dos, poys nelle pōc os olhos todos, & q̄l
elle be, taesão os outros. Dō de se colhe q̄
se elle nā for justo, nā auerá na repubrica
justiça, & se elle carecer d'igoaldade nā a

DA IVSTIÇA.

Compa-
raçāo.

auerá no pouo. E nāo auendo hi justiça
nem igoaldade nāo auerá repubrica. Assi
como pera a esphera ser esphera , ha de
ter hū centro no meo , do qual tudas as
linhas que sayrem até a circúferencia , se-
jão igoaes,assi pera a repubrica ser repu-
brica he necessario ter hū principe no
meo tão justo & igoal a todos , que nāo
saia delle pera a circúferencia da com-
munidade cousa desproporcionada &
desigoal. E nāo somente ha de ser igoal,
mas ha de igoalar os outros abayxando
os que vaāmente se quiserem aleuantar
com fantesia,& dominat sobre os outros.
Mandando hūa vez hūa cidade de Gre-
Periádro cia pedir conselho a Periandro o philo-
sopho pera sua repubrica viuer quieta &
bem regida, leuou elle o que trazia a em-
baxada a hū seu cerrado , que estaua se-
meado de trigo espigado & fermofo,&
cortou algúas espigas, que estauão muy-
to mays altas que as outras, & depoys de
todas ficarē igoaes,disse a Trasibulo,que

assí se chamaua o embayxador, que se fosse, & que aquilo que fizera, lhe dava por reposta. Quis naquillo significar o philosopho que nenhūa causa mays afetmōsentaua a repubrica, que a igoaldade, & que pera bōa gouernança & quietaçam os soberbos & fantesiosos auiaõ de ser op primidos, porque os que mays querem valer, sam os que menos valem. Assí como Compa-
pola mór parte as espigas que no campo de trigo se alleuantão sobre as outras sāo decentes, assí na repubrica pola mór par te os que pretendem ser mais altos no domínio, sam mays bayxos no merecimento. E com tudo elles sam muytas vezes nas eleyções preferidos aos boōs. Dizia Catão Uticense que a causa, porque nunca fora consul, era, porque viuia na Repubrica de Romulo, como se ouuera de viuer na cidade de Platão. Queria dizer que não elegião os Romanos em consules senão a indignos, sem fazerem conta dos virtuosos, & q̄ elle fazia com q̄ o não

DA IVSTIÇA.

fizessem, com fazer virtudes tão abatidas
então em Roma, como estimadas naqlla
perfeyta cidade, que o excellēte philoso-
pho Platão em sua fantesia traçou & ima-
ginou. A igoaldade, disse o theologo, he
couisa marauilhosa. Isto quis dar a enten-

Psal. 64. der o Psalmista, quādo falando cō Deos
dizia. Santo he o tēplo teu marauilhoso é
igoaldade. Não diz marauilhoso em al-
tas colūnas Ionicas, ou Corinthias, nem
em grāde & fermoso cruceyro, né em clau-
stras spaçosas & miudamente lauradas cō
varádas, & cirados, & altos curucheos, né
em portaes custosos & obras Romanas,
mas em igoldade & justiça. A este chama-
marauilhoso & excellēte. Quā marauilho-
so & singular templo seria este nosso po-
uo, se nelle ouuesse igoaldade & justi-
ça, se a vontade goardasse á razão sua va-
lia, & finalmēte se se desse o seu a cada hú.
Mas andā os homēs disto tão esquecidos,
que nā atentā senā pa seus interesses, sem
verē sua p̄dição. Mas a nós, q̄ o sentimos,

com

conuem lembrarmos de quão pouco
lhe isto lembra, pera que cõ a memoria
de seu esquecimento roguemos a Deos
por nos & por elles, como aquelles a que
o seu pouco cuidado deue dar muito pa
o sentirmos, & muito mays pera o cho
rarmos. Sabeys quanta verdade isto he, q
nas proprias eleyções, que forão feitas pa
atalhar dissensões, & injustiças, & desigo
goaldades, ahi acha a fraquezza humana
em que cayr, buscando as mesmas dissen
sões, & injustiças, & desigoaldades. O do
minio & a prelazia, da maneira q a ha no
mundo, nascendo do peccado. Se Adão não
peccara, nã forão os homens sojitos a Reys
& prelados da maneira que o agora sam.
Mas ja qelle peccou, foy necessário auer
hū que gouernasse, pera atalhar conten
das. Ordenou Deos que gouernasse hum
paremedio. Mas a malicia dos maos no
remedio das contendas busca occasião pa
ellas, & da mezinha colhe enfermidade.
Por que muitas vezes vemos contendas

V iiiij nas

DA IVSTIÇA.

nas cleyçōes, assi da parte dos eleytores que olhão nāo ao bem commū, mas a seu proprio interesse, como por parte dos q̄ querem ser eleytos, cada hū dos quaes cuya, que nāo sómente he colūna pera sustentar a repubrica, mas que he elle hū Atlas, que sustentará com seus ombros to do o peso dos ceos. E ás vezes ha assi nūa parte como na outra grāde erro. Porque os eleytores nāo deuem ter conta cõ suas particularidades & affeyçōes, mas por os olhos no bem geral, & os outros hão de confiar suas fraquezas, & nāo se querer enfiar no pera que nāo sam. No liuro dos

Num.14. Numeros está escripto, que vindo os Hebrewos do Egypto pera terra de promissão disserão: Constituamos hū capitão, & tornemos ao Egypto. Nāo querião gouernador, que os encaminhasse pera Ierusalem, mas que lhe desse licença pera se tornarem ao Egypto. Nāo querião quem o leuasse pelo deserto das virtudes, & vida solitaria, & recolhimento, & deuação, mas quem

quem lhe desse liberdade pera os vicios,
& pera vida larga & distracta, & indeuota. Finalmente lembrados das cebolas do Egypto , & de seus falsos contentamentos, querião tornar ao que deyخارão, & se com os pes caminhauão pera Ierusalem, com o animo & vontade tornauão pera o Egypto , mandando Deos no Deute- Deut.17.
ronomio que se avisasse o principe & pre-
lado que não tornasse o seu pouo ao Egyp-
to. Que materia tão ampla se aqui offre-
recia pera religiosos assi prelados como
subditos. Mas deyxada ella vamos onde
nos chama o proposito. Está escripto no
primeyro liuro dos Reys, que gouernan- 1.Reg.8.
do se os filhos de Istraël per juyzes. disser-
rão a Samuël estas palauras: Cōstituenos
Rey pera que nos julgue, como tem as
outras nações. E diz a escriptura que se
mostrou Deos muyto irado desta sua pe-
tição. Parece que não por pedirem Rey,
poys Deos lhe tinha ja dito como o auiaõ
de eleger: senão porq̄o pedião, não pera

V v lhe

DA IVSTICA

Ihe fazer justiça, mas pera os vingar de
seus inmigos, & pera os deyxar viuer á sua
vontade, pera viuerem como os gentios.
E isto se colhe das mesmas palauras da
escriptura. De maneira q por isso se Deos
delles queyxaua, porquen a eleycão, em
que querião eleger seu Rey, pretendião
seus proprios interesses, sem terem res-
peyto á pubrica vtilidade, sendo ella da
essencia da justiça. Dondē os que della
tem carregõ, nam ham tanto de olhar
pera seu gosto particular, como perao
commū proueyto: Ca como diz sam Ber-
Bernard. nardo, melhor he que pereça hū que a
Compa- vnidade. E noutra parte compara o prela-
ração. do ao phisico, porque assi como elle corta
o membro podre, & corrupto dos erpes,
pera saluar o corpo, assi o principe & pre-
lado ha de castigar o subdito deprauado
por saude da repubrica, & commū vtili-
dade, em que ha de ter postos os olhos.
E ja que acccytão as prelazias quando
não podrem acudir a tudo, hão deto-

mas

mar ajudadores, como se escreue no Exo- Exod. 18
do. Assicom a mão não ha- Compa-
bil & forte por ser diuidida em dedos, ração.
antes por isto ha mays conueniente pera
obrar, assi não tem menos força & habi-
lidade o principe por encomendar os ne-
gocios & officios com que não pode, a pes-
soas pera isso, antes assi se gouerna mi-
lhore a república, & elle fica mayshabil
& despejado pera os cartegos de mor im-
portancia. Porque seria erro ocupar se
em cousas pequenas & accessorias, & dei-
xar as grandes & substancialaes. Muyto
bem, disse o cidadão, me parece isso, por
que então será mays justo o principe,
quando vfar de mor justiça, & a das cou-
sas grandes ha mór que a das pequenas,
logo as grandes ha de fazer, & as pequena-
nas encōmendar. Essa razão, disse o ma-
thematico, nam conclue, porque tanta ju-
stiça ha a das cousas pequenas como a das
grandes. E tão justo ha o principe que faz
verdadeyra justiça com vontade constá-
te

DA IVSTIÇA.

te & perpetua, quando não occorrem se
não couſas pequenas, como quādo se of-
Compa- ferecem grandes. Assí como o circulo, se
raçāo. elle he verdadeyro circulo, tão redondo
he & tão circulo, quādo tem pequena cir-
cúferencia, como quando a tem grande,
assí a que he verdadeyra justiça, tão justi-
ça he nas couſas grádes como nas peque-
nas. He muyto, disse o cidadão, que todas
vossas comparações ſam mathematicas.
Eu não voaua tão alto como iſſo. O que
quero dizer he que mays se ha o principe
d'elmerar nas couſas grádes que nas pe-
quenas, ſem embargo que em hūas & em
outras ha de ter muyto resguardo. Niſſo,
disse o mathematico, não hahi que deba-
ter, q̄ poiſ he commū a todos, ha de olhar
pola justiça de todos, em especial no que
mays importa. E pera prouer a todos, ha
de olhar a ambos os tempos, pera que da
confiração do paſſado colha prouidécia
pera o futuro. Isto quiserão significar os
antiguos, em pintarem Iano, quellos di-

zão que fora o primeyro rey de Italia, cõ
dous rostros hú de trás, outro diante, por
que todo o bom gouernador ha de olhar
por de trás consirando o passado, & por
dauante consirando o futuro, não pre-
tendendo seu particular interesse, mas o
proueyto commū a seruiço de Deos, ten-
do sempre nelle seus olhos. Assicomō a
lúa fica cris & escura, quando se antrella
& o sol põe a terra, assi então se eclypsa o
principe & perde seu resplendor, quando
antrelle & o sol de justiça Christo nosso
Deos se meteo interesse, & desejo de cou-
sas terreæs. A vontade do subdito, disse
o theologo, caso que seja deprauada, co-
mo della não dependem outras, he vaso
de peçonha, que mata a só hú, mas avon-
tade de que depéndē muitas, se he corru-
pta, he fonte peçonheta commū a todos,
& causa de perdição a muitos. Os princi-
pes & prelados não sómente não hão de
ter peçonha nas vontades, mas hão nas
de coar, pera que não empece em algú

man

D A . IVSTIÇA.

mandamento de Deos. Porq tendo elles
bõa consciencia farão inteyra justiça, jul-
gando sem affeyçã, despejados, de odio &
amor, dcixada a pessôa particular & vesti-
da a pubrica. Mas ja q̄ acceytá as plazias,
hão de por os olhos em Christo, & segui-
lo pera serem justos & igoaes juyzes. Co-
mo pode ter sam a justiça, quem tem rotâ
a consciencia? Cousa monstruosa he ser a
vara do juyz direita, & affeiçao que julga
torta. Diz saneto Ambrosio que a justi-

Ambro-
sio.

Lastácio çā se ha de goardar aos proprios inmi-
gos, & Lactancio diz que o juyz não ha
de perdoar a scus proprios amigos, porq
não scrue á sua vontade, senão ás alheas.
E á verdade elles a dizem porq o juyz,
& todo o que tem mando & dominio,
ainda que tenha humanidade na con-
uersação, ha de ter isençao no officio.

CAPITVLO X. E VLTIMO.

¶ Dos louuores da justiça, & que nam basta
falar della, mas que he necessario
possuyla.

DITO



ITO isto, pergunton o
theologo se tinhão mays
algúa duuida naqlla ma-
teria, & dizendo elles que
não tinhão que dizer, disse
elle, O diuino Paulo na primeyra Episto- 1.Cori -
la, que escreue aos Corinthios, diz: Não
está o reyno de Deus em palautas mas em
virtudes. E noutro lugar da mesma Epi- 1.Cori.8.
stola diz que a sciencia incha, & a chari-
dade edifica. O demonio sabe muitas
couzas. Em tanto que este nome demon,
que em Portugues chamamos demonio,
em grego quer dizer sabedor. E por isso
diz Lanctancio Firmiano, a quē segue S. Laetacio
Augustinho no ix.de Ciuitate Dei, q lhe August.
foi posto este nome polo grāde conhecimento,
q tem de muitas couzas. Mas q lhe
aproueyta sua sciēcia, poys he atormēta-
do pa sempre? Antes por isso he elle tā so-
berbo, porq tem sciencia sem charidade,
tem quē o enche, & não quem o edifice.
Sam Gregorio Nazanzeno compara as Nazáze,
pala

DA IVSTIÇA.

Hicron. palauras sem obras a sonhos. São Ieronymo escreuedo a Nepociano, diz que antes queria rusticidade sancta, que eloquencia com peccados. São Gregorio aos douteiros viciosos, que falão bem da virtude
Gregor. não atendo, compáraos a mó de barbeyro, que anda ásvoltas com grande pressa, & aguçandose nella a ferramenta, ella nem se aguça, nem se amola, antes se vay comendo & cōsumindo. Quero per isto dizer, que pouco nos aprovocará praticar bem da virtude, & saber muitas couſas della. se a não teuermos. Que nos aprovocará falarmos da justiça, se formos injustos? De que nos seruirá esta pratica, & quātas couſas nella tratamos da justiça, se viuermos sem ella? Queria antes ter justiça, q̄ saber sua definição. E poys não basta falar da justiça, mas he necessario goardala, sejão nossas obras & nossas paſturas dhūa mesma estofa. Abracemos cō a justiça: imitemos aquelle alto Deos justo gouernador do vniuerso, o qual no

premio

premio dos boos & pena dos maos nos
mostra claramente, & põe ante os olhos
os effeytos da diuina justiça. Ella lançou *Esa. 14.*
do ceo a Lucifer com todos os apostatas
de seu bando por sua soberba. Ella láçou *Luc. 10.*
do parayso a nossos primeiros padres po-
la desobediencia contra Deos committi-
da. Ella em figura de coluna de fogo & *Genes. 3.*
denuoé guiou os Hebreos, & sobuerteo
no mar roxo os Egypcios. Ella he a pe-
dra que matou o blasfemo Golias, & sal-*1. Reg. 17*
ou o fiel Dauid. Que mays direy senão
que ella trouxe dos ceos á terra o filho
vnigenito de Deos. Amou Deos tanto a
justiça, que morre por ella: & quis antes
perder a vida, que perderse a justiça. Dó-
de o Apostolo S. Paulo diz assi na Epi-
stola aos Romanos. Propos Deos a Chri- *Roma. 3.*
sto Iesu por propiciador pela fe em o seu
sangue pera mostra de sua justiça, pola
remissam dos precedentes delictos, em a
sustentação de Deos, pera se mostrar sua
justiça em estetépo. Isto he do Apostolo,

DA IVS VIÇA

em q̄ declara q̄ se mostrou Deos justo ca-
stigado os peccados em seu proprio filho,
que era sem peccado. Deuia o genero hu-
mano a Deos diuida infinita, a qual elle
não podia pagar por ser finito, Cōuinha q̄
pagasse por nós quem fosse infinito, q̄ he-
Deos. Aquelle satisfaz congruamente que
deue & pode o homē deuia, mas não po-
dia, Deos podia, mas nā deuia: fez se Deos
homē pera morrer como homē, sendo
Deos, pera pagar como Deos. Em quanto
Deos não podia morrer, fez se homē, p̄
quê sendo Deos & homē, em quanto ho-
mē padecesse, & em quanto Deos nos sal-
uasse. Pedia a justiça q̄ os nossos peccados
fossem punidos, & por isso os tomou so-
bre si, pera pagar por todos. E a isto chama
S. Paulo demonstração de sua justiça. Isto

Efai.53. he o q̄ tinha dito Esaias. Deos padre pos-
em elle as maldades de nós todos. E logo
mays abayxo fala o mesmo Padre dizen-

Efai.53. do. Por amor dos peccados do meu povo
Psal.68. o feri. E o mesmo Ch̄o diz nū Psalmo: As
couſas

tousas, que não furtey, estando na Cruz
aspagaua. Quê vestio a Christo de nossa
carne senão a justiça? Quê o fez someter
se a trabalhos & angustias senão ella? Ella
ferio o impassivel, atou o inuictivel, trou-
xe o immudavel, fez mortal o eterno. El-
la he a q trouxe Deos do ceo á terra, & a q
que nos ha de leuar a nós da terra ao ceo.
Ella fez q o bô Iesu pagasse por nos, ella
fez ao innocentissimo cordeyro fazeresse
nosso sacrificio no altar da Cruz, onde
mordeo por nós encrauado, ferido, alan-
ceado, cõ a cabeça atrauassada de duros
espinhos, deshonrado, açoutado, lauado
todo em sangue, tã trâsfigurado, que diz
o Propheta Esaias, que o viu com o Spiri- Esai.53.
to propheticamente, & q não tinha fermosura
nê figura, porq todo estava chagado. Alii
estava a qlle diuino sacrificio abrasado nas
viuas chamas do diuino fogo de sua imen-
sa charidade. Quis o justo Deos pagar por
nós, pa que, como diz Damaseeno, p justi Damasc.
ça ficassemos liures do antiquo tyranno,

DA IVSTIÇA.

resgatados com o preço de seu precioso sangue. Morre o pera q̄ nos viu essemos, & quis cō sua morte triumphar da morte como elle tinha dito pelo Propheta: O morte eu ferey tua morte. Sam tantos & tão illustres os louores da justiça, que n̄ ahi tempo, nem palavras, não sómente pera os exornar & engrandecer, mas nem ainda pera ostocar. O justiça guia de nos sa vida, que seria do mundo sem ti! Tu es inuentora das leys, & mestra dos bōos costumes, tu aleuantas as virtudes, & abates os vicios. Tu es ímiga da azeda discordia, & conseruadora da doce paz. Tu espātas os maos, & asseguras os bōos. Sem ti a ordem he desordem, a vida he morte, o descanso he trabalho, a gloria he infamia, o bem he mal. Tu destruyeste a confusam, & pariste a boa gouernança. Tu liuras os inocentes, & condemnas os culpados. Tu alegras os justos tristes, & entristeces os injustos alegres, pera l̄q̄ deyxadas suas vāas & tu imporas alegrias alcancem os

Oſe.13.

vcc

verdadeiros & eternos contentamentos.
 Finalmente tu es aquella gloria escada
 de Iacob, que com húa ponta estava na
 terra, & com a outra tocava no ceo, pela ^{Genes.}
 qual hús subião, outros descião, porque tu
 aleuantas os justos & santos até os altos
 ceos, & derribas os impios & dánados até
 os profundos abyssos. E poystu mandas
 dar o seu a cujo he, & nos todos somos de
 Deos, he necessario que nos demos a elle,
 se te quisermos seguir a ti. O bom Deos
 recolhey nosé vos, recebey nossas almas
 que se vos offerecem em sacrificio, &
 abrasayas continuamente naquellas vi-
 uas & ardentes chamas do amor diuino,
 naquelle bem auenturado fogo, que con-
 sume os bayxos & rasteiros pensamétos,
 & viuifica & afirmsenta o que pelo pec-
 cado estava enterrado & disforme, & ale-
 uanta as almas que vão voando pera ci-
 ma caminho do ceo: pera que esquecidos
 nós do mundo com seus enganos, embe-
 bidos na diuina fermosura, atados & lia-

DA IVSTIÇA.

dos com ella com os suaves liames da-
mor, gozemos dos espirituaes contenta-
mentos da graça, em quanto andarmos
desterrados neste miserauel valle de la-
grymas, donde Senhor nos leuay a aquell
Je alto & glorioso monte da diuina vi-
sam, áquelle celestial banquete dos An-
jos, áquella doce fartura de nossos dese-
jos, & áquellas eternas & bem auentura-
das moradas da gloria, onde gozemos de
vos pa sempre. Aqui acabou o theologo
sua peroração, & ficou tão trasportado,
que quasi não dava de si acordo, como
aquele que estaua soruido no amor &
lembranças do alto Deos. E tornando co-
mo sobre si disse. Isto he o que se me offe-
rece o pera dizer da justiça, que he o mais
que eu sey, & o menos que nella ha. A
isto acodio o cidadão dizendo. Teuerão
tanta força vossas palauras, que ma de-
rão pera daqui por diante seguir a justi-
ça, até morrer por ella: & faltamme as
minhas, pera declarar o fructo, que em

mim fizerão as vossas. Não me pesa se não porque ha tão pouco que vos conheço, & choro o tempo que perdi, em vos mays cedo não ganhar, & em não saber mays diasha parte desta casa, tão encuberta a muytos, & tanto pera senão encobrir a ninguem. Aqui falarão o jurista & o mathematico pera o theologo, começando de engrandecer seus louuores, mas como elle queria mays merecelos q ouuilos, cortoulhe o fio, mudando a pratica. E porque o sol era ja partido de nosso emispherio deyxando a terra desacompanhada da claridade de seus rayos, disse o cidadão: Poys he tarde, será bom recolhermonos, antes que se cerre a noyte. Bom serà, disserão os outros, que he ja posto o sol. Vá com vosco, disse o theologo, o sol da justiça, & ailumie vossos entendimentos pera seu seruiço. E elle, disserão elles, fique com vosco.

Eim do dialogo da justiça.

DIALOGO

DA TRIBVLAÇAM

*interlocutores hū preso, &
hū seu amigo.*

CAPITVO I.

¶ Do trabalho do mundo, & do proueyto da tribulaçam.



S T A N D O preso hū homē nobre, vco o visitar hū seu amigo, & saudou o desta maneyra: Deos vosde muyta vida & descanso. E a vos, respondeo elle, leue á sua gloria, que he v que eu pera mí queria: que vida nem descanso não o desejo. Porque? Disse o amigo, porque eu, respondeo o preso, estou tão enfadado da vida, que ainda q agora fosse em minha mão tornar aos annos de minha mocidade, não o faria. Sempre tiue por verdadeyra aquella lcn téça de Menádro, relatada p Plutarchº

Plutarco.
Menádro.

no

no liuro de trāquillitate animi, que duas
couſas ahi conjuntas & inseparaueys, &
estas iam viuer & doer le. Dende ſe colhe
que a vida he hū tormento continuo. Pe-
ra que he logo deſejar longa vida, pois he
deſejar longo tormento? Se cada hū de
nós fizesse aiardo de ſeus trabalhos, & o
corpo confeſſaſſe ſuas dores, & o coraçāo
ſeus cuydados, teríamoa a vida por triste
deſterro, & por hū genero de longo ma-
tryio: nē quereríamoa tornar a fazer este
caminho por couſa do mundo. Quem
quererá tornat do porto ás ondas, da vi-
ctoria á batalla, da trāqueyra ao corro,
do couro ſeguro ao campo perigoso? Esta
parece que toy a cauſa de Chriſto noſſo
Senhor chorar, quando reſuſcitou a La- Ioan. II,
zaro. Isto he quanto ao que perguntays,
porquenão deſejo vida. Quanto ao ou-
tro, que he deſejar deſcanſo, he deſneceſſ-
fario, poys he empregar o deſejo em cou-
ſa imposſivel. Quem ahi que tenha deſ-
canſo neste mundo? Afli que a razāo, por

X V

que



outaſeu escrivell

DA TRIBVLAÇAM;

que o não desejo, he porque o não ha no mundo. Bem vejo eu, disse o amigo, q̄ não se deue desejar senão o que se pode auer, & que nos descansos melhor he possuylos que podelos possuyr, & nos trabalhos polo contrayro: mas tambem vejo, que caso que h̄u homē possua trabalho, está em potencia, pera possuir descanso. Por demais, disse o preso, he a potencia, que nunca se reduz a acto. A terra dá eruas, & fructas, & gados, & metaes, & pedras preciosas, & finalmente lança de si grande variedade de mantimentos, & couſas pera o vſohumano necessarias, mas descanso he couſa, que senão dá nella. Erro grande seria depoys de tantos trabalhos, quantos passamos & experiméramos em nos, & vemos cada dia cõ nossos olhos os outros passar, auéltur armonosinda a desejar & esperar do mundo descanso, couſa que elle nunca deu a ningué, nem a tem pera a dar: E esta me parece a mí que foy a causa, que mouco aos Romanos antiguoſa edificar

o tem

o templo do descanso fôrados muros de Roma, & da conuersação da gente , pera mostrarem que era elle totalmente separado dos homens. Dos muros a dentro edificáro têplos ao trabalho, & a tantas outras cousas, que estava a cidade chea de templos de ídolos & falsos deoses: mas ao descanso não lhe fizerão templo senão fora da cidade, como o affirma S. Augustinho no quarto liuro de Ciuitate Dei:& Plinio diz q̄ estava este templo situado nua estrada, que sae de Roma, chamada Labicana. Assi q̄ descanso não o ha no mundo. Titulo dc Empere dor, Rey, & Principe se achará facilmente, mas titulo dc descansado não ha nesta vida quem o tenha. Bem que o promete o mundo, mas não o dá. Confiaria antesem letras escritas n'agoa que em promessias do descanso do mundo. Somente no ceo ha perfeyto descanso. Verdade he q̄ os q̄ seruē a Christo sente em sua alma repouso, mas misturado co trabalho, por q̄ como c̄stavida, August.
Plinio,
segun.

DA TRIBULAÇÃO

Ieb.7.

segundo diz Job, he húa milicia & batalha sobre a terra, não ahí puto descanso, nem quietação sem sobresalto. Eu, disse o amigo, não hia tão alto como isto, falava daquelle descanso, que commumente dizemos que tem os que tem menos trabalhos. Nem esse, disse o preso, me parece a mí que eu nunca terey: porque meus nojos & grandes desauenturas me tem tão fistulado o coração, & tão atalhadas todas as vias, per onde lhe pode vir esse descanso, que por esta razão a não terey eu, se tiuer pera mí que será, o que não tem caminho para poder ser. Eu estou feito hú forno devidro acceso de dia & de noite, onde o meu coração está ardendo nas viuas chamas das mays de esperadas tribulações, que eu nunca imaginey que podião ser. Eu me vi ja em trabalhos grandes, mas erão pequenos pera os d'agora, porque aquelles tinhão furo, mas a estes os meus peccados lhe cortaram todos os fios do humano remedio. Descarregar

rao

não sobre mí tantas & tão terribleys angustias, que pera resistir a suas forças não astenho. E se me quero consolar com a lembrança d'outrostristes, estou vendo que as minhas tristezas sam muy differentes das suas, porque as suas passauão, & as minhas tem ancorado sobre mí, & ja nūca se mudão, senão he d'úas grandes pera outras mayores, mas isto não he mudaré se húas, mas viré sobr'ellas outras de novo, & lançarem suas amárras sobre mim pera nunca se partirem. E o que pior he, que não cessam, mas cada dia vem húas a pós as outras. Este, disse o amigo, he o seu custume nūca vir húa sem deyxar empatazadas outras pera virem apos ella. Este he o mór mal que tem o mal, não cayr homē em hú, que nā seja principio doutros. Assicomodo quādo hú alto edificio faz abalo, nunca se moue húa pedra, sem apos ella se mouerem outras, assi no perigoso edificio de nossa vida, nunca vem húa tribulaçao, sem trazer outras tras si. - As tribulaçao.

DA TRIBULAÇÃO

Compa- bulações sam como riosgrádes, que vem
ração. de longe, em que se vem ajuntar outros
muytos: porque de longe começão ellas,
pera trazerem cōsigo outrasmuytas, até q
se fazem tão fundas, que não tem vao,
nem se podem passar senão pela gloriosa
ponte da paciencia. Isso he, tornou o pre-
so, quando ellias vem brandas, mas ás ve-
zes vē o rio cō tão furioso impeto, qderrí-
ba a ponte, & leua comsigo quanto acha,
sem auer coufa, que lhe resista. Será isso,
replicou o amigo, quando na ponte não
ouuer boōs espiões de fortaleza funda-
dos na firme constancia: mas se nella ou-
uer boōs talhamares & fundamētos, ain-
da que venhão todas as cheas do mundo,
pode ella ser batida, mas não será derri-
bada. Quero dizer, que se hū homē tuer
forte & alto animo fundado sobre a fir-
me pedra, que he Christo nesso Deos, ain-
da que seja atribulado & tentado, não se-
rá vencido: nem esperará do mundo, se
não o que elle tem, que he pagar cō can-
sado

ndo trabalho obras dignas de descanso
do galardão: & se dáem desconto de grá-
des tristezas algúas pequenas alegrias, cõ
uerceas em mores tristezas, mistura con-
tentamentos com desgostos, prazeres cõ
sobressaltos, mil males com hú pequeno
bem, amassando tudo juntamente pera
nos sustentar neste cerco de desauen-
ras. Quem isto bem sentir, & estiuera pa-
relhado pera o sofrer, pondo em Deos
seu amor & esperança, não auerá coufa
no mundo, que possa derribar nem hú só
arco da ponte de sua firmeza, nem moue-
lo de sua cõstancia. Quem, disse o preso,
será tão firme, que nunca façã abalo sua
firmeza? Quem será tão quieto, que nun-
ca se pturbe? Saluo se for outro Asphal-
tite lago de Palestina, o qual, como diz
Seneca, & o affirma Cornelio Tacito, ná ^{Seneca.}
tem ondas, & por mays furiosos ventos q̄ ^{Corne-}
cursem, nunca se a sua agoa aleuanta né-
altera. Eu vi cõ meus olhos homens degrá
de animo, tā calificados & abalisados no
esfor

DA TRIBULACAM

efforçados & virtude, e parecia se nenhô debate, q̄ erâ elles pa entrar sem temor o Job no cāpo da paciēcia, & depois acossados de perseguições desemparauão o arayal do sofrimento, cayallhes o coração a ospés, & perdião a esperança com seus nojos, tão sem acordo que o não tinhão nem pera cuydar no remedio delles: ou se nisso cuydauão, era com hū impeto tão sem moderaçao, que o que cuydauão que tomauão por vñicorne cōtra a peçonha era outra pior peçonha. Em fin que a ciencia muitas vezes offendida se tornava em furia. Donde parece que se cõclue poys a tribulaçao assi abate os homens, que deve ser tida dos q̄ a tem por causa abatida & vituperada. Antes disse o amigo, he ella causa gloriiosa & de grande louvor. E ahimuytos que quanto mays attribuidos sam, tanto mays mercem, pegando se com ambas as mãos ao sofrimento, & mostrando a firmeza & grandeza de seu animo. Huadas cousas que mays illustre agloria

Comparação.

gloria da virtude, he a tribulação: ella ha
a noyte, em q̄ resplandece o luar da vir-
tude. Diz S. Bernardo sobre os Cáticos, Bernad.
que assi como as estrellas luzem de noite,
& de dia não apparecem, assi a virtude, q̄
muytas vezes na prosperidade não appa-
rece, na aduersidade se mostra. Húa arre- Compa-
domia d'agoa de flor tapada & posta em ração.
húa casa sem bolirem cō ella, não mostra
seu cheyro, mas bazcolejandoa & entor-
nandoa, recende per toda a casa: Bem assi
a virtude quieta & liure de tribulações
não mostra sua excellēcia, mas attribula-
da & perseguida declara & pubrica o ma-
rauilloso cheyro de sua perfeyção. Job
aquella preciosa garrafa bazcolejada em
Husterra de Arabia, recendeo per todo
o mundo. Se elle não fora attribulado não
mostrara o cheyro suauissimo de sua pa-
ciencia. Estando todos seus filhos comé-
do, caio sobre elles a casa, & matou os, &
alli ficarão sepultados. Nū mesmo dia foy
casa & sepultura, mesa & enterramento,

Y festa,

DA TRIBVLACAM

Iob.1.

festa & tristeza, banquete & pranto. Nú
mesmo dia vio Iob mortos todos seus fi-
lhos, & perdida toda sua fazenda, & seu
gado todo parte morto parte roubado. E
com isto deu graças a Deus dizendo, que
elle lho dera, & elle lho tirára, q fosse lou-
uado p a sempre. Que musica ha no mû-
ndo, q també soe aos ouvidos, como estas
palavras do S.Iob? Húa vióla, ou arpa,
ou qualquer outro musico instrumēto, se
não for tocado, como se saberá q voza-
rem? Se Iob não fora atribulado & perso-
guido, como souberamos sua constancia?
Como soára a musica de sua paciencia?
Diz a sagrada escriptura, q ouvidas estes
nouas falou sem peccar. Tocarão as pa-
uras primevra na razão q na lingoa a, soa-
rão tão altamente, que fayo o seu tom per-
todo o vniuerso. & com seu esforço o deu
elle a muitos, que o mostraraõ no gran-
de animo, cõ que se auenturarão apado-
cer os trabalhos da vida, querendo a unte
perdela por conservar o sofrimēto, q per-

der a elle por conseruar a ella. As pedras **Compa-**
primeyro sam quebradas & desbastadas **raçao.**
ao picão, & depoys lauradas com suas fo-
lhagés & romanos: & depoys sam postas
& collocadas no bello & sumptuoso edifi-
cio: assi nos pa sermos assentados naqüle
glorioso edificio da celestial cidade de Ie-
rusalem, auemos aqui de ser desbastados
com o picão das tribulações, & laurados
& polidos cõ lauores de virtudes: pera q
assi cayndo na cota de quem somos faça-
mos couzas dignas de qué deuemos ser.
Que couza ha no mundo, com que mays
tornemos sobre nos q a tribulaçao? Ella
nos traz ao conhecimento de quem so-
mos, & desterra os falsos aluoroços do
mundo, q nos trazem de nós esquecidos:
E assi cayndo os homés na conta da vay-
dade & falsidade do mundo aleuantão os
espiritos a Deos, empregando nelle seu
amor: donde vē a ficaré altos, sendo dan-
tes baixos: porq como o amor leue os ho-
mē ao q amão, claro está q amado couzas

Y ij al.

DA TRIBVLACAM

altas ficio altos, & bayxas bayxos. Os phiosophos dizem que a razão porque a figura circular he perfeyta, he porque comeca onde acaba, & os mecos sam proporcionados com o principio & fim: & poys nollo nascimento principio de nossavida he com dor, & afim com dor, como pode ser perfeyta a vida dos que nascendo chorando, & morrendo, suspitando, viuem sempre rindo? Nā nos agastemos logo cō a tribulacão da vida, poys faz muyto ao caso p a sua perfeyçao, q poys o principio & fim da vida sam cō verdadeira pena, nā conuegastar o curso della em vaa alegria.

CAPITVLO II.

¶ De como a terra he de sterro, & a
vida peregrinaçam.



Em entendeo o amigo quo
folgaua o preso cō sua pra-
tica, & por isto foy com ella
auante dizendo. Húa das
causas, por que Deos dá tra-
balho

balho aos seus he, pera q̄ senão affeyçõem
acoisa tão bayxa, como he o mudo, mas
suspirem polos eternos contentamentos.
Porque assí como hú peregrino, quanto Compas-
mores trabalhos se lhe offereceré na terra raçāo.
estranya, tanto mays deseja tornar á sua
propria, & pelo cōtrayro seacha na alhea
grandes riquezas & contentamentos, se
esquece de tornar: assi os homēs quanto
mores trabalhos tem neste mudo, tanto
mays suspirão polos eternos descansos
do outro, & quanto mays prosperidade
tem nesta vida, tanto menos lembrança
tem da outra. Daqui vem S. Ioão Chry- Chrysost.
fostomo a dizer que a prosperidade he
madrasta das virtudes. E sancto Augusti- Augst.
nho diz, que he grande virtude lutar com
a prosperidade, & grande prosperidade
não ser vencido della. E noutra parte af-
firma que a prosperidade he mais perigo-
sa pera a alma, que a aduersidade pera o
corpo: porque a aduersidade faz ao cor-
po doer se do trabalho da terra, & a pros-

Y iij peri

DA TRIBVLAÇAM

períada faz a alma esquecerse do des-
canso do ceo, que he a sua patria. Aqui
somos peregrinos, & nossa vida he hú lo-
go de sterro: a nossa terra he a gloria cele-
stial, aqlla cidade bem aueturada, donde
andamos desterrados, & pera onde cami-
nhamos. E cum pre trazer sempre impre-
sa n'alma a lembrança de nosso de sterro
& peregrinação, pera andarmos da Icuau-
to nas couisas do mudo, sem fazermos del-
le fundamēto. Isto sentião bem aquelles
patriarchas antiguos de gloria memo-
ria, quādo fazēdo pouco caso da terra da
promissão material, suspirauão pola cele-
stial, saudando a de longe cō piedosas la-
grymas & penetratiuos suspirios, cōfessan-
do se por peregrinos & estrágeyros, como
affirma S. Paulo na epistola ad Hebreos.

Hebr.ii. A isto alludia aqllle altissimo Propheta &
Psal.38. ilustrissimo Rey Dauid, quando nū Psal-
mo dizia: Senhor ouui minha oração &
meu clamor. Abrí as orellhas, & não vos fa-
çays mudo a minhas lagrymas: Náo vos

taleys, porq eu ante vos sou desterrado & peregrino, como forão todos os meus antepassados. Esta era a pratica, q̄ tinha com Deos o sancto Propheta enuolto nūas lagrymas, q̄ hião toádo como tiros de bombarde, leuando diante delle o pelouro de sua oração & petição cõ aforça do fogó de seu desejo: E por isso nā diz: Senhor vede minhas lagrymas, mas ouui minhas lagrymas, & nāo sejays surdo a ellas, poys tenho a terra por desterro. Tristes daquelles q̄ se tem por moradores & naturaes da terra, & nāo por peregrinos & estrágeyros. Aos xij. capit. do Genesis diz a diuina escrip- Genes.
tura, que deyxando hūs homēs o Oriente 21.
aconselhauão huūs aos outros que fizessem húa cidade, & húa torre altissima,
pera comisto alcançarem fama, & encor-
mendarem seu nome á perpetuydade.
E estes forão os que edificarão Babylo-
nia. Perabuscarem fama fizerão cidade &
torre de confusam, & durará sua infa-
mia pera sempre; mas os justos nāo fazem

Y iiiij tal

DA TRIBVLAÇAM

tal cidade, porq a sua cidade he nos ceos,
& não na terra, & por ella suspirão. Mas
osque se aqui tem por moradores, viuem
dassento nos desejos terreaes & espíritos
múdanos, sem memoria dos bés diuinios.
E estando elles descuydados na vida os
saltea a morte, dando d'improuiso com
elles em casa, sem bater primeyro á por-
ta: & quando se percatão, acháose sepul-
tados no inferno pera sempre, onde pa-
gão com justas penas as injustas alegrias.

Apoca-
lyp.8.

Sam Ioão no Apocalypsi diz, que vio &
ouuio a voz d'húa aguea. que voaua per
meo do ceo dizendo em alta voz: Ay de
vos, ay de vos, ay de vos habitadores da
terra. Não se contenta esta aguea com di-
zer húa vez: ay de vos: mas dilo tres vezes
pera mais efficacia & energia. Esta aguea
he o mesmo S.Ioão, ou qualquer verda-
deyro pregador Euangelico, que voa pelo
ceo, onde he sua conuersação, conforme
Philip. 3. ao que diz S.Paulo: A nossa conuersação
he nos ceos: & com grádes vozes ameaçam

os peccadores amadores do mundo, moradores d'asiento nas coufas terreaes, esquecidos de Deos, aos quaes chama habitadores da terra, aque denuncia sua eterna dânação, poys se affeyçoão tanto ao mundo, que o té por terra, sendo desterro & peregrinação. Conta o sagrado Eu- Math. 17
gelho que do dinheyro, porque foy vendido Christo nosso Salvador, se comprou hú campo pera sepultura dos peregrinos, que se chama Acheldeanach, que quer dizer campo de sangue. Não carece isto de mysterio, nem o notou o Evangelista sem causa. Que peregrinos sam estes, que se enterrão neste campo comprado com o sangue de Christo, senão os q̄ tem o mundo por peregrinação & desterro, & o ceo por verdadeyra patria. Estes sam os que se aprueytão do sangue de Christo, & que conhecendo seu desterro leuão os olhos pera a desejada terra de promissão tão suspirada & saluçada delles: & quanto mais perseguidos se vem do mundo, tanto mais

Y v

sc

DA TRIBVLACAM

se desafeyçoão da rerra , & affeyçoão ao
ceo. Per onde está claro, quanto a tribula-
ção aproueyta a quem se della sabe apro-
ueytar, & quão saudael he & excellente.
Isto he o que se me offereceo pera respo-
der ao que dissestes, q̄ poys a tribulação
abatia os homēs, deuia ser tida por abati-
da & vituperada. Muytas outras mays
cousas se me representauão na memoria,
que condénam vossa opinião, mas porq̄
a minha he quereruos cōfolar & não en-
fadar, isto baste por agora. Saluo se nissó
determinays outra coufa, que como na
vossa determinação está a minha, terey a
que quiserdes que tenha. Peçouos muito,
disse o preso, que não solteys essa práctica,
& que vades com ella auâte, porque sinto
com ella grande proueyto em minha al-
ma. A grande tristeza, q̄ tenho represada
no coração, mo té de tal maneyra cuber-
to com húa nuuē de melancolia, q̄ estaua
agora, antes que viesleys, de mí & de to-
do o remedio totalmente esquecido: &

parece que com vossa pratica torney sobre mí, & tomey aléto, por isso não a deycxys: porque muyto se esperta o animo quādo ihe tocão á porta de seus proprios descuydos o batente dos alheos auíos.

CAPITVLO III.

¶ Da paciencia, & da victoria de si, & das armas, com que se alcança essa victoria.



Estas vltimas palauras, q̄ o preso disse com muita efficacia, respondeo o amigo: Ainda que a liçao & estudo das letras, & a longa experienzia de muitas couſas, q̄ne tendes visto & passado, tem feyta vossa memoria h̄u registro de couſas presentes, & h̄u almario de couſas antigas, donde podeys tirar remedios & consolações pera vossas tristezas, todauiia porque nas couſas proprias não temos tão limado o juyzo como nas alheas, em especial estando empeditos de dor, que cō seu dominio escurece-

o en

DA TRIBVLAÇAM

O cmtendimēto, vosporey diante algúas
coſſas, que vos excitem a paciencia, alar-
gando as redeas a minha pratica, poys niſſo
tendes vontade, que a minha he fazer
a vossa. Húa das grandes desauenturas,
em que cae o homē he perder sua alma,
& húasdas grandes bem auenturanças q̄
possue, he possuyla, & como na ira a per-
camos, & na paciencia a possuamos, está
claro, quão grāde mal he a ira, & quāma-
nho bem he a paciencia. Christo nosso
Deos aquelle altissimo mestre, que não
pode mentir, aos xxj. capitulos de S. Lu-
cas diz: Em vossa paciencia possuyreys
vossas almas. Que mór bem pode ser que
aquelle, que nos faz possuyr aquillo, que
se perdemos, ficamos perdidos? O diui-
no Paulo na Epistola aos Romanos diz

Roma. 5. assi: Gloriamonos nas tribulações, saben-
do que da tribulação procede a pacien-
cia, & da paciencia aprovuação, & da pro-
vação a esperança, & a esperança não cō-
Ephes. 4. funde. Na epistola aos de Epheso: Rogo-
uos

nossem o Senhor que andeys dignamente em a vocação, em que fostes chamados com toda a humildade & paciēcia. E aos Thesalonicēces: Sede pacientes a todos. Thesal.4
 E aos Hebreos: Pela paciencia corramos Hebr.12.
 á batalha, que se nos offerece, pondo os olhos em Iesu Christo, que he o autor & consumador de nossa fe. Santiago na sua Iacobi.5.
 epistola diz: Sede pacientes, & confirmay vossos coraçōes, porq não tardará Deos, que não venha daruos o galardão. Santo Ambrosio diz que a fim da paciencia he Ambros.
 a esperāça das promessas. Sam Gregorio Gregor.1
 diz que não he menos victoria sofrelos imigos que vencelos. Sancto Augustinho August.
 diz que melhor he o partido do que padece a injuria, que do q a faz. Chrysostomo Chrisost.
 diz q nenhūa coufa tāto cōfundē aõ mao como a tolerancia do q o sofre. O tempo
 nefaltaria, se quisesse cōtar em quantos lugares, & per quantas maneyras as diuinias letras & os sanctos doctores engrandecem a paciencia. Que coufa po-
 dē

DA TRIBVLAÇAM

de ser mays excellente que a paciencia,
pois nos faz vencer a nós mesmos? Muy-
tos capitães ouue ahi, que vencerão grá-
des exercitos em multidā innumeraueys,
em cruidade barbaros, em lugares infi-
nitos, em todo o genero de armas, manti-
mentos, & riquezas copiosos & abundā-
tes: mas em fim tudo isto sam victorias hu-
manas: porem vencer a si mesmo, sopcar
a furia, ter sofrimento na aduersidade, per-
doar as injurias, liarse com a paciēcia, isto
he mays divino que humano. Esta he a
mays alta de todas as victorias, vencer hū
homē a si mesmo. Esta he a que entrega o
nome á perpetuylade, digna de ser cele-
brada em todas as letras & lingoas, & de
viuer em quanto viuer a memoria dos
mortaes. Estádo os Israēlitas cercados dos
Philisteus, & opprimidos naquella diffi-
cillima guerra, se vião em tanto perigo, q
lhe quebrauão os corações, em tanto que
postos quasi em vltima desesperação vião
ante seus olhos sua fim, sem a poderedar
a que

aquele lha queria dar a elles. E pa mays seu abatimento auia da parte dos ímigos hú chamado Golias grande de corpo, que cõ 1. Reg. 17. soberba & ferocidade os desafiaua cada dia, sem nenhú delles ousar a sayrlhe. Neste tempo era Dauid hú moço, q andaua no cápo pastorádo seu gado: & vindo ter ao arrayal acceso com hú divino zelo por honra de Deos, & defensam de seu Rey & de sua patria, determinou acceytar o desafio, & foy se pa isso offerecer a el Rey Saül, que então reynaua em Iudea. E ainda que Saül o quisera disso tirar, por lhe parecer muyto moço, & q o enganaua o coração, com tudo cõfiado em Deos não quis senão ir sem mais armas que hú cajado, & húa funda, cõ cinco pedras no currão. E com a primeyra, que pos na funda, derribou o forte Golias, q vinha tā soberbo nas palauras como cõfiado nas obras, & assí matou o bom Dauid ao blasphemó, cortádolhe a cabeça cõ sua ppria espada: cõ a qual victoria em tal maneýra cspan-
tou.

DA TRIBVLAÇAM

tou os ímigos, que os fez fugir, & indo os
Israëlitas apos elles fizerão nelles grandes
estragos, & alcáçarão marauilhosa victo-
ria. E entrando Dauid com grande triú-
pho pela cidade de Ierusalem lhe sayo ao
encontro grande numero de mulheres
com instrumentos musicos tangendo &
cantando em seu louvor sonetos & can-
tigas que dizião, que Saül matára mil, &
Dauid dez mil. Saül ouuindo isto pelsa-
roso da gloria, que dauão a Dauid, auen-
do enueja de lho preferirem na honra,
determinou de o matar: & per vezes lhe
tirou ás lançadas sem o poder ferir. Que-
rialhe o ingrato rey pagar cõ cruel pena
obras merecedoras de singular galardão.
Vendose Dauid em tão perigo, tão per-
seguido & acossado del Rey Saül, deyxou
sua casa, desterrouse de sua propria patria
q̄ elle liutará do poder dos ímigos, & fu-
gio pera o deserto. Alli andava o bô Da-
uid cõ o pensamento em Deos, os olhos
postos no céo, esprayado os penetratiuos
suspi-

suspiros, que do seu coração abrasado na
diuina charidade fayão. Alli andaua pe-
dindo a Deos que perdoasse a Saül, meti-
do nesta lembrança de fazer bem, a quē
delle a não tinha, senā pera lhe fazer mal.
Via se attibulado de Saül, que elle defen-
dera, via que o queria destruyr quem elle
saluara, via que aquelle lhe queria tirar a
vida, por quem se elle arriscara á morte,
quādo por lhe dar a vida a elle, auēturara
a perder a sua no combate de Golias. E
com tudo isto lhe não perdia o amor, nō
desejaua delle vingāça: antes armado de
sofrimento metia tudo nas mão de Deos,
rogando lhe pola saluaçō de seu aduer-
sario. E como elle nā desempare aos seus,
lirou a Dauid de grandes perigos, & alli
naquelle deserto o vierão acompanhar
muytos de seus amigos & parentes, que o
seruião & goardauā. Mas o maluado Saül
nāo descansaua até o nāo matar. E mati-
nandoo este dānado pensamento que nā
entendesse n'outro, o veo buscar áquelle

Z deser

DA TRIBVLACAM

deserto com gente d'armas, pera lhe tirar
a vida, & apartandose Saül do exercito se
meteo só núa coua, que alli estaua, pera fa-
zer húa necessidade, dentro na qual esta-
ua escondido Dauid com seus compa-
nheyros, que poderão facilmente ma-
tar Saül, que os não via a elles. Mas el-
les vendoo a elle disserão a Dauid que
o matasem, poys o podião fazer, sem
auer cousa que lho empidissem, que bem
via que era hū cruel tyrano, q̄ o hia buscar
áquelle ermo, pa o matar sem causa. E de-
cerer he q̄ vendo aqui Dauid seu ímigo, q̄ o
hia matar, lhe viessem á memoria os assi-
nalados & abalizados seruiços, que lhe ti-
nha feyto, & a cruel ingratidão & diabo-
lica maldade do tyrano. Mas nē estas cou-
sas nem todas as maystentações, de q̄ alli
foy combatido, bastarão pera o indinar
& persuadirem a tomar vingança de seu
ímigo: antes lhe perdoou, & não sómente
o não matou, mas ainda o liurou da mor-
te, que seus companheyros lhe queriam
dar

dar, deixando ir liure quem o fazia andar
cativo. E pera Saül saber o que passara, lhe
cortou hū pedaço da faldra do vestido, q
lhe ficou na mão, o qual depois lhe mo-
strou. Aquella coua foy o campo, em que
Dauid pelejou com suas tentações & com
sigo, & alcançou de si mesmo glotiosa vi-
tória. No desafio, que teve com Golias,
venceo a outrê, mas neste venceo a si mes-
mo. Esta foy muito mór vitória que a ou-
tra, muyto mais illustre triumpho sein cõ
paraçao. Quereilo ver? Na outra batalha
venceo hū forte gigante, mas neste vêceo
outro mays forte, poys venceo a si mes-
mo, q tinha vencido o gigante: na outra
batalha venceo com húa funda & cinco
seixos, & nesta com a razão & cinco sen-
tidos: na outra cortou a cabeça a Golias,
& nesta cortou a cabeça ao demonio, cor-
toulhe as tentações, cortoulhe o princi-
pio, cortoulhe a cabeça: na outra entrou
triumphando dos inimigos na terreal Ie-
rusalem, & nesta entrou triumphando

Z ij de.

DA TRIBVLAÇAM

de si na Ierusalem celestial, na outra sayrāno a receber as danças das virgēs & matronas tāgendo, & nesta os coros dos Anjos & archanjos cantando: na outra pos os despojos na terra, & nesta polos no ceo: na outra merece o coroa corruptivel, & nesta a immortal, a qual o glorioſo

1.Petri.5. S.Pedro principe dos Apostelos na sua primeirā epistolachama coroa de gloria, que ja nunca mays se seca, mas pera sempre florece & permanece. E sam Paulo na

2.Tim.4. segunda a Timotheo chamalhe coroa de Iacobi.1. justiça, & Santiago na sua canonica, coroa de vida. Esta alcançou David com se vencer a si, perdoando a Saül, sofrendo com paciencia suas perseguições, vistindose da tolerancia das cousas humanas.

As armas com que se alcança a mays illustre de todas as victorias, sain glorioſas, & excellentes, de que continuamente auemos d'andar armados, & a paciencia & tolerancia sain estas armas, poys com ellas se alcança a victoria de si mesmo,

logo

logo elles sam glorioſas & excellentes, de que ſempre auemos d'andar armados. Prouer.
 Diz Salamão nos Prouerbios, q̄ milhot 16.
 he o paciēce que o homē forte, & que mi-
 lhor he o que vence a fi, que o que vence
 cidades. Nāo pode auer paciencia, ſenāo
 ondeha grande animo, & marauilhosa
 forteza, & inſignes virtudes. A pacien-
 cia he hu vaso, em que todas as virtudes ſe
 recolhem. E afficomo quebrado o fundo
 do vaso ſe entorna quanto está nelle, affi
 quebrada a paciencia caé todas as virtu-
 des. He tāo neceſſaria a paciencia, q̄ diz
 S.Ieronymo, q̄ nenhū ſancto foys coroado Ierony.
 ſem ella, & he tāo gloriosa, que diz ſam
 Gregorio, que ſem ferro & ſem chamas, Gregor.
 ſomente com a paciencia podemos ſet
 martyres. Mas nāo pode auer paciencia,
 ſenāo auendo hi tribulaçāo. E por iſſo he
 a tribulaçāo neceſſaria, poſt obra a paciē-
 cia. Diz ſam Ioāo no Apocalypſi, que viu Apoca-
 ante o throno de Deos grande numero lypſi.7.
 de ſtōs cō palmas nas māos, & q̄ lhe diſſe

DA TRIBULACÂM

hú delles: Estes sã os q̄ vierão da grādetríbulaçāo. Isto he o q̄ dizia Ch̄o a seus discipulos: O mūdo será ledo, & vos tristes, mas a vossa tristeza se conuerterá em alegria. Oppõi o mūdo aos discipulos como couſas contrayras, como se disſesse: Os que sām do mūdo terão aqui alegria, mas serlhe h̄a cōuertida em perpetua tristeza mas os meusterão aqui tristeza, de q̄ depoys nascerá eterna alegria. O falsos prazeres do mūdo cōuertidos tão afinha em pesares, ó enganosos contentamentos, q̄ logo no principio da viagē çocobrā, & antes de veré a barra se vão ao fundo, socedendo em seu lugar infofriueys tormétos.

Prouer.

14.

Diz Salamão q̄ o pranto occupa a fim do contentamento. E assí como a serenidade do gosto dos maos se torna em diluuiio de lagrymas, assí o diluuiio das lagrymas dos bôs se torna em serenidade de cōtentamento.

Compa-
gaçāo.

Qué quer prantar no seu jardim húa laranjeyra, ou outra grande arvore de bó fructo, não prâta hú ramo cõ suas folhas,

8

Se flores, ou fructo, porq̄ isso he p̄der o tra
balho, ca ás folhas murchanſe, & as flores
caē, & a fructa ſecafe cō o ramo. Mas quē
quer ter aruore, prāta o trôco della, q̄ de-
poys aruore feyra dá folhas, & flores, &
fructa. O noſſo coraçā he o noſſo jardim,
ſe nelle quiſermos prantar hū ramo dale-
gria cō suas flores & fructa, ſerá trabalho
por demays, porq̄ d'hū contentamēto nā
nacé outros, né ha ramo de goſtos q̄ ſe fa-
ça em aruore d'alegria, ſecafe o ramo, pde
ſeo contentamēto, & fica tudo em triste-
za. Quem quiſer ter no coraçāo prátada
a aruore d'alegria, prante o tronco della,
vaſſe áſrayzes, & deyx e as ramas. O trô-
co & rayz d'alegria he a tristeza, nam
qualquer tristeza, mas a que he toma-
da da lembrança da morte, & payxam
de Christo noſſo Redemptor, de ſeus tor-
mentos, & dos da gloriosa virgem ſua
Madre. E da lembrança dos peccados
aſſi proprios como alheos, & daſoydadę
da celestial patria da gloria. Este tronco

DA TRIBULACAM

de tristeza se cōuerte nūa aruore excellēte d'alegria & espirituas cōtentamētos. Isto he o quedizia o Senhor: A vossa tristeza se conuerterá em alegria. Donde vem Chrysostomo a dizer, que a tristeza pare o contentamento. E sam Bernardo Bernard diz, que as lagrymas sam semente da gloria. Em sim que a bōa tristeza he o tronco & rayz da bōa alegria. Isto he o que diz o Psalmista: Os que semeão em lagrymas colherão em prazer. E logo abayxo:

- Psal. 125. Andando elles hião & chorauão semeando suas sementes, mas vindo virão com
 Psal. 125. alegria, trazendo osfeyxes de scus contétamētos. E noutro Psalmo: Vos Senhor conuertestes o meu pranto em conten-
 Psal. 29. tamento. Isto he o que diz nosso Senhor
 Mat. 5. em sam Matheus: Bem auenturados os q̄ chorão, porque elles serão consolados. O agora & o depoys dos bōs he mayto dif-
 ferente do agora & depoys dos maos, po-
 que aos bōos o seu agora de tristeza tem-
 poral conuerte se em depoys d'alegria.

semprē, & pelo contrayro aosmaos o seu
agora d'alegria trāitoria conuertese em
depoys de pena sem fim. Assi como na se-
mente está o fructo per potencia, assi na
tribulaçāo com paciencia está a gloria per
esperança. E por isto dizia noīo Salua-
dor, em São Matheus: Bem auenturados Math.5.
sām os que sām perseguidos por fazerem
justiça, porq delles he o reyno dos ceos. E
daqui vēn dar Deos tribulações aos scus
pera os exercitar & fortificar no caminho
dos ceos. O ladrilho senão he cozido no Compa-
fogo, com qualquier agoa se desfaz: onde ração.
parecia que o fogo o auia de queymar, nā
sómente nāo o queyma, mas falo forte &
durauel: assi o homē que nāo he metido
no forno da tribulaçāo, com qualquier tē-
tação se deeyxa vencer: o q parece q o ladrilho
de destruir, nāo sómente o nāo destrue,
mas forificaõ. As agoas, que desfazem os
ladrilhos, sām as tentações, com que os
maos se perdem, & os boos se saluão. Le-
uando o bom Gedeão capitão dos He-
breos Iudic 7.

181 DA TRIBULACAM

breos muyta gente comigo pera pelejar
com os Madianitas, disselhe Deos q̄ não
leuasse mays que aquelles, que bebessem
com a mão ficando em pé, & que despe-
disse os q̄ se assentassem a beber debruçá-
doſe ſobre o ribeyro: & de x mil não fi-
crão com elle mays que trezétoſ, os quaes
alcançarão dos ímigos marauilhosa victo-
ria. Excellente figura he esta, & dina de
muita pôderação. Que agoas ſam estas ſe
não as tentações, & que ímigos ſam eftes
ſenão o diabo, o mundo, & a carne, com q̄
pelejamos? Aquelettes q̄ vêdo as tentações
ſe deyxão logo cair moſtrando fraquezza
& bayxeza, ficão a trás ſem seguiré á aqüelle
diuino capitão Christo noſſo Saluador, a-
quelle verdadeyro Gedeão emparo dos
Iſraēlitias. Somente aquelettes o ſeguem, &
alcanção dos ímigos d'alma glorioſa vi-
ctoria, que apresentandofelhe diante as
agoas das tentações, ficão em pé firmes
no bom proposito, goarnecidos da vir-
tude da conſtancia. Eftes ſam os que pe-
lejão

lejo tortemente com os ímigos, & armados da paciencia triumphão delles cõ muyta gloria. Verdade he que senão podem estas agoas das tentações firmemente passar sem diuino socorro, mas Christo não o nega a quem lho pede, & faz o que em si he. Elias deu a sua capa a Eliseu, 4 Reg. 2. & com ella passou as agoas do Jordão. Que agoas sam estas senão astentações, & que capa he esta, que Elias deu a seu discípulo Eliseu, senão o diuino emparo, cõ que o bom IES V socorte aos seusem suas necessidades? Estas sam as agoas de q diz Salamão nos Canticos: As muitas Canticos agoas não poderão apagar a charidade. E vltimo daqui se colhe o fructo das tentações dos justos, que por mays que ellas sejão, sempre elles ficão em pé, vencedores & firmes na charidade. E como astentações & tribulações sejão causa da peleja, & a peleja seja causa da victoria, sam elles também causa da victoria. Ellas sam aquellas gentes ferozes, que Deos deyxou na terra

DA TRIBULAÇÃO

terra de promissão pera pelejarem com os filhos de Israël, & os exercitarem na guerra. E assí como na batalha corporal alli he mays honrada a victoria, onde a pessoa com mór risco se auentura, assí na espiritual quâto mores sam as tentações & tribulações sofridas com paciencia & firmeza na virtude, tanto mays excellente he a coroa da victoria & eterno galardã.

CAPITULO III.

¶ Dos diuersos effeytos da tribulação & dos proueytos, que comigo traz,



A M se contentou o amigo com mostrar o bem da tribulação ao preso, mas quis lhe responder á sua objeyção, & disse: Quanto he ao que disfestes no principio, que a tribulação era dina de ser vituperada, porque fazia perder a paciencia a muitos, digo que sua desse he a culpa, que a tribulação não lha tem. O sol fendo hum mesmo no proprio tempo

em que abranda a cera, endurece o lodo:
não porq' elle seja em si diuerso, mas pola
diuersidade das naturezas dos objectos.
E assi como nū mesmo fogo a pastilha
cheyra, & o enxofre fede, o ouro se apura
& o madeyro se torna em caruão, & com
hū mesmo vēto a ortelaā & crua cedrey-
ra cheyrão, & a arruda & o piorno fedem,
& núa mesma eyra a palha se espedaçā
& o grāo se alimpa, assi com húa mesma
tribulaçāo hūs se afināo outros se quey-
mão, hūs se mostrão sofridos, outros im-
pacientes, finalmente hūs se milhorão,
outros se empiorão. Mas pola mayor par-
te a tribulaçāo aproueyta muyto. Assico- Compa-
mo o fogo abranda a cera, & a derrete, as ^{raçāo}.
si a angustia o coraçāo. Isto he o quedizia
Job: Deos amolentou o meu coraçāo. Job.22.
Hua taça de bestiāes, ou qualquer vaso
de metal laurado de figuras, metido no
cadinho, ou crisol se derrete & funde no
fogo, onde todas as imagēs sām desfeitas,
& fica outra figura noua: assi hū duro co-
raçāo

DA TRIBULACĀM

ração feyto húa taça de imaginaria cheo de figuras do mundo, metido no fogo da tribulação, álli se está derretendo & fundindo perdendo as figuras das vaydades mudiadas, deyxado a imagē antiga, & ficando noutra noua, deyxando a imagē de Adão & ficando na de Christo. Isto he o a que nos sam Paulo excita, quando diz

2. Corí. 15

na segūda epistola aos Corinthios: Assim trouxemos a imagem do terreal, assim tragamos a do celestial. Que cousa pode ser mays proueytosa q̄ a tribulação, poys nos faz deyxar as imagēs dos vicios, & tomar as das virtudes, deyxar o mundo & suspirar por Christo? Isto he o que dizia

Esa. 26.

Esaias: Senhor em a angustia te buscará.

Psal. 82.

E o Psalmista: Enche as suas faces de igno-

minia, & buscarão Senhor o teu nome.

Oseas. 6.

Per Oseas diz Deus: Em sua tribulação

pela manhaã se aleuantarão a mí. E per

Ezech. 16.

Ezequiel: Será tirado o meu zelo de ti, &

repousarey, & não me iratey mais cōtra ti.

Como se dissera: Deestar muito anojado

de

de te dey xarey, & te nā castigarey. Dō
de se colhe claramēte q̄ então está Deos
contra nós mays irado, quando cōtra nos
senão ira, nem castiga nossos males, & q̄
então mostra mays de nos sua vingança,
quādo de nos a nāo toma: & pelo cōtrai-
to quando nos castiga com tribulações,
então mostra o amor, q̄ nos tem. E assi o
diz elle per S. Ioão no Apocalypsi: Eu aos Apoca-
que amo emendo & castigo. Enū Psalmo lyp.3.
falando do atribulado diz: Clamou a mī, Psal. 90.
& eu o ouuirey: cō elle sou na tribulação
eu o liutarey & glorificarey. E per Esaias: Esai. 43.
Quādo passares pelas agoas, nāo te cubri-
rāo os rios, & quādo andares no fogo, nāo
te queymarās. Isto acontece o assi aos He Exod. 14
breos, quando passarão o mar roxo, & aos
moços da Babylonia, quādo forão meti-
dos na fornalha das chamas ardētes. Bem
podéra Deos fazer que os tres innocen- Dani. 3.
tes moços nam foram metidos no for-
no de Babylonia: mas mōr merce lhe
fez deyxalos la meter, com tanto que o
fogo

DA TRIBULACAM

fogo lhe não empecesse, que fazer milagrosamente, com que os Babylonios os la não podessem meter: assi mór mercenaria nos faz nosso Senhor em nos deyxar meter nas tribulações dandonos paciencia, que em nos liurar das mesmas tribulações, porque liures dellas esquecemos delle, & metidos nellas socorremos a elle, & temolo com nosco. Isto quis significar, a escriptura, quando diz que viu el

Dani. 3. Rey de Babylonia andar os tres moços no meo das chamas louuando a Deos viuos & sãos, & que andaua outro cõ elles semelhante ao filho de Deos, & que sendo alli metidos atados, andauão soltos, porque atribulaçao softida com paciencia nos faz termos a Deos por defensor, & sermos liures soltos & desatados do amor & impedimentos do mundo. Esta he a causa, porque os varões sabios folgão cõ afflições, & temem a prosperidade. Sam

Ierony. Compa- Ieronymo compara a tribulaçao á balea-
rações. de Ionas, que onde os outros cuydauão, q

ò engolia ella pao matar, engoliuo pa o
 goardar. Sam Gregorio diz, q̄ assi como Gregorio
 os perfumes mostrá a força de seu cheyro
 metidos nas brasas, assi os varões sanctos
 declararam a fitmeza de sua virtude meti-
 dos nas tribulações. São Bernardo diz q̄ Bernard
 assi como a lám ha mister cardada, pera o
 pano set fino, assi a vida ha de ser atribu-
 lada, pa a consciencia ser mais excellen-
 te. Gersão diz q̄ a tribulaçam he agoa do Gersam,
 diluuiio, que quanto mórt he, tanto arcá de
 Noë, que he alma deuota, se mais aleuâ-
 ta & chega pera o ceo. Theodoreto diz q̄ Theodo-
 perseguir a hū justo he cortar o ramo d'ar-
 uore, do qual cortado nascem muytos
 muytos mays fertiles & fermosos. Sam
 Gregorio Nazanzeno diz q̄ fingiram os Nazáze.
 antiguos húa aruore, que viuia cō a mor-
 te, porque quanto mays a cortauam, tâ-
 to mais pullulaua, & mais verde, & espes-
 sa, & fructifera se fazia: de maneyra que
 trazia guerra com o fertó, cō amorte cō-
 ualescia, & cōsumida se acrecentaua. E

Aa diz

81 DA TRIBUЛАÇAM

diz elle que alegoricamente p esta aruore se entéde o justo, que com as tribulações reflorece, porq ellas lhe dā materia de paciencia, & constacia, & grādes outras virtudes: & que quanto mais he cortado & abatido, tanto he mais acrescētado & ornado, & tanto de Deos mais fauorecido.

Chrisost

Isto he o q diz S. Ioão Chrisostomo: A virtude, quando padece, vence. Dóde vio o antiquo proverbio: Enuerdece cem ferida a viitude. Diz S. Augustinho que he isto como fogo, q quando he pequeno qualquer vēte o apaga, mas depoys qhe grāde, quanto o vento he mayor, tanto elle se accende mais, assi ainda q a virtude imperfeita & que ainda começa, muitas vezes se apaga cō qualquer tentaçā & tribulaçā, cō tudo depois que o homē estā inflamado no diuino amor, quanto mais cresce as chamas da constancia & charidade. E noutra parte diz que auemos de entender, que Deos he fyfico, & que a tribulaçam nam he pena pera nossa dāna

August.
Compa-
raçāo.

dânaçam, mas mezinha pera nossa saude.

Afficomo os botões de fogo dados pelo Compaõ excelléte cyrurgião, caso que pareção chagas, sam remedio contra as chagas, assi as tribulações, posto q pareção dânos, sam remedio cõtra elles. Sam Gregorio diz que a afflição he porta do reyno dos ceos: & S. Ambrosio affirma que sofrida com pa- ciencia he bem auenturada, & que alli co- meça a bem auenturança segundo juyzo divino, onde se tem por desauentura se- gundo o juyzo humano. Lactacio diz, q cõ só isto podemos ser nesta vida bem auen- turados, se o não parecermos ao juyzodo mundo, que põe sua bem auenturança na prosperidade enganosa, & o justo na tri- bulaçao bem sofrida. Dizem os naturaes que ahia animaes que viuē sométe dosele- mentos, afficomo a toupeyra da terra, os peyxes d'agoa, o Camelião do ár, a Sa- lamandra do fogo. Nos primeyros tres não tem os escriptores diferença, sómen- te na Salamandra differem, ca hūs dizem

Gregori-

Ambrosi-

Lactacio

que

DA TRIBVLACAM

que he hū bichinho com asas, que se cria
& sustenta nos fornos de vidro, que ardē
em contínuas chamas de fogo, outros di-
zem que he aquelle animal pintado, a q̄
commūmente chamamos Salamaniga,
que não apparece se não em tempo de
Plinio. muyta chuua, na qual senteça he Plinio
no decimo de sua historia natural. Co-
mo quer que seja, basta que he hū animal
q̄ viue no fogo: assi o varão justo & pio vi-
ue no fogo da tribulaçā. Que Salamandra
vos parece q̄ era aquelle diuino Paulo,
que se gloriaua no fogo das tribulações,
como elle mesmo affirma na epistola aos
Romanos? Diz Plinio no sextodecimo da
historia natural que ahi húa aruore cha-
mada Larix, que nunca arde, & que posta
no fogo he como pedra: & contão as hi-
storias, como refere Celio no sexto das
lições antigas, que Cesar o experimen-
tou a par da cidade de Larigno, onde, má-
dou pôr o fogo a húa torre de madevra
desta aruore, a qual cercada de fogo uúca
ardeo

Roma.
Plinio.

Celio.

ardeo, & no meo das chamas esteue inteira sem se corromper nem queymar. Que torres de Larix erão os Apostolos tão singulares, que metidos nas chamas das perseguições não perdião hū ponto da paciencia, mas, como cota sam Lucas, Act.5. hião alegres da presença do concilio, por serem dignos de serem polo nome de IESUS V injuriados. Aquell a çarça, que contão no Exodo as diuinias letras, que ardia, Exod.3. & não se queymava, porq estaua Deus nella, q queria significar alem dos outros mysterios, senā que o justo, em cuja alma está Deus per graça, pode ser do fogo das tribulações vexado, mas não vencido, arderá, mas não se queymará, será combatido, mas ficará firme, será atribulado, mas não cōsumido. E nā sem causa appareceo esta visam nūa sylueyra chea despinhos, & não em qualquer outra arvore massia: porque os justos sam espinhados de tribulações, & como diz sam Paulo na seguda a Timotheo, todos os que piam etc 2.Tim.3.

Aa iij qui

DA TRIBULACAM

quiserē viuer em Christo, padecerão perseguiçāo. Lede pelas ecripturas assi diuinias como humanas, & achareys, q̄ todos os grndes & insignes na virtude & sabedoria passarão grādes tribulações. Assicomō os grandes peyxes se mantē nas agoas salgadas, & os pequenos nas doces, assi os grādes varões se sustentão no mar das angustias, & os de pouco animo nas doces agoas de seus contentamētos. E assicomō as emas, não ha ferro por duro q̄ seja, que não digistão, assi os grādes sabios, não ha tribulaçāo por dura que seja, que não elmoão, folgando de padecer por amor de Christo, por reynaré com elle na sua glo

2.Tim. 2. ria, conforme ao que diz o Apostolo a Timothco: Se juntamente padecemos, juntamente reynaremos. Isto he o que diz

Chrysostomo: Queres reynar cō Christo, padece cō Christo. Ainda q̄ a tribulaçāo seja aspera ha nos de lembrar que andou per ella Christo nosso Redēptor, & q̄ per ella passarão os Apostolos, & Martyres,

os outros sanctos, q̄ agora gozão de Deos na eterna bemauenturança. Agoa d' húa fonte solobre, se vé per boa terra, correando pelos pés & rayzes de suaues & medici naes eruas, perde o sabor aspero, & toma nouo sabor ficado doce & gostosa. Desta mesma maneyra he a tribulaçao, q̄ inda que de sua natureza seja aspera & enxubida, toda uia se atetardes pera a terra, p onde passou, & as rayzes das eruas, perq̄ correio, se confirardes q̄ passou per Christo & pelos seus sanctos, achalaseys suaue & de muyto gosto. Diz o Senhor q̄ a via da vida he estreyra, & a da morte larga. Donde se colhe q̄ osque quisere n entrar na gloria, hão de passar per muytas tribulações: mas as mesmas tribulações vos darão suaues contentamétos, quando confirardes q̄ is seguindo o passo de Christo, & que esse caminho vay ter á gloria. Por isso não ateteys ser a via fragosa, mas quē andou p ella, & onde vay parar. No liuro da Sapiencia estão estas palautas: O justo

Matth. 7.

Sapié. I.

Aa iiiij guiou

DA TRIBVLACAM

guiou o Senhor per vias direytas, & mostroulhe o reyno de Deos. E declarando a escriptura que vias sam estas, diz logo abayxo: Honrou o em trabalhos, & compriulhe os scus. Onde se mostra que os trabalhos & tribulações sam caminhos da eterna bemauenturança, se sam andados com sofrimento & constancia da virtude, a qual os faz não sómente sofrueys mas suaves, porque assicom o vicio ha pena de si mesmo, assi a virtude traz consigo contentamento.

CAPITVLO V.

Em que o amigo mostra per authoridades dos gentios os beés da tribulaçam.



Seneca, E tão alta coufa a tribulaçā, q̄ nam somente os Christãos mas ainda os gētios o entēderam. Seneca diz q̄ não ha mōr tribulaçam que nam a ter, & q̄ nam ha mōr aduersidade que nunca nella cāyr. E noutra parte diz assi: Nam termos accessū

necessidade da humana felicidade, he a
nossa felicidade. Bias diz que aquelle he ^{Bias;}
desauenturado, que nam pode sofrer a
desauentura. Diogenes diz; Aquelle he Dioge-
mays infelice, que mays trabalha por ser ^{nes.}
mays felice. Epicteto diz; Sofre & abstien-^{Epieteto.}
te. E hetam alta & cōpendiosa esta sen-
tença, q a meu ver cōprende toda a mo- ^{Gellio.}
tal philosophia. Vsa della Aulo Gelio no
decimo septimo liuro das noites Atticas. ^{Marco}
Marco Marcello, o primeiro que venceo
os Corsos edificou em Roma hū templo
à tempestade, porque sendo della perse-
guido nas duuidosas ôdas do mar ante
Corsega & Cerdanha escapou sem lhe e-
pecer, como o contam as antigas histo- ^{Fuluio.}
rias, & o resere Fuluio nas suas antigua-
llas. Parece que sentio este ^{Marco} Marcello ser
tão excellente a tribulaçao, que quasi se ^{Policra-}
via de adorar. Côta Policrato, & refereo ^{to.}
nas partes theologaes S. Antonino, que
injuriando hū homē a outro disse o inju-
riado: Dize o que quiseres, que eu tenho

Aa v mā-

DA TRIBULACAM

mandado ás orellhas que oução, & alingoa que cale, & ao animo que esté quieto
Que mays se podia dizer, & que mais sublime philosophia se podia imaginar? O injuriado ficou sem injuria, & o injuriador ficou injuriado: O que queria abater ficou abatido, & aquele queria abater ficou honrado: porq não pode ser mōr infamia pera os maos, que querer infamar os boos nem mōr gloria pera os boos, q ser perseguidos dos maos. Conta Xenophonte no Economico, que dizia Socrates q os imigos erão riquezas & gentis alfaias, se nos delles soubessemos aproueitar. De manha q antre os thesouros conta os inimigos.

Xeno-
phon.

Nasica.

Liuio.

Valerio.

Isto sentio Scipião Nasica, quādo destruida Cartago emula & imiga de Roma fôse no senado, q mays proueyto fazia Cartago a Roma estando em sua prosperidade, que sendo destruyda, porq os imigos erão hú fraco da sensualidade dos Romanos. Assi o conta Tito Liuio, ainda Valerio Maximo quer attribuir a este

to a Quinto Metello. Donde se cõclue q
ainda q os maos nos possão attribulat nã
nos podẽ infamar, antes infamá a si, & on
de cuidão q nos danã, nos aprocueitá. Dó-
de veo Plutarcho a fazer hū liuto dos pro ^{Plutarci}
ueytos q se nos seguē de termos imigos, q
nos injurié. Os varões sabios nã fazē cõta
das injurias, q lhe fazē os maos, átes sofrê
tudo sem auer calúnias, nem contrastes,
que lhe empidão o caminho de seus boos
propositos, antes quanto mores tribula-
ções se lhe encontrá diante, tanto mór ani-
mo mostrão, & mays se esmerão & abali-
sam na excellente virtude, porque a boa
sabedoria lhe ensina a passar auante. Isto
quis significar Homero, quâdo escreuêdo Homero
os grandes trabalhos de Ulisses, disse q todos
os vencerá, & de todos escapara, porque
leuau a comigo por companheyra a Mi-
nerua, a qual os gentios adorauão antre
as suas vaydades por deosa da sciencia, &
dizião que fora virgem, pera mostrarem
que a sensualidade he terribel aduersaria
da

DA TRIBVLAÇAM

da sciencia. Quis nos nisto significar, que
não ha trabalhos nem tribulações, que os
homens não passem & sofrão, se sam dota-
dos & ornados de sabedoria. Ella he aqüelle
cauallo Pegaso, em que lha Bellorofonte
vencendo todos os mōstros, que em suas
fingidas fabulas deyxarão em memoria
os antiguos poëtas. Ella he o escudo de
Palas, em que estaua pregada a cabeça de
Medusa, no qual todos os que punhão fi-
tos os olhos, ficauão pedras. Querião ne-
stas philosophias entronhadas nestas fa-
bulosas historias ensinar os antiguos, que
todos os que tiuessem pregados os olhos
do entendimento na sabedoria gouerná-
do se per ella, serião na virtude tão firmes
& constantes, que se poderião comparar
com as duras & firmes pedras, que nem
com trabalhos & tribulações esmoreces-
sem, nem se quebrassem, tendo sempre
pa si que era melhor ter afflições pola vir-
tude, que delevtações polo vicio, & que
quāto mōr fosse a prosperidade do mundo,

canto

tanto mays a deuião temer, & quanto mor
foss'e a aduersidade, tanto se mays nella
suião degloriar. Isto quiserão elles signi-
ficar, quando disserão que o sol se apascé-
tava com as agoas salgadas, & a lúa com
as doces. Pelo sol entendem o varão sa-
bio, justo, & constante, que aquenta, allu-
mia, & he sempre d'hu tāmanho : & pe-
la lúa o ignorante, vicioso, & variauel, q
não tem mays luz que aque lhe dá o sol,
& ainda esta fria & rara, & hora cestá cheo,
hora mingoado, mudauel, & inconstan-
te. Pelas agoas salgadas entendem as tri-
bulações & aduersidades, & pelas doces
as deleytações & alegrias. He logo a in-
terpretação desta moralidade que os va-
rões d'alto ingenho eminentes nas letras
& heroicas obras de virtude desprezão
as falsas deleytações & contentamentos
mundanos, & se glorião nas tribulações
sofridas pola honra da virtude, & nellas
se ceuão & deleytão: & pelo contrayro os
ignorantes & sensuaes, homés de bayxos

spi

DA TRIBULACAM

spiritos & rasteyros pensamentos se apascentão dos vãos prazeres & enganosas deleytações & prosperidades do mundo. E p detradeyro os maos sempre se queixão da vida & de suas desauérturas sem temer verdadeira alegria & quietação, & os bôs pola mór parteviuem consolados, porque antre suas tribulações sente suas contentamentos. Assicom o as amargosas & salgadas agoas de Ierichó se tornão doces fendo nellas metido hú vaso nouo com sal, assi os discontentamentos do mundo significado per Ierichó se tornão suaves, se o vaso de nosso coração nelles metido he nouo pelagraça, & limpo do peccado, & cheo de sal da verdadeira sabedoria. Desta maneyra se adocançam as amargas agoas de nossas tribulações, & no meo dellas se sente singular refugio. Mas se o vaso he velho, & quebrado, & sem sal, sam os desgostos amargosos & insofriueys. E ainda q os maos venhão algumas vezes a effeuctuar seus desejos, cõ rudo

4. Reg. 2.

do eu tenho p amí q mór contentamen-
to tē os bōs em o não ter, q os maos ten-
doo. Esta he a senteçade Socratesrelata-
da p Xenophōte, quādo dizia, q abstēdo-
phon.
 Socrates
 Xenophōte
 se não tinha menor deleytaçāo, q os que
 tō grāde cuydado a alcançauão, & tinha
 muyto menor dor, quādo a não tinha, &
 daqui vinha a não estimar, p speridade nē
 aduersidade, donde lhe pcedia ser liure,
 da qual liberdade nascia aquella marauil-
 lhosā constancia, q nelle louuarão todos
 os escriptores, q delle falarā. Sentēça foy
 dos philosophos oriētaes, como refere Pa Patricio
 tricio Senes nos seus liuros da república,
 que os q igoalmēte desprezauão o prazer
 & o pesar, a vida & a morte, nā podiā ser
 liuos. E porq os q isto tinham, erāo justos
 & labios, diziā q os taes sempre erā liures
 & isentos, & pelo contrayro os maos &
 ignorātes erāo captiuos & escrauos. Isto
 ensinou Socrates, de quē o tomou Cicero
 nos paradoxos, & todos os q seguirā a dou-
 tina platonica, assi átiguos como moder-

DA TRIBVLACAM

nos, os quaes todos nisto concertā q̄ os ſa
bios & virtuosos não hão de defrauiar nos
trabalhos & afrontas, mas com hū ſofti-
mento aceyro & incāſaueſ hão de ir auá-
te pelo caminho da virtude, fundados na
firme constancia , folgando mays com
as tribulações que com as falsas alegrias,
porque as tribulações ſam conſeruado-
ras da virtude, & vasos de lembrança de
quem ſomos, & as falsas alegrias ſam ex-
citamentos de vicios, & vasos de esqueci-
mento, os quaes bebidos nos fazem per-
der a memoria de nos mesmos. Donde

Petrarc. veo a affirmar o Petrarcha no proēmio
dos remedios contra a Fortuna, que era
mays diſſícl ſabereſ gouernar na bonan-
ça que na fortuna, & que mays o affom-
braua & mór medo lhe metia a prosperi-
dade que a aduersidade. E á verdade elle
a diz, porque cada dia vemos com nossos
olhos, & estão diſlo cheos os liuros, que
muytos na tribulações ſeganhitarão, que
depoys nos cōtentamentos ſe perderão

& forão alagados scus bōs propositos no
sereno mar de suas bonanças, os quaes
elles muyto tempo conseruarão nas bra-
uas & furiosas ondas de suas aduersida-
des. Exemplo temos em Dauid, do qual ^{1. Reg. 24}
dizem as diuinias letras, que sendo atri- ^{2. Reg. 11}
bulado deu a vida a seu ímigo Saül, & sen-
do prospero a tirou a seu amigo Vrias.
Pera que he logo desejar prosperidades
nem desmaiars com aduersidades, senão
tomar com cautela o que vier, pera que
nem na bonança se receba alegria dema-
siada, nem na tormenta desgosto sobejo.
Assicom o bom jugador emenda o mao Compa-
lanço com seu saber, & o mao lança o raçāo.
bom lanço a perder com seu pouco ten-
to, assi os sabedores com sua prudencia &
tolerancia emendão em tal maneyra os
maos lanços do mundo, que ganhão o jo-
go, & os ignorátes por vsarem mal de seu
bem, o perdē. Scipião Nasica sendo con-
sul de Roma foy no mar tomado dos
Carthaginenses scus ímigos, mas sendo

Bb capti

Scipião.

891 DA TRIBVLACAM

captiuo vſou de tanta prudencia, que ſe
liurop, & de eſtrauo veo outra vez a fer
Poliſra- consul Romano. E pelo contrayro Poli-
tes. erates Rey dos Samios viueo ſempre em:
tanta proſperidade, & tão mimoso, como
dizem da fortuna, q̄ parecia que não ti-
nha o deſejo mays que pedir, em tanto q̄
dizião, que o ſeu poder andaua ouro &
fio com ſeu querer, até q̄ por ſentir algúia
perda, & ſaber a q̄ ſabia a aduersidade,
deytou no mar hū prelioſo anel, q̄ tinha,
que elle m'uto eſtimaua, pera ter cō iſlo
algúia dor. Mas logo d'ahi a poucos dias o
achou dentro nū peyxe, que o engolira, o
qual lhe poferão na meſa pa comer. Mas
em fim por não ſaber uſar de tanta bôa
andança veo a fer preſo & captiuo de ſeus
amigos, & vio p'dido ſeu reyno, & eſcure-
cida ſua gloria, atē vir a morrer enforcado
deſhonradamente no alto móte Micalen-
ſe per mão de Orontes ſeu aduersario, &
forão ſuas carnes com grande ignominiā
entregues ás auges & aos cães, como conta
Scrl.

Strabo no xiiij. liuto, & Valerio Maximo Strabo.
 no vj. & muitos outros authores. Mar- Valerio.
 cio Romanohú dos melhores capitães de
 Roma por seguir a parte de Bruto foy
 proscripto de Antonio, & julgado delle
 por ímigo de Roma, & sendo tomado cõ
 outros muitos na guerra de Macedonia
 dos que seguião a parte de Antonio, fin-
 giõe escrauo, & foy cõprado em pregão
 de Barbula, o qual indo a Roma o conhe-
 cco, & pos em sua liberdade, & depois foy
 este Marcio tão fauorecido de Octauio
 amigo q então era de Antonio, que vco a
 ser pretor, que he o q agora chamamos go-
 uernador. E dando depoys o mudo volta
 vco o Antonio a ser destruido p Octauio,
 & os amigos de Antonio parte forão mor-
 tos parte desbaratados. E assédo o Barbu
 la medo da morte fez se escrauo, per não
 ser conhecido, & foy vêdido em pregão,
 & cõprado p Marcio, q noutro tēpo fo-
 ra seu catiuo, sem o Marcio o conhecer
 por vir demudado e trajos vis de catiuo,

DA TRIBVLACAM

mas tanto que o conheccõ,o libertou,& fez tão amigo de Octauio,que veo a ser pretor,& a ter em Roma grande valia. Belisario capitão do Emperador Iustiniano depoys de vencer os Vandalos,& triúphar dos Persas,& liurar Italia dos Barbaros,veo a ser enuejado & murmurado. E sendo por seus grādes successos sospeyto ao Emperador, que temia que se lhe aleuantasse com o imperio,foy delle priuado dos olhos,& despojado de toda sua riqueza. Em fim veo a tão triste estado, q fez húa pocilga apar d'húa caminho onde estaua pedindo esmola aos que passauão com estas palauras: Caminhante dá húa esmola a Belisario,ao qual a virtude engrandeceo , & a enueja cegou. Authores sam desta historia Procopio, & Rauisio

Proco-
pio.
Rauisio. Texto na Officina. Estas sam as voltas do mundo, este he seu custume,estas sam suas mudanças. E não somente aos homens, mas áscidades & edificios & traios dá tantas voltas com o tempo, que parecc que
and

anda jugando com elles. Auia em Roma húa aspera cadea, onde estauão presos os culpados de graues delictos, & estando alli presa húa pobre molher, a q̄ querião matar á fome, v̄eo alli húa sua filha, & impetrou do carcereyro licença pera a ver cada dia húa vez, com tanto que lhe não leuasse enhū mantimento, & cada vez que lá entraua, era olhada pelos guardas, & vendo elles que a presa durava tantos dias sem comer, começarão a inquirir a causa, & acharão q̄ a filha, cada vez que com ella entraua, lhe dava o leyte de seus peytos, com que a sustentaua: sabido isto foy louuada a filha, & pola piedade della foy folta a māy, & julgado pelo Senado que ambas fossem sustentadas com as rendas da repubrica, & que a cadea fosse dalí tirada, & aquella casa feyta em templo dedicado á piedade. Depoys per tempo foy este templo da piedade conuertido nū theatro dos jogos, q̄ se chamaua o theatro de Marcelllo. Depois deu o mudo

DA TRIBVLAÇAM

outra volta, & cayo a mōr altura do thea
tro, & sobre as paredes, q̄ ficarão, forā edi-
ficados hūs paços, q̄ eu vi per muitas ve-
zes, onde agora viu o cardeal Sabello vi-
gayro do Papa, & alli se tratão as couças
da religião. Vede estas mundâças do mundo
De cadea de cruidade tornouse em tem-
plo de piedade, & de templo de piedade
veo ser theatro de jogos deshonestos & vi-
ciosos: & de theatro de jogos deshonestos
& viciosos veo a ser casa de honestidade
& virtude, & paço do vigayro de Roma.
Há mōte ha em Italia, q̄ se chama o Palap-
tino, q̄ em outro tēpo serviu de pasto de
gado, onde depoys foys edificada Roma
de nobres & altos edifícios: agora he desfa-
bitado, cheio de syluas, & aruores dos agre-
stes, & serue de pasto de animaes: é sim tor-
nouse naquillo q̄ foys átes de Romulo &
Euádro, & onde primeyro foys Roma, hā
hai mais fumo della q̄ hūs pedaços de pa-
redes derribadas cercadas d'era, & syluas,
& aruores montesinhos, anntre as quaes se
acha

achão algúas antigualhas, que mostrão o
 que aquillo foy em tépos antiguos. Pera
 que hem ays senão q dão o mundo taes vol-
 tas, q o que nū tépo he tido por deshonra,
 em outro he tido por honra. Hui grande
 senhor teue preso hui homē cō hua cadea
 de ferro atada a hua pedra, & depois per-
 mitio q este preso an dasse solto, com tā-
 to que trouxesse em hui dedo da mão hui
 anel com hua pedra encastoadā, em sinal
 do grilhão, com q estiuera preso atado à
 hua pedra. E daqui dizem algūs q tiuerão
 principio os aneys. E o que foy inuenta-
 do por deshonras tem agora por honra,
 o que se fez por final de catiuciro, he ago-
 ra final de liberdade, o que se inuentou
 por mostra de pobreza, he agora indicio
 de riqueza, & finalmēte o q se tinha por
 infamia, sete agora por gloria. Faltar me-
 yão horas & dias se me quisesse por acōtar
 as variedades & mudáças do mundo: & quá-
 tos na bonaça se perderá, & na aduersidade
 se saluárão. E por tanto não deue ningué-

DA TRIBVLACAM

vaâmente suspirar por prazeres,nem temer sobejamente tristezas,& mays poys elles ainda na força de sua dor fantasião algúas esperanças de seu descanso.

CAPITVLO VI.

¶ Que coufa he virtude,& em que principalmente consiste.



V Y T O attento esteue o preso ás palauras do amigo,& se algúas o ouuerão de conuencer,tacs lhe parcerão,quenenhúas o poderão fazer tambem como ellas,ás quacs elle respondeo desta maneyra. Tudo isto vejo muyto bem,mas vême ás vczes húas tristezastão supitas,que lhe não posso resistir,em especial aos primeyros impetos quando me vejo preso tão sem razão,& abatida minha honra,por eu fazer o que deuo.Dous fomos,como sabeys,os q' neste meu caso altercamos & discrepamos,eu pola razão,& elle contr'ella,& assi o

tem todos os q̄ a tē; mas o vento do mūndo
amí cōtrayro lhe foy a elle tão fauor auel,
que nū nesmo tempo fomos ambos elle
saluo & eu perdido. Ia me contentaria cō
perder a fazenda, que lancey ao mar, se
nesta tormenta podesse saluar sómente
o casco da nao da honra, & andar ás vol-
tas cō as ondas, até poder chegar á barra:
mas nem isto parece que pode ser, ea vejo
ser esta tribulaçā caminho certissimo de
minha perpetua deshonra. Como posso
eu deyxar de ter muyta pena vendome
nesta prisão? Agora vejo, disse o amigo, q̄
as minhas palavras consolatorias ficarão
no pateo de vossos ouvidos, sem entrarē
na camara de vossa alma: Antes aueys dc
ter muyta gloria dc estardes preso imitan-
do a sam Paulo, que se gloriaua nas tribu-
lações, & tendo illustres titulos & appelli-
dos, de nenhū parece que se gloriaua
mays, q̄ de estar preso por amor de Chri-
sto: & quando se nomeaua dizia: Eu Pau Fphes,
lo preso é o Senhor. Paulo preso de Chro, 3. 4.

DA TRIBVL AÇAM

como se mostra ē muitos lugares de suas
Philip.1. epistolas. Nunca ouue Rey, que mays le
prezasse de ter na cabeça húa coroa real
defino ouro & rica pedraria, do q se pre-
Genes. zaua S. Paulo de ter nos pés hūs asperos
39. grilhōes de ferro. Assi no carcere em Egy-
pto estaua metido sem causa o bom Io-
seph, & não deyxaua por isso de ter spiri-
tual contentamento, porque dado q per
sentença do juyz estaua preso, per sente-
ça de sua consciencia estaua solto. Que
mór gosto pode ter hū homē, q parecer
lhe q está bem cō Deos? No carcere estaua
Ierem.32 o sanctificado Ieremias, mas alli estaua
consolado. No lago dos liões soy lan-
Dani.4. çado o justo Daniel, & alli estaua conté-
Iob.2. te. No monturo jazia o paciente Iob, &
Euc.23. alli estaua vencendo o mundo. Atado &
preso na Cruz estaua o bō ladrão primei-
ro canonizado que morto, & dalli estaua
roubando o parayso, alegre com aquella
pena, que fora causa de sua gloria. Final-
mente não ahi Cruz, nem trabalho, nē
cas

carcere, nem outro lugar algú, por aspero
& insôniuel que pareça, onde hú homé
não possa estar muyto consolado, se qui-
ser abraçar se cõ Ch̄o, & meter o lenho de
sua Cruz nas amargosas agoas de Mará, q Exod.15:
sam as tribulações do mundo, as quaes a lē
brâça da morte & payxão de Christo ado-
ça & faz suaves Pera que he mays, senão
que prenderão os maos a Iesu Ch̄o nos-
so verdadeyro Deos? Prenderão quem os
vinha soltar, condénarão quem os vinha
liutar, matarão quē os vinha remir. Con-
dénarão à morte a mesma vida: escollie-
rão q viueisse Barabás, que mataua os vi-
uos, & q morresse Christo, que resuscitaua
os mortos: saluarão o condénado, & con-
dénarão o inocente, derão a vida ao que
merecia a morte, & a morte ao dador da
vida. Poys o mundo fez isto a seu senhor, q
esperays que faça aos seruos? E nisso que
dizeys, que vos vedes abatido por fazer-
des o a que vos obrigaui a razam, nam
a tendes, porque como homem leua à
razão

DA TRIBVLAÇAM

gazão por guia, seguindo-a por amor de
 Christo, té muyta honra, ainda que nin-
 gué lha de: & pello contrario se vai reden-
 solta tras seus vicios, he deshonrado, ain-
 da que esté no mays alto cume da hon-
 ra do mundo constituido. Diz Platão que
 a honra hechúa dignidade acquerida per
 virtude: de mancyra que a virude he da
 essencia da hóra, & entra em sua defini-
 ção como causa sua substancial. Dóde se
 conclue sem nenhú debate, que sem vir-
 tude não pode auer honra. Lembrame q
 estando em Roma fuy hú dia visitar a
 igreja de sam Sebastião fora dos muros,
 onde ha grádes furnas, que forão em ou-
 tro tempo habitação de muitos santos,
 onde está o cemiterio de Callisto, em que
 estão sepultados infinitos corpos daquel-
 les gloriosos martyres, que sofrerão pola
 fe de Christo espantosos tormentos, & có
 sua morte na terra alcançarão imortali-
 dade no ceo. E onde ha outras grádes re-
 liquias. E passando eu no caminho pela
 porta

Platão.

porta Apia, que noutro tépo se chamou Capena, & agora se chama de sam Sebastião vendo muytos pedaços de edificios antiguos desabitados como corpos sem almas, & muytos delles todos derribados, & muytos moymientos & sepulchros grádes dos gétios, dos quaes fala Marco Tulio na primeyra Tusculana, & outras an-tigualhas gostosas de ver, me lembrou que lera em Fuluio no liuro que fez da antiguidade Romana, que aquelle era o lugar onde os antiguos Romanos tinhão em tempos passados edificado o templo da virtude & o da honrra per tal artificio, q nigué podia entrar ao da honra senão pelo da virtude. E então me lembrou que lera isto em sancto Augustinho no quinto liuro de Ciuitate Dey. Quiserão nisto significar aquelles antiguos, que assí como era impossivel alcançar averdadeyra honra senão per via da virtude, assí não podia passar o caminho da virtude sem yr dar consigo em casa da honra. Estiue eu cuy-dando

DA TRIBULACAM.

dado naquelle inuençam, & parecemome de tam alto ingenho, q̄ o meu fica muito aqué, de poder agora declarar o que entam sentio: mas basta que colhi dalli, que por mays atribulado que hum homem fosse, se era virtuoso, logo era honrado, & pelo cōtrayro se era vicioso, ainda que estivesse empinado no cume da gloria, nam a tinha. E logo fóra desta porta per-

to destes dous templos tinham outros dous, em cuja fabrica elles quiserão tambem mostrar doutrina, & viueza de inge-
nho, h̄u era o templo da sciēcia, & outro da esperança: pera significarem que os sa-
bios nunca desesperão de remedio, antes sempre em suas tormentas anda a esperá-
ça liada cō a sciēcia.

Casādro. No tempo que Ca-
sandro reynaua ē Macedonia, subjugou
**Deme-
trio.** Athenas, & pos nella por viso Rey a De-
metrio Phalereu, discípulo que forado grande Theophtasto, o qual Demetrio a
gouernou com tāta justiça & prudencia
& esforço de seu animo, q̄ lhe alcuantara

os Athenienses muitas statuas em sinal &
memoria de suas excellentes obras. Mas
fazédo o mūdo suas mudāças, como soe,
morreo o Casandro, & o Demetrio foy
falsamente accusado de seu emulos, & tão
perseguido, q̄ lhe foy necessario fugir de
Athenas pera o Egypto. E tanto q̄ se foy,
determinarā seus aduersarios de lhe apa-
gar o lume de sua memoria, & enterrar
sua fama na sepultura do esquecimēto. E
estando elle ausente soube como seus in-
migos lhe tinhão derribadas & espedaça-
das todas as suas estatuas, o que elle mo-
strou que não sentia: antes quādo lhe isto
contarão, disse rindo: As estatuas me derri-
barão elles, & tornalashão em pó, mas as
virtudes & claras obr̄as, cujo premio he a
verdadeyra honra, em cuja lembrança se
fizerão essas estatuas, não poderão elles
nunca derribar nem consumir. Grande
sentença sem duvida, & digna de tal va-
rio, que declarara que não pode auer per-
seguicō, nem injurias, nem contrastes, q̄
possão

DA TRIBULACĀM

possão desbaratar a hóra fundada na virtude,& que ainda q̄ tudo acabe, ella nunca acabará, porque o tempo dado que gaste tudo, o que se pode gastar com o vlo,
& vá inventando outros de nouo, toda uia a memoria das notaueys & honrosas obras está tão longe de a gastar, q̄ antes a

Archim. goarda & conserua: donde veo Archimedes o Siracusano a chamarlhe inuentor das couſas nouas, & registro das antigas. Daqui vierão os poëtas a chamar á fama filha da terra, & deosa da perpetuydade, porque anda sobre as couſas terreaes, & as faz perpetuas entregandoas á memo-

Euripid. ria immortal. Donde veo a dizer Eurípides, que dado que a terra cobrisse os corpos dos varões heroicos, a fama, que andava sobr'ella, não deyxaua cobrir suas excellētes obras, as quaes nem nas tribulações da vida se perdião, nem ainda depoys da morte se achauão. E poys nas aduersidades, caso que caya a falsa honra, a verdadeyra não pode cayr, antes sobe ca-

ondos

da

da vez mays, pera que he temer o que tāo
pouco nos pode empecer, & tanto apro-
ueytar? As dignidades do mūdo, as hon-
ras & magistrados hā se de merecer, mas
não se hā de procurar: porq taes hōras he-
mor hōra merecelas sem as ter, q telas nā
as merecendo. Tito Liuiõ diz q nāo ahi Tito
mays excellente triumpho que nāo que- Liuiõ.
ter triumphar. Muytos subirão a honras,
que a nāo tiuerão tanta, quando as alcá-
çarão, como infamia, polos meos cō que
as acquirirão. Donde veo a dizer Plutar- Plutarc.
cho ē hūa epistola ao Emperador Traia-
no seu discipulo, que com razão se podia
dizer Felice seu imperio, pois fizera obtas
pera o merecer, & nāo buscara maneyras
pera o alcançar. A maldita serpente per- Genes.3.
suadio a Eva que comeisse do pomo defe-
so, & que teria tanta honra, que seria ella
& Adão como deoses. O primeyro que
tentou os homēs com desejo desordenado
de falsas honras foy a quello demonio.
E por isso se nos desta maneyra virmos

Cc ten

DA TRIBVLACAM

tentados. auemos de enteder que as taes tentações esam assouios da antigua serpente. Verdade he que deuemos buscar a verda deira honra, q̄ he a que cōsiste na virtude, & he hū resplendor inseparavel da honestidade, a qual os sctos & varões illustres sempre estimarão muyto, desprezando aquella honra, que consiste somente em opinião & temeridade do povo tão incôstante, que não ha relogio de arca, q̄ mays voltas dé. De todas estas razões colho & concluo que não he esta vossa tribulação nenhūa deshonra, né caminho pera ella, & que não estás bē na cóta, em dizerdes que tendes dor por verdes ser esta vossa perseguição via pa vossa ppetua infamia. Antes digo & affirmo, q̄ se com paciencia & animo esforçado a sofrerdes, terá caminho pera vossa gloria. Prouoo. A tribulação, como está prouado, he caminho pa a virtude, & a virtude he caminho pa a honra, logo segue se que a tribulação he caminho pera a honra. Tudo o que he ta-

minho pera a virtude o he pera a honra,
 & a tribulaçao he caminho pera a virtude,
 logo he o pera a honra. Poys como he
 possiucl q hū mesmo caminho vá parar
 na honta & na deshonra? São coufas, qne
 senão compadecem. Antes como a virtude
 seja o em que consiste a honra, & o so-
 frimento na tribulaçao seja viitudo, fica
 claro q nelle cōsiste a honra. E assi tenho
 claramēte prouado, q naquillo, em que
 cuydais q cōsiste vossa infamia, cōsiste vos
 sa gloria, a ql entāo he mais excellēte, quā
 do mays se merece, & menos se pcuria,

CAPITVLO VII.

Em que o amigo conta o que lhe aconteceu
 em Italia com hū ermitão, & quaes sam
 os verdadeyros amigos.



Om estas razões ficou o
 pso algūtāto desaliuado,
 & disse. Muyto folgara, se
 ē mī cabe folgar, q praticareis comigo muitas ve-

Cc ij

zes

DA TRIBVLACAM

zes, porq nunca ouço vossas palauras, nā tire proueyto & doutrina dellas, porq sempre vāo descobrindo couſas eneubertas a muitos, & dignas de se nāo encobrir em a ninguem. Digo isto porq com as autoridades & razões, que alegastes, vovo que o fundamento da gloria he o que vós dizeys differēte do q eu cuydau porque vos dizeys que está em soſter, & eu punhao ē folgar, vos na aduersidade, & eu na prosperidade, vos na virtude, & eu na openião : em fim q segundo vovo entendendo, a verdadeyra gloria cōſiste no desprezo da falsa gloria, que bem assomado cōſiste em deyxarmos o mundo & feus enganos, & abraçarmonos com Christo nosso Deos, sofrendo por amor delle todas as tribulações. Esta he, dislo a amigo, a verdade. Dous dias que aqui temos de vida, pera que he senão darmola a quem noladeu? Inda nāovi homē, aquie tanta enueja teuesse, como a hū de Sicilia, que achey em Italia, tão esquecido da honra

iiii

l...:

honra do mundo, & sorrido nas lembrâncias de Christo, que mays parecia diuino que humano. Em q parte, disse o preso, achastes esse homē, & como viestes dar com elle? Eu volo contarey, disse o amigo, se vos não enfadardes. Antes, disse o preso, desejo muyto de o ouuir. Disse então o amigo. Embarcando eu em Barcelona cõ outros passajeyros, tanto nauegamos pelas duvidosas ondas do mar mediterraneo atraueffando o golfão de Lião, q em poucos dias vim osterra de Italia: & indo ferindo com os duros remos as salgadas agoas do pego Ligustico apár de Genova, fomos topar com hū nauio, de que eu soube taes nouas, que me foy necessario deyxar a companhia, o que eu fiz com assaz soydade. Saime logo no areal, & fuy me só per terra por certas causas necessárias, que eu não digo, porq sam ellalôgas de contar, & não vem agora a propósito: abasta q me fuy eu p terra. E era isto, onde eu saí ao pé das altas montanhas de Ge-

Cc iij noua

DA TRIBVLACAM

noua, onde o mar tem feytas grádes fur-
nas: & com o tō das ondas, & o rugido
do vento, q̄ se metia & retubaua naquel-
las concuidades, juntamente cō o me-
neio das aruores, que per antre aquellas
rochas auia grádes, & em algúas partes
tam espessas, que empidiam ao chão cō
suas ramas a claridade do sol, fazia se húa
armonia tam concertada, que me acre-
centou a soydade daquelles meus com-
panheiros grandes meus amigos, que
hiam na nao, que se alli de mim & nam
sem lagrymas apartarão. Eu eralhe em e-
stremo affeyçoad o pola virtude, letras &
ingenho, que nelles via, & elles tinhão.
me a mesma affeyçāo por algúia opinião,
que tinhā de minhas couisas, q̄ sendo peq-
nas, tinhão elles por grádes, porq̄ as vião
cō os oculos da affeiçā. E entrado eu p an-
tre hūs altos rochedos ao longo d'húa ri-
beyra q̄ decia da serra, fuy dar com hū lu-
gar solitario, onde se fazia hū pequeno
valle cuberto de tā diuersas cruas & gra-

ciosas flores, q̄ me estiuerão arrebatando
os olhos, que vissem aquella fermosura.
Demaneyra que me detiue h̄u pouco, &
estiue contemplando aquella singular ta-
peçaria, aquellas cores excellentes, aq̄llē
cheyro natural, aquelle marauilhosó ar-
tificio da natureza, & a fermosura & di-
uersidade das couſas, que a terra criaua. E
veome entāo á memoria aquelle dito do
atiguo Ennio, q̄ chama á terra Minerua, Ennio.
& o de Vergilio, que lhe chama Circe, & o Vergilio
de Lucrecio, que lhe chama Dedala. E co Lucre-
meçando eu a sobir p̄ a ir ter ao cainiabho, cio.
que hia pelo cume da montanha, donde
decia pera a outra parte, vi h̄u pedaço de
casa p̄ antre h̄us altos penedos, & deter-
miney saber o q̄ era. Ca como estaua lon-
ge não a podia diuisar. Mas cō a soydade
que leuaua dos cópanheyros, indo assí p̄ a
a casa, olhaua muitas vezes p̄ a o mar vi-
rádo os olhos p̄ a onde os guiaua o amor.
E no proprio tempo em q̄ eu de todo al-
cancey a casa de vista, a perderão de mí os

Cc iiii ma-

DA TRIBVLACAM

mareantes engolfandose no mar , & eu
metendome per hū alto & sombrio aruo-
redo. E indo assi quisatrauestraribeyra
que por ser muito funda, per nenhúa par-
te podia passar da outra, tenão que fuy to
par com húa grande aruore, que sobrela
jazia derribada, que parecec cayo alli com
a força dos ventos , a qual me seruio de
ponte, & passey auante. E chegando á ca-
sa vi que era ermida, & entrey dentro sem
achar ninguē, senão hū deuoto Crucixo
nú altar bem concertado , a que fiz ora-
ção. E ainda que a ermida estaua muito
pobre, todavia estaua limpa & varrida, &
ornada com algús ramos de murta & lou-
reyro como cosa defesta. Na parede da
mão direyta em entrando estaua hū le-

Psal.125. treyro do Psalmista que dizia: [Qui semi-
nant in lachrymis, in exultatione metet.]

Philip.1. E na da ezquerda outro de sam Paulo q
dizia: [Mihi viuere Christus est, & mon-
lucrum.] & sobre a porta da ermida estaua
outro do mesmo ermitão em sua lin-
goage

goagem, que tornado na noffa dizia: A
vida que sempre morre, que se perde em
que se perca? Depoys qu'eu fiz oração, &
li os letreyros, & contempley a crmida,
fáime pera forá pera ver se achaua quem
allí poieta aqueles ramos, & fuy dar cō
húa grande aruore muyto velha cercada
de tao forte era, que lhe fazia com que se
não dezfizesse, da par da qual se via a mó
tanha até hūs altos pinaculos, onde se hia
acabar a vista d'húa banda, & da outra se
via o grande mar, per que se estendião os
olhos até onde podião com a vista abran-
ger: de maneyra que d'ambas as bandas
era grande & soydoso o orizonte. De tras
desta aruore estaua hū ermitão assentado
sobre hū penedo com o rostro sobre húa
mão & noutra húa contas de bugalhos
ensiados per húa rayzes de eruas, estilan-
do de seus olhos muitas lagrymas, com
húa barba q̄ lhe dava pela cinta banha-
da nellas, alua como a neve, vestido d'hū
pobre burcel roto & remédado per algúas

Ce v partes

DA TRIBVLAÇAM

partes: & elle tão magro & debilitado, q
logo mostrava a grande penitencia, q fa-
zia. Tinha pelo rosto bus finaes a manci-
ta de regos, per onde as continuas lagry-
mas corrião. E tanto q me vio, alimpou
os olhos, & alleuantouse a receberme cõ
geytos & palauras d'amor & galhado.
E depoys que nos saudamos & aísentá-
mos, como eu não entendia bem a sua
lingoagé Siciliana, nem elle a minha Po-
tuguesa, comecey talat latim, pera ver se
me entédia, & elle respondeome em lati,
que o sabia muyto bē. E perguntandome
por minha vida & eu a elle pola sua, gasta-
mos toda aquella tarde & parte da noyte
cõ palauras d'húa & doutra parte, onde
me elle veo a cōtar, que auia trinta ános
que alli viuia, sem nunca alli ir ter homé
nem molher, senão algúa vez de marauil-
lha: mas que outro ermitão q viuia nou-
tra ermida dahi dou ou tres tiros de bê-
sta, vinha alli os domingos & dias sanctos
dizer missa, & q elle não saya d'alli senão

uras vezes a pedir esmola, & que se espâ-
fa como eu alli fora ter. E segudo delle
entendi, & depoys soube mays largo do
outro ermitão, elle era d'alto sanguem, & fo-
ra em outro tépo muito rico & senhor de
muytos vassallos, mas entregue a todos os
vicios triúphando do mundo, ou por mi-
lhore dizer, triumphando o mundo delle
sem ter tino em seus desatinos, nem cota-
da que auia a Deos de dar no dia do juý-
zo. E esperado elle por hú grande titulo &
estado, andado entunado nas falsas espe-
ranças, que o mundo lhe prometia, desfe-
chará lhe todas em vão, & pagaram lhe cõ
trabalhos verdadeiros os deseásos falsos, q
lhe prometião. Esta he a propriedade do
mundo apôtar no aluo das prosperidades,
& desfechar na barreyra das desauentu-
ras; as suas tristezas sam puras, & os seus
gostos agoados cõ mil desgostos. Em fim
veo este homé a ser preso, & abatido, &
desterrado pa sempre de Sicilia: & dizia
elle q fora aquelle hú mal, que elle bem
mere

DA TRIBULACAM

merencia, & por isso que não era bem que
lhe chamasse mal, poys o vira por seu bem,
porque com esta tribuição tornara so-
bre si, & cayra na conta de quão longe era
de quem deuia ser. E conhescendo elle q
merencia ser condénado a ppetuo dester-
ro dos beés do ceo, pos asperas leys a seus
sentidos, & buscou aquelle lugar solitario
longe de sua terra, onde fizelle penite-
cia, & chorasse com seus olhos o estrago
de sua vida. Alli estava consolado cõ Cristo,
mays contente com aquella vida que
todos os principes da terra cõ seus esta-
dos & senhorios, porque segundo delle
colhi não trocara aquella pobreza por to-
da a riqueza do mundo. Mostroume a sua
cella, q era húa lapa pegada com a ermi-
da, onde dormia, com húa pedra á porta,
com que a cerraua de noyte com medo
das alimarias: era tão bayxa & estreita, q
mais parecia sepultura demorto, que ha-
bitação de viuo: & porque nella não ca-
biámos ambos, recolhemos aquella
noyta.

que
 be,
 so-
 era
 e q
 er-
 eus
 río
 ca-
 go
 ui-
 ta-
 le
 o-
 ui-
 ni-
 ca-
 do
 q
 a-
 ja
 que na ermida. Fez me aquillo tanta
 deuação, que se me tomára em outro té-
 po, nenhūa vida escolhera senão aquella.
 Pera q̄ he desejar mais nesta vida q̄ seruir
 a Deos, poys em fim tudo fica na morte,
 riqzas, cetros, mitras & coroas? Pera q̄ he
 ter conta cō o mudo, que nāo té conta cō
 ninguē, senão ter conta cō Deos, que a té
 cō todos? Confessou os q̄ ouue tāta enueja
 aquelle roto butel, que volo nāo sey ex-
 plicar. Os pobres & asperos vestidos pro-
 vocamme a deuação, quando os vejo, &
 sam elles sinal de humildade & proua de
 penitencia. Senão fora virtude trazelos, Math. II.
 nāo louuara nosso Senhor disso a S. Ioão
 Baptista. Diz sam Bernardo no liuto da Bernard
 consideração que a curiosidade dos vestidos
 he fealdade d'alma, & indicio de maos
 custumes. Lembrame q̄ie li nos reme-
 dios de Petrarcha, que o vestido molle &
 demasiadamente precioso he estendatte
 de soberba, & ninho de sensualidade.
 Partime dalliao outro dia, porque era assi
Petrar-
cha.
 necessa

DA TRIBULACAM

necessario, & foy aquella húa despedida
de grande amor. Elle depoys que me a-
braçou, parece que tocado d'algúia soida-
de, cerrou os seus olhos, por me nam ver
partir, & eu abri os meus, pera sayré per
elles húas raras lagrymas, em q parece q
o coraçao se me desfazia. Quanto mi-
lhor foy áquelle homé a tribulaçam, que
teue, que à prosperidade, q tiuera, pois
a prosperidade o apartaua de Deos, & a
tribulaçam o liou com elle, a prosperida-
de o excitaua a sensualidade, & a tribula-
çam a continencia, húa lhe dava occa-
sião de se perder, outra de se saluar? Mas
fam os homés tam alheos de si, que não
caem nesta conta, & prezádose de mays
sabios que Nestor, mays eloquentes que
Demosthenes, mays ingenhosos q Deda-
lo, mays sotis que Archimedes, de mays
excellente memoria que Simonides, de
mays suave practica q Xenophonte, mo-
res philosophos q Platão, & mores ma-
themáticos que Euclides, vão errar em
cos

cousas clarissimas, & tendo alto ingenho
pera as cousas do corpo, carecem delle pa-
as que tocão a alma. E tē nisto tão abitu-
mados & aferrolhados os corações, q̄ não
entendem quão dānosa he a vaydade, &
quão perigosa a prosperidade do mūdo,
& quão pouco fundem as couſas, em q̄
nossos vāos pensamentos tão ſem funda-
mento ſe occupão. Muyto folguey, diſſe
o preso, de vos ouuit eſſa historia, crede q̄
os homēs hão de correr mytasterrās, &
ver muyto p̄ a ſaber muito. Grande enue-
ja tenho a eſſe ermitão, prouuera a Deos
que tanto fructo fizera a tribulaçāo em
mī, quāto fez nelle. Eu até agora tiue por
couſa má a tribulaçāo, mas agora vejo q̄
ha nella todos eſſes beēs, q̄ tocastes. Não
parece ſenão q̄ com eſſas razões, q̄ allega-
ſtes, ſe me tirou hū veo diante do enten-
dimento. Hū ſó mal acho á tribulāçāo, q̄
he fazer perder os amigos. Este me dá
tanta dor, que me eſtou comendo comi-
go, & parece que ſe me aperta o coraçāo.

Duas

DA TRIBVLACAM

Pythag. Duas sentenças, disse o amigo, se escreue de Pythagoras, que se as quiserdes comprir, achareys grande remedio, & ambas dizem húa mesma cousa per diuersas palavras: Húa diz que ningué com a coraçao, & outra que ningué traga no dedo anel muyto apertado. Quer dizer q̄ não admitamos peusamentos tristes, com q̄ estemos desfazendo & comendo o coração, nem viuamos com cuydados solictos cheos de tormentos, que nos aperte com dor, mas que lancemos o coração á larga estendendo o com a paciēcia. Mas não sey a que proposito dizeys isso. Digo isto, respondeo o preso, porque despouys de minhas aduersidades, depouys que o mundo meteo a faco minha vida, todos meus amigos me desemparão senão vos, quem não sey ainda se me desemparareys. Deos me desempare, disse o amigo, se vos eu desemparar, & elle se esqueça de mí, se me eu esquecer de vós. O que eu queria hc, q̄ a buceta de vossas angustias estiue

estiuesse depositada em minhas entra-
nhas,& que os meus bēs fossem vossos,
& os vossos males fossem meus. E quanto
ao que dizeys , que a tribulaçāo priua os
amigos,esses não o sam. Vedeshūs godo- Compre-
mecis dourados, de tão excellentes debu- ração.
xos, que estays leuando contentamento
em empregar os olhos é coufa á primeira
vista tão singular, mete ilhe a mão per dê-
tro, achay los podres, d' hūa badana q̄ cestá
quebrando pedaço a pedaço: assi os ami-
gos singidos quanto he á vista parece que
não ahí mais, apalpayos em vossas necessi-
dades, achaloseys rotos p mil partes. No
tempo da bonança dão vos comprimen-
tos ás arrobas, & no tempo da aduersida-
de nem ainda ás onças vos querem dar as
obras: coufa muyto pera se estranhar, &
culpa por certo digna de graue pena. Na
casa do amigo o cōprit ha d' andar ao oli-
uel do prometer, & as obras hão de ser da
mesma estofa das palauras. Mas nem por
isso he má a tribulaçāo: antes esse he hū

Dd dos

DA TRIBULACAM

dos grandes bēs q̄ ella tem, mostrar quaes
sām os verdadeyros amigos & quaeſos
ſingidos. Que toque ha no mundo māys
certo pera conhēcer amigos que a tribu-

Prover. laçāo: Diz Salamão nos Prouerbios, que
17. o amigo ama em todo o tempo, & que o

Eccles.12 irmāo nas angustias se proua. No Eccle-

ſiaſtico diz a eſcritura: O amigo não ſe co-
nherá na bonança & o ímigo não ſe eli-
derá na tribulaçāo. Hi há homēs q̄ ſe mu-
dāo donde he o vento como grimpas de
campanayros, mas ah! outros tão firmes
na amizade, que antes perderão a vida q̄
perdela, & nas mores fortunas amoſtrão

Zopyro māys. Zopyro tieue tanto amor a Dario,

Dario. que ja nunca o desemparou, antes por a-
mor delle cortou os beyços & narizes &
fez grādes feridas em ſeu proprio roſtro,
por lhe ganhar Babylonia. E quando Da-
rio o viu tão disforme diſſe, que anteo
quifera ſão, que ganhar cem Babylonias.
E eſtando hūa vez partindo hūa romāa
perguntaram lhe de que couſa queria e-
tas

tas, como aquella romãa tinhâ de grãos,
& elle respôdeo que de Zopyros, & esti-
mou o tanto que nunca o perdia da me-
moria, nem nas prosperidades nem nas
aduersidades. A mesma amizade d'entre
Dario & Zopyro ouue tambem antre
Alexandre & Ephestião, que nunca se de-
sempararão nem no bem nem no mal. E
durou este amor não sómente na vida,
mas na morte, porque mostrou Alexan.
dre tanta tristeza na morte de Ephestião
que a trazia impressa nos olhos, em tanto
que por dò mādou derribar as ameas dos
muros, pera que até os edificios & couſas
insensu eismostrassem sentimēto da mor-
te de tal varão, & tão seu amigo, que nū-
ca o deyxara nē nas tormentas nem nas
bonanças. Estes sam os verdadeyros ami-
gos firmes & constantes em todo o tem-
po. Plutarcho falando dos amigos diz q̄as Plutarc.
couſas pſperas os ajuntão, & as aduersas
os prouão. Ennio diz q̄ o amigo certo se Ennio.
vē na couſa incerta. Cicero diz q̄ vēdose Cicero.

DA TRIBVLAÇAM

Tarquinio desterrado dissera, q quando
se vira em tempo que não tinha quedar,
Petrarc. conhecera quaes erão scus amigos. Pe-
trarcha diz que este mal tem os prospe-
tos, não saberem se sam amados. E ainda
que o estes authores não differão, basta o
que cada dia vemos per experientia. E
poys a tribulaçao traz consigo tal desen-
gano, não he justo, que aja reprensam
por coufa tão digna de louuor. Que cou-
fa ahí que mays desengane os homens que
a tribulaçao. Essa, disse o preso, me aca-
bou a mi de mostrar a fineza & firmeza
de vossa amizade. Sempre, disse o amigo,
serey com vosco outro Ionathas com Da-
uid, outro Pithias cõ Damão, outro Py-
lades com Horestes. E porque, como di-
Alcibia. zia Alcibiades, as arcas & as entranhas
hão de estar abertas aos amigos, manday
de mío o que quiserdes, porque os boos
amigos hão de ser ancoras & amarras na
tempestade desta vida.

CAP

CAPITVLO VIII. E VLTIMO.

¶ Da diuina misericordia, & como em nossas tribulações nos auemos de socorrer a Deos.



AZENDO o amigo aqui pausa disse o preso: Estaua agora, quando aqui chegastes, tão cheo de melancolia, que não auia lugar em meu coração, em que pudesse caber noua dor, porque tudo estaua entulhado de tristes magoas: nem me lembraua que auia paciencia no mundo, antes me queixava delle sem consideração algua de sofrimento, por ver que me aleuantou em prosperidade, pera me derribar della, & fazer de mim rato exemplo de tristes. Mas agora louado Deos estou desaliuado, & parece que tem feyta minha vontade liga com a razão, que lhe está mostrando o bem da paciencia, & quanto tempo que fazer pera comprir com a obri-

Dd iij ga

DA TRIBVLACAM

gação de quem sou. Peçouos muyto, disse o amigo, q̄ conserueys quanto em vos for essa liga da vontade com a razão. Adiçayuos cō Christo, vniuos & liayuos com elle, & não percais da memoria a lebrança de suas chagas, q̄ nellas achareys porto seguro nas aduersidades & tormentas desse mundo. Acabado o diluuiio vniuersal no tempo de Noé, a que depoys, segundo algūs dizē, os gentios chamaraõ Iano, como o affirma Beroſo Chaldeo, prometeo Deos q̄ não aueria mays outro diluuiio vniuersal, & q̄ lhe dava em final daquelle pacto & amizade o arco do ceo, q̄ elle poria nas nuuēs em penhor & lembrança de sua misericordia. Na sagrada eſcriptura muitas vezes pelas ago as se entendē as tribulações, & as nuuēs prenhes dagoa ſam os perigos, q̄ nos ameaçao com ellias. Mas no meo dellas moſtra Deos sua misericordia: o arco celeſte he a misericordia, q̄ resplâdece nas nuuēs: a q̄ cá comumente chamamos arco das velhas, q̄ quer

Beroſo.

quer dizer arco em q falão as velhas e scri-
pcuras. Este he o arco que diz S. Ioão no
Apocalypsi, q vira na cabeça de Christo,
que queria significar Christo crucificado
cô os braços em arcados. A cor vermelha
do arco significa o sangue do bom Iesu, &
a verde a esperança, porq no sangue das
suas chagas está a esperança de nossore-
medio: a diversidade de cores denota as
muitas manciras de misericordia. Este he
o arco, q prometeo o Padre eterno pera
redempção do mundo, & que foys visto dos
homens, do qual diz S. Paulo escreuendo a
Tito: Apareceo a benignidade & huma-
nidade de Deos nosso Salvador, não por
obras que nos fizessemos de justiça, mas
saluou nos segundo a sua misericordia.
Quando se vos posserem ante os olhos
assnuuêis de vossas tristezas ameaçando-
vos & assombrando vos com grandes chu-
vas & tempestades de perigos, perdas, per-
seguições, injuriias, & outras tormentas,
olhai pera o arco celeste, ponde os

Apoca-
lyps. 10.

D I iiiij olhos

DA TRIBULAÇAM

olhos em Christo crucificado, & nelle a-
chareys esperança, misericordia, & con-
solaçao: ca elle he aquelle nosso emparo,
z.Cori. 1. a quem sam Paulo na ij.epistola aos Co-
rinthios chama pay de misericordias, &
Deos de toda a cōsolaçāo, q nos cōsola ē
todas nossas tribulações. As consolações
dos homēs sam palauras, que não passam
das orellhas, mas as de Deos chegão ao co-
raçāo, onde he a fonte da tristeza. Estas
sam as verdadeyras consolações, que não
faltão a quem a Deos de todo o coração
se socorre. E quanto as tribulações sam
maiores, tanto mays necessario he abra-
çar monos com Christo: por isso socorrey-
uos, a elle, & mostray sofrimento & ani-
mo inuenciuel, porque nas perigosas fe-
ridas mostra sua experientia o bom cir-
urgião, nas grandes enfirmitades mo-
stra sua sciencia o atentado fyfico, nas du-
uidosas batalhas seu esforço o prudente
& animoso capitão, & nas brauas torni-
tas sua prudencia & diligēcia o excellente
zealle

piloto

piloto. Não hē couſa noua a tribulaçāo, nem ſois vós ſó, o que eſtays preſo. Diz ſam Gregorio que conſiremos o que paſſou. Gregor. farão os ſanctos, & que teremos por leue tudo, o que nōs paſſamos: em eſpecial ſe poſermos os olhos naquelle verdadeyro IES V noſſo Deos, & na ſua Cruz & tormentos, ca entāo todos os noſſos nos paſſerão hūa pequena gota a par do grande mar, & affi tomadas nouas forças nō desfaſeceremos. A iſto noſſe excita S. Pau-lo na epiftola ad Hebreos, quando dize: Hebr. 12. Cuyday & reuoluey no penſamēto aqüille que tal contradiçāo ſofre o dos peccadores contra ſi, pera que repetindo iſto na memoria vos nō angustieys, nem desfaſeçays em voſſos animos com voſſas tribulações. Sam Bernardo diz que nō ſo- mente Christo noſſo Saluador hē eſpe- lhode paciençia, mas premio do pacien- te. Por iſſo contemplay na Cruz, & ſereys conſolado & remunerado. Eu, diſſe o preſo, trabalharey por fazer o que di-

Dd v zeyſ

DA TRIBVLAÇAM

zeys, & peçouos que me venhays ver muitas vezes, pera me consolardes & animardes. Disso, disse o amigo, perdey o cuydado, que eu o terey tanto, como vos vereys, porque doutra maneyra não auerápe a, com que se possa descontar minha culpa. Mas porque eu cayo ja nella em estender tanto o fio da practica, lhe dou sim, por ser meu natural ser tão curto nas palauras como longo no effeyto dellas. Voume, & fique com vosco a graça do Spiritosancto, que consolc vossa alma. Deosvá com vosco, disse o preso, & vos traga sempre em sua espccial goarda.

sigm do dialogo da tribulaçam.

DIA

DA eccl

DIALOGO DA VIDA SOLITARIA

*interlocutores: tres peregrinos, hū delles
Portugues, outro Italiano,
outro Framengo.*

CAPITVLO I.

Da interpretaçam d'hū epitafio, antiquo, &
da altercaçam que sobr'elle tiueram os
peregrinos, sobre qual era mays
excellente se a vida solitaria
se a publica.

INDO hum peregrino Portugues de Roma
pera Portugal, decia da-
quella alta & fragosa montanha chamada Montsi-
nisa, que diuide o Pia-
monte da Saboya, quādo ao longo d'hūa
fresca ribeyra, que corria per antre hū alto aruoredō, viu jazer douis companhey-
ros descansando do trabalho de seu lon-
go caminho, que andauão pelo mundo

vcii

DA VIDA SOLITARIA
vendo terras, hú Italiano, outro Framégo, tam estranhos nas prouincias como naturaes no amor. E tendo nas māos hú cartapacio, onde trazião escriptos os nomes dos lugares, que corrião, & as diuer-sidades dos traios, custumes, leys, & cerimoniás, q̄ achauão, & letreyros antiguos, que copauão em sepulturas, & outras an-tigoalhas, & couſas dinas de memoria, estauão debatendo sobre o entendimen-to d'hú epitafio, que alli trazião. E como a elles chegasse o Portugues, & visse que falauão ambos a lingoa Italiana, o hú po-fer sua natural, o outro pola ter acquiri-da por antigua conuersação, que tiuera em Italia, saudou oscortesmente na mes-ma lingoagē. E elles lhe responderão, & fizerão aquella cortefia, a que eile com a sua & comſigo mesmo os obrigaua, rogá-dolhe q̄ se aflientasse, & lograsse d'aquella deleytosa floresta cuberta d'hūas viçolas & crescidas eruas, que meneadas do tem-perado vento fazião hūs verdes claros & obſcu-

obscuros graciosos. E como elle viesse cá-
sado, & elles lhe parecessem homés de in-
genho & primor, assi no trajo como na
pratica, assentouse ao pé d'hū alto & som-
brio freyxo de muytos que alli auia, &
mostrou estimar muyto aquella vontade
com lhe offerecer a sua, agradecendo
lhe suas palauras com outras de compri-
mentos. Mas porque o tempo senão ga-
stasse nelles, disse o Italiano. Tomando
agora na mão este itinerario fomos per
acerto dar aqui cō hū epitafio, que acha-
mos ē Italia nū antiguo sepulchro, q̄ diz:
Aqui jaz Similo, cuja idade foy muy lo-
ga, mas não viueo mays que sete annos.
E estamos sobr'isto altercando, que meu
companheyro diz, que como he possiuel
ser longa a idade dhū homē, cuja vida foy
tão curta, que não viueo mays que sete
annos? E eu digo, que ja pode ser, que fi-
zesse elle nelles couzas tão insinhes &
abalifadas, que caso q̄ em numero fossem
poucas, todauiia no lustro & grādeza das
obras

DA VIDA SOLITARIA

obras se podessem chamar muitos. Mas isto replica elle dizendo, que repunha fazer hū menino de sete annos tam excellentes obras: que depoys de sua morte dē testimunho de sua vida tam longa na virtude como curta na idade. Agora senor folgariamos que desseis vossò parecer, pa nos com elle conformarmos. Lébrame disse o Portugues, qu e há muitos annos estando eu cō mais descanso q agora em minha terra, em tempo que vir eu a esta

**Dião Cas
fio.**

parecia que estaua tam lôge de poder ser, como eu então de o cuydar li ē Dião Cas fio historiadot átiguo na vida q escreueo do Emperador Adriano, que outiera naquelle tempo hū famoso capitão chama

Similo.

do Similo, que he esse de que falays, grādemente priuado do Emperador. E atia pera isso muitarezão, porque era elle homē de grande tomo & authoridade, & q fora muito tēpo prefecto em Roma, lim po em sangue, attētado no regimento, a cautelado na vida, experimētado na ida

de, ousado no animo, liure nas palauras,
virtuoso nas obras, finalmēte na paz era
pacifico, & na guerra esforçado. Andado
poys este Similo empegado nas ondas &
vagas da corte Romana tam distrauido
& entregue a negocios & trabalhos, que
se o tempo lhe quisera offerecer algū descanso,
foralhe necessario outro nouo coraçā
peta o receber, caio na conta de si, & viu q
se não via, & q erão de tal qualidade as
couſas que elle pretendia, que antes que
as elle acabasse a ellas, elles o acabariā a el
le, & que se com o fio da prudencia se não
sayisse & tirasse de tam difficultoso labirin
to, totalmente se perderia. E trazendo
estas couſas impressas na memória, & a
conſiraçāo dellas viua no entendimēto,
acabou de seresoluer & determinar, &
deixou de sua liure vōtade a prefectura,
& gouernāça & negocios da corte, sendo
ja homē de muyta idade, & foysen viuer a
hū seu casal lōge de Roma, pto de amigos
conhecimēto de muitos, & conuersaçāo
de

DA VIDA SOLITARIA

de poucos, onde viueo sete annos muyto cōtente naquella vida solitaria & quieta. E vendo despesa sua idade, & que a morte entraua ja pelo arrebalde de sua vida, mandou por na sua sepultura esse letreyro, que hi trazeys, em que declara, que ainda que sua idade foy longa, não viueo mays que sete annos: não porque não fesse de mays, mas porque não chamaua vida, senão á que viueo em quietação & recolhimento, apartado dos negócios & trafegos do mundo. Aos annos q gastara na corte não chamaua áños, mas perdição delles, nem o tal modo de viuer lhe parecia que merecia nome de vida, mas de morte, poys dos trabalhos que em tão inquieta & perigosa vida padecia, não esperava menos que perdela. Quem quiser por os olhos na razão, verá que elle a Compa-
raçāo. tinha, porque assí como não aproueyra lançar muitoliquor em vaso fendido per todas as partes, assí não aproueyta lançar muitos annos na vida inquieta, aberta p todos

todas as bandas a desbarates, & vaidades,
& negocios do mundo, porque os annos
yam se, & fica vaã a vida sem sinal de vi-
da. Donde veo a dizer Seneca, que taes Seneca.
suaia ahia, que primeiro deyxauaõ de viuer
que começassem a vida. E Stobeu diz, q Stobeu.
algus viue longo tempo, mas poucos an-
nos, que he o mesmo que diz Similo. Isto
he o q quer dizer o epitafio: esta lie a sen-
teça de Similo o Romano, que a meu ver
elle deuia ser homem de singular virtude,
& alto animo. Antes, disse o Italiano, pa-
rece ao contrayro, porque ou elle na paz
gouerna ua bem a repubrica, & na guerra
capitaneaua bem seu exercito, ou não: se
não usaua be de seus carregos & officios,
não merece o louuor, quelhe days, poys
hediido á virtude, que elle não tinha, &
se os fazia bem, não foy d'alto animo em
os deystrar, poys buscando seu particular
descanso preferio a utilidade propria á
commun, auendo antes de querer a com-
mun que a ppria, pois, como diz Dionysio,

Ec o bem.

DA VIDA SOLITARIA

o bem he cõmunicatiuo de si mesmo: & vid-

Aristot. Aristoteles affirma, que tanto he milhor, quanto he mais vniuersal. A historia que contrastes de Similo, & a prompta memo-
ria com que acudistes, & a exposiçam que destes ao titulo & letras de sua sepul-
tura, folguey em extemo de vos ouuir, &
tenho pera mi que é tudo acertastes, mas
nos louvores que lhe attribuistes, me pare-
ce q excedestes. A mi, disse o Frâncêgo, me

Platão. parece bem essa razão, porq vay ella fun-
dada nua senteça de Platão, q diz escre-
uendo a Architas Tarétino, que não nas-
cemos sómente pera nos, mas també pera
os outros: a qual seguiu Aristot.

Aristot. no quinto das Ethicas, dizendo, que aqüle se pode
chamar bom, q vfa da bôdade não somé-
te pera si, mas pera os proximos: que he o

Chrys. que dizia Chrysippo, que húa das causas,
porque nascião os homens era pa ajudaré
os homens. Hora poys esse Similo podera
aproueytar a muytos na repubrica, pare-
ce que a não diuera de deyxar, né trocar
a vida

& vida pubrica pola solitaria, poys na pu-
 blica aproucytava a muytos, & na solita-
 ria somente a si. Quanto mays que Mar- Marcos
 Tullio cume da latina eloquencia, a- Tullio.
 uelle que com sua rica lingoa abrio as
 portas da philosophia, no seu primeyro li-
 vro dos officios tractou copiosamente esta
 questao, que ja noutro tempo fora venti-
 lada antre os philosophos, & resolucoes
 em affirmar, que dado que a vida solitaria
 fosse mays segura & menos pesada, toda-
 tia a pubrica era mays excelente, & fru-
 itifera, & de mais alta empresa. E poys te-
 des contra vostao clara & viua razao, nao
 sey co quanta vos podereys sustentar vos-
 so parecer contrayro a tão grandes autho-
 res, & dar euasam a coufa, que a não tem.
 A tudo isso, disse o Portugues, eu pudera
 facilmente responder, & tirar do almazé
 da memoria armas nā somente defensiuas
 mas offensiuas: porq como gastey a mór
 parte de minha vida no estudo das letras
 assi diuinias como humanas, não somente

Ec ij cm.

DA VIDA SOLITARIA

em Portugal, onde nasci, mas ainda em outras partes, que conuersey, & vi muitas terras, & communiquey com muitos homens doctos de varias naçōes, & em diuersos reynos, não me ouuerão de faltar razões & authoridades, para refutar as q contra mí allegays. Mas como minha tēcāha nā ir cōtra avossa, nā falarey nisso, por vos nāo ser pesado & importuno, porq quero átes parecer indecto q p̄siado. Antes fogaremos em estremo, disse o Italiano, de vos ouuir, ao inenos eu, que vos certifical ja neste pcqueno tempo sinto enxerida na vontade húa affeyçāo a vossas couſas, & parece que a mesma tendes vos ás nossas, se me nāo engana o coraçāo, & creço q a mesma vos tem meu companheyro. Em outras couſas, disse o Framengo, me podeys vos vencer, mas em lhe ter essa amorosa affeiçāo, nā vos reconhecerey a tagē, nem menos no desejo de o ouuir, & delhe ver absoluer nossos argumentos, & louuar a vida solitaria, pera com isto me recrear.

rectear & sustentar, ca tenho eu pera mí
que a pratica d'hu homé docto hic suaue
mantimento do Spírito.

CAPITVLO. II.

Em que o Portugues responde ás objeyçōes
dos doux cōpanheyros, & mostra a ex-
cellencia da vida solitaria.



Em vejo, disse o Portugues,
que essa merce & affeyçāo
não a posso eu encarecer cō
palauras, nem pagar com
obras:porem se as vontades
se pagão com vontades, a minha tende
por certissima pera couſas de vosſo con-
tentamēto. E poys o tédeſem vos eu reſ-
ponder, & louuar a vida solitaria, falo ey,
ainda que á verdade conheço eu tambē
o pouco cabedal de meu ingenho, q̄ quo-
rela eu louuar he deslouuala, porque tem
ella quilates, a que o meu bayxo entendim-
ento não chega. Mas atreuome eu a
falar nalla, porque ainda que agora por

Ee iij cau

DA VIDA SOLITARIA

causas importantes ando della apartado
& distrauido, toda uia foy tempo, em que
eu fuy dado algū tanto a ella, & como ex-
perimentado posso nella praticar, o que
eu farey brevemente, porque querer mi-
nha lingoa tocar todos seus louuores, se-
ria presumir de contar todas as areas do
mar, & de querer achar numero a causa
innumeravel. Ao argumento que fazey
que ou o Similo gouernaua bem ou mal,
respondo que bem: & quanto ao que di-
zeys, que poys fazia bem seu officio, não o
diuerde de deyxar, porque deixandoo era
deyxar daprueytar aos outros, isso não
admitto: antes digo, que mays proueyto
fez á república deyxandoa, que ministrá-
doa, porque não faltarião outros nella, q
a adminisstrassem, & elle na sua quintaá
estaua ensinando com seu exemplo a fu-
gir do mundo, & desprezar suas vaidades
& falsas esperanças. E alli podia escreuer
liuros, com que aproueytasse não sumen-
te a sua cidade mas a todo o mundo, nā so-
mente

mente aos presentes, mas aos futuros, de
maneyra q̄ seu ocio seruisse a nosso nego-
cio. O q̄ senão pode també fazer nos tu-
multos da vida publica como no repou-
so da solitaria, onde o juyzo quieto pode
milhor philosophar, & escolher sem épe-
dimēto as deliberações & sentenças, q̄ a
imaginação lhe representa. E dalli pode-
ria estar ajudando a defender a republi-
ca cō seus cōselhos & escriptos tanto, ou
mays q̄ os outros cō suas forças & armas.
Isto sentia bē Agamenão aquelle grāde Agame-
capitão de Grecia, quādo dizia, como cō- nāo.
ta Homero principe dos poëtas, q̄ antes Homero
queria conselhos q̄ forças, & antes o sabio
Nestor q̄ o esforçado Achiles & Ayax. Isto
he o q̄ dizia Catão o censorino, q̄ senão Catão.
perdião as repubricastāo por falta de es-
forçados capitães, como por falta de bōs
conselhos, & que não somēte auia dauer
gouernadores que regessem, mas mestres
que ensinassem, hora fosse p̄ obras, ora p̄
palauas, porq̄ abihūs que calando falão,

DA VIDA SOLITARIA

& outros que falando calão, ca os bôs em
silêncio dão vozes, & os maos dando vo-
zes estão mudos, conforme á sentença de

Menád. Menandro relatada per Plutarcho, que
Plutarco. diz, que nã persuaide a pratica & força de
oratoria, mas a virtude & exemplo de vi-
da. Confessouos o que dizeys, que o ho-
mê não se ha de contentar daproueytar

Compa- somente a si: porq assi como auore plan-
raçao. tada ao longo do fresco ribeyro dá seu
fructo a seu tempo, não somente pera có
a semente delle produzir outras, & con-
seruase perpetuamente em sua espécia,
ja que não pode no individuo, mas tam-
bem pera com elle aproueytar a muitos;
assi o varão sabio & animoso, regado com
as diuinhas agoas da graça, ha de pretender
o bem commû, & fructificar pera todos có
obras de virtude & doctrina, & não somé-
te buscar saluaçao, & fazer cousas com q,
sem o pretender, alcance a perpetuidade
de seu nome, masinda ha de trabalhar
por aproueytar aqs outros. E daqui vcs

o Pro

o Propheta no primeyro psalmo a com- Psalm. 1.
 parar o justo a arvore fructuosa sempre
 verde, plantada na corrente das doces
 agoas, da qual ellē diz em outro Psalmo:
 O justo como a palma florecerá. Mas isto Psal. 91.
 pode muy bem fazer o varão religioso &
 solitario, o qual regado com agoa da dou-
 trina das sagradas letras, & com a medi-
 ção das couzas diuinias, influydo no a-
 mor do alto Deos, carregado de fer-
 mosos fructos de virtudes, aproueita mais
 ao mundo com suas orações & exemplo
 debõa vida, apartado dos negocios rou-
 badores do spiritual descanso, que muy-
 los outros, que nelles andão metidos, &
 versados. Nem se deve cuydar, por o soli-
 tario estar separado dos proximos quanto
 ao corpo, que o está quanto á alma, porq.
 como diz tam Ioão Chrysostomo, assico- Chrisoft
 mo no material edificio as pedras se pe- Compa-
 gão hūas com as outras mediante a cal, as- ração.
 fi no edificio ecclesiastico estão os homens
 vindos hūs cō os outros mediante a charis.

Ec v dade

DA VIDA SOLITARIA

dade: De maneyra que os homens, com q
estão atados, não são corporaes mas spi-
rituaes, né os quebra a vida solitaria, átes
os aumenta. Quereys ver isto? O mesmo
Rey David q comparaua o justo a aruo-
re fructuosa, & desejava de a proueyzar a
todos, & vnit se per amor cõ todos, vendo
se rodeado de negocios na cidade suspira-
na polo deserto & repoulo solitario, & de
poys de cõfessar q estaua perturbado seu
coração & acossado de publicas inqui-

Psal. 54. tações dizia: [Quis dabit mihi pennas si-
c ut columbae, & volabo & requiescam.]
Como se dissera: Ah quē me darà asas da-
ligeysra pomba pa voar ao deserto, & ver-
me separado do mundo, & descansar si-
quer hū pouco na vida solitaria. E quan-
do pobra o não podia fazer, la hia com a
vontade, la se achaua só cõ o pensamento.
Isto he o que elle diz logo abayxo: [Ecce
elongui fugiens, & māsi in solitudine:]
Eysime aquí que me alonguey, & fogi do
mundo & de mí mesmo, & quando olhey
por

por mī, achey me cō o pensamēto nūa so-
lidão accepta a minhas contéplaçōes. Isto
dizia elle pola experiēcia q̄ tinha do fru-
eto & spiritual cōsolaçāo, q̄ sentira no itē-
po, q̄ elle andara só pelos desertos de Pa-
lestina. Alli chorava seus peccados, & os
do mūdo, fazēdo de seus olhos fontes pe-
renas, alli esprayava aquelles seus ardē-
tes & penetratiuos suspiros, com q̄ rōpia
as nuuēs, & penetraua os altos ceos: alli
cōpunha & cantaua seus soydosos & glo-
riosos Psalmos ao som de sua suave harpa
& finalmēte dalli estaua ensinando o mū-
do, & era o deserto hūa cathedra de do-
ctrina celestial. Dende se oocluc q̄ o soli-
tario & contéplatiuo podē a proueytar a
si & a muitos, & viuer cōforne ao q̄ diz o
voso Platão, & Aristoteles, & Chrysippo,
que sam os com q̄ allegastes, pera prouar
que nāo foramos lançados nesta vida pa-
nós somente, mas tambē pera os outros.
Vedes logo aqui como nā fazē cōtra mī
as authoridades, q̄ p̄a isso recitastes, antos
bem

DA VIDA SOLITARIA

bem olhadas elas sam as que militão co-
trayos. Quereylo ver? Esses mesmos phi-
losophos pera aproueytarem a muitos, se
recolherão, quanto poderão, & derão al-
tamente á contem plaçao dos segredos
da natureza, donde subião á contempla-

Chrysip ção da primeyra causa, em especial **Chry-**
Seneca. **sippo**, do qual diz Seneca no liuro q fez

da vida bemaventurada, que ainda que
nunca capitaneou exército, nem gouer-
nou cidade, nem tratou publicos carre-
gos & negocios, todavia com suas specula-
ções & alta philosophia & vida solitaria
aproueytou a todo o mundo, mays que
muytos grandes capitães & gouernadores

Aristot. Poys Aristoteles como alcançára nome
de principe dos peripateticos, & posera
em arte a philosophia assi natural, como
moral, como metaphysica, & deyxára de
si com sua doctrina perpetua memoria,
se senão apartara dos carregos publicos,
& buscara vida quieta accepta a seus pé-
famentos? Sendo elle muyto priuado do
grande

grande Alexandre seu discípulo, não quis
ir com elle a Atia, mas tornouse p a Athé-
nas, onde se deu á contemplação. Entra-
 como o cota Plutarcho na vida de Sylla, Plutare.
& Strabo na geographia, de Athenas se Strabo.
foy p a Chalcides cidade de Euboëa, onde
acabou seus dias philosophado. E foy tão
sentida sua morte, q nāo faltou quē dis-
sesse, que ja se podia perder a esperançā-
ça de se poderem absoluere & explicar as
altas questões philosophicas, poys nellas
fizera fim, quē a podia dar a todas as ou-
tras. Poys Platão pera aproueytar a si & Platão.
aos outros se apartou de Athenas, deyxa-
do as inquietações da república, & se foy
a hū lugat solitario chamado Academia,
dōde d̄pois as scholas dos philosophos to-
marão este nome, & alli ensinava a seus dis-
cipulos a buscar a doce quietacā & repou-
so solitario, & a desprezar as tiquezas hu-
manas, & suspirar polas divinas: & fazia li-
etros, em q ensinava a gouernar as repu-
blicas, & excitava os mortaes á imortali-
dade

DA VIDA SOLITARIA

dade, & a contemplação da primeira ca-
sa & diuina fermosura, com tam marau-
lhosa eloquençia & sublimc philosophia
que foy chamado o diuino Platão. Isto
he quanto a rezão que ambos trouxestes
corroborada com a sentença destes tri-
M. Tull. insinhes authores. Poys quanto he a autho-
ridade de Marco Tullio, digo q̄ elle me-
mo confessa qvay contra os philosophos
& quer reprender Platão, & bē sem ca-
sertos liuros da repubrica, onde elle exa-
ça & sublima a vida solitaria, sobre o pro-
ferir em outras partes a todos, & dizer na
primeira questão Tusculana, que quer an-
tes errar com elle, que acertar com os ou-
tros. Confesso que foy Tullio o melhor
dos philosophos latinos de seu tempo, &
que trabalhou quanto foy possivel, por
imitar Platão: mas per cima de tudo isto
affirmo que ficou tanto a quem delle, q̄
Pindaro se pode por elle dizer aquillo que Pinda
Thimeo rodizia por Thimeo o historico, q̄ querer
do seguir ao grā Thucides, era como ho-
abb.

mē que indo a pé com scus vagarosos passos, presumia de seguir o velocissimo cunho do ligeiro carro de Lydia. E Seneca tra Seneca
 trou depoys a mesma questão, & té cōtra Cicero que a vida solitaria he mays exceilente, & de mays quilates que a publica & q mays fructifero soy a Grecia o ocio & solidão dc Cleantes & de Zeno que o suor & trabalho dos famosos Gregos, que assi nos regimentos da paz, como nas capitâncias da guerra se quiserá antre os outros abalisar, como se vê claramēte no libro q fez da vida bē auenturada, & no da tranquilidade da vida. Engrádececo Seneca tra tanto avida solitaria, q escreuedo a Lúcio diz. Fuge dos muitos, fuge dos poucos: fuge ainda d'hū só. E noutra Epistola lhe diz: Náo acho com quem mays queria que estiuesses que contigo soo. E noutra diz que o principal final d'húa alma bē ordenada he poder estar quieta & morar consigo mesma. He tāmanha afirma ſuta da vida quieta & solitaria, que se os inqui-

DA VIDA SOLITARIA

Inquietos a podessem ver com seus olhos
não aueria nenhū, que se não deixasse vi-
cer de seu amor. Isto quis significar De-
metr. metrio Phaleteu, quando disse. Fermo-
Demo- coufa he o repouso. E Democrito imita-
rito. dor de Pytagoras o mesmo sentio, quādo
affirmou, q̄ na serenidade do animo co-
sistia a felicidade, que todos deuião des-
jar. E poys esta serenidade & fermofun-
dalma se acquire com a vida solitaria, &
se perde com a inquieta, quem ha hi qui
não veja quam mays excellente he hui-
que a outra? Isto baste p̄cra rebater o pa-
recer de Ciceronesta parte, ser elle con-
tra o de muitos philosophos, em especial
côtra o de Seneca: a quē os antiguos cha-
Colum. marão mestre da vida, cujo ingenho en-
grandece Columella, & aquem sam Iero-
Hieron. nymo põe antre os varões illustres, & ec-
clesiasticos scriptores, muitos dos quais
fugirão do mundo & de seus tumultos,
por não serem vencidos de seus enganos
& se derão á vida solitaria, a qual como
centro

tenho mostrado, he mays excellente que a pubrica, onde viuerão com grande cōtentamento. E assí como os filhos de Istraél celebrauão com festas o dia, que os Deos tirou do Egypto, assí elles celebrauão cō fazimento de graças o dia que os Deos tirára do mundo, pera o seruirem com repouso, & não ouuitem cada dia julgar vidas alheas, & almotaçar, tenções ca isto só basta pera fugir do mundo, serem os homés julgados pelos homés.

CAPITVLO III.

¶ Da fugida do mundo, & sayda de Babylonis,
& como neste caso o fugir he vencer.



Em vejo eu, disse o Italiano, que ouue muytos homés, q̄ desprezarão o mundo, & fugirão delle, por nā serem delle vencidos, mas vos nā me podeys negar que fugirihe he fraqueza, porq̄ a verdadeyra victoria contra o mundo he vencelo sem lhe fugir.

Ff Antes

DA VIDA SOLITARIA

Antes, disse o Portugues, he ao contrario:
Bem que nas batalhas corporaes ha issa
lugar, mas nas spirituaes diz Sam Ierony-
mo, que fugit he vencer. E os que por cau-
sa de seus officios & obrigaçōes não podē
deyxar o mundo quanto ao corpo, deyxē
no quanto á vontade, & de dentro de Ba-
bylonia olhem pera Ierusalem, que quer
dizer visam da paz, de maneyra que no
meo dos corporaes trabalhos suspirē po-
lo spiritual descanso, semelhantes ao bó-

Dani.6. Daniel, que estando em Babylonia me-
tido núa camara, diz a sagrada scripture,
que abria húa janella, que hia pera Ierusa-
lem, & que d'alli se punha a olhar, & a
orar, & aleuantando os olhos pera onde
lhos guiaua o desejo, suspiraua por aqlla
cidade de Ierusalem, donde andaua de-
sterrado, ceuando seus pensamentos de
diuinas esperanças. Não diz que abrisse
janella, donde se visse Babylonia, senão
Ierusalem, porque descāsauão seus olhos
em leuarem a vista pera aquella visam
pacifi

pacifica, que elle estaua figurando em seu pensamento. Assi os que por importantes causas estão como presos na vida inquieta, não abrão a janella, que descobre Babylonie com sua vista, nem se deleytē em ver o mundo & seus enganos, mas abrão a janella d'alma, q vay pera Ierusalem, contemplet a visam da paz, alcuātem os olhos do entendimēto á fermosura da spiritual quietação, & suspirem polo repouso solitario. E deste pensamento saltém noutro daquelle repouso eterno, daquelle Ierusalem soberana, que ja núca terá fim, & com piedosas lagrymas & soydosos suspiros, metidos per estas lembranças esfles pequenos espaços q poderé furtar aos negocios, chorem o bem q perdem, em perderé a quietação da vida solitaria, & quanto em si for, trabalhem pola alcançar, ao menos o mays della q poderé, & por se sayr de Babylonie, & deyxar os embaraços & toruações do mundo ímigos do spiritual descanso. Pera q he viuer

Ff ij cm

DA TRIBULACAM

em tanta confusam? De que serue seruit
a coufa tão enganosa? Que mar ha no
mundo, que cstryto, que Euripo, que bá-
cos de Frandes, que golfo de Lião, que
cabo de bôa esperança, que tenha tam
varias ondas, tão duuidosas mudanças,
tão brauos mouimentos, tão desfeytas
tormentas, tão perigosas tempestades co-
mo o mundo? Que trabalhos sam os do
mundo, que perigos, que variedades, que
ondas, que marés, que toruações, que en-

Compa- chentes & vazantes? Se fugimos do mar-
rações. tempestuoso pera o porto seguro, se fugi-
mos da nao que faz agoa, & vay pera se
perder, se fugimos do edificio q faz aba-
jo, & está pera cayr, porque não fugimos
do mundo, que nos quer confundir, poys
nos está ameaçando com a fim, per cima
de nos estar enganando com suas lison-
geyras esperanças, poys conhecemos seus
males. pois vemos estar sobre nos pendu-
rada per hú fio nossa perdição, poys sa-
beinos que antre o peccado mortal &
o infer-

o inferno não se mete mays que húa fra-
ca taypa de nossa caduca & miserauel vi-
da? Como nos deyxamos estar captiuos
& descuydados em Babylonie sem lem-
brança de Sião? Ignorantes de nós, que
queremos catar o cantico do Senhor em
terra alheia, nesta enganosa Babylonie, &
assentados ao lógo de seus rios não faze-
mos outros de nossas lagrymas cõ a soy-
dosa memoria da spiritual Ierusalém: E
pera melhor vermos a diferença de Ieru-
salem a Babylonie traruos ey á memoria
húa figura da sancta escriptura. Estando
os Israëlitas em Ierusalem tinhão no al-
tar do templo fogo continuo pera seus la-
crifícios, que lho mandaua assi Deos, co-
mo consta do Leuitico. Mas depoys vie-
rão sobr'elles os Babylonios, fizerão olhe
guerra, derão olhe bateria, saquearão olhe
casas, destruirão olhe a cidade, assolarão olhe
o templo, & a elles leuarão nos captiuosa
Babylonie. Vendo os sacerdotes sua per-
dição causada de seus peccados, tomarão

Leuit. 6.
4. Reg.
25.

Ff iij o fo

DA VIDA SOLITARIA

o fogo, q̄ estaua perpetuamente no altar,
& meterão no nua coua profunda. Passa-
dos depoys setēta annos de seu captiuey-
ro, liurou os Deos, & tornando a Ierusalé
fizerão o lhe sacrificio, & forão buscar o fo-
go, q̄ ficara metido na coua, & cōta a diui-

2. Mach. 1 na escriptura no ij. liuro dos Machabeus,
que não o acharão, mas acharão húa agoa
que engrossou, & fez se lodo, & lançado
a quella agoa em cima do sacrificio, vierão
os rayos do sol, & tanto q̄ baterão nella,
tornouse em fogo, & assi ardeo miraculo-
samente o sacrificio. Em quanto estiueraõ
em Ierusalé, tinham fogo no altar, indo se
pera Babylonias o fogo conuerteose em
agoa, & fez se lama, & tornados a Ierusa-
lē agoa se conuerteo em fogo. Em quanto a
alma está em paz cō Deos, & cōsigo, & cō
o proximo, em quanto reside em Ierusalé
na visão pacifica, é quanto está quieta, em-
bebida no amor & lebrâças do alto Deos,
tē no altar fogo do sctō amor, em q̄ está sa-
crificado a Deos seus desejos & affeyções.
cio. ui 33

Mas

Mas tanto que ho vencida, & saqueada,
 & captiuada os Chaldeus, que sam o dia-
 bo, o mudo, & a carne, tanto que se ren-
 de, & deyxa leuat captiuaja Babylonia, o
 fogo do ditiuado amor se desfaz, & fica em
 agoade desamor, & lamalde desejos ter-
 reaes. Mas tornando de Babylonia para
 Ierusalem, agoa se conuerte em fogo, &
 resplandece a diuina charidade, & assi a
 almidona trialdade do peccado mortal tor-
 na em feroz d'amor. Mas isto não pode
 ser senão batêdo nella os rayos do sol da
 justiça: quero dizer que per si não pode
 sair do peccado mortal, sem fauor de
 Christo nosso verdadeiro Deos, sol diui-
 no, vencedor & desbaratador das trevas
 interiores. Verdade he q fazendo nos o
 q em nos he, acode elle cõ sua graça, mas
 sem ella nã podemos nos p uossas forças
 resurgir da spiritual morte á spiritual vida
 & cõuerter agoa da impiedade ē fogo de
 justificaçā. Isto he o q elle mesmo diz em
 S. Ioão: Ningué vê ao padresenão per mī. Ioan. 14.

822 DA VIDA SOLITARIA

Isto he o que diz a esposa nos cantares fa-
lindo com o esposo, que he Christo;

Canti. 1. (Trabem post te.) Como se dissera: Eu
per mim não posso ir, leua ý me vos a pos-
vos, que eu vós seguirey. Isto he o que diz

Thren. 5 Jeremias nas lamentações: Conuertey-
nos Senhor a vos, & feremos conuer-
tidos. Isto he o que diz o mesmo deos per-

Ose. 13. boca do seu Propheta Osea, (Perdicio-
tua ex te: tantummodo in me auxilium
tuú). Como se dissera: Perderes tetu na-
sceo de ti, mas a tua saluaçao está em mim:
tornareste tu em agoa foy culpa tua, mas
conuerteste em fogo he graça minha.

3. Cor. 3. Isto he o que dizia sam Paulo, escreuendo
aos Corinthiros. Não somos sufficientes
para cuydar algúia cosa de nos, como de
nos, mas toda a nossa sufficiécia de Deos

he. E noutra parte. Pela graça de Deos
sou aquillo que sou: como se dissera. Ele
conuerteo a agoa de minha culpa em fo-
go de seu amor, batédo em minha alma
os rayos de sua graça, & ca acceptandoa,

& etc

& estendendo as velas da vontade, & a liberdade do arbitrio. Logo poys vedes a diferença que vay de Babylonia a Ierusalem, & da inquietação d'alma á quietação della, & esta inquietação nasce na vida tumultuosa cercada de pubricos negocios, & a quietação nasce na vida solitaria, claro está que he a solitaria mays excellente, & que fugir do mundo pera ella não he couardia do animo, mas grande esforço delle, poys nesta parte a fugida he victoria. Porque como fugir do mundo he fugir de si, & fugir de si he vencer a si, & vencer a si he gloriosissima victoria, está claro que fugir do mundo he o mays excellente de todos os triumphos, poys he triumphar dos mays fortes aduersarios, ca ninguem tem tam cruceys & poderosos immigos, como sam scus proprios desejos.

CAPIT. IIII.

Em que o Portugues proua seu intento
per exemplos & authoridades
dos gentios.

Ff v NAM

DA VIDA SOLITARIA



A M quetia senhores que
vos parecesse, que q̄cero eu
condenar todos, os que vi-
uem em congregações &
negocios publicos, & canonizar todos os
solitarios: que bem sey, que nas cidades &
cortes dos principes pode auer muitos ro-
deados de negocios, que sejá muy virtuo-
sos, & amadores das couſas de Deos, &
goardadores de seus mandamētos, como
eu tenho pera mí que os ha, & tambem
sey, que pode auer muitos dados á vida só-
litaria, q̄ per outras partes tenhão muytas
quebras & defeytos. Mas per cima de tu-
do isto tenho por sem dudida, que a vida
solitaria, simplemente falando, quanto
em si he, leua muyta auantagem á publi-
ca & tumultuosa, & que não fomente he
mays segura, mas em muytas couſas mays
fructifera, sem embargo q̄ em algūas seja
a publica de mays vtilidade. Mas basta q̄
absolutamente falando he a solitaria mays
excellente, que he o cōtrayro do q̄ dizia

Marco

Marco Tullio na authoridade, q contra
mí allegastes do seu primeyro liuro dos
Officios. E se elle depoys de escripto esse
liuro o tornara bē a limar & examinar,
bē creo eu, q esse ponto correra risco de
ser riscado, porq nāo cōuinha, q em liuro
tāo docto & elegāte se achasse hūa disonā
cia como essa, tā peregrina a qualquer bō
juyzo. Quereys ver isto claramēte: que o
mesmo Cicero confessā, q depoys q saiu **Cicero.**
da repubrica, & se deu ávida solitaria, fez
esses liuros, & quasi todos os outros, que
compós, com que aproueytou muyto aos
homēs, & pera si alcançou fama, que viuia
rá, em quanto viuer a memoria dos mor
tacs, & que a perpetuydade sempre terá
ante seus olhos. E elle mesmo approua os
que buscando seu repouso, se recolhião a
suas quintaás, & engrandece summamē
te a Scipião Africano, que deydados os
negocios & tumultos se separaua da gé
te, & como aporto se recolhia a hūa soli
dão, onde dizia, que nunca estaua menos
Scipião.
ocioſo

DA VIDA SOLITARIA

ocioso, que quando ocioso, nem menos
só, que quando só. E louua grandemente a
Marco Curio o antiquo Romano, que
depoys de vencer os Sámitas, & Sabinos,
& Pyrrho Rey dos Epirotas, deixou Ro-
ma cõ seus tumultos, & se foy viuer a hú-
seu casal, estimando mais a vida solitaria
com seu repouso, que as pompas de Ro-
ma com sua inquietação. E estando elle
ao seu lár lhe vierá os embayxadores dos
Sámitas offerecer grande soma d'ouro,
que elle não quis dizendo, que mays que-
ria mandar aos ricos, que ser rico, & que
poys os ímigos o não vencerão na guerra
não conuiinha que o ouro o vencesse na

Cincinato. paz. O nobre Cincinato, do arado foy ti-
rado pera ser dictador de Roma, que era
o mòr carrego que nelia auia, como o diz

Feneste. Fenestella no liuro de magistribus. E
depoys da dictatura marauilhosamente
administrada se tornou pera sua pobre
herdade, como o conta Columella. E não
sómente a Cincinato, mas a outros muy-

gos

tos tirarão os Romanos dos casas pera
os fazerem consules, & lhe entregarem a
gouernança da repubrica. Cecilio Metel- Cecilio.
lo famoso capitão Romano, do qual di-
zião, que as muytas perdidas da fazenda e-
stimava em pouco, & as poucas da honra
em muito, depoys de grandes trabalhos
& vitorias recolhicoſe a húa sua quintá,
sem querer acceptar o consulado, nem
a dictatura que lhe offerecião, dizen-
do, que queria comer em paz, o q̄ tinha
ganhado na guerra. O gran Catão Censo Catão.
rino, tão celebrado dos antiguos, que ti-
nhão sua vida por húa viua imagem de gra-
uidade & virtude, & seu peyto por hú po-
ço de prudencia & moderação, & seu ani-
mo por hú espelho de fortaleza & con-
stancia, o qual, diz Plinio, que foys perfey- Plinio.
to capitão, perfeyto orador, & perfeyto se-
nador, depoys de ser questor, & tribuno
militar, & pretor, & censor, & consul, &
ter as mayores dignidades de Roma assi
na paz como na guerra, se sayu da cidade
&

DA VIDA SOLITARIA

& se foy viuer a húa quintaā sua junto a
Piceno, q̄ se agora chama Marca de An-
cona, ainda que outros dizē que estaua
na Campania junto com Puçol. Mas ba-
sta que se meteo naquelle sua quintā, &
alli acabou o que lhe restaua da vida, ho-
ra lendo, hora escreuendo, hora meditan-
do, hora cultiuando a terra: negociando
com os agros, que quasi sempre tornão cō
grossa onzena quanto neiles se lança.
Poys estando o bom velho gozando da-
quella vida solitaria, acertou d'passar por
hi hū homé prudente nas cousas do mun-
do, mas entregue aos negocios delle, & re-
uoluēdo na fantesia d'húa parte as torua-
ções & distraimentos, em q̄ elle & muy-
tos outros andauão, & da outra a quieta-
ção & repouso em que Catão alli viuia,
cotejando os proprios enganos, que o tra-
zião de si enlcado, com os desenganos cō
que Catão estaua do mundo esquecido,
não se pode ter quelle não escreuesse na
porta húaas letras q̄ dezião: O bē auentu-
rado

rado Catão, tu só sabes viuer. As quaes le
 tras depoys alificara por memoria. Qué
 tal dizia bem conhecia o bē da vida solita
 ria: mas disto não tinha elle mays q̄ o co-
 nhecimento, pera mót magoa de não fa-
 zer o que fintia: como eu sey que acótece
 a muytos outros. Milhor qu'estes andou
 Pericles o Atheniense, que tanto q̄ cayo
 na conta do repouso solitario, logo o bus-
 cou, & fayo do mal que seguia, por seguir
 o bē que aprouaua. Foy este varão em sci-
 encia docto, em practica discreto, em cōse-
 lho fabio, em conuersaçāo festiuo, nas ar-
 mas destro, nos perigos esforçado, & final-
 mente na prosperidade era humano, &
 na aduersidade sofrido. Poys vendo elle
 a variedade & incôstancia da vida, & q̄ os
 mais dos mortaes por falta de confiraçāo
 andauão embibidos no mundo, hūs com
 cuidados tyrānos de seu descāso, traçādo
 na fantesia castellos de véto, outros nos
 dados de sua ventura, metidos em lēbrā-
 ças de quem delles as não tinha, outros
 perdi-

Pericles.

DA VIDA SOLITARIA

perdidos em bayxos vaos,cortadas suas e
peranças logo em agraço,ou trostão pre-
sumptuosos & altiuos, q tudo lhe vinha
curto,parecendo lhe que não attia coula
grande que senão deuesse a scus mereci-
mentos,sem ellesdeuerem nada a ningué
cheos de vaydade,sem teré de que a ter,
altos nos pensamentos,& baixos na valia
E vendo que o mundo ostrazia engana-
dos,& per húa parte lhe engrandecia ahó
ra,& pela outra fazia zombaria della,do-
terminou de o desprezar , & deyxou a
gouernança de Athenas : & fugindo aos
trabalhos & inquietações se veo meter
núa sua quintā solitaria, onde pos hú le-
treyro á porta,que dizia:(Inueni portum
spes& fortuna valete.) Como se dissera:
Até qui andey engolfado nas perigosas
ondas dos negocios do mundo, como na-
vio que andando sem leme batido dos
ventos , perdido pelo mar , quebrado o
masto , & rotas as velas,sem se aprouey-
tar d'agulha,né da carta de marear , mas

CORTEU

correndo sua fortuna, sem poder entrar
pela barra: Agora achey porto & repousó
na vida solitaria, iuos em boa hora espe-
rança & fortuna, que não quero de vos
nada. Atequi me trouxestes enganado
prometendome de meter impinado no
cume da inconstanteroda, que me vos fa-
zieys parecer cōstante, agora podeys en-
ganar a outros, que a mí ja me não enga-
nareys. Ahi não ha fortuna, nem acertou
nissô Pericles, porque falaua segundo o
commū custume dos gétios, mas com tu-
do elle nos deyxou grande exemplo, em
deyxar o muyto, que o distrahia, & con-
tentarse com o pouco que o acquietaua.

Affí como da terra esterile sae o ouro, &
tem ella em si minas de excellentes me-
tais, assi às vezes d'hú gentio sae marauil-
lhosa doctrina, & ainda que esterile polo
defeyto da fé, todavia olhada sua vida
acharlheys ás vezes minas de grandes vir-
tudes moraes, ainda que imperfeitas por
falta das theologaes. Mas basta que eu té-

Gg dião

DA VIDA SOLITARIA

dião elles quão excellente era a vida solitaria, poys trocauão por ella a pubrica.

Anaxil. Anaxillo o philosopho por lograr a doçura da vida solitaria, desprezou o principio de Athenas, dizendo, que queria antes ser seruo dos boos que algoz dos maos.

**Empe-
docles.** Empedocles Agrigentino, discipulo q̄ foy de Pythagoras, como escreue Thimeo,

Thimeo nunca quis acceptar o reyno, q̄ lhe dauão,
Xanto. como o affirma Xanto no liuro que fez de seus louuores. Estimou tanto a vida solitaria, que a preferio a toda a potencia

Demet. & riquezas do mundo. Estando Demetrio Phalercii desterrado no Egypto, depoys de ter gouernado Athenas, foy o alli ver Crates o philosopho, & disse tão altas coisas, & tractou tão graues materias, q̄ disse

Plutarc. Demetrio, como o refere Plutarcho, Mal ajão os negocios & occupações, que tiue em outro tempo, pois forão causa de não ter conhecido mays tempo a este philosopho. Palauras erão estas de quem sentia bem o gosto & proueyto da vida solitaria

taria. Conta o mesmo Plutarcho no libro da tranquillidade do animo, que sen-
do Zeno mercador, perdeu no mar a sua
nao com toda sua fazenda, & vendose
pobre & enganado do mundo, acabou
de con hecer que atellì senão conhecera,
& disse, q folgaua com sua perda, polo pro-
ueito q lhe della resultaua, porque se auia
defazer philosopho, & dar ávida solitaria.
E depoys de ter effectuado seu proposito
& ter alcançada muyta sciencia, conta
Apolonio Tyrio, que dizia elle, que nun- Apolon.
ca nauegaraç com melhor vento, que quâ-
do perdera a sua nao, poys aquella tor-
menta fora causa de sua bonança .

Perguntado Antisthenes o philosopho Antisth.
que fructo colhera da philosophia, respô-
deo q poder viuer & falat cõfigo só, & dar
se ao recolhimēto. Conta Valerio Maxi- Valerio.
mo, q o grande Anaxagoras por se dará Anaxag.
philosophia, se desterrou de sua ppria ter-
ra, & tornando a ella dahi a muyto tépo,
achádo pdidas todas suas herdades, disse,

Gg ij Por

DA VIDA SOLITARIA

Por certo não fora eu saluo, se se ellas não

Tibullo. perderão. Tibullo no primeyro de suas

elegias diz estas palauras. Possuão outros
grandes riquezas & ouro, & amí deyxem
me estar em minha pobreza, quieto no

Diogen. meu lát sem cuydados. Perguntado Dio-

genes Cínico se auia no mundo algú ho-
mémays bemauenturado que Gyges ri-
quissimo & poderosíssimo Rey, respon-

Valerio. deo, como diz Valerio Maximo, q Aglao

Aglao. Psophidio era mays bemauenturado. Era
Aglao hú pobre homé que toda sua vida
viuera nū seu casal de Thracia, sem nūca
delleſayr, contéte com aquella pobreza,

Plinio. & vida solitaria. Faz disto menção Plinio

Horacio no septimo da historia natural. Horacio

diz que bemauenturado he aquele que
separado dos negocios lauracō seus bóys
a terra, que herdou de seu pay, sem cuy-
dados de interesse. E daqui vierão muitos
a deyxar os carregos publicos, & a fugir

Petrarc. das cidades & de suas gouernâças. Petrar-
cha chama ao pouo fera indomita, &

Hors

Horacio compára o que o quer gouernar Horacio
a homē, q̄ com húa só & fraca redea quer
enfrear muytas cabeças, & que quer per
sí só manear & gouernar hú grande nauio
lacudido dos ventos, nas varias & duui-
dosas ondas. Sidonio Apolinar diz: Não Sidonio.
sou do parecer daquelles, que tempesta si,
ser summa bēauenturança o sumimo po-
der. E Flauio vopisco diz, que o imperio Flauio.
he cousa odiosa, & o mando & carrego
pubrico cousa pesada. Isto sentião bem
aqueles antiguos philosophos, de que
estão cheos os liuros, que engeytarão go-
vernações & pubricos magistrados, & se
recolherão em seus solitarios apartamen-
tos pera viuerem com repouso, & quieta-
ção, & contentamento, porque tinhão
ellespera si, que não auia gosto nesta vida
que se podesse com o da vida solitaria
comparar. Estaera aquella ambrotia do-
cissima, & aquelle nectar suauissimo, que
hngião os poëtas, que erão as igoatias &
delcytos comer & beber dos deoses, pera

DA VIDA SOLITARIA

significarem a marauilhosa doçura , que traz comigo a contemplação das coisas diuinias, ca aos contemplatiuos , que vivião na terra, chamauão deoses collocados no ceo, & aos gostos de suas contemplações chamauão ambrosia & nectar, có que a alma se recrea, quando sobe tanto com o entendimento, que alcança o cuso, & natureza, & influencias dos orbes celestes. Isto quiserão significar os poëtas quando em suas singidas fabulas deyxarão em memoria , que o fermoso Ganymedes fora arrebatado d'húa aguea no alto monte Ida, & leuado ao ceo , & apresentado a Iupiter Rey das estrellas , pera significarem, que quem fosse ornado da fermosura da virtude, & sobisse per contemplação ao alto monte Ida, seria encuado & arrebatado com o entendimento aos segredos do sol, lúa , & estrellas, & communicaria com Iupiter, a quem elles em suas gentilidades attribuyão o domínio do eco. Daqui veo Homero achar-

mar

marlhe o diuino Ganymedes arrebatado
dos deoses. E estas saim ashôras do rouba
do Ganymedes, de q fala Vergilio. Attri- Vergilio
buyráo tanto os poëtas & philosophos a
esta contemplação, que ainda que confess
sauão ter Hercules pelejado com os mõ- ^{olares}
stros, & passado terribleys trabalhos pola
virtude, tão cantados em seus versos &
poësias, que querião espantar com elles o
mundo, todauiia nunca o tiuerão por im-
mortal & diuino, senão depoys que se se-
parou da gente, & subio ao alto cume da
fragosa montanha chamada Oëta, onde
se meteo núa grande chama de fogo. Pe-
lostrabalhos de Hercules entendião elles
a vida actiua, & pela solitaria sobida do
alto monte Oëta a cõtemplatiua, & pelo
fogo em q se abrasou, o amor & affeyçao
da primeyra causa, em q alma se inflâma
na diuina contéplação. E sendo este Her-
cules o Lybio, chamado cõmûmêteo The- Diodoro
bano, filho de Osiris, como diz Diodoro ro.
Siculo, & Berofo Chaldeu, forá os Gregos Berofo,

DA VIDA SOLITARIA

cam amigos de sua gloria, que quiserão attribuir tudo isto ao seu Hercules Grego chamado Alceo, filho de Amphitrio & Alcmena, como copiosamente o prova o vosso Annio viterbense nos seus eruditosssimos cōmentarios sobre Berofo, & sobreas origēs de Catāo. Mas elles gloriam dose de terem em seu thesouro hum vārāo insinhe, que depoys de muytos perigos & trabalhos se deu à vida solitaria & contemplatiua, fingirão que todas as gra dezas & miraculosas obras do Hercules Libio tiuera o seu Hercules Alceo. No que claramente se ve, quanto estimauão a vida solitaria & contemplatiua, poys sós os dados a ella tinhão por immortaes & sempre famosos, ca sós aquelles tinhā elles, que encomendauão sua memoria à eternidade, que buscauão hūa solitaria quietação, deyxando o mundo, que elles dizem que anda cō sua roda dalcatrizes hūs cheos outros vazios, sem aleuantar hūs, que não abayxe os outros.

CA-

Em que o Portugues conclue a excellencia
da vida solitaria, & mostra o fructo, &
utilidade da historia.



Odos os homēs dalto inge-
nho tiuerão pera si , que a
quietação era cousa muy
doçar & segura, & a gouer-
nança muy azeda & peri-
gosa. Daqui veyo el Rey Seleuco a dizer Seleuco.
tēdo nas mãos a coroa real : O diadema
mays rica que bem auenturada, quem bē
conhecessē quā chea es de fadigas & cuy
dados & perigos, ainda q̄ te visse no chão
te não aleuantaria. Isto moueo a Lydia- Lydiad:
des Rey de Megalopoli, a deixar o reyno
de sua propria vontade. E o mesmo quise
ra fazer Augusto Octauiano ao imperio,
se achara ombros que poderão tāmanho Augusto
peso sustentar. E se me differdes que foy
fingido isto de Octauiano, porq̄ não pare
ce possivel desejar hum homē de deyxar
a monarchia do imperio Romano, & fi-
car subdito de quem o fora seu: que me

Gg v di-

DA VIDA SOLITARIA

Dioclec. direys ao Emperador Diocleciano, que
realmento a deyxou de seu proprio mo-
to, sem nunca mays a querer? Este Diocle-
ciano depoys de ter muitos annos gouer-
nado o imperio, & alcançadas grandes vi-
ctorias, & edificadas aquellas espantosas
thermas de Roma, que se podem igoalar
com algúas das sete maravilhas do mun-
do, & preferir a muitas dellas, renunciou
totalmente o imperio estando em gran-

Baptista de prosperidade. E diz Baptista Egnacio,
Egnacio que nem o moueo a istovelhicc, nem fra-
queza do animo, senão sua liure volunta-
de, & que ficou tão desabafado & conté-
te, quedisse, que nunca sentira tão alegre
& resplandecente o sol, como depoys q
sevira fora do imperio. E ficando liure de
tamanho peso, deyxados os negocios em
que andaua engolfado, se foy meter núa
sua pequena quintam apar de Salona ci-
dade de Liburnia, como o conta Eutro-

Eutrop.
Pópon. pio, & Pomponio Leto. E alli acabou sua
vida, contentandose cõ aquella pobreza

& solidão. Dizia elle que de só o Empe-
rador se auia d'auer dò, & do laurador
enueja. E auendo dias que alli estaua en-
marão embayxadores dos Romanos a
pedirlhe q tornasse ao imperio, & acerta-
rão de chegar a tépo, q elle andaua n'úa
sua pequena horta colhendo alfaves, aos
quaes elle respondeo q lhe não falassem
em tornar ao imperio, & q o deyxassem
comer com repouso aquellas alfaves, que
elle prátara, q descansassem q não auia de
tornar a imperar, q ja prouara a q sabia a
vida pubrica & a solitaria, & q antes que-
ria andar só cauado na sua horta, q trazer
ás costas o imperio de Roma. Diz Trebel-
lio Pollio, & tralo també Leto na vida de
Diocleciano, q soia elle a dizer q nenhúa
coufa era mays difícil que bem imperar.
E o Leto diz que quando se vio fora do
imperio dñera, q então amanhacia, & que
desd'aquella hora por diante começaua a
viuer. E não pareça a ninguẽ que foy isto
bayxeza & pusillanimidade, mas grādeza

Trebel-
lio.
Leto.

&

DA' VIDA SOLITARIA

& magnanimitade, porque não vem se
não d'alto animo desprezar aquellas cou-
fas, que os mortaes inflammados com cu-
biça summamente desejão, afferrando nel-
las a vontade. E pera que nos não pareçá
fabulosas estas historias, ponhamos os
olhos no que passou á quatro dias & cõ
a memoria do que vimos, desfaremosa
roda do pouco credito, que damos ao q
lemos. O Emperador Carlos quinto hú
dos mores & mays excellentes principes
que ouueno mundo, depoys de ter alcá-
çadas grandes viñtorias em Italia, Africa,
França, & Alemanha, deyxou voluntaria-
riamente o imperio & seu alto estado cõ
todos seus reynos & senhorios, & apartá-
dose do mundo se recolheo sem fausto al-
gú a hú mosteyro de sam Ieronymo, on-
de acabou seus dias com grande quieta-
ção naquella vida solitaria, no q mostrou
a fineza de sua virtude, & a grandeza de
seu animo. Diz Seneca que de coração
grande he desprezar coufas grandes. E

Seneca.

Quia

Quintiliano diz, que assaz he de riquezas não as desejar. Estando húa noyce ceando Philippe Rey de Macedonia disse aos philosophos, que tractassem algúia questão, & foy ella, qual era a mór coufa do mundo. Hú respondeo que o monte Olympo, que com sua altura traspassaua as nuués, & chegaua com seu cume onde os ventos não podião chegar, donde vierão os Gregos achamarlhe Olympo, que quer dizer todo tesplandecente, porque tem o sol clarissimo, & nā he de nenhūas nuués ofuscado nem encuberto. Em fim he tão alto, que chamão os poëtas ao ceo Olympo. Outro disse que a mór coufa do mundo era a agoa, que apagaua o fogo, & enchia a mór parte da terra. Outro disse q̄ o sol, cujo respládor cubria a agoa & a terra. Outro affirmou q̄ não auia coufa no mundo tão grande como o coração que despreza coufas grandes. E este me parece a mī que lançou a barra mays longa, & excede o a todos os outros. O alta & muy

DA VIDA SOLITARIA

muy alta senteça. Dina por certo de grā
de ponderaçāo, & eterna memoria, poys
nos ensina quam baixas sam as altas cou-
fas do mūdo, & q̄ merece mor gloria quē
tem cotação pera as desprezar, q̄ quem
tē ardil pera las acquirir. Muytos outros
exemplos vos podera trazer & copilar de
gentios tirados de suas antigas historias
que deixarão grandes riquezas, carregos,
negocios, reynos, & impérios, por se dar á
vida solitaria, os quaes sem nenhū debate
preferião a solidão á cōpanhia, & mostra-
uão ser de mays alto animo desprezar as
coufas & aueres do mundo, q̄ possuylos,
mas por me forrar de palauras superfluas
& não embeber todo o tēpo em historias
gentilicas, as querô deyxar, por louuar a
vida solitaria cō claros & verdaeiros te-
stimuuhos das letras diuinias, & historias
ecclasticas, & sanctos doctores, se nisto
não leuardes desgosto, porque não volo
queria eu dar em coufa nenhūa, ca o meu
desejo, he q̄ o vosso se cumpra. Antes reco-

bere-

beremos nisso, disse o Italiano, muyto có
tentamēto. porque as letras diuinas sam
mays gostosas & autēticas q̄ as humanas
& sam mays profundas, & fazē mays im-
pressam: basta q̄ as humanas sam dos ho-
mēs q̄ muitas vezes se enganão, & enga-
não, & as diuinas sam de Deos, q̄ nem en-
gana, n̄ é se pode enganar. E por isto digo
eu, que os homēs que pondo a hū cabo a
sagrada escriptura, & a lição pia, docta &
deuota, occupão o tempo em ler fabulas
& batalhas fingidas, & amores desonestos
uião mister pubricamente castigados,
mas eu vejo que está o castigo delles tam
longe, como elles perto de o merecer.
Bem vejo eu disse o Framengo, que he
tam alta cousa a sagrada escriptura, que
teria eu maa desculpa se me quisesse por
a louuar particularmente seus diuinos
mysterios, porque isso seria dar a enten-
der que os entendia, & prosseguir mate-
ria tam profunda, q̄ me enfraqueceria o
ingenho, & se pderia logo no principio:

Mas

DA VIDA SOLITARIA

Cicero.

Mas tambem affirmo, que a historia humana he vtil, & muy excellente, a qual Cicero no segundo liuro de Oratore diz que he testimunha dos tempos, luz da verdade, vida da memoria, mestra da vida, anunciadora da antiguidade. Donde secolhe q̄ os liuros das fabulas não se ham de chamar liuros de historias, mas de mentiras, poys como diz Cicero, a historia ha luz da verdade. E bem vejo que se não auia de gastar o tempo em liuros tão profanos & inutiles. Mas as verdadeyras historias seruem pera muitas couſas, & dão muitos auifos, & motiem a grandes empresas. E em verdade senhor que summa mente folguey de vos ouuir tantas historias, pera louuardes a vida solitaria, & também trazidas avosso proposito.

Afficom hú caualeyro, disse o Portugues, se l'sae ás vezes de seu exercito, & se vay meter no arraial dos ímigos, não pera se entregar a elles, mas pera ver o que ja passa & vir dar auifo aos seus, como espira de vista, assi hú
theolo

theologo pode ás vezes deyxar per algū
espaço os liuros da sagrada theologia, &
lér per hū liuro d'hū gentio, nāo pera se
entregar a suas gentilidades, & á liçāo de
suas historias, mas pera saber o que ha an-
tr'elles, & vir auifar os seus, como quē en-
trou a espiar o arrayal dos aduersayros,
nāo pera ficar cō os alheos, mas pera tra-
zer nouas, & dar ardis aos seus. He tā grá-
de coufa a historia, disse o Italiano, que fe-
necem reynos & senhorios, & ella nāo fe-
nece, morrem grādes & pequenos, & ella
sempre viue, mudāose os imperios & prin-
cipados, tirāose a hūs, & dāose a outros, &
em fim todos acabão, & ella fica, & quā-
to mays velha he, em mays estima se tem,
porq̄ entāo tem mays authoridade, quā-
do he de mais tempo, & porq̄ o nāo gaste-
mos em louuar o que per si está louuado
vos peço senhor q̄ prossigais vossa pratica
corroborando vossa concrusam com au-
thoridades da sagrada escriptura, ca ella
he a verdadeyra regoa, & o prumo da

Hh ver

DA VIDA SOLITARIA

verdade, & a doctrina que vay a seu oí-
uel, essa he a direyta, fundada na si-
meza & perpetuydade.

CAPITVLO VI.

Em que o Portugues proua a excellencia
da vida solitaria per authoridades das
Iagradadas letras.



Dám nosso primeyro pa-
dre em quâto esteve só no
parayso terreal, nã peccou,
como teue companhia, ella
o excitou a peccar, conui-
dandoo com aquelle mortifero pomo,
Genes. 4 origem de nossas desauéturas. Dos dous
primeyros seus filhos Cain & Abel o Cain
Genes. 4 foy reprouado, & o Abel escolhido. Do
reproduzido diz a escriptura que andava
inquieto & vagabundo, & que fez cida-
de pera morai nella com os seus, mas o el
colhido amando a vida solitaria andava
só no campo, pastorando seu gado, offe-
recendo a Deos sacrificios, sacrificando
primeyro

primeyro a si que a elles, & não lemos del
le que fizesse cidade, porque a cidade dos
justos he nosceos, onde he a sua couersa-
ção. Que cousa foy mandar Deos ao bō Geneliz
patriarcha Abrahão, que se saysse de sua
terra, & de seu parétesco, & da casa de seu
pay, senão que deyxasse os embaraços do
mundo, & sua propria affeyção & conuer-
sação, & buscasse húa vida quieta & soli-
taria, & a tranquillidade do spírito. Diz
S. Ambroſio que dizerlhe Deos que se Ambros.
sayffe da terra, foy dizerlhe, que conuer-
fasse nos ceos, pera que deyxada a conuer-
sação de negocios do mundo, conuersaf-
se com Deos, & nelletiuesse fixo o pensa-
mento. [Exiit nesciens quò iret.] Diz S.
Páulo falando delle na epistola ad He-
bræos: como se distlera: Tanto que Deos
mandou a Abraham, que se sayffe de sua
terra: logo o effeytuou, não curou de se
por ás chaças com elle, mas hia & não sa-
bia onde porque nem sabia o lugar, on-
de o Deos mandaua, nem tinha homē,

Gh ij a que

Hebr. II.

DA VIDA SOLITARIA

a que seguisse, mas leuaua por guia a obediencia, que o leuou onde o Deos māda-

Genes. **21.** ua. E ouuechū filho per diuina repromis-
sam, o qual lhe Deos mandou quelhe sacri-
ficasse no monte Moria, que quer di-

Genes. **22.** zer monte de visão, & alli foy com seu fi-
lho Isaac pa o matar, sendo elle o seu vni
genito de Sara, & o lume de seus olhos. Bé-
lhe podera Deos mandar que lhe sacrifi-
cara o filho em sua propria casa, mas mā-
darlhe que se saysse della, & que subisse so-
com seu filho ao monte ermo & despouo-
do, chamado monte da visam, não carece
de mysterio. O que me amī parece he, q
nos quis Deos significar, que nos impor-
ta muyto sacrificarmos lhe nosso proprio
filho, que he n'osso proprio desejo & von-
tade no fog o do diuino amor, & que o lu-
gar maysconueniente pera isto he o re-
colhimento & vida solitaria & contem-
platiua. Este he o alto monte da visam,
onde alma deuota vé grandes mysterios
escondidos & encubertos aos que ficão

no fundo ao pé do monte, sem subirem a Deos com o pensamento & affeyção. Diz Chrysostomo que a solidão he mays dura Chryso, que as cidades, & mays resplandecente q todo o vniuerso, & falando de Abraham diz na Homilia trigesimatercia sobre o Genesis: Cuya rogo te quão grande amador era este patriarcha da quietação & tranquillidade, poys tantos annos auia q goardaua aquillo, q depoys disse Dauid: Escolhi ser desprezado na casa de meu Psal.83. Deos, antes que conuersar nos paços dos peccadores. Onde Chrysostomo pela causa de Deos interpreta a vida solitaria & quieta. Vendose Iacob acossado de tribulações, perseguido de seu irmão Esau, deixou sua conuersação, & foyse de casa de seu pay pera longes terras. E comiendo a via de Haran tanto andou per seu caminho pensatiuo & solitorio, que sendo ja tarde d'hu dia de cansado adormeceu, a tempo q o sol tinha ja de todo escondidos seus rayos, & encerrada sua luz, & vio

DA VIDA SOLITARIA

per sônhos aquella escada diuina, que cõ
húa ponta estaua na terra, & com a outra
chegaua ao ceo, em cujo cume estaua o
criador do vniuerso, aquelle sol de justi-
ça, cuja claridade allumia os spíritos, &
desfaz todas as trevas. Pos sellhe o sol vi-
siuel, & aparececolhe o sol inuisivel, fugi-
rão lhe pera o outro emispherio os rayos
do sol, q̄ allumia o corpo, & vio os rayos
do sol, que allumiā a alma: inudou selhe o
lume dos sentidos ao entendimento, tro-
cou selhe a claridade exterior pola inte-
rior, desaparececolhe o sol criado & vio o
sol que o criara, vio o sol diuino, de cujo
resplendor, proce todo o outro respládor
como de luz sempiterna, & fonte da vida
& ser de nosso ser. Quis lhe mostrar o al-
to Deos naquella visão, que delle auia de
proceder o Mexias Christo nosso Salua-
dor, verdadeyro homē, & que o primeyro
degrao daquella escada era. Abraham, o
segundo Isaac, o terceiro o mesmo Iacob,
& dahi em diante todos os outros, que

con-

conta sam Mattheus no principio de seu Matth. 1:
 sagrado Euangelho, até vir ao bom IESV
 filho da virgem, sol diuino, que estaua no
 cume da escada abrindo o ceo, que dan-
 te se estaua fechado. Bem lhe pudera Deos
 mostar este mysterio estando elle em ci-
 li de seu pay conuersando com scus ani-
 gos & parentes, mas não lho mostrouse
 não indo só, & estando repousando apae-
 tado de toda a cōuersaçā. E p aqui vereys
 quā excellente he a cōtemplaçā & vida soli-
 taria, q valē mais os sōnhos d'hū contépla-
 tuio & solitario, q as vigilias d'hū distrahi-
 do negoceador. Mas de q seruia contádo
 a escriptura esta visão dizer, q hia Iacob
 caminho de Harā, lugar onde repousou
 Tharé, senão significar a condiçāo, q ha-
 de ter quem quiser tomar vida solitaria.
 Haran quer dizer coua, como o affirma
 Philo varão doctissimo, em geração He- Philo,
 breo, mas é doctrina Platonico, do qual
 diz Eusebio na historia ecclesiastica q era Eusebio
 copioso nas palavras & rico nas sentêças.

Ha iiii E lam

DA VIDA SOLITARIA

Hieren. E sam Ieronymo diz no catalogo dos criptores ecclesiasticos, q ou Platão filo niza, ou Philo platoniza: o qual prouerbio recita Volaterrano na antropologia.

Volater. Poys este Philo no liuro que fez dos sonhos, onde moraliza este de Iacob diz, q Haran quer dizer coua, & Thare contemplação de cheyro. Esta lapa & coua separada he a vida solitaria & quieta, na qual repousa Thare, porque somente nella repousam aquelles, que na contemplação achão cheyro & suaue deleytação. E com estes cõmunicia Deos seus misterios, & os faz thesoureyros de seus segredos: Isto he o que elle diz per o seu propheta Osea falando da alma deuota, & da pessoa spiritual, (Ducam eam in solitudinem, & loquar ad cor eius.) Como se dissera A pessoa que for deuota embobida em minhas lembranças, eu a leuarey a hum lugar solitario, onde a consolarey, & lhe falarey ao coração. Aos q andão metidos em negocios, bazcolejados

&

& perturbados, trasseganda com o mundo, fala Deos como de ouiteyro, como quem lhe brada de longe, mas aos conté platiuos & solitarios, a que o amor da celestial patria causa tam soydosas lembrâças, que os faz herdeyros de muitas lagrimas, fala Deos detam perto, que está em seu coração praticando com elles, consolandooos & eiforçandoos, tendo ante seus olhos as lagrymas que saem dos seus dentes. No deserto de Madian andaua Moy Exod. 15 ses goardando gado, quando lhe Deos a pareceo na syluceyra que ardia & não se queymaua, & o mandou por seu embaxador, & o fez capirão geral dos filhos de Israël. E so estaua no monte Sinay, quã Exod. 19 do salou com Deos, & recebeo delle a sua ley. So estaua Esaias, quando vio o Deos Esa. 6 dos exercitos, & os dous scraphins, que cõ húas asas o estauão cobrindo, & com outras voando. So no deserto andaua Elias, 4. Reg. 3 & Eliseu, & os filhos dos prophetas, praticando cõ Deos, & triumphando do mundo.

DA VIDA SOLITARIA

do. E outros muytos, dos quaes diz sam
Hebr. ii. Paulo escreuedo aos Hebreos: [Quibus
dignus non erat mūdus, in solitudinibus
errantes, in montibus: & speluncis, & ca-
vernis terræ.] Como se difera: Apartou
Deos a muytos da humana conuersaçāo,
porque não era dino delles o mundo, os
quaes andauão separados dos tumultos,
fogidos & segregados da gente, per luga-
res solitarios, embrenhados nas monta-
nhas, & metidos nas couas, & escondidos
nas lapas & concuidades da terra. A
Abrahão tirou o Deos de Chaldea, a Ia-
cob de Mesopotamia, a Moyses do Egy-
pto, a Elias & Eliseuda corte de Samaria,
& aos filhos dos prophetas da conuersa-
ção de Iudea. Em fin q aos seus muyto
amados tira Deos das companhias mūda-
nas, & os leua á vida solitaria, onde lhe
ensina grádes mysterios. No ermo anda-
ua S. Ioão Baptista, aquelle de q muytos
Ezai. 40. annos auia q tinha prophetizado Ezaias,
que auia de ser húa voz, q pregasse no de-
fer

ferto. E sam Ioão Euangelista no deserto ^{Ioan. 1.}
 andaua na ilha de Patmós quando lhe
 Deos reuelou o Apocalypse, Per o deser- ^{Apoca-}
 to hia o cunuclo de Candacez raynha da ^{lypsi. 6.}
 Ethiopia, quādo vind o de Ierusalem lhe
 apareceo S. Philippe, & lhe declarou a es-
 criptura, & o baptizou, & instruiu nas
 cousas da fé, como o conta S. Lucas nos
 Actos dos Apostolos. Mais aprendeo em ^{Act. 8.}
 hūa hora do deserto, que todo o tempo q̄
 estiuçra na cidade. Pera q̄ he mays senão
 que Christo nosso Redemptor mestre ce-
 lestial se apartaua myntas vezes a lugares
 solitarios, pera nosso exemplo & instru-
 ção, como contão em myntos lugares os
 Euangelistas. E sam Mattheus diz que se ^{Matth. 4.}
 foy ao deserto guiado do Spiritu sancto,
 querendo nisto significar que o Spiritu
 sancto he o que nos guia pera o recolhi-
 mēto & vida solitaria: & pelo contrayro q̄
 o diabo he o q̄ aos solitarios & recolhidos
 guia pa as cidades & negocios do mundo,
 Porq̄ o mesmo Euangelista diz q̄ o diabo ^{Matth. 4.}
 guiou

DA VIDA SOLITARIA

guiou a Christo pera a cidade, pera ver se o podia derribar do pinaclo do templo, porque seu officio he trabalhar por derribar os solitarios & contemplatiuos, & metelos em negocios & distraimentos, pera os vir a sepultar em seus proprios appetites. Isto quis significar a diuina escriptura

Nume. 33 no liuro dos Numeros, quando diz, que saydosos Israélitas do monte Sinay vierão ter aos sepulchros da concupiscencia: porque muitas vezes se acontece q̄ saydos os religiosos & homens recolhidos da vida quieta & contemplativa significada pelo alto monte Sinay, se dão de tal maneira a negocios superfluos & perigosos, que pouco a pouco se vem a desordenar, até virem a morrer no mundo, & sepultar se em suas proprias concupiscencias, perdendo a si & a Deos, sem considerarem o q̄ perdem em o perder. E he de notar q̄ onde a versam commū tem sepulchros de concupiscencia, tem os setenta interpretes memoria de desejo: & tralo sam Ieronymo

nymo no tractado das mansões dos filhos de Israël, porque a deleytosa & enganosa lembrança procedida do deprauado desejo he húa sepultura, onde os maos sendo viuos andão enterrados. E pera vêcer estes desejos, & cortarlhe as rayzes, & ter dominio sobr'elles, & sobre nos mesmos, he mays conueniente a solidão quieta, que a companhia distrahida. Isto he o que diz Ieremias nas lamétações. (Sedebit solitarius & tacebit, quia leuabit se su per se.) Estará assentado o solitario, & calar-se ha, porque se aleuantará a si sobre si. Os que andão nas cortes cegos com os fulmos de soberba, vencidos de ambição, vagueão com trabalho, & o solitario & contemplatiuo está assentado com repouso. O ambiçoso nūca acaba de falar em seus negocios, & o solitario retrahido está callado a elles, porque assim como a continua pratica sobreembaraços & vaydades he a libré dos negociadores, assi o silencio he o trayo dos solitarios. Os negociadores

Thren. 3.

am

DA VIDA SOLITARIA

ambiçosos trabalhão por imperar aos outros, mas o solitario liure de ambição, trabalha por imperar a si mesmo. Isto he o que quer dizer. Estará assentado o solitario em silencio, porque se aleuantará a si sobre si. Não se aleuantará com fantesia sobre os outros nem meterá as velas de sua presumpçam, mas vencerá a si mesmo, o spiritu dominará sobre a carne, & o homē nouo, que he segundo Christo, vencerá & abaterá o homem velho, que he segundo Adam. E assenteando hum contemplativo na terra estará conuersando nos ceos, tam morto ao mundo & viuo a Christo, que possa dizer com o

Galat. 2. Apostolo: Viuo eu, ja nam eu, mas viue Christo em mī. Esta he a causa: porque o
Ierem 9. sanctificado Ieremias lume dos Israélitas dizia noutra parte. (Quis dabit me in solitudine diuersorum viatorum, & derelinquam populum meū, & recedam ab eis.) Como se dissera: Quem me desse estar num deserto, & que tiuesse húa lapa onde

onde se metesse, na qual não entrasse n
se não algú s peregrinos, se per acerto per
acerto per h i passassem: & isto pa eu dey-
xar o meu pouo, & apartarme da gente.
Isto dizia o bom Propheta pera declarar
seu concepto, & explicar quanto deseja-
ua a vida solitaria, ca como diz sam Bernar-
nardo, a boca he porta & seruentia do co-
ração.

CAPIT. VII.

Em que o Portugues mostra per claros
& manifestos exemplos de sanctos
do nouo testamento a excellécia
da vida solitaria.



Mundo auemolo de dey-
xar anres que elles nos dei-
xe, porque nos não tome a
noyte da morte nos falsos
prazeres da vida. E pa isto
conuem buscar húa vida retrahida & so-
litaria, o que eu prouatey per exemplos
dos sanctos, além das authoridades das sa-
grada escriptura, que pera isto alleguey.
O grande Onofrio, como conta Sabeli-

Onofrio
Sabelico

co

DA VIDA SOLITARIA

co, tanto se meteo pelos asperos & medo
nhos desertos, que sesenta annos não vio
homé nê molher. Alli andaua só naqllles
ermos, & noua região, per onde nunca
andára gente, chea de espátos & terribey
temores, se se pode dizer só aquelle, com
quem Deos estaua. Alli habitaua esperá-
do a fim da vida, pera começar a vida, que
não tem fim. Alli andaua cõ os olhos fey-
tos alambiques, per onde se estillaua seu
coraçáo, contando aquillo do Psalmista:
[Singulariter sum ego donec transeam.]

Psal. 140. Como se dissera: Assi andarey solitario
até que passe desta vida pelo cays da mor-
te, pera a região da verdadeira vida. Bem
aventurado sancto, poys deyxando a cõ-
panhia dos homés entrou na dos Anjos,
benauenturada troca, & gloriosa com-
mutaçáo. Isto moueo a S. Paulo primeyr-
Paulo. o ermitão, & a S. Antão, & a outros sem
Antão. conto, que fugirão do mundo pera os de-
sertos, onde andauão sós rezando & cõ-
templado, sem quereré mays q a Christo.
O glo

O glorioso S. Ieronymo deuyxou Roma Hieron.
 cō seus prazeres, & foysc a hū crmo mal
 assombrado, cheo detodos os temores, q
 as coufas espantosas tem, onde nāo auia
 ribeyras deleytosas, né aruores sombrias,
 mas grandes penedos maystristes & me-
 lanconizados q alegres & graciosos ao pa-
 recer da vista. Mas o amor de Christo lhe
 fazia parecerlhe tudo aquillo suave & de-
 leytoso. E tão contente andaua naquelle
 ermo, que em húa carta, q dalli escreuuo
 a Heliodoro, diz: O deserto alegre & re-
 vestido de flores de Christo! O solidão na
 qual nascē aquellas pedras, das quaes he
 edificada a cidade do grande Rey, de q fa-
 la S. Ioão no Apocalypse. O ermo onde Apoca-
 mays familiamente se gosta de Deos! E ^{Iyp. 21.}
 noutra epistola, em q relata a Eustochio
 a vida, q elle mesmo passara no deserto,
 diz estaspalauras, ou outras equiuualétes.
 Alli estaua eu assentado só, mas acompa-
 nhado de tristeza, metido nū saco o dis-
 forme corpo, todo negro & queymado cō

DA VIDA SOLITARIA

os ardores do sol. Cada dia erâo meus
olhos cõuertidos ē fontes de viuas agoas,
& meu coração delido em suspiros & la-
grymas, com que regava o meu leyto, q̄
era a nua terra, onde cõstrangido do sô-
no lançaua os debilitados ossos, q̄ escassa-
mente se tinhão hûs com os outros. Lem-
brame que muitas vezes orando em al-
ta voz ajuntaua o dia com a noyte, & ho-
ra me metia nas furnas & concavidades
dos valles, hora subia aos cumes dos fra-
gosos montes, hora me metia nas abertu-
ras das altas rochas. Aq̄llc e a o lugar de
minha oraçā, & o carcere da misera carne.
E Deos me he bôa testimunha, q̄ depois
de muitas lagrymas, depois d' ter os olhos
pregados no ceo, algúas vezes me parecia
que me achaua antre as companhias dos
Anjos, & embebido naquelle contenta-
mento cátua dizendo aquillo q̄ diz a el
Cantic. I. posa nos Canticos: A pos vós correremos
em o cheyro de vossos perfumes. Até qui
he de sam Jeronymo. Quē não ve quāto
mór

mór. Dntēamento tinha este sctō no de-
serto, onde aleuantado sobre si se achaua
conuersando com os Anjos, que o q tem
os negociantes carregados de vāos cuya-
dos, & perigosos negocios, conuersando
com gente da mesma estofa. A tristeza q
elle diz q alli tinha causada das lembrâ-
ças das offensas, que no mundo se fazião
a Christo, era pera elle cōtentamēto. Os
peccados do mūdo lhe causauão dor, &
esta dor lhe dava alegria, & se cō esta ale-
gria tinha pesar, tinhamo porque o não ti-
nha tāmanho como desejava, & este pe-
sar era pera elle gosto, & este gosto q tem
os sanctos no deserto he mór sem cōpara-
ção, q o q tem os peccadores nas cidades.

Diz S. Bernardo aquelle doce & conté- Bernard
platiuo doctor, que não ha mor trabalho
pera o homē que inflamar se de desejos
terreaes, nem mor descanso que não de-
sejar nada do mūdo. E como estes sanctos
não queriā nada delle, andauā cōsolados
nos ermos, porq os acōpanhaua a Deos, &

DA VIDA SOLITARIA

os animaua, & lhe ensinaua & deuia
grádes segredos & mysterios, porque, co-

Chryso. mo diz Chrysostomo: O lugar idonco &
accōmodado á philosophia Christaā hc a
solidão: E pelo contrayro os dados a nego-
cios terreacs trazem abatidos & traistor-
nados os spiritos, & quāto mays occupão
os sentidos nas couzas da terra, & enclinā
os pensamētos a couzas baixas, tanto me-
nos alleuantão o entendimēto ao ceo, &
penetrão couzas altas, porq̄ como diz sam-

Gregor. Gregorio, Alma carregada de cuydados
de bayxo não se alleuanta ás couzas de ci-

August. ma. Isto entédia bem S. Augustinho quā-
do dizia, q̄ a solidão era necessaria á nos-
sa mēte. E com razão, porque alli ha mais
az o pera a virtude, & menos occasião pa o

Chryso. vicio. Dōde diz S. João Chrysostomo na
terceyra Homilia sobre S. Marcos, decla-
rando aquellas palauras: [Spiritus expu-
lit eum in desertū:] O Spirito sancto não
mora de bōa vōtade onde ahi turbas, &
ajuntamētos, & dissensōes, & contendas,

ma

mas em o Spirito sancto propriamente
por atento a solidão. E S. Ieronymo diz Hieron.
q na solidão se euitá muitos peccados. O
Petrarcha chama á vida solitaria castello Petrarc.
goarneido de munições, & porto p a to-
das as tépestades. Sam Ioão Chrysostomo Chryso.
aquella boca d'outro, aquella fonte de elo-
quêcia, aquelle cumé de virtude, naquel-
le breue tractado q faz da comparação
do Rey com o solitario diz, quemays bê-
auenturado he hú solitario sem cōpanhia
que hú Rey acompanhado, porq el Rey
tem dominio sobre as cidades, & o solita-
rio sobre os vicios, el Rey tem coroa d'ou-
ro, & o solitario de virtudes: hú trabalha
por não ser dominado dos homés, outro
por não ser vencido dos peccados. O soli-
tario lé pelos liuros dos sanctos, que o en-
sinão & desenganão, dizé dolhe liuteméte
a verdade, está cōmunicando & conuer-
sando com Esaias, com Jeremias com S.
Ioão, com S. Paulo, cō o mesmo Christo.
E hú Rey tracta com homés q lhe menté,

DA VIDA SOLITARIA

& o lisongeão, engrandecendoo cõ lou-
uores forjados na officina de seus enga-
nos, & finalmente ouue gente de que el-
le mesmo senão fia, porque este mal tem
os principes, que não tem quem lhe ouse
dizer a verdade descuberta. Pera que he
mays senão que ouue hi papas, como foy
Celestin. Celestino glorioſo varão, & outros algúſ,
que deyxarão & renunciarão o summo
Pontificado, & se derão á vida solitaria, os
quaes estão no ceo reynando com Chri-
ſto, & a igreja regida pelo Spirito sancto
os canonizou, & pos no catalogo dos san-
tos. E poys tão claros & illustres varões,
de tanta doctrina & erudição, & de tanta
virtude & sanctidade, deyxarão a vida pu-
blica pola solitaria, & a engrandecem cõ
summos louores, & preferē os pobres er-
mos aos ricos reynos, necessario he que
concedamos ser a solitaria mays excellē-
te que a pubrica. Porque a summa de nos-
so proposito ha de ser, que digamos o que
ſentirmos, & ſintamos o que diſtermos.

CAP

CAPITVLO VIII.

Do broueyto do silencio,& do perigo da
muyta practica,& do engano & vay-
dade do mundo.



E he verdade , disse o Ita-
liano , o que diz Aristote- Aristot.,
les , que ao sabio nenhūa
couſa he noua nem per-
grina , eu confessō q̄ o não
fou , porque disseſteſtēs vos muytas pera mí
de muyta nouidade & admiraçāo em lou-
uor da vida solitaria . Mas hū defeito acho
eu nella , & he falta de practica & conuer-
ſaçāo , & parece que hū solitario não terá
contentamento , por não ter com quem
o ter , porque sem duuida pera mí não ha
couſa mays gostosa que praticar & con-
uersar com homēs discretos , em especial
ſe ſam lidos , & de rara erudiçāo . Iſſo he ver-
dade , disse o Framengo , porque onde não
hai practica , não pode auer gosto perfeito .
E pera proua diſto não quero mays que
esta , que aqui tiuemos . Que gosto ahi
Li iiii que

DA VIDA SOLITARIA

que se possa igoalar com o desta práтика? Como podéra eu saber quantas couzas boas aqui ouui, se não fora esta cõmuni-cação? Mas como as differe eu, disse o Portugues, se as não aprendera no repouso solitario? Dizey vos, disse o Framengo o que quiserdes, que eu digo que a conuer-
sação & bõa práтика he hum doce pasto
pera a alma, & que deyxala, & tomar vi-
da eremítica, he grande tormento, poys
he tirarão coraçao aquella familiaridade
& doce companhia, que foy largo tem-
po o mantimento, com que elle se susten-
tava, per onde está claro que o solitario
apartado de toda a conuersação sempre
lá andará suspirando por couzas de seu
contentamento, saluo se de todo o per-
deo das do mundo. Nam hay que deba-
ter, disse o Italiano, se não qualche a práti-
ca cousa excellente, poys nos foy dada pe-
ra explicar nossos conceptos, assi como
nos foy dada a escriptura pa explicar nos-
sa práтика, & como nossos conceptos sam

varias

varios conuem cõmunicalos com varias
pessoas, porque a practica ha se de accom-
modar aos ouuintes. E isto tem os q'an-
dão nas cortes dos principes , & seruem
a senhores, que achão diuersas pessoas cõ
que praticar, o que tem todos os que tra-
tam negocios, & té vida politica, que ha
impossiuel na solitaria. E pois nella se per-
de o bem da practica, couſa tão proueyto-
& necessaria pera a vida humana, não
sey que razão hi ha, pera dar tam excessi-
uos louuores a quem está longe de os me-
recer. Húa aruore disse o Portugues, se Compa-
raçam.
lhe alimpays o tronco, sobemays pera ci-
ma, & faz se mays fructifera, quanto se lhe
corta das vergontecas debayxo, tanto se lhe
acrescenta nos ramos de cima. Assi o soli-
tario quanto vay mays cortando das con-
versações & contentamentos humanos,
tanto vay mais acrecentado & subindo
per cõtemplaçam aos diuinios. Assi como Exod. 16
Deos nam deu o mannà & pão do ceo
aos filhos de Israël, senam depois que se

Li v lhc

DA VIDA SOLITARIA

Ihe gastou a farinha do Egypto, assi nā dá
Deos aos homēs consolações spiritu aces,
senão depoys que deyxão as corporaes, ca
repunha auer em hūa almano mesmo té-
po duas consolações cōtrayras hūa a ou-
tra: & quanto mays os solitarios deyxão as
da terra, tanto mays alcanção as do ceo. E
pelo contrayro os q̄ andão nos paços dos
principes inquietos & derramados seruin-
do a senhores, ou negociando suas couſas
quanto mays buscão descāſo, tanto menos
o achão porque q̄ queré repousar em couſas
que nāo tem repouſo, & estancar com
suas pequenas mãos os grandes rios das
couſas do mundo, que vāo com cōtinua
furia & inundação dar cōſigo no mar da
morte. E as mesmas praticas & conuerſa-
ções os bazcolejā, & inquietão, & entriste-
cem, & lhe gerão mil desgostos, & conté-
das, & odios, & enuejas, & dissensões, &
muytos outros males. Os r̄yos nas fontes
se podem tapar ou desfuiar, mas depoys q̄
se ajuntão agoas com agoas, cheas com
cheas

heas, he tāmanho o impeto, que leua &
 destrue quanto acha diante: Assi as con- Compaq;
 tendas & perfias se podé logo atalhar no raçam;
 principio, & soldar quaequer quebras,
 mas depois q se ajuntão palaurascō pala-
 uras, injurias cō injurias, erros cō erros, vē
 tā arrebatado o rio daindinação, & cō tā-
 ta furia, tendo tantas acolhidas de ira, &
 rancor, q destrue os campos das vidas &
 das almas. Não sey qual he a causa, porq
 tanto louuays a lingoa & apratica, porq
 caso que algūas vezes aproucytão, pola
 mór parte danão. Dizia Simonides, co- Simonides.
 mo refere Plutarcho, que de calar lhe
 não pesara nunca, & de falar se arrepен-
 dera mytas vezes. No liuro da criaçao
 dos filhos diz o mesmo Plutarcho, que o
 silencio bem ordenado he grande sabe-
 doria, & de mór excellēcia que a pratica.
 Plinio diz que não he menos de orador Plinio,
 faber calar que saber falar. Pittaco diz Pittaco,
 que quem não sabe calar, não sabe falar.
 E daqui veo Pythagoras, aquelle que foy Pythog.
 tāo

DA VIDA SOLITARIA

tao auaro de palauras como prodigo de
obras, a ensinar a calar, assicom o outros
ensinao a falar. De maneira que a sua re-
thorica mays cõlistia em saber calar, que
em saber falar: porq entedea elle bê quâ-
to mal faz a lingoa & as muitas palauras.
E porque não seja tudo allegar cõ as dos

Prouer. gentios, digo q Salamão o mór sabedor
10. dos mortaes diz nos Prouerbios que o
muyto falar não he sem peccado, & que
o que refreia sua lingoa he prudentissimo.

Prouer. Enoutro lugar dos mesmos Prouerbios
18. diz, que a morte & a vida estão nas mãos
da lingoa. A boca ha de ser fechada com
aldrava da prudencia de tal maneira, q
primeyro as palauras toquem na razão q
na lingoa, & não sayão sem licéça do juy-
zo, que ha de goardar a porta da boca.

Psal. 140 Isto he o que dizia o Propheta no Psal-
mo: Ponde Senhor goarda a minha bo-
ca, & porta de circunstancia a meus bey-
ços. Lede a diuina escriptura, tomay na
mãos os liuros dos sanctos doutores, & vo-

rcys

reys claramente quam grande conta de-
nemos ter com as palauras como cõ des-
cubridoras dos corações, ca como diz o
antigo prouerbio: pelo canto se conhe-
ce a auc. Sancto Ambrosio no seu primei Ambros.
to dos officios diz que sabio he o que sa-
be calar, & que nos he necessario apren-
der a calar. E á verdade elle a diz, porque
o silencio não dâna a ningué, & o muyto
falar faz mal a muitos. Não ha espadas
no mundo que mays sangue tirem, & q̄
mays gente matem, que más lingoas. A
lingoa he de feyção de ferro de lâça, mas
muyto mays perigosa & dânoſa, porque a
lança fere o corpo, & a lingoa a alma: a
lança põe em risco & a vida, & a lin-
goa destrue a honra: a ferida da lança
facilmente se cura, mas a rotura da fama
tarde ou nunca se solda. Muyta conta se
deve ter com a lingoa. Boca que sempre
fala, he bolsa sem cerraes, & porta sem fe-
rolho. No liuro dos Numeros manda-
ua Deos que a panella do defuncto que
estivesse

DA VIDA SOLITARIA

estiuesse sem çapadeyra fosse immunda
Que coufa he mādar Deos que a panel-
la nam estiuesse cō a boca descuberta, se-
nam mandar que cerremos as bocas, &
tenhamos grande recado na lingoa? Mas
isto nam fazemos nos: & o q̄ pior he que
pola mór parte quanto cada hū tem me-
nos de sciencia, tanto tem mays de pra-
tica, & ás vezes tam solobre per cima de
escandalosa, que se nam pode nem deve
sofrer, em especial quando osq̄ falam se
pōem a desembuçetar seus maos pé sam-
tos, & seus odios & iras, & enuejas, pq̄
a enueja he a pedra daguçar, em que se
afião as lingoas dos maldizentes, pera
cortar famas & honras alheas, tendo nas
suas bem que coser & cerzir, & ainda que
remedar. E he coufa estranha, que como
os praguétos encetam ashontas dos bōs,
nam descansam até que de todo as nam
atassalhem & espedacem, & assi andam
matando famas viuas, & fazendo dellas
a natomia no mudo, sem se lembraré di-

cop

conta, q̄ lhe Deos ha de pedir, como homens q̄ cuydão que nūca hāo de morrer, & que tē a vida por sua pa sempre dejuro & herdade. E daqui vē a nūca se emendaré, antes murmurão cadauez mays, ceuando se em roer famas de virtuosos: & assi gastá suas vidas em falar nas alheas, roubando & podo a saco as honras dos homens, falando tão sem tino q̄ o perdem, tirando as redeas á lingo. Assicomo os vasos vāos tinē mais q̄ os cheos, assi os ignorates pola mor parte falão mays q̄ os discretos, & fazem mays mal. Assicomo o rio q̄ muyto enche & sae de madre, faz muyto lodo, assi o q̄ muyto fala, & se espraia em palauras superfluas & odiosas, cuja a muytos & muyto mays a si. S. Jeronymo diz q̄ auemos de Hieron. consifar muyto tempo o q̄ ouuermos de dizer em pouco, porq̄ depois nos não pense de termos falado. E nisto não abi q̄ debater, poys está claro que ahi taes, que lhe seria melhor não ter lingoa, poys o melhor que dizem he o que não dizem.

Sam

DA VIDA SOLITARIA

Gregor. Sam Gregorio diz, que bem fala quem
bem cala. As muitas palavras sam muy-
tas vezes dánosas & perniciosas, ou ao me-
nos ociosas & desnecessarias, & por isso se
deuem de euitar, porque como diz sam

1.Cori.15. Paulo: As palavras más corrompem os cu-
stumes bôs. E por não gastar muitas pa-
lavras em as reprender, áto todas estas cõ
aquele no das de Christo que diz, que de
toda a palavra ociosa auemos de dar cõta

Matth.12 no dia do juyzo. Se nos hão de pedir con-
ta das ociosas, que será das pestiferas? E
poys as muitas vêm a parar muitas vezes
em pestiferas, ou quando menos em ocio-
sas, pera que he desejas, nem louualas,
senão temelas? Logo pois a pratica he pe-
rigosa, & o silencio seguro, não me pare-
ce que tendes razão de vituperar a vida
solitaria, por lhe faltar a pratica & cõuer-
sação. Quanto mays que os solitarios ca-
lando falão com Deos, & andando sós
estão acompanhados de virtudes. E pelo
contraryo os distrahidos & trastornados
falando

falando estão mudos, & acompanhados
estão sos, porque nem falão com Deos,
nem tem companhia de virtudes. Mas se
com tudo isto vos não contentar a vida
totalmente solitaria, nua de toda a prati-
ca & conuersação, como he a eremitica,
ao menos cõtenteuos a vida solitaria dos
retrahidos, que té a seus tempos suas ho-
nestas & doces conuersações com pessoas
raras & virtuosas, alheas de interesses &
negocios mundanos, gastando a mor par-
te do tépo em seu recolhimēto & solidão,
vñando mais de soliloquios, que de collo-
quios, porq̄ os muitos colloquios, em espe-
cial se sam odiosos, causam muyta torua-
ção, & os muytos negocios & trafegos ge-
rão desgostos, escalão a cōsciencia, & in-
quietão o coraçā, fazendoo andar á caça
com grande perfia, sem matar com ella se
não asi. E daqui vem viuer ē muytos muy
descontentes, & dizerein mal da vida que
tem, & quererem emendar o mundo ca-
da hū ao seu modo, cōforme a sua tençāo

DA VIDA SOLITARIA

Nazáze. sendo elles os q̄ auiaõ mister emendados.
Diz S. Gregorio Nazázeno, q̄ assicomõ
hū homē muyto enojado sayndo do mar
em terra fica embaraçado, & parecelhe q̄
toda a terra se moue, & anda ao redor, nā
porq a terra se moua, sená polo mouimé-
to que elle traz cōsigo causado do moui-
mento do mar, q̄ lhe moueo os humores,
assí hū cortesaõ murmura do paço, & dos
principes, & blasfema da pouca justiça, &
quer reger & emédar os viuos & os mor-
tos, parecendolhe q̄ anda toda a terra cr-
rada & toruada, como á verdade isto lhe
venha d'elle ser o q̄ anda toruado & en-
joado, mouido de mil impetos & desçō-
tentamentos. Que gosto pode ter, quem
ha cada dia d'ouuir más repostas, auer
maos despachos, indinarse contra hūs, so-
frer contra vontade os outros, ver perdi-
dos seus pprios seruiços, & cortados pel-
la rayz todos os garfos de suas esperâças?
Com que repouso pode viuer o triste do
coraçao, q̄ está feyto húa fragoa, onde se
forjão

forjão seus desejos nūca cōpridos, & hūa
bigorna, onde se martellā seus trabalhos
nūca acabados? Quant'eu não sey q̄ cō-
tentamentos podem ter homēs que hora
ardeim com desejos, hora se congelão cō
desesperações, hora rim sem vontade, hora
chorão com ella, homēs que seruē, sem
saberem porq̄, que nem se entendem, né
sacabão de determinar, varios nos pensa-
mētos, vāos nos desejos, impacientes nos
trabalhos, esquecidos quanto aos favores
rotos nas palauras, injustos nas obras en-
redados em tratos illicitos, sofrendo cada
dia mil desaeventuras, sem lhe poderé dar
sim: antes por lho ellas nā daré, andá apó
toando a vida cō tão fracos espequens, co-
mo sam os de suas enganosas esperanças.
Grande merce faz Deos a quē tira destes
labyrintos, & lhe dá hū pobre casal, onde
laure em terra sua cō boyss seus, negociā-
do cō os cāpos, q̄ nūca dão má reposta, on-
de viua cōtente a seruiço de Deos, tirádo
se de gastos superfluos, esquecēdo injurias

- Kk ij re

DA VIDA SOLITARIA

refreando palautas, atalhando a desejos,
pondo limites a appetites, cortando espe-
ranças, vigiando os dias com alegria, &
dormindo as noytes sem sobresalto, & fi-
nalmente onde descanse, não fazendo ca-
so do mundo, que o não faz de ninguem,
mas tendo conta com Deos, que a ha de
pedir a todos. Que mays quer que isto,
quem ve, que lhe vay continuamente fo-
gindo a vida, & que o vay sempre seguin-
do a morte? Esta he a verdade, o contray-
ro engano. Que mays quer hū Christão, q
ter em paz hū pão, com que se possa suste-
tar, & hū modo de vida quieto, com que
possa acudir a suas necessidades, & seruir
a Deosem quietação? O que descanso he
o da vida solitaria, que tranquillidade, q
contentamento! Que isto quiser ver po-
nha os olhos nos trabalhos & distrações
dos seculares renoltosos, & verá a merce,
que Deos faz aos solitarios quietos. Ale-
uantase de madrugada hū negociante,
matinado de scuscuydados, que até no
sono

somno não dormem, alheo de todo o re-
pouso, solto do ceo, & atado com a terra,
& a primeyra couſa, que faz, he cuidar em
suas crampas, vrdir teas, fazer redes, em q̄
cuydando que enreda a outros enreda a
ſi: finalmente a primeyra couſa que cuy-
da he como ha d'offender a Deos. Aleuá-
taſe h̄u ſolitario acordado ás vezes ao tō
dos rousinoes & outras aues muſicas, que
em amanhecedo o eſpertão com suas al-
uoradas & ſuaues cantos, com que eſtão
louuando ao criador, & em ſe erguendo
a primeyra couſa, que faz, he encomédar-
ſe a Deos, & occuparſe em ſeus louuores,
& pondo os olhos no ceo ſuſpira pola pa-
tria celeſtial, reza o officio diuino, & cum-
pre cõ ſuas cuſtumadas meditações & cõ-
templações, & com iſto ceua ſeu coraçāo
deleytandole grandemente com o ſuaue
paſto do ſpirito. Que gosto ha no mudo,
que ſe poſſa com este da vida ſolitaria cõ-
parar? Queriquezas ha nesta vida, q̄ co-
tejadas com estas, uão fiquē area, ou outra

Kk iij couſa

DA VIDA SOLITARIA

cousa desta qualidade? Tudo isto terá
quê querer acabar de conhecer o mundo
& fugir de seus égianos, & desprezar suas
vaydades, & telo por cousa, q em nenhúa
faz assento & firme alicece. Ao múdo se
me crerdes, nā lhe creais, porq té porma-
nha enganar a quē lhe mais cre, de baixo
de pouco ouro escóder muitas fezes, sob
color d'húa verdade dizer mil mētiras, cō
hū breue gosto misturar dez mil desgo-
stos, & finalmēte pcurar mores males, aos
q engana cō esperanças de mores bēs. Pe-
ra q he crer ao múdo, poys he enganador,
pera q he seguiło, poys vay errado, pera q
he seruilo, poys he ingrato, pera q he ama-
lo, poys he ímigo? Elle abate os altos, &
alleuanta os bayxos, honra os infames, &
infama os famosos, tira as dñidades aos
bōs, & dá as aos maos: de maneyra q o me-
recelas he a principal parte pa não alcan-
çalas, porq mede elle os merecimētos nā
cō a vara da verdadeyra justiça, mas cō a
medida da falsa opinião. He tā má couſa

o mun

o mundo q̄ os seus proprios enlea & engaña, falospera os desfazer, & impina os paxos derribar: & assi andão sem se entenderem, semelhátes ao fumo, q̄ sobe & sobe, & em fim na mór altura se desfaz. Que se pode esperar do mûdo, poys a sua esperança he desesperada, a sua alegria he triste, a sua paz he discordia, a sua hóra he infame, a sua vida he morte, o seu bê he mal? Poys he destruydor de virtudes & fauorecedor de vicios? Que se ha d'esperar do mûdo, poys aos seus mesmos destrue? Os males fazlhos por lhos fazer, & os bês por hos tirar, & consente que ganhé, pera q̄ percão, porque ja mays dá a mão pera subir que não dê de pé para derribar. E có tudo isto acha muytos q̄ o siruão, os quaes de muyto inflammados na cubica & ambição de suas coulas não acabão de entender seus enganos. E andão tão longe de deyxarem carregos & officios inquietos & perigosos, que antes os buscão per fas & per nefaz, tem lembrança de

DA VIDA SOLITARIA

seruiço de Deos, senão so por satisfazer
a sua opinião, a que elles falsamente cha-
mam honra, & por comprírem cō suas
vaidades & spíritos mūdanos. E sobr'issó
litigá & contendé como sobre couça hō-
Compa. rosa & vtil p̄ a a cōsciēcia. Assicomo dou-
taçam. nauegantes q̄ coçobrado o nauio se lan-
çaram ao mar, querendo contéder sobre
qual leuaria hūa grande pasta de ferro
dourado, se perderam porque ella cō seu
peso os leuou ao fundo, & os que a nam
quiseram, escaparam do naufragio, & se
saluaram em terra, assi os que debatem
sobre magistrados & carregos publicos
coçobrado o nauio de seu repouso, se
perdē nas duuidosas & perigosas ondas
do mar do mundo, sem verem que as di-
gnidades, que pretendem, sām pastas de
ferro, que ainda que de fora resplande-
çam com o ouro das apparéncias de hon-
ra, todauiia com seu peso os enleam, &
metem no fundo, & aquelles escapam do
naufragio, que conhecendo os enganos,

& embaraços do mundo, nam curam de suas pastas douradas per fora, mas tem conta com suas proprias cōsciencias, & se saem a terra firme da vida solitaria. Bem ley eu que taeshahi que com os publicos carregos & gouernanças se saluam porque vlam bem delles, mas eu nam falo senam daquelles que mouidos de ambição, os possuem, ou ao menos desejam. E semelhantes q̄ estes podem ter tanta força, que nadé com as pastas nas mãos, digo que onde ha ambiçam nam hai força, mas fraqueza, & q̄ toda a soberba he pusillanimidade. Quanto mays que eu nam falo de sua força né esforço, senam de sua inquietação & descontentamento. Como he possuel viuerem elles quietos & contentes, poys nada os satisfaz & todas essas honras lhe parece inda pouco, & lhe fazem mays sede doutras mayores & sempre se dá por agrauados, & se queixam do mundo, & dizem mal da vida? Sempre lhe parece que lhe tiram o que

Kk v se

DA VIDA SOLITARIA

se dá a autrem, não me dem as merces, q
lhe fazem com seus seruiços & merecimē
tos, mas tudo he fazer comparações de si
aos outros, todos querem entrar em com
paração, & ningué se quer medir per si.
Daqui vem muytos a viueré com o cora-
ção fistulado per dentro cõ mil desgostos
& muytas vezes por ver se podem alcan-
çar o que pretendem, trabalhão por parc-
cer bem a quem não querem nenhum, mu-
dandose em maysc ores q poluos, & quâ-
do vem que nem isto lhe aprueyta, per-
dem totalinente o repouso. Chamalhe o

Iud. I. Apostolo Iudas Thadeu ondas do mar
brauo, que se desfazem nas escumas de
suas confusões, & estrelas erráticas de va-
rios mouimentos diferentes das fixas
situadas no firmamento. E com estes mo-
uimentos & inquietações andão bazcols
jados, & trastornados, & confusos, até q o
mundo enfadado ja de os enganar os vé
de todo a destruyr. Pera q he logo cōfiar
no mundo, senão deyxalo, antes que nos
deyxem

deyxer pelo mundo não entendays que
entendo as criaturas em suas naturezas,
mas os males, & os que os seguē, que sam
aqueles que trazem as almas mortas em
côrpos viuos, ca como diz sancto August.
nho falando do que pelo peccado mor-
tal mata spiritualmēte sua alma, o seu cor-
po viuo he sepultura de sua alma morta.

CAPIT VLO IX.

¶ Em que o Portugues mostra os enganos do
mundo, & a pouca confiança, que nel-
le se ha de ter, per exemplos das
historias antigas.



Pera que claramente vejais
os enganos do mundo, que-
roulosmostrar pola huma-
nas historia. O rico Cresso
Rey de Lydia alcançou tão
grandes aueres, & em tão menos tempo,
do que parece que a vontade os podia
desejar, que não duuidou chamarſe feli-
cissi

Cresso,

DA VIDA SOLITARIA

Solão,

cissimo. E mostrando hūa vez seus thesouros ao philosopho Solão legislador dos Athenienses perguntoulhe se sabia algue mays bem auenturado que elle: ao qual Solão respô deo que si, & nomeoulhe certos homēs ja defunctos de bayxa sorte, mas que viuerão & morrerão bem, porq esta coufa não consistia em riquezas, senão em perseverança de bondade: E disse que aquellestinha por mays bem auenturados quelle, porque caso que fossem bayxos na estofa, forão altos na virtude, & acabárão nella com honra, & q̄ elle não sabia que fim aueria. E por tanto q̄ senão podia chamar bem auenturado, poys em quanto vivia neste miserauel valle, por alto, rico, & poderoso q̄ fosse, estaua subjeyto ás mudanças, variedades, & desauenturas do mundo. Esta foy a sentença deste philosopho, da qual se rio el Rey Cresso, porque confiado em seu poder & grandes thesouros, tinha pera si, que era impossivel auer coufa no mundo, que o podesse

podesse abater, & fazerlhe amaynar as
velas de sua grandeza & presumpção.
Mas depoys se vio elle em tamanha tor-
menta, que amaynou detodo, sem que
quer mays que ter se ao mar, & saluar, se po-
desse, somente o casco de sua pobre fu-
sta, & então teue por verdadeyro o sesu-
do philosopho lançador de contas, ami-
go de as fazer de perto, & de assomar ao
longe o que podia acontecer, porque el-
le se vio vencido del Rey Cyro, & vio
roubar toda sua riqueza, & ate seus olhos
distruiyr sua terra, & assolar seu reyno: &
viose injuriado em poder de seus ímigos,
os quaes depois de o auiltarem & enche-
rem de opprobrios, o pendurará nú pao
pera o queymaré. E vendose elle naquel
la desauétura nu & despojado, & que ate
os seus o deyخارão em tal tempo, q̄ muy-
to auia que seguião, & que começaua ja
arder o fogo, que auia d'abrasar suas en-
tranhas, se lembrou da sentença do phi-
losopho, & começou com grandes vozes.

a dizer

DA VIDA SOLITARIA

Herodo. a dizer Solão Solão. Autores sam desta
Plutar. historia Herodoto no j.liuro, & Plutar-
cho na vida de Solão, & outros muytos.
Q.Cur. Quē foy mais poderoso q̄ el Rey Dario?
& no meo de sua prosperidade foy des-
baratado & vencido de Alexádte, como
o conta copiosamente **Quinto Curcio**, &
outros authores. Vindo Alexandre com
todo seu poder não o teue elle pera lhe
resistir, & vendose em tépo, que lhe com-
pria mays determinaçam que conselho,
& que o seu exercito era desbaratado,
lançou a fugir torpemente, deyxado sua
molher & filhas em poder de seus inmi-
gos, & fugindo foy tomado, & injuriado,
& morto com grande deshonra. E védo-
se sua molher & filhas desemparadas em
poder de seus ímigos, chorauão com tāta
dor, que a auiam elles dellas, porque mo-
strauão ellias tāta lastima nas palauras, q̄
lha punhão a elles nos corações. Nisto se
tornou a potencia daquelle grande Da-
rio Rey da Persia, com quem soião espan-

car

tar o mundo: Por isso diz Aristoteles, co-Aristot.
mo o refere Stobeu, q̄ o homē he hū exē-Stobeu,
plo de fraqueza, hū despojo de tépo, húa
zombaria da fortuna, húa imágē de incó-
stancia, húa balança ouro & fio de enue-
ja & desauētura. O bō Phocião Athenies Phocião
hū dos mays justos gouernadores na paz,
& dos māis animosos capitāes na guerra,
que ouue antre os Gregos, aquelle em
quē parecia q̄ se achaua a religião de Nu-
ma Pōpilio, o esforço de Scipião, a prudē-
cia de Quinto Fabio, a pobreza de Curio,
alcaldade de Regulo, a constancia de Fa-
bricio, a grauidade de Catão, a seuerida-
de de Torquato, depois de ter feitos mui-
tos beneficios á patria, & de ser quarenta
& cinco vezes magistrado, como o con-
ta Sabellico, foy per enueja accusado, Sabellic.
& condemnado á morte. Este he o galat
dão, com que a repubrica lhe pagou seus
grandes seruiços. E estando elle com o
vaso da peçonha na mão pera a beber,
que aquelle foy o genero de morte que
lhe

DA VIDA SOLITARIA

Eliano lhe derão diz Eliano, que lhe pergunta-
rão, que deixa ua encomendado a seu fi-
lho, & que elle respondeo, que lhe man-
dava que senão lembrasse daquella in-
juria, nem tornasse a Athenas mal por
mal. Até nisto quis mostrar quem era, &
por o sello a sua virtude. Bajazeto o grão
Turco senhor da menor Asia, & da mōt
parte de Grecia, & finalmēte hū dos mais
ricos, poderosos, & temidos principes do
mūdo, ajútou hū exercito de pto de qua-
trocētos mil homēs de caualo, & infinida
de de pé, & pelejou em campo com o Ta-
Tamor-
lão. morlão, que fora em outro tempo re-
ueyro, ou como outros dizē, pastor d'o-
uelhas, & foy o grā Turco vencido, & seu
exercito desbaratado, & elle foy tomado
viuo, & metido em húa gayola de ferro,
onde o Tamorlão o trazia, & cadauez q̄
comia, o fazia por de bayxoda mesa co-
mo cão, & o fazia comer dos ossos, q̄ lhe
lançaua da mesa, & quando caualgaua,
o fazia trazer, & punha sobr'elle os pés
pera

pera sobir no caualo, & assi o teue muito tempo, atē que o triste Bajazeto morreo de payxão. E desta maneyra o trazia per sua propia terra, subjugandoa & destruindoa, pēr que o vissem naquella desaumentura, os que antes se espantauam de sua bem auenturança. Hum dia pela manhã se vio este gram Turco poderoso & alto Rey, senhor dhum exercito grandissimo, & de muitos reynos, delles herdados de seu pay, delles conquistados & ganhados per si, & quādo veo á tarde se vio escrauo, & companheyro dos cães de seu senhor, captiuo dum seu inimigo, que fora tempo, que nam tiuera mais que hum surtão & hum cajado. Estas sam as vaticdades do mundo, estas sam suas mudanças, as quaes se podē bem ver na historia destes douis principes Bajazeto & Tamorlão escripta per Fulgosio nas cole-
ctaneas, & per Cambino Florentino na historia Turquesa, & per Rauisio Textor Rauisio. na Officina, & p outros. Que Camelião

LJ ahi

Fulgosio
Cámino.

Rauisio.

DA VIDA SOLITARIA

ahi, que se mude em tantascores, que la-
go dos Troglodytas, que faça tantas mu-
danças, q̄ Protheo, que mude em tão va-
rias figuras, como o mundo se muda cada
dia? Pera que he logo confiar nelle, pera q̄
he dar credito a seus enganos pera q̄ he
sua cōuersaçāo, de q̄ serue sua pratica, pa-
que he senā fugir delle, & buscar hūa vida
quieta & contēplatiua, & seruir a Deos cō
assosiego, & chorar cō muyta contriçā as
August. culpas passadas, & os ânos mal espēdidios?
Porque, como diz S. Augustinho, a fonte
das lagrymas he hū segundo baptismo.

CAPITVLO X.

¶ Da comparaçām da vida actiua com a
contemplatiua, & do primor
de cada hūa.



Aristot.
Gora acabo de crer, disse o
Italiano, quam verdadey-
ra he aquella sentença de
Aristoteles q̄ diz, que hūa
das cousas que ha no mun-
do difficiles he julgar por erro aquillo,
em

em que naturalmente nos deleytamos:
 Digo isto porque per húa parte estou vê-
 do com quam bñas razões & authorida-
 des fostes descubrindo os perigos das pra-
 ticas & conuersações do mundo, & quão
 claramente prouastes quam damnosas
 crão, & pela outra não posso acabar co-
 migo a telas por taes, pola affeyçao que
 lhe tenho, & polo contentamento, que
 nellas leuo. E certo q̄ eu tenho por gran-
 de penitencia deyxar o gosto da pratica
 & conuersação, & conuerter isto em sus-
 pítos, & as alegrias em lagrymas. Quan-
 to isto, disse o Portugues, he mays aspe-
 ro, tanto he a Deos mays accepto, quanto
 mays que o amor de Christo tira eslas af-
 perezas, & faz parecer a cousa suave. E a
 razão porque Deos mandaua na ley, q̄
 lhe offerecesssem pombos he, porq̄ as suas
 musicas sam gemidos, & em vez de cantar
 chorão, ca os nossos cantos hā de ser suspi-
 ros, & os nossos versos & cátigas hā de ser
 entoados cō saluços & lagrymas, & nā cō

Leuit. 12

Ll ij vaás

DA VIDA SOLITARIA

vãas alegrias, & ociosas praticas, & falsas
deleytacões. Esta he a causa porque nam
offerecião a Deos calhádros, né pintis-
gos alegres em sua musica, mas pombas
tristes em seu canto. Isto he o que dizia o
bom Rey Ezechias falando com Deos:

Ezec.38. { Meditabor ut coluba } E logo a bayxo:
{ Recogitabo tibi oes annos meos in ama-
ritudine animæ meæ: } Como se differa:
Meditarey, como pôba cuidarey, & ante
vossos olhos estarei trazedo á memoria to
dos os meus annos gastados é tribulações
& angustias de minha alma. E el Rey Da-
nid: Trabalhey em meu gemido, lauarey
cada noyte o meu leito, resoluerey & des-
farey meu coraçā em chuuia de lagrymas,
com q̄ regue o meu estrado. A estes dous

Psal.6.

Ierem.9. reys desejava de imitar o scto Propheta
Ieremias, quando pedia a Deos, q̄ couer-
tesse sua cabça em agoa, & scusolhos em
diluuiio de lagrymas. Isto fazião os santos
no deserto, quando soltauam os olhos ao
choro, ajuntando é seu pranto o dia com
a noy

à noyte. Essa autoridade, disse o Italiano,
q̄ vos trazcys das pombas, tenho eu, que
milita cōtra vos, & che hū grāde argumen-
to contra a vida solitaria. Porq? pergun-
tou o Portugues. Porq se a vida solitaria,
disse o Italiano, forá mays excellēte que
a politica, mandara Deos que lhe offere-
ceram melroas & solitarios, q̄ viuem em
apartamento, & nam pōbas, que viuem
em seus pombas em congregação, & sam
aues domesticas & cōmunicatiuas. Esse
disse o Framengo, he marauilhoso argu-
mento. E bem creo eu, que se vos Senhor
atétareys pera o que auieys de dizer, nam
o differeys, porq vos nam podeys negar,
que pellas pombas se entéde a vida aeti-
ua, & se ella forá má, nam mádara Deos
que lhas offereceram: Nem eu digo, disse
o Portugues, que he ella má, se não muy
to bōa, & ainda vos digo, que catos hahi,
em que a aetiua se ha de preferir á cōtem-
platiua, como mays fructuosa em muytas
couſas. Mas nem por iſſo se conclue, que

Ll ij tim

DA VIDA SOLITARIA

Leuit.12. simpremente falando, he milhor que a contemplatiua, porque tambem Deos mandaia que lhe offerecessem rolas, que sam aues solitarias, amadoras de lugares tristes & apartados, pellas quaes se entende a vida contemplatiua, como o afirma o venerael Beda sobre o segudo capitulo de sam Lucas, declarando aquellas pa-
lauras: { Par tur turum, aut duos pullos co-
lumbarum. } Dous generos de aues ma-
daua alli Deos que lhe offerecessem, ro-
las, & pom bos, pellas rolas se entende a
vida comtemplatiua, & pellos pom bos a
actiua. Estas sam as duas vidas dos homens,
porq a outra que he gastada em seruiço
da vontade, empregada em vicios & de-
leitações, não he de homens, mas de bru-
tos animaes, por isso falarey agora da a-
ctiua & cõtemplatiua, que sam as de que
Deos se serue. E destas duas digo que a
contemplatiua he mays accõmodada á
limpeza & pureza dalma. Isto quis signi-
ficar a diuina escriptura quando diz no

liuro

Beda.
Luc.2.

liuro dos Numeros, que pera Maria irmã Num. 12.
de Moyses ser saá da lepra, a mandou
Deos estar sete dias separada da gente: &
quando d.z no Exodo, que a mão de Exod. 4.
Moyses recolhida no seo estaua saí &
saída fora ficaua leprosa. Dondes se colhe,
que a vida solitaria & recolhida he gran-
de remedio peca euitar peccados, & grá-
de mezinha peca a lepra alma. Quem
quiser sarar da lepra de suas culpas, apar-
te-se de más conuerlações, & metase no
seo de si mesmo, entrando em conta com
figo, & auera laude & repouso. E como e-
stas coisas alegrem a alma, segue se que a
vida solitaria & contemplativa traz com
figo spiritual contentamento. Verdade
he que hahi muitos, que lho não acham,
mas isto nam he por defeyto della, mas
delles. Assi como os maos humores sam Compa-
causa do estímago nam achar gosto nas raçao.
bōas igoarias, assi os maos custumes fazē
alma nā gostar dos suaves contentame-
tos da vida solitaria. E daqui se cōclue, q-

DA VIDA SOLITARIA

os religiosos que não gozão do recolhimento, mas folgão d'andar distraydos &

Compa. vagabundos, trazem n'alma algúſ maos
raçam,

humores. Assi como aruore prantada nū
jardim fechado aproueita cō seu fructo a
seu dono, mas prantada no caminho he
colhida & apedrejada dos caminhantes,
assi o religioso recolhido dá fructo de re-
ligião, mas se anda traſtornado & emba-
raçado em negocios & distrações, he rou-
bado dos pensamentos, que passam pelo
caminho de seu coração, sem aproueytar
com obras de ſpirito, nem com fructo de
deuação. E esta he a causa de não ter o spi-
ritual contentamento, que tem os con-
templiuos, aos quaes descobre Deos
grandes mysterios. Isto quis significar a
Hieron. sancta eſcriptura nas duas irmãas Lia &
Rachel, quādo diſſe, que Lia tinha doen-
tes os olhos, & Rachel ſáos & claros, porq
per Lia, que, como diz sam Jeronymo,
quer dizer trabalhosa, fe entende a vida
actiua, & per Rachel, q̄ como elle mesmo
diz

diz, quer dizer cousa que ve a Deos, se entende a contemplatiua, que tem excellentes visões do alto Deos, & ve mays que actiua. E porque primeyro ha a vida actiua que a contemplatiua, diz a escriptura, que Lia nasceu primeyro, & casou primeyro, que Rachel. Donde veo a dizer sam Ieronymo na epistola a Rustico mo- Hieron. ge, que quem quiser tomar vida eremiti- ca, se exerceite primeyro na actiua. E sam Gregorio diz, que quem deseja subir á Gregor. torre da contemplação, se ha primeyro de exercitar no campo das bôas obras extiores. De maneyra que quem quiser alcançar o cumê da vida contemplatiua, ha primeyro de ganhar soldo no arrayal da actiua, debayxo da bandeyra de Christo. Porqué querer entrar logo de supito na contemplação, sem primeyro devxar os peccados, & exercitarse nas virtudes, ha cousa de pouco fructo, & ainda vosdi- go, que de muito perigo. Se hú falcão está- Compa- do núa torre, atado a húa pedra com hús raçao.

DA VIDA SOLITARIA

piós, quiser voar ao alto, & penetrar as nuvens com a força de suas asas, caso que cō o primeyro impeto se mouia com tanta furia, que leue cōsigo a pedra, & voe algú tanto, todavia com o peso da pedra ha de cayr, & por ligeyro & voador que seja, ha de dar comsigo em terra, & em vez de subir pera cima, decerá pera bayxo. Bé assi o que quiser contemplar os altos & diuinios mysterios, estando atado cō os piós do custume á dura & carregada pedra do peccado, bem pode começar a meditar & contemplar, mas em fim com o peso do peccado & vida estragada dará grande quedá, & em vez de subir pera cima, dará comsigo no fundo. He isto como hū dos

Alciato. emblematos de Alciato, onde me lembra que vi debuxado hū minino com húa mão alcuantada com asas nella, como q̄ queria voar, mas não sobia, porq̄ na outra mão, que estaua pendente, tinha atado hū grande peso, que tiraua per elle para bayxo, & o leuaua ao fundo. E ainda

que

que elle isto applique a outro propósito;
 eu applicoo aomeu, aproueytando-me a
 qui do debuxo, que fez, mas não da ren-
 ção, com que o fez, nem da significação, q
 lhe deu. O que se colhe daqui he, que a
 vida pera ser contemplativa ha de ser lim-
 pa de peccados, que he o que querem si-
 gnificar as diuinias letras, quando dizem
 no Leuitico, que não entraua Aaron no Leuit. 16
 sancta sanctorum, sem se primeyro lauar.
 E o que Christo diz em sam Mattheus, q Matth. 5
 bemauenturados sam os limpos de cora-
 ção, porque elles verão a Deos, que se en-
 tends de não somente da visam beatifica na
 gloria, mas ainda da q neste mundo se al-
 cança per contemplação. Per onde está
 claro, quanto os homens deuem trabalhar
 por se darem á vida contemplativa, poys
 tem tão excellentes visões & reuelações. E
 além disto he ella mais pacifica que a acti-
 ua, & mays acópanhada de confiança, &
 mays reposada, q sam tres cousas grádes,
 & dnas d'ellas empregarmos os desejos.

Todas

DA VIDA SOLITARIA

Todas estas tres cousas tocou breuemé.
Esa.5. te o diuino Propheta Esaias aos trinta &
dous capítulos de suas viſões, quando dis-
ſe falando da vida contemplatiua. (Sede-
bit populus meus in pulchritudine pacis,
& in tabernaculis fiduciae, & in requie opulenta.) Como se dissera estará o povo
dos contemplatiuos assentado na feci-
fura da paz, & nos tabernaculos da con-
fiança, & no rico repouso.

Em dizer que estará assentado, & não andará em pé, nota a vida contemplatiua, o que si-
gnificou sam Lucas, quando disse, que

Luc.10. Maria Magdalena estava assentada aos pés de Iesu, & que Martha andaua em pé
folicita & turbada, porque a vida conté-
platiua significada per Maria consiste em
repouso, & a actiua significada per Mar-
tha em mouimento. He tão alta cousa a
vida contemplatiua, que consiste nella a
bem auentutança, que hū homē neste mu-
ndo pode alcançar. E que isto assi seja, pro-
uo o desta mancyra. Sentença he não so-

men

mēte dos philosophos, mas dos theologos,
que a summa bema uenturança desta vi-
da consiste na obra da virtude, & como
aja duas maneyras destas obras, hūas do
corpo, outras dalma, & as dalma sejão
mays excellentes que as do corpo, elas
está, q nas obras dalma consiste a summa
felicidade, & como alma tenha três po-
tencias, memoria, entendimento, & vol-
tade, & o entendimento seja a mays illu-
stre & excelente de todas ellas, segue se q
ha de ser na obra delle, & como a obra
do entendimento seja contemplar, clara-
mente se conclue, que na contempla-
ção consiste a summa felicidade desta vi-
da. Mas esta contemplação, como ja dis-
se, ha de ser liure de peccados & accompa-
nhada das virtudes assi theologaes como
moraes, de maneyra que o contemplati-
vo resista a todas as más tentações, esperi-
tando a razão, & fortalecendo com ella a
torre dalma, atalhando de tal maneyra
os passos á sensualidade, & cerrando cō
tanta

171 DA VIDA SOLITARIA

canta força as portas aos maos desejos, q
per nenhúa via possam entrar & meterse
dentro na fortaleza d'alma, & tomar pos-
se deila, antes ha de ter tal vigia & con-
templaçam, que estando na terra che-
gue com as ameas ao ceo, & este á vista da
gloria dos santos conuersando ja com el-
les, & abrasandose na bemauenturada
chama do diuino amor. Esta he a perfei-
ção da philosophia Christam, & aquelle
alto estado, a que o homem nesta vida
pode chegar; & pera o alcançar he neces-
sario deyitar o caminho do appetite, &
entrar no do Spirito com a guia da razão
pedindo sempre a diuina graça, & o lu-
me do Spirito sancto.

CAPIT. XI E FINAL.

Em que o Portugues mostra que a contem-
plaçao conuem ao homē segundo a mays
excellente das potencias d'alma, &
conclue sua pratica, & o Ita-
liano declara o que vio
& notou em Por-
ugal,

COMO



Omo o homē conste de duas partes corpo corrumpivel & caduco, & alma racional & immortal, a qual cotejada com o corpo se pode chamar cosa diuina em respectamento da humana, & a contemplação convenha ao homē segundo alma, & segundo a mays excellente de suas potencias, q̄ he o entendimento, segue se que lhe conue segundo aquillo, que nelle heracional & immortal, & mays alto & excellente. E como quer que o homē seja nesta parte differente dos brutos animaes, tendo a outra, q̄ he o corpo, com elles commū, segue se q̄ a contemplação conue ao homē segundo aquillo, q̄ o faz homē, & differente dos animaes irrationaes, & per conseguinte q̄ he mays segudo sua natureza, pois consiste nas obras d'alma intellectual, que a vida actiuia, que consiste nas obras do corpo, o qual he commū ao homē cõ outros animaes. E como naquillo, q̄ he mais segudo nossa

DA VIDA SOLITARIA

nossa natureza, achemos mays deleytação & suauidade, seguese que a vida contemplatiua he mays deleytosa & suave q̄ a actiua. E se lhe nōs não achamos este gosto, he porque nō viuemos segundo a natureza, mas seguimos sua corruptam.

Quanto mays que ainda que a vida contemplatiua nō fora mays segundo nossa natureza que a actiua, bastaua pera lhe acharmos mays gosto ter ella por objecto a Deos, tendo a actiua como tem por objecto ao proximo, quero dizer que a vida contemplatiua direyta & immediatamente pertence ao amor de Deos, & a actiua mays directamente se ordena ao amor do proximo, & o diuino amor traz consigo suauissima deleytação. E dado que a vida contemplatiua quanto á mesma essencia da accão pertença ao entendimento, todavia quanto ao que o move a exercitar a tal operação pertence á vontade, donde procede o amor, & onde está as virtudes moraes, as quaes ainda que essencialmente

não

não pertençāo á vida cōtemplatiua, per-
tencem lhe dispositiuamente. Por estas
& outras muitas razões conclue sancto
Thomas na secunda secudæ, que simple- Thomas
mente falando, a vida contemplatiua he
milhor, & may excellente, & de mayor
merccimento, que a actiua, com o qual se
vão communmente os outros doctores,
que depoys delle tractarão esta materia:
porque todos, os que teuerão altos spiri-
tos, & quiserão falar propria & grauemē-
te, & defender a verdade com modestia,
se arrimarão á doctrina & modo de san-
cto Thomas pedra preciosissima & gloria
da ordem dos pregadores, como a firme
coluna, cofre & receptaculo das verda-
des theologicas, & o seguirão como a prí-
cipe, que elle he dos doctores scholasti-
cos, muitos dos quacs eu aqui pudera al-
legar, pera prouar minha conclusam.
Mas pera que he gastar tempo em recitar
doctores, poys sabemos que aquelle do-
ctor diuino, que deceo do cco á terra

Mm pera

DA VIDA SOLITARIA

perá ensinar o caminho da verdade aos
mortaes, que andauão embrenhados nas
matas de sua ignoracia, preferio clarame-
te a vida contemplativa a actiuia, quando
dile fazendo cōparação de Martha a Ma-
ria, que Maria escolheta a melhor parte.

Luc. 10. Estauão alli as duas vidas, & a fonte da vi-
da preferindo húa á outra, não q condé-
niasse a actiuia, mas, como diz São Au-
gustino,

fez ante' ellás diferença, & appro-
vando as ambas, mostrou ser a contempla-
tiva melhor que a actiuia. Esta lie a verda-
de, esta he a doctrina de Christo, & não te-
que duvidar a malicia humana, no que af-
irma a bondade divina. Hetão sublime a
contemplação, que muitas vezes está hu-
mectado enleuado, que a mente não ca-
bendo em si se alegranta sobre si mesma, &
como chama de fogo parece q cresce p'a
cima, inflamada do fogo do divino amor
& desejo celestial. E ás vezes alunyada cō
o divino resplendor, suspensa com admira-
ção da divina feruofura, cheia de fú-
lissi

missimo contentamento, he arrebatada &
enlevada, & como engolfada no pego da
doçura & charidade sente tão marauilho-
sa consolação, que senão pode per pala-
vras exprimir, porque passa além da raya
& demarcação do juyzo vulgar. E poys
na vida solitaria se acha tão grande bem,
& os dados a ella com suas orações, & es-
cripturas, & contemplações, & exemplo
de vida a proueitão não somente a si, mas
a todos, está claro, que he ella mais excel-
lente, & fructifera no espiritual fructo, &
de mais alta empresa, que a publica & da-
da a negocios. Verdade he que a vida mi-
sturada de actiua & contemplatiua he de
mays quilates que a cõtemplatiua só, por
que tem húa cousa & outra, em especial
sendo mays da contemplatiua, de ma-
neira que acudindo em seus tempos á
contemplação & accção, he que o prin-
cipal, & a substancia, & o nome da vida
cõtemplatiua & solitaria. E cõ tudo isto
digo q a vida solitaria & contemplatiua

Mm ij não

DA VIDA SOLITARIA

Compa- não he pera todos. Assi como núa não hūs
raçāo. mandão, outros obedecem, hūs estão na
proa, outros na popa, outros na cuberta,
hūs alargão, outros tirão, hūs tem hū offi-
cio, outros outro, porque a estarem to-
dos núa parte faria a não pendór, & a te-
rem todos hū officio, não se poderia go-
uernar, assi na repubrica hūs hão de con-
templar, outros hão de despachar, hūs hā
de rezar, outros de pelejar, hūs hão de cul-
tiuar a terra, outros hão de reger a cidadē,
finalmente hūs hão de ter hū officio, ou-
tros outro, porque a todos quererem fa-
zer húa mesma coufa, a repubrica pen-
deria á banda, & nam se poderia su-
stentar. Isto he o que se me offereceu,
pera apontar acerca da vida solitaria, &
nisto não tenho mays que dizer. O que
vos peço he, que leueys em conta mi-
nhas palauras mal cerceadas & pouco po-
lidas como ferro martelado sem mays li-
ma nem perfeyçāo. Assi como o nouel &
raçāo. bayxo illuminador não sabe mays que
assen

assentar as principaes linhas do debuxo,
 sem asornar com a lindeza & fermosura
 das viuas & naturaes cores,nem sabe per
 arte de perspectiva fazer patecer altos
 & bayxos,& longes & pertos na palaura
 igoal,assí eu estive debuxando com as li-
 nhas de minhas rudes palautas a vida so-
 litaria: E isto,que disse,he húa imagé & re-
 tracto della,não seyo per mão do nosso
 Olanda,nem do vosso Michaël Angelo,
 mas per meu bayxo ingenho,sem afermo-
 sentar o debuxo com o lustro,& viueza,
 & sombras,& perspectiva,da eloquencia.
 Tudo isto he húa fiado grosso , tirado de
 meu estudo,ordido em minha fraca me-
 moria,cecido & laurado com a fragil mão
 de meu bayxo ingenho, & barbaro esty-
 lo. Por certo,disse o Italiano, vos tra-
 stes esta materia com tanta erudição,&
 tambem trazida,assí das letras diuinias co-
 mo das humanas.& com tão claro & di-
 stincto estylo,que senão pode melhorar,
 nem ha contra isto que dizer.Ca poys he

Mm ij tāma

DA VIDA SOLITARIA

tāmanho o fructo & repouso da vida solitaria, quē será tão alheo de consideração; que avitupere, quem será tão ímigo da espiritual riqueza, q̄ a não deseje, poys não ha no mundo tão rica tenda, nem mina tão chea de tão preciosos thesouros? E ainda que no principio contradissemos vossa opinião, nā vos pareça que estauamos contrayros a ella, que bem sabiamos quanta excellencia tem a vida solitaria sobre a publica & secular, mas quisemos oppugnar vossa sentença pera vermos a oratoria, com que a defendieys, que certo nos fatisfaz muito. Ao menos eu, disse o Framengo, tenho tanto contentamento com vos ouuir, que não sinto agora coufa, q̄mo tanto podera dar. Queyra Deos, disse o Italiano leuarnos a Bolonha, & acabada nossa peregrinação darmos essa vida solitaria, que tanto engrandeceste, q̄ certo vimos cansados d'andar pelo mundo vēdo diuersas terras, & varios custumes. Folgára desaber, disse o Portugues, o

que vos moueo à cesta peregrinação. Ainda, disse o Italiano, q̄ se ajuntarão mycas couſas, todauiia a principal foy, ver homēs doctos, & cōmunicar cō elles. Excitoumos muito a isto lermos nas antigas historias, que o famoso Pythagoras foy á cidade de Pythagoras Memphis, & correuo Egypto, pera ver os ras. fabios, q̄ nelle residião. E Platão q̄ na ſcié Platão. cia véceo os philosophos, & na eloquēcia deyxou a tras os oradores, vco de Athēnas áq̄lla parte da noſſa Italia, q̄ naquelle tempo fe chamaua a grāde Grecia: & agora fe chama Calabria, aver fe com Archilas o philospho Tarétino. Poys Homero, ao qual per consentimento de toda a Grecia foy dada a palma da poëſia, & co metido que emendasſe a lingoa Grega, como o affirma Archiloco Chonogra - Archiloco no seu liuto dos tempos, pera mostrar a perfeyçao do seu Uliſſes diz delle, que viu mycas couſas no mundo, & que passou grandes trabalhos per mar & per terra: o que tambem faz Vergilio ao

Mm. iiiij seu

Vergilio

DA VIDA SOLITARIA

seu Eneas. E acabou nos de mouer a isto
Philoſt. Philoſtrato historiadour antiquo na vida
Apolon. que escreuço de Apolonio o philosopho,
onde diz delle que foy a Persia, & paſſou
o alto monte Caucaso, & atraueſſou a
terra dos Albanos, Scytas, Maſtagétas, &
entrou na India Oriental, & paſſou o pro-
Hiarcas. fundo rio Gáges, por ir ver Hiarcas o phi-
losopho, que lia na academia do Oriente.
E dahi deu a volta pelos Elamitas, Baby-
lonios, Medos, Assyrios, Parthos, Paleſti-
stinos, Egypcios, & Ethiopicos. Em ſim q
andaua apos as letras, que parece que lhe
hião fugindo pelo mundo, & hia buscar-
do homens doctos, com que communicaſ-
ſe, & de quem aprendeſſe, & pera que viſ-
ſe os custumes, trajos, leys, regimentos, &
diuerſidades de gouernanças das reſpu-
bricas, reynos, & imperios, & os edificios,
& ſitios & nobreza, das cidades, com suas
antigualhas, & outras couſas, que ha pelo
mundo, pera ver: & com ter andado tan-
tas terras lhe parecia ainda q erão poucas.

&

& a nōs com termos visto poucas, nos pa-
recem muytas, ca nāo vimos mays que
Italia com o Piamente, & França com
a Saboya, & hū pedaço de Frandes, & E-
spanha com seus reynos & prouincias.

Que couſas, diſſe o Portugues, notaſteſ em Portugal, q̄ vos milhor pareceſſem?
Muytas, respondeo o Italiano, mas de to-
das tocarey ſomente algūas poucas. A pri-
meira foy o zelo da fé dos principes, & ſua
virtude & religião, com q̄ excitā o pouo ao
meſmo. A ſegūda ver a cōtinua paz, q̄ té
cō os Christãos, & appetua guerra cō os
infieys. A terceyra ver o grande amor
que todos os Portugueses tem commun-
mente a seu Rcy, porque eu perguntey
por el Rey Dō Ioão o terceyro deſte no-
me, que pouco ha faleccio, a muitos Por-
tugueses, & nāo ouue menhū que o nāo
iouuaffe com palauras de muito amor
& lealdade, com muyta dor de ſua mor-
te. Nāo he muito, diſſe o Portugues, por
que aléim d'os Portugueses terem iſſo que

Mm v di-

DA VIDA SOLITARIA

dizcys,era esse Rey,que nosso Senhor tē
em gloria,digno de ser amado de todos,
porque foy elle muy catholico,& amado
das couzas de Deos,prudente no conse-
lho,humano na audiencia das partes,lar-
go nas merces,certo no q̄ prometia,gra-
ue no que mādaua,justo no que julgaua,
sofrido & constante no que lhe succedia,
conseruador da paz,fauorecedor das le-
tras,pay das religiões,amigo de seu povo,
finalmēte teue todas as partes,que ha de-
rer hū Rey catholico ,pera se com razão
poder chamar serenissimo,& verdadeyro
principe Christão. Essa he logo a causa,dis-
se o Italiano,de todos sentirem sua mor-
te,& representarem a dor,que teuerão cō
ella,com palauras de muito sentimento.
Bem que a isto ajuda muyto a lealdade
dos Portugueses afamada per todo o mū
do,a qual além de se mostrar em muitas
couzas,se ve claramente na conquista de
Africa & Asia,que tendo elles conquista-
das muytas cidades,& grandes reynos,

&

& ganhadas as Indias, até o cabo do mundo, onde fezerão em armas façanhas tão espantosas, que excederão as dos Gregos & Romanos, & alcançarão per si perpetua memória, nunca lá ouue Portugues, que se alleuáasse & rebellasse a seu Rey, o que nunca me lembra que lessie de nenhā outra nação. A quarta cousa foy a vniuersidade de Coymbra, outra Atheneas de Grecia, chea dos mays excellentes letrados da Europa em todas as faculdades. A quinta foy a nobreza, riqueza, grandeza, & sumptuosidade de Lisboa, cidade antiquissima, & edificada pelo grande Vlisses, com o mayor & mays rico almazém do mundo, situada ao longo do Tejo, onde se elle com suas salgadas agoas alarga tres legoas, apardendo se vay meter no gram mar Oceano, rio famoso, rico é pescaria, & arcas d'ouro, como o affirma Plinio, & o confirma Solino, & outros authores. O qual Solino tomou este nome de Tago, quinto Rey Tago, de

DA VIDA SOLITARIA

Beroſo. de Eſpanha, tam antiquo, q̄ affirma Beroſo neste liuro, que delle temos, que foy trezentos & ſetenta & oyto annos antes da fundaçāo de Troia. Ainda que hū vofſo Portugues diz, q̄ nam he eſte liuro de Beroſo, & fez contr'elle & contra algūs outros hūas censuras, que a meu ver mereciam censuradas: ſem embargo que he elle muyto docto, & de varia erudiçāo, & grande eloquencia. Mas tornado a Lisboa, digo que me parece, que o mūdo he hum anél, & ella he a pedra preciosa do anél. Pareceme q̄ he Lisboa hūa praça & feyra de todo o vniuerso, & o porto de Belem he a boca desta praça, ondē eftá ſituado o mays bello, & ſumptuoso, & inſigne moſteiro, de quātos ſe ſabem no mundo, pouoad o de muytos religiosos, & excellētes varões affi nas virtudes como nas letras. A eftas palauras ſe não pode ter o Portugues, que nam derramafte hūas raras lagrymas de ſoydade, que nam pode encobrir, ca o amor venceo a diſſimulaçāo.

Iacão. Aqui ficou o Italiano algú tāto leado, mas logo lhe pareceo, que o Portugues, que religioso era, deuia ser daquelle mosteyro, pelo habito de S. Ieronymo, q trazia, mas pa se certificar perguntoulhe que causa forá a daquellas suas lagrymas. E bē lhe quisera elle a isto respôder mais sobresi, se a multidão dellas lhe não fora à mão: mas assí como pode lhe disse que se mouera cō ouuir nomear o mosteyro de Belém, onde elle viuera muitos annos cō muito contentamento, & que lhe fezera tāta tristeza a soydade da sua cella, & da doce & sancta cōuersaçāo dos religiosos, que não podera ter as lagrymas. Entā lhe contou brevemente como fora enuiado sobre negocios da ordé, & tornaua caminho de Belém. Deos vos leue lá, disse o Italiano, cō paz & a saluamēto, & de sim a nossos trabalhos, & perigos, q certo temos passado tātos, q senão podē cōontar. Pelos q eu passey, disse o Portugues, julgo os q vos passarieys, & se eu não desejo sim

DA VIDA SOLITARIA

aos vossos, nūca a eu veja aos meus: Mas
como ver muitas cousas açacala o inge-
nho, & desta vossa peregrinaçā vos resul-
ta muita experiençia, & prudēcia, & co-
nhecimento de grandes & varias cousas,
daya por bem empregada: q em fim quē
alcançou algūa notauel coufa, q lhe não
custasse pena, nūca della teue muito go-
sto, ca então he mays estimada a honra,
quando as pessoas com mays risco se aué-
turão a alcançala. O que vos peço he, q
busqueys hū repouso solitario, & vida
quieta, pera descanso de vossos trabalhos
acabada vossa jornada, q assi espero eu
em Deos de fazer aos meus acabada a
minha. E então tirarey a limpo algūas
cousas insignes, q vi p estas terras, & pa-
sey cō homēs de ingenho, q pretendem
abalifarse no estudo das letras, & na liçāo
das historias antiguas, & no conhecime-
to de diuersos custumes, & varias terras &
nações, em especial esta práctica, que aqui
tiuemos, cy de por em língoaage Portu-
guesa

guesa, p'ra a poder em Portugal cõmu-
nicar com meus amigos. E porque isto he-
noyte, recolhamos pa o lugar, q daqui
está parecendo logo além desta ribeyra.
Recolhamos, disse o Italiano, poys se nos
encubriu de todo a clara luz do sol, dey-
xandonos metidos na escurasombra da
terra. Pouco empedito faz, disse o Fra-
mengo, a escridão do ár, quādo a luz do
entendimēto fica cō seu resplendor. Digo
isto, porq ha muitos dias q desejava d'ou-
vir tractar esta materia da vida solitaria,
porq tene o hūs suspiros della, assombra-
uame p outra parte húa neua de temor,
que me cubria o entendimēto a qual cō
esta practica fice desfeyta, & elle allumia-
do com o conhecimento de muitas cou-
faseim tão breue espaço alcançadas, q pa-
rece q se anticipou o effeito ao desejo. Ni-
sto se aleu antara todos tres, & se forão à
ponsada praticando em seus trabalhos, &
consolandose hūs aos outros, ca o espíri-
to cansado quer com quem descansar.

Fim do dialogo da vida solitaria.

DIALOGO

DA LEMBRANÇA DA MOR-

te. Interlocutores hum pay

& hum seu filho.



CAPITVLO I.

¶ Do descuydo, que temos na vida, &
da lembrança que deuemos
ter na morte.

M ITALIA ANTRE

 Sena & Florença estan-
do hú homē nobre, &
dado ao estudo das le-
tras em húa quintā sua,
saiu húa tarde passear
ao campo, onde topou hú seu filho, que
sayra de casa ao mesmo effeyto. E estan-
do o filho vendo hūs vultos de pedra, que
alli estauão, que deuião ser estatuas d'al-
gūs antiguos, que ouuerão algúia assinada
victoria naquelle campo, onde estauão
algūs ossos de finados, como que se dera
alli

alli em outro tempo algúia batalha, per-
guntoulhe o pay que fazia. Estaua consi-
rando, respondeo elle, o artificio, propor-
ção, & viueza destas imagés, que com se-
rem com o longo tépo gastadas na lágúas
partes, o que está tão nas outras, está tão
viuo, & tanto ao natural, que engana os
olhos de quem as vê. E despeçamento
fui saltar noutro, que me tem posto em
admiração, que he contemplar a muyta
diligencia, que põe os homens em querer
dar vida ás cousas mortas, & morte ás
cousas viuas. Querem mostrar que dão
vida ás pedras, & não atentão que a tirão
á almas, quando as matão spiritualmen-
te pelo peccado. Folgo, disse o pay, de te-
ver occupado nesse pensamento, que eu
ja per vezes tiue. Porque ás vezes pondo
os olhos nestas estatuas, & vendo a p-
feyção de suas feyções, estou adm:
de ver o muito cuidado, que põ-
més pera as pedras parecerem
o pouco que tem pera os h-

185 DA LEMB. DA MORTE

regerem pedras. Viuemos tão esquecidos
de nós, & tão estrangeiros do que temos
por natureza, que com razão podemos
ser comparados a estas pedras insensueys,
que tendo olhos não vêm, & orelhas não
ouuem. Voa o tempo, & vay com seu dis-
curso annullando & consumindo as cou-
sas, & a nos parecendo que senão muda-
spassa nossa gloria, como se nunca fora, &
cuidam os que sempre fica: ameaçanos a
idade com a fim, & viuemos com o som-
no quieto decteydados de seus sobresal-
tos: famí as couças do mundo óeas & vaás,
& temolas por solidas & maciças: sam tão
inconstantes, que não tem mais constan-
cia nem firmeza, que nunca serem con-
stantes nem firmes, & nos temolas por
de tanta constancia & firmeza, que lhe
não pode faltar perpetuidade: & finalme-
ndo tão delordenadas, que não tem
dem, que em a não terem, imagi-
cidas de tal ordem; que não
ordem. Quo pensamentos
teria

terião ja aquelles, cujos ossos v̄es semeados per esse campo? Aquellas pernas que caminhos andarião? Aquellas caueyras que imaginações esterião, quão infunadas nas falsas esperanças do mundo serião, que castellos de vento farião? E em sim olha o em que se tornáráo, & o em que todos nos auemos de tornar. Segundo minha idade não pode tardar muyto a minha hora, que ja se me vay pondo o sol da vida, & vou ja nas compretas de minha peregrinação. A tua hora não sey quando será, que ainda não saiste dos termos da adolescencia, mas em sim as de ter sim. Estas cousas queria eu filho que tu muitas vezes reuoluesles na memoria porque he grande freo peta o descuydo da vida a lembrança da morte. Eu filho, tenho eu bē experimētado muitas vezes de temal arrecadac samēto, me foge cō grāde p diçā do & anda vaguado, & fantasiado mil dades, & prometendo me vida perpe

DA LEMB. DA MORTE

Mas quando vejo o fundo ás cousas, &
conforme ao conselho que me Senhor
tendes dado, cuido na morte, & como
nos Deos tem sentenciado a ella, & me

Hebr.9. lembra aquillo de sam Paulo: Determinado he aos homens morrer húa vez, & aquillo que diz a igreja: Lembrate homem que escinza, & que te as de tornar em cinza, incende per dentro: & tornando sobre mestou pôsmado de minha ignorância: & comparome então a padecente sem juizo, que sendo condenado á morte, assinada & publicada a sentença, & dados os pregões, indo caminho da morte vay com confiança da vida, deleytando-se pelo caminho em vãos pensamentos, & apascentando os olhos com a termos de lecytos campos. O que tu fizeres o pay, has de fazer acerca do pêito, ha de ser telo preso em ferros escrauo fugitivo, & occupalo em cos exercicios. E quando te fugir, hú n remedio pera o arrecadares & tor-
nareis

nates a seu lugar he essa lembrança da morte, que dizes. E has de andar cuy dando, & dizendo contigo mesmo: Eu caminhão pera a morte, vou a juyzo, hão me de tomar conta, & per força a hey de dar. Que será de mí, quando forem abertos os liuros, & o caderno de minha vida a auerigoar com o liuro da diuina justiça? Nisto has muitas vezes de meditar, & haste cada dia de ordenar, como se soubes ses que aquelle dia auia de ser o derradeyro de tua vida, & ter a sim diante dos olhos. Em sim se queres ser quem deues ser, lembrete do que has de ser, porque a memoria da morte te fará cayr na conta de quem es, & conhecendo tua miseria não admittirás as vaás & lisonjeiras esperanças do mundo tão peregrinas & alheas de teu natural. Os olhos vendo as outras cousas não vem a si mesmos, mas vendos hú espelho vem se a si nelle: assi nós conhecendo as naturezas das cousas do mundo viuemos sem conhecimento de nós:

Nn iij mas

DA LEMB. DA MORTE

mas tomando na mão o espelho da memória da morte, vendo a elle vemos nelle a nós mesmos. E aproneytanos esta visita pa abater nossas soberbas vaás, & faz desfazer a roda de nossa presumpção, & excitarnos a temperar & moderar os gostos & aluoroços do mundo: & finalmēte aproneytanos pera não peccarmos. E daqui veo a dizer a escriptura sagrada no Eccl^{esiastico}.

Eccles.7 Lembrate das tuas cousas deradeyras, & nunca peccaras. Prophetizádo Esaias a destruyçāo da soberba Babylonia, quando os Perfas & Medos regarão suas ruas com o sangue de seus moradores, diz: Nunca isto cuidaste, nem te lebraste da fim. Onde attribue as desfaturas dos Babylonios ao esquecimento da morte, com que vivião. A mesma consiração tinha Ieremias, quando chorando a destruyçāo de Ierusalém com tanta magoa, que não auia que delle a não ouvesse, soltou na primeira lamentaçāo estas palavras: Peccou Ierusalém, & por isso foi perdida

perdida. E declarando estes peccados dis-
 se: Não alimpon as çugidades dos pés, né
 se lembrou de sua fim. Como se differe: A
 causa da perdição dos moradores de Ie-
 rusalem toy desfuydo na vida & esqueci-
 mento na morte, porque não lauatão as
 affeyções, que sam os pés d'alma, que ti-
 nhão çujos & contaminados, nem se lem-
 brarão que auião de morrer. No Deute- Deuter.
 ronomio falado a ecriptura nos homens 32.
 esquecidos de Deos, diz: Gente sem con-
 selho & sem prudencia, trouuesse a Deos
 que sou beslem & entédessem , & troues-
 sem as couzas derradeiras. Estas couzas vi-
 timas, q auemos de prouer, & em que auem-
 os de cuydar, pera nos saluarmos, sam
 as diuersidades de mortes , que cada dia
 sacontecem. Alludindo a isto sam Ierony Hieron.
 mo núa epistola a Cypriano diz: Acorda-
 te de tua morte, & não peccarás que a-
 quelle que cada dia se lembra que ha de
 morrer, despreza as couzas presentes, &
 caminha de pressa pa as futuras. Santo

Nn iiiij Au.

DA LEMB. DA MORTE

- August. Augustinho diz que nenhūa couſa affi reuoca do peccado como a frequente meditação da morte , & chama h̄o remedio da culpa. Isto sentiabem Philonorio Galata, como conta Herachides , & refereo Marullo author moderno , que scys annos morou em sepulchros de mortos, pera se lembrar da morte. E dos Brachmanes philosophos orientaes contão as historias, que andauão tão metidos per este pensamēto, que tinhão abertas as sepulturas ás portas de suascasas, pera que entrando & saindo per ellas não perdessem da memoria a lembrança da morte, pera não peccarem. E poys da lembrança da morte procede cuitar peccados, segue se q̄ do esquecimēto della p̄cede cometelos.
- Philono. Philono sentiabem Philonorio Galata, como conta Herachides , & refereo Marullo author moderno , que scys annos morou em sepulchros de mortos, pera se lembrar da morte. E dos Brachmanes philosophos orientaes contão as historias, que andauão tão metidos per este pensamēto, que tinhão abertas as sepulturas ás portas de suascasas, pera que entrando & saindo per ellas não perdessem da memoria a lembrança da morte, pera não peccarem. E poys da lembrança da morte procede cuitar peccados, segue se q̄ do esquecimēto della p̄cede cometelos.
- Heracli. Não somēte os Christãos , mas ainda os gentios entenderão quanto a lembrança da morte a proueitava. Seneca nūa epistola, onde trâta do aparelho pera bē morrer, diz: Tu pa q̄ n̄i temas a morte, cuya da nel.
- Marullo. E Quintiliano na seguda declamaçō diz
- Seneca. Seneca nūa epistola, onde trâta do aparelho pera bē morrer, diz: Tu pa q̄ n̄i temas a morte, cuya da nel.
- Quintil. E Quintiliano na seguda declamaçō diz

diz, q̄ não ha pior morte que á q̄ vem to da junta, sem se antes cuidar nella. Lembrame que li em Herodoto author Gre- Herodo- go & antiquo, que era custume antre os Egpcios no principio dos banquetes tra- zer á mesa húa figura de pao d'hu homé morto muyto pelo natural com aquella cor, com que a morte cobre aos seus convidados, & o que a trazia dizia a cada hu per si: Quando comeres, & beberes, & te deleytares, olha pera esta figura, que tal has de ser. Aquella era a primeira igoaria, que se trazia á mesa, que era a salsa, em que todas as outras se molhauão. Em muitos dos banquetes d'agora se comé vidas alheas, & naquelles se moderauão as proprias. Assí como agora a ordinaria igoaria he a murmuraçō da vida, assí en- tão era a lembrança da morte. A mi me parece, disse o filho, que hai agora muitos, que se rirão disso: sem embargo quo custume me parece excellente. E eu, disse o pay, rirmey de quē se disso rit. Digão elles

No v o que

282 DA LEMB. DA MORTE.

o que quiserem, que eu digo, q̄ a meu fra
co juyzo ella era húa das melhores & mais
medicinaes igoarias, que se podia trazer
em principio de mesa. E nā digo eu somē-
te nos banquetes, mas ainda em muytas
outras partes deuiamos trazer debuxada
ante os olhos d'alma a morte com húa le-
tra q̄ dissesse: Memoria pera esquecidos
Nū authot moderne li, & parece q̄ o de-
via elle de tirar d'algū antiguo, que a pri-
meyra couſa, que antigamente se apreſen-
tava ao emperador o dia de sua coroaçāo
erão pedras pera sua sepultura. Eu vi cō
meus olhos na coroaçāo do Papa Pio
quarto, que hoje gouerna a igreja catho-
lica, irem queymando diante delle hūas
estopas em cima d'nūa haſte com hū pre-
gāo que dizia: Padre Santo affi se passa a
gloria deste mundo. No meo daquella fe-
sta de tanta gloria & solēnidade lhe hião
trazendo á memoria a fim das couſas do
mundo. E he esta ceremonia a meu ver
muy excellente, polo proueyto que traz
comſi

comigo a lembrança da morte. Os verdes Compas
& graciosos jardins, os altos & sumptuosos
edifícios, as vaãs & falsas deleytações,
com todas as riquezas & prosperidades
da vida sam alambres, que não aleuantão
nem atrahem a si o ferro, mas as palhas,
quero dizer, que não tirão de seu sentido,
aos homens fortes & cõstantes, mas aos fra-
cos & mudaueys. E pelo contrayro a lem-
brança da morte he pedra de ceuar, q ale-
uanta o ferro, & não as palhas. Hua das
escholas & academias, onde os homens a-
prendem a bem viuer, & bem morrer, &
aconhecerse a si, & a ver o q sam, & o em
que se há de tornar, & o em q ha dir para
a ferosura corporal, & a vaã prosperida-
de do mundo, he a meditação da morte.
Isto quis significar o alto Deus, quādo dis-
se a Jeremias q descesse á casa, onde se la- Jerem. 18
urara o barro, q qria abi falar cõ elle. Que
casa de barro he esta senão a sepultura, on-
de nos Deos māda q deçamos cõ o pensa-
mēto, pa nos c̄sinar a brevidade da vida,

DA LEMB. DA MORTE

& a miseria humana? Ca a meditação da morte he a escola da alta sabedoria.

CAPITVLO II.

Em que o pay prosseguindo sua pratica vay descobrindo o engano da fermosura do mundo, & como auemos de passar da consideração das criaturas à do criador.



E os homens cuya dassem na morte, não lhe pareceria bellas as cousas do mundo: porq considerando quão presto ellas auia d'acabar, & elles cõellas, não lhe acharião nenhuma fermosura. Donde veo a dizer hū author, que o esquecimento da morte faz o mundo fermoso. E este he hū grande mal, que elle traz consigo. Que mal he, disse o filho, parecernos fermoso estemundo? Eu ro direy, respondeo o pay. Procede d'ahi enganarnos & tyrannizarnos, porque como diz Theophrasto, a fermosuta he hū Socrates engano mundo, & como diz Socrates, a ferme

fermosura he húa tyrânia de pouco tépo.
 Hú lhe chama engano, outro tyrannia. E
 enganandonos o mundo cõ esta falsa &
 apparente fermosura, affeyçoamonos a
 elle, & seguimolo, sem acabarmos de en-
 tender sua tyrannia. E assi corremos tras
 elle, como tras quem nos leua engana-
 dos & roubados os desejos. E quanto mór
 he o roubo, que nos faz tanto mór he o
 amor, q̄ lhe temos. E este amor do mundo
 expelle o amor de Deos. Porq̄ estes dous
 amores nūca se podérão amassar. Antes,
 como diz S. Augustinho, fezerá duas cida^{August.}
 des diferentes. O amor de Deos fez Ic-
 rusalē, & o do mundo Babylonia. De ma-
 neyra q̄ não podem fazer parçaria. Traz
 pa isto sam Cypriano esta comparação. Cypria-
 no.
 Assí como hūs mesmos olhos não podem
 olhar pera a terra & juntamente pera o
 ceo, assí húa alma não pode amar junta-
 mente ao mundo & a Deos. Porque co-
 mo alma mays esté onde ama que onde
 anima, ca o amor a leua á coula amar, he
 cap.

DA LEMB. DA MORT E.

impossiuel que húa mesma alma nū mesmo tempo se aleuante & vna com Deos & se abayxe & lie com o mundo. Hora que mōr mal pode ser que deyxar o amor de Deos polo do mundo? Quanto mays que de amarmos ao mundo procede seruirmolo, & como ninguem possa seguir a dous senhores, que mandam cousas contrairas, como diz Christo nosso Se-

Math.6. nhor em sam Mateus, & Deos & o mundo sejam dous senhores, que mandam cousas contrayras, seruindo ao mundo dey-xamos a Deos, & deyxandoo perdemolo que he a mor pda, q̄ se pode imaginat; & pdēdoo a elle ficamos nos pdidos. Veslo go aqui quanto mal faz o esquecimento da morte em nos fazer parecer o mundo fermoso, & imaginarmolo qual elle nam he Porq̄ pera bem, o mal nam nos ha de parecer bem, nem nos hão de parecer as cousas senão aquillo que realmen-te sam. Desejo desaber, pregūtou o filho co no isto pode quadra cō outra coufa,

que

que lhe eu Senhor ja ouui: Que couſas
diſſe o pai. Amina me lembra, diſſe o filho
que lhe ouui eu louuar húa vez aquella
ſentença de Thales o philosopher hú dos Thales.
ſete ſabios de Grecia, relatada per Laér. Laercio.
cio, que dizia, que das couſas desta vida a
mays ligeyra era o pensamēto, a mays for-
te a necessidade, a mais ſabia o tempo, a
mays fermosa o mundo. Se o mundo he
feo, como acerta Thales chamádolhe fer-
moſo? & se he fermoso, como he mal telo
por tal poys como vos Senhor dizeys, he
bein parecerem nos as couſas o que ſam?
Muyto folgo, diſſe o pai, de tocares eſſa
duuida, & de me pores eſſa queſtam, &
outras, q̄ algúas vezes apótas, porq̄ he fi-
nal d'querer eſſa saber. Que bē vejo q̄ te nā
vē eſſe atreui mēto d'algúia ouſadia naſci-
da de temeridade & pſumpçā, mas d'húa
cōfiança naſcida do amor, q̄ metés, & do
desejo q̄ ſempre éti conheci de ſaberes. E
niſſo, q̄ dizes, nā apótaſtu mal, mas enle-
aste, por nāo attētar es pera a eqaiuocação

lo
que

888 DA LEMB. DA MORTE.

dovocabulo, Tu has de saber que mūdo
tomase de duas maneyras: hūa he pelos
maos, em quanto maos, consideradas suas
vaidades, falsas honras, enganosas pros-
peridades, desejos deprauados, pestiferas
deleytações, e ó todos os mays males, que
cōfigo traz a sede & interesse destas cou-
sas, que sam mētiras, treyções, lisonjarias,
murmurações, & finalmēte hū labyrin-
tho espantoso de enganos. Desta maney-
Ioan.2. ra o tomou o Apostolo S. Ioão na sua pri-
meira Epistola, quando diz. Nam quey-
rays amar o mūdo, nem suas couzas, porq
tudo o que ha no mundo he cōcupiscen-
cia da carne, & cōcupiscencia dos olhos,
& soberba da vida. Este he o mundo, de
Jacob.4. que diz o Apostolo Santiago: Nam sa-
beysq a amizade deste mundo he ímiga
de Deos? Logo qualquer q se faz amigo
do mundo, faz banco roto com Deos.
Isto he do Apostolo. Doutra maneyra se
toma mundo polo ceo, terra, elementos
com a vniuersidade das creaturas. E desta

ma

maneyra se entende o que diz sam Ioão
 no primeyro capitulo de seu Euange-
 lho. E o mundo per elle foy feyto. E sam
 Paulo aos de Epheso: Elegeo nos em elle
 antes da constituyçao do mundo. Quá-
 do eu digo q̄ he mal paerecermos fermos
 so o mundo não o sendo, tomo o mun-
 do da primeyra maneyra pola maldade
 & vaydade do mundo, & não polas natu-
 rezas das creaturas, & quando Thales o
 Grego lhe chama fermoso, tomao na se-
 gunda accepção pola fabrica das cousas
 creadas, considerando o sol, lúa, & estrellas,
 com seus fermosos & resplandecentes lu-
 mes, & a terra com seus ricos aruoredos,
 animaes, & obras de natureza, que com
 serem tão diuersas, dão contentamento
 & fermoso pasto aos olhos, porque a di-
 uersidade das cousas faz muyto ao caso
 pera a fermosura dellas. E desta maney-
 ra não ahí debate senão que o mundo he
 cousa bella, como feytura das mãos da
 quelle summo artifice & alto Deos, que

DA LEMB. DA MORTE

em nenhūa coufa pode errar. Donde vierão os Gregos a chamar lhe cosmos, que quer dizer ornamento & fermosura. E o primeyro que lhe pos este nome dizem q

Eugubi. soy Pythagoras, como o refere Eugubino na sua Cosmopoëja. Em sim q Thales cōfiraua o mundo, não segundo as malicias feytas pelos homēs, mas segundo as naturezas feytas per Deos. Das quaes diz a sa-

Genesi. grada escriptura no Genesis: Vio Deos todas as coufas, que fizera, & erão muyto

August. bōas. Donde veo a dizer sancto Augustinho no quartodecimo liuto da Cidade de Deos, que bē pode h̄i auer bēs sem males, mas que auer males sem bēs he impossivel, porque as naturezas em que estão os males, em quanto naturezas sam bōas, & obras de Deos. E quando a escriptura diz que as vio Deos, & que erão bōas, quis significar que as approuaua como coufa feyta por sua sabedoria.

Platão. E ainda Platão no Timeo, ousou a dizer que não somente approuara Deos as coufas, que fizera,

mas

mas que se alegrara de ver sua ordem & fermosura. Mas á verdade nem ainda esta ha a verdadeyra fermosura: porque em sim ha corporea, & transitoria, & mudeuel. E se nos nella muyto deleytarmos, pondo nella nossa demasiada affeyçao, sem passarmos auante, erraremos grauemente. Mas da fermosura das creaturas auemos dc passar á fermosura do criador que ha a verdadeyra fermosura, summa, permanente, immortal, & sempiterna, cujo desejo & amor ha de accender nossa alma, pera que ardendo nesta bemauenturada chama se aleuantcá sua mays excellēte potēcia, q̄ ha o entendimēto, & al liapartadas as treuas das couſas terreaes, allumiado cō o fogo do diuino amor cō tempte aquella luz infinita, aq̄lla bōdade imensa, aq̄lla fermosura sempiterna, cujo amor a tē foruida & inflamada. Ves logo aqui como o sabio de Grecia dizia bē, & eu não dizia mal, nem ha antre nos repunhacia algūa. Mas como a fermosura de

Oo ij que

DA LEMB. DA MORTE

que elle fala he caduca, pera te não embaraçares com ella, has logo de cuydar que ha de ter sim. Porque se posermos nosso amor na fermosura das creaturas sem lêbrança de quem as criou, & da sim que há de ter, viremos a atar com ellas os desejos, & a dar obediencia a nossos appetites, & assi metidos neste enleio iremos cõ os olhos fechados per húa escada abayxo de descuydos, até irmos dar com nosco no ultimo degrão de nossa perdição. E poys a rayz disto he o descuido da morte, seguese que elle he o principio de nossas desauenturas. E isto baste por agora: & vamor os pera casa. Façamos, disse o filho o que elle mādar. Mas eu folgaria muito, se elle nisso não leuasse desprazer, que nos assentassemos hū pouco nestes assentos, que aqui estão debayxo destes altos alemos, & que prosseguisse esta materia da lêbrança da morte, porq̄ sinto cõ ella muito pueyto, & q̄ dilatasſe a pratica, se fazer comigo prouisam de palauras. Sam essas

essas tuas, disse o pay, tão arrazoadas &
deriuadas da vontade de aprovectares,
& he tão justo o que me pedes, & tão pou-
co em cōparaçāo do muyto, a que o amor
que te tenho me obriga, q̄ erro seria não
forçar eu minha vōtade por fazer a tua,
estando ella tão adjectuada com a obri-
gaçāo, que teēs á sciencia & á virtude.
Por que então se ha de fazer a vontade ao
que pede, quando ella tem feyta liga-
com o entendimento & com a razão.

CAPITVLO III.

¶ Em que o pay per authoridades & figuras
das diuinias letras prossegue a materia da
lembrança da morte & desprezo
do mundo.

QUELLE doutor celestial
Christo nosso Deos, q̄ vco
do ceo á terra abrimos &
mostrarmos o caminho da
saluaçāo, & se constituya &
offereceo em sacrificio no altar sacratissi-
mo

DA L E M B . DA M O R T E

mo da vera Cruz, pera que com seu sangue lauasse nossas culpas, & com suas chagas curasse as nossas, & cõ sua morte nos desse a vida, saindo h̄u dia do templo de Ierusalem com seus discipulos nos ensinou a confiraçāo, que auíamos de ter da sim das couſas & da noſſa meſma sim. Por que mostrádolhe os discipulos o tēplo, & falandolhe naquelle alto & nobre edificio, como espátados de ſeu grande artificio & ſumptuosidade, lhe diſſe elle: Vedes vos tudo iſſo: Digouos em verdade que a deſer derribado & deſtruido, & que ha de vir tempo, que nam fique pedra ſobre pedra. Quis o Senhor enſinarnos, q̄ quādo ſe nos aprefentassem, & poſefsem diante dos olhos couſas grandes & ſumptuosas, que acudifſemos logo com a lembrāça da sim, porque ella he agoa, com que ſe tēpera o vinho das couſas desta vida, que bebidias puras nos podem toruar & fazer perder o juizo. Vemnos á memoria húa couſa dcleitosa & de noſſo gosto,

mas

Nath. 24

Mar. 13.

Luc. 21.

mas coufa que nos pode enlear, & por em
risco de perder a Deos, atemos de ter
prompto o remedio, & acudir logo com
presteza com a memoria da fim, & cuy-
darmos que tudo aquillo ha d'acabar, &
nos com elle, & que se aquillo nam aca-
bar tam asinha, ao menos acabaremos
nos. Desta reposta & doutrina de Chri-
sto tomarão os discípulos motivo pera
lhe perguntarem, quando auia de ser a
fim do mundo. Mas porque o saber isto
nos nam era necessario, nam quis nosso
Senhor declarar o dia da fim dos homens
em geral, nem de cada hum em especial:
mas disse muitas coufas de grande dou-
trina, & trouxe parabolas & compara-
ções, em que concluia que nos aparelha-
femos pera a morte, & embarcassemos
com tempo, & fizessemos alforge & pro-
uisam de lôge, & q̄ viuessemos lebrados
da morte, porque nam sabiamos o dia
nē a hora. Esta doutrina nos deu Chri-
sto nosso Redéptor, & não tem ningué-

Oo iiij nella

DA LEMB. DA MORTE.

nella que emendar, nem que dizer, por
que a doutrina que vaya ao ouvido do juizo
humano, nam tem licença de lhe lançar o
plumo o juizo humano. Per óde está cla-
ro quam escuro he o entendimento dos
que julgam por desnecessaria a lembran-
ça da morte. O piloto pera gouernar bê
o nauio, nam vay assentado na proa, que
he o principio, senam na popa, que he a
fim, leuando os olhos na agulha & carta
de marcar. Assi nos pera bem gouernar-
mos a nao de nossa vida, & nauegarmos
ao porto da saluaçam, auemos de estar
assento na fim, que he a morte, & apare-
lhar monos pera ella, leuado sempre pre-
gados os olhos em Christo, que he a carta
de matear, p onde nos auemos de reger.
Nam curemos de ir na proa, onde nã vay-
senão a gente bayxa & de pouco tomo.
Aquellos vão na proa, q jactandose da
nobreza de seus antepassados, donde tra-
zem sua origem, se aleuantâ em presun-
çā & oufanía, lebrâdosse do principio, q

Compa-
ração.

0446

ouueram, & nam da sim, que ha m dauer
Mas nos tomado na mão o leme da ra-
zam, & indo dassento na lembrança da
morte, ponhamos a proa na eterna bein.
auéтурança, & naueguemos com muyto
rento, porque doutra maneyra será que-
termos gouernar a vida sem leme, & ite-
mos dar com nosco na Scila & Charyb-
de de nossa pdicão. O glorioso Iosias Rey
que foy de Ierusalem, diz a diuina escrip-
tura no quarto liquo dos Reys, que má-
dou derribar os idolos, que tinhā feyto os
reys seus antecessores, & fazelos em peda-
ços, & que mandou encher os altares ou
lugares, onde elles estauam, de ossos de
finados. Ainda q̄ esta historia no sentido
liter al declare afé do bom Rey Iosias, & o
zelo q̄ tinha da diuina religião, cō tudo
no sentido moral per Iosias se entende
Christo nosso saluador, pelos altares nos-
sas almas, pelos ossos de finados a memo-
ria da morte, & pelos idolos os peccados,
& vaidades, & couzas do mundo, a q̄ nos

4. Reg. 23

Oo y affey

DA LEMB. DA MORTE

affeyçoamos, & seruimos, & em que po-
mos nossa felicidade. Porque tátos deo-
sesdamos a nosso coração, quantos sain-
os interesses de nossas maldades, em que
trazemos occupados nossos pensamen-
tos. E auendo nossas almas de ser altares
de Deos, fazemos dellas altares de nossos
ídolos, & em vez de estarem acceſas com
o fogo do diuino amor, estão caregelandas
& encarameladas com os frios ventos do
mundo. Que couſa he logo mandar Ios-
ſias derribar os ídolos dos altares, & que-
bralos, & em seu lugar por ossos de fina-
dos, senão mádar Christo que deyxemos
os peccados & vaidades, em que se occu-
pam & deleytão nossos sentidos, & que
os lancemos de nossas almas, & pisemos
com os pés, & em seu lugar ponhamos a
lembrança da fin, pera que deyxados os
descuidos da vida nos occupemos nos cui-
dados da morte, trazendo á memoria os
ossos de finados, & a terra de q̄ somos, &
em q̄ nostornamos. Naamá Syro depois

de limpo da lepra, pera nā adorar os idó-
los, pedio ao Propheta Eliseu q̄ lhe dey-
xaſſe leuar de Samaria pa Syria hūa pou-
ca de terra entrouxada. Assi o affirmão as
diuinias letras no quarto dos Reys. Nós 4. Reg. 5.
pera nāo peccarmos, leuem os com nosco
entrouxada na memoria a terra de que
ſomos, pera nāo adorarmos os idólos de
nossas vaydades. Se nós bem conſirafle-
mos que ſomos, & em que nos auemos de
tornar, nāo ahí duuida ſenão que milho-
rariamos nossas conſciéncias, amaynaria-
mos as velas de noſſa soberba, & meteria-
mos a preſumpcão debayxo dos pés. Assi
como a bibera mata cō ſua mordedura,
mas queimada, & tornada ē cinza he ex-
cellēte remedio pa a mesma mordedura,
como o refere Lactácio Firmiano, bē assi Lactácio
a soberba fanteſia, & pſperidade do mū-
do ſoe a ferir noſſas almas mortalmente,
mas ſe poſermos na mesma alma ferida a
cinza, em q̄ ſe torna a meſma pſperidade
do mundo, viremos a ter tal dor & cōtriçā,
que

Compa-
ração.

DA LEMB. DA MORTE

que fiquemos sãos das mesmas chagas.
He neccesario trazer na memoria a cin-
za, em que se tornão os reys & principes,
& nos com elles, & em que vão parar os
apparatos, & pompas, & sumptuosida-
des do mundo. Porque daqui procede
darmos volta, & deixado o mundo abra-
çarmos com Christo, quando vemos
que aquellas couſas, que o mundo chama
altos estados, todas acabā & se consumē.

Compa. Assí como as ondas do mar se quebrão ē
raçāo. terra, & por grádes & furiosas q̄ venhā,
tāo q̄ dā na praya, se desfazé, assí os reys
& principes tocando na terra da sepul-
tura se acabão, & por altos & poderosos
que pareçāo, tanto que dão na praya da
Lexit. I. morte, feneçem. Mandaua Deos no Le-
uitico, que hūas aues que lhe auião de
offerçer, fossem depenadas, & que as pe-
nas fossem láçadas no lugar, onde se soya
lançar a cinça a par do altar, pera a parte
do Oriente. Que couſa he esta Senhor?
Não tomareys estas aues por depenar?

E ja

E ja que as não querçis senão depenadas,
não bastará lançar as penas onde quer, se
não que per força hão de ser lançadas na
cinza? E ja que quereys que estas plumas
sejão metidas nū monte de cinza, não ba-
stará lançalas nella da banda do Occidé-
te, senão que necessariamente as auemos
de lançar pera onde nasce o sol, & não
pera onde se põe? Que particularidades
sam estas? Nem isto carece de mysterio,
nem o mysterio de ponderação. Bem po-
déra dizer a escriptura que offerecerão a
Deos húas aues, mas apontar tantas ceri-
mônias, & particularizar tão miudas cir-
cunstancias, he queremos excitar ao en-
tendimento desta figura. Que penas sam
estas, senão nossas fantasias, que nos tra-
zem pelo ar? Nos som os as aues, que au-
mos de ser a Deos offerecidos em sacrificio,
& perpetuo holocausto. Mas pera
que este sacrificio seja a Deos accepto, he
necessario que depenemos as plumas de
nossas vaydades, & que as lancemos no
lugar

DA LEMB. DA MORTE

Lugar da cinza, na lembrança da cinza, que somos, que as emburilhemos neste monturo de cinza cuberto com húa pelle, & que as reuoluamos na memoria, do que auemos de ser. Quem he tão transportado & esquecido de si, que se quiser attentar, não veja que he pó & cinza? Quem ahi que senão desfaça em terra? Quem foy que tal não fosse, & quē será que tal não seja? Quis nisto significar o alto Deos, que tanto que nos vier ao pensamento algua vaidade, acudamos logo com a meditaçā de quem somos, & de quē auemos de ser. O quem visse dependadas todas as plumas de sua presumpção & oufania, & metidas antre a cinza da lembrança da morte. E porque, como diz Gregorio Nazanzeno no seu primeyro liuro da theologia, o bē não he bem, se senão faz bēm, porque não abasta fazer cousa bōa, se a tençāo he má, diz a escriptura que isto se ha de fazer pera a parte do Oriente, & não pera o Ocidente, significando que nossa tençāo ha

ha de ser posta em Christo , & que a elle
auemos de dirigir nossas obras, & não ao
mundo, que he Occidente, onde se pôeo
sol, onde se perde a luz, onde fenece & se
consume o resplendor , ficando a terra
nua de claridade , & cuberta de trevas,
que a escura noyte do peccado traz com-
figo. Mas auemos de leuar os olbos da al-
ma pera onde os guiar o diuino amor, pe-
ra Christo nosso Deos, aquem os prophe-
tas chiamão Oriente, porque delle vem a
diuina claridade. Lancemos logo as pe-
nas na cinza pera o oriente, porque pou-
co nos aprocuytará a lembrança da mor-
te, se com ella nos não excitarmos a ser-
uir a Deos, & a tomalo por aluo, onde
vā parat as setas de nossas obras, palautas
& pensamētos. Mas a lēbrança da morte
desta inaneyra he grāde remedio pa a vi-
da. Isto parece q̄ quis Deos significar pelo
propheta Ezechiel aos. ix. capit. de suas vi-
sões, onde diz q̄ mādou Deos a hūshomēs
q̄ matassē quātos achassem em Ierusalē,

Ezech. 9

Saluo

DA LEMB. DA MORTE

Saluo os que estiuesssem assinados com a letra Tau, que he a derradeyra do abc hebrayco. Algūs querem dizer que esta letra he hūa Cruz, & que queria Deos dar a entender, que viria Christo ao mundo temido pela Cruz, & que sómente se salvatião os que tiuessem a fé catholica, & fossem assinados com a Cruz de Christo, & que todos os outros morrerião pera sempre. He esta interpretação assaz pia & deuota, & fora ella muyto pera seguir, se a letra fora Cruz, mas está claro que não tem feyçao d'isso no hebrayco, como sabem todos os que o sabem. Bem pode ser que naquelle tempo em que o propheta Ezechiel isto escreueo, tiuesse esta letra figura de Cruz, porque a mí me lembra, que li em sam Ieronymo nos commentarios sobre este lugar, que em seu tempo usauão os Samaritanos de cruz em lugar desta letra, sem embargo que os Hebreos a escreuião entāo, como agora a escreuen. Mas ja pode ser que teriao os Hebreos mudados

Hieron.

mudados os scus proprios caracteres das letras, & que ficarião aos Samaritanos, os quaes reterião as antigas figuras & feyções das letras, que tomarão do hebraico. Porem isto he conjectura somente. O que me a mí parece, saluo o melhor juyzo, he que per esta letra antre os Hebreos se entendia a fim, por ser fim do alfabeto hebrayco, assí como antre os Gregos per esta letra Omega, por ser a final do alfabeto grego. Logo trazer o Tau assinado na testa he trazer a fim debuxada & impresa no pensamento, & a morte escripta na memoria. E he o sentido, que māda Deos que mourão, os que senão lembrai que hão de morrer, & que tenhão vida, os que se lembrai da morte: Porque húa das cousas que muyto excita ao caminho da vida sem fim he a memoria da fim.

CAPIT VLO IIII.

¶ Do proueyto da meditaçáo da cinza que somos, & do damno do amor
do mundo.

DA LEMB. DA MORTE.



Gora me parece, disse o filho, que isso quer significar a igreja, quando o primeyro dia da quaresma nostraz á memoria quem somos, & nos põem na testa a cinza, que he o tau, de que fala Ezequiel, & a lembrança da morte, com que auemos d'andar assinados, & que deuemos trazer impressa na memoria. E declarado p palauras aquella obra & representaçao diz. Lembrate homé q̄ es cinza, & em cinza te has de conuerter. Nā tey se digo nisto mal. Nā dizes, disse o pay, senão bem. E ainda te digo que diz o Matth.6 Senhor no Evangelho desse dia, que quādo jejūarmos vntemos as cabeças, & a igreja vntanolas com cinza, porq̄ não ha tão suaves perfumes & excellentes ingoētos como a lembrança da morte. A consi-
raçao he búa chauē q̄ desfecha todas as portas. Se quiseres entrar no paixão cō passos d'alma, & cuidar na gloria dos san-
tos, pa te inflámares no des. jo de tâma-
nha

nha bemauenturança, com a chaue da
consiração o podes fazer. Isto he o que
dizia o diuino Paulo aos Philippenses.
A nossa conuersação he nos ccos. Poys
ao inferno tambem podes ir, & desfe-
chala com a mesma chaue, pera que cuy-
dando nos tormentos dos damnados te
apartes das culpas merecedoras de taes
penas. E não te pareça que he má esta ro-
maria ir de quādo em quādo ao inferno
cō o pensamēto ficādo viuo em terra, q nā
he senão muyto bōa. Mas deyxadas estas
& outras cōfirações venhamos á que faz
mais a nosso pposito. Hū peccador gouer-
nado p seu dānado appetite anda fora de
sí, é tāto q está aferrolhado & fechado a sí
mesmo: & pera tornar a sí he necessario
desfecharle com a chaue da consiração.
Isto he o que querem significar aquelles
brados de Deos escriptos pelo seu prophe-
ta Esaias: Redite præuaricatores ad cor:
coim o se distera. Homēs esquecidos &
alongados de vos, quebradores & despre-

DA LEMB. DA MORTE.

zadores da minha ley fazei volta & tornai
em vos, que nam ha coufa tam longa de
vos como vos. E nosso redemptor falan-
Luc.15. do em S. Lucas do filho prodigo & esper-
diçado diz, que tornou em si, & se cõuer-
teo. Se tornou sobre si, logo antes nã an-
daua ē si. Sabes q̄ coufa he quarta feira de
cinza, he o dia em q̄ a igreja nossa Madre
mete na mão a cada hum de nós a chaue-
da cõsiraçam de quem somos, & auemos
de ser, dizendo: Lembrate homem que es
cinza, & nella te has de tornar: como se
dissera: desfecha a porta deti mesmo, entra
em ti, & verás quem es, veráshūa casa de
taipa, & a taipa de cinza, & dentro nella
tudo cinza: em fim verás hum edificio de
cinza fraco & quebradiço, que é breue a
de cair, & desfazerse ē cinza. Apartete de
ti descuidos, tornem te sobre ti lembran-
ças: lembrete q̄ escinza & em cinza te has
de cõuerter. A aue Fenix, depois de tam
velha que nam pode voar, dizem que se
queima & se conuerter ē cinza, da qual

torna

torna a renascer outra Fenix, & renouada da cinza voa tão altamente, que penetra as nuvens com suas asas: assim nos peranos renouarmos, & subirmos aos céus cõ o pensamento, tornemos em cinza cõ a meditação, abaixemos per humildade, & conheçamos quē somos, & quē auemos de ser. A cinza lâçada pelo ar não somente não aproueita, mas dana cegando aos que a lanção, & se esta no chão conserua as brasas, que se não apaguem, assim o homem levantado em vaidade não serue mais quē de cegar assim mesmo, mas humildando se conserua em si o fogo do amor divino. Diz a diuina escriptura no Exodo que de Moyses lâçar pelo ar a cinza do Egypcio nascerão aos Egycios grandes chagas & postemas. Que cinza do Egypcio he esta senão nos mesmos. Don vem os inchaços de nossa soberba, se andarmos pelo ar de nossa presunção & vaidade? A isto nos quer Deus atalh dizendo no Ecclesiastico: Qui super^b

DA LEMB. DA MORT E.

terra & cinis? Donde vē ao homē tanta
oufania, & fantesia, & arrogancia, de q̄ se
em soberbece a terra & a cinza? Está nos
Deos mostrādo quē somos, & declarādo
a origē de noſſa nobreza, pera q̄ como pa-
uões no meo de noſſa vaydade olhemos
pa os pés, cōſiremos a terra & cinza, de q̄
ſomos, & desfaçamos a rôda de noſſos en-
ganos. Ia q̄ ſomos cinza, ſaibam onos apro-
ueitar de nos. A cinza aproueita pa decoa-
da, com q̄ ſe tirão grādes nodas. Decoada
nā he outra couſa ſenā agoa coada p cīza.
Que couſa ſã lagrimas ſenā decoada, & q̄
decoada he esta, ſenā agoa eſtillada p nos
que ſomos cinza? Esta he a decoada, cō q̄
deuemos lauar as nodoas, q̄ os peccados
fazē ē noſſas almas. E aída q̄ neste mûdo
hūs tē mays outros menos, hūs ſão ſenho-
outros ſeruos, hūs reys outros laurado
, todauiia tāo cinza ſão hūs como os ou-
ros. Cinza enfronhada em olanda & cin-
metida em ſaco de liteiro todo he cin-
:tāo cinza he a vēſtida de fina ſeda co-
mo

mo a cuberta cõ grossso burel. Bem q em
 quanto dura a vida hüs té mays valia antre
 os homés, outros menos, mas na morte co-
 dos sam igoaes. No jogo do enxadrez ha ^{Compa-}
 diuersas peças, rey, toque, piáes, & outras ^{raçao.}
 muitas, & em quanto dura o jogo hüs va-
 lê mays, outras menos, mas o jogo acaba-
 do todas as peças sam misturadas com as
 outras sem differéça, & igoalmente meti-
 das no saco dos trebelhos, & como os mo-
 res pesão mais, elles são os q pela mór par-
 te se vão primeyro ao fundo: Bé assi em
 quanto dura esta vida, hüs sam de mays al-
 to tomo & excellente lustro q outros, hüs
 sam principes outros vassallos, hüs fidal-
 gos outros piáes, mas acabada a todos sam
 tornados em terra sem differéça, & igoal-
 mente metidos nesse saco da sepultura, &
 ainda te digo q os mais poderosos esses sã
 os q puctura darã mais afinha cõigo no
 inferno pa sempre: o q elles poderá escu-
 sat, se se souberão lebrar da morte, & tra-
 zer na memoria assim das couças do mundo.

Pp iiiij Jacob

DA LEMB. DA MORTE

Iacob & Esau filhos de Isaac & Rebeca
forão gemeos, & diz a escriptura q̄ estâdo
ambos no ventre de sua māy pa nascer o
Iacob pegaua nos pés a Esau. Per Iacob
que se regeo pela razão se entendem os
prudentes, & per Esau que se entregou a
seu desejo, & perseguiu a Iacob, se enten-
de o mundo. Que cousa he tirar Iacob
pelos pés a Esau, senão que os prudentes
hão de pegar na sim das cousas do mun-
do, que sam os pés, & cuidando que tu-
do ha de feneçer hão de trazer a imagem
da morte ante os olhos do entendimen-
to? Sam essas comparações & authorida-
des & figuras, disse o filho, tão accommo-
dadas ao proposito, q̄ parece q̄ não ali ou-
tras, que se possam com ellas igoalar. An-
tes si auerá, disse o pay, mas não as sey eu
buscar nem applicar, ca não he meu nem
de quem quer entender os sentidos lite-
rays, & muyto menos os mysterios, que
jazem metidos no profundo mar das di-
uinias letras. Sam Iōão Chiry sostomo cō-

para

para isto á pescaria das perolas. Porque as Compa-
ñi, diz elle, como as perolas están debayxo raçao,
do mar metidas em cōchas, & pa as tirar
he necessario mergulhar muyto ao fun-
do, assi muitos mysterios diuinios están
encerrados em palauras na altura do sen-
tido da escriptura sagrada, q̄ pera os tirar
á mister pescar ao fundo. E assi como nem
todos podem mergulhar a tirar as pero-
las se não os mestres & officiaes, assi pe-
la mor parte não entendem bem os pro-
fundos mysterios da diuina escriptura se
não os spirituaes, & que nella sam versa-
dos. E se bem estiueste attento, verás que
estes lugares, que alleguey, não sómente
nos ensinão lebrarmonos da morte, mas
ainda desprezarmos o mundo, porque do
hú se segue o outro. E ainda que a memo-
ria da morte não trouxesse comigo mais
bem que o desprezo do mundo, este ba-
staria & seria grādissimo. Porq̄ he elle hú
abyssmo de males, & hú embaydor que
nos traz embaydos, & anda zombando

DA LEMB. DA MORTE

com a vida & com a honra, & he hú tre-
jeytador, q̄ joga com nosco o passē pastē.

E não te pareça que digo isto de minha

Plotino. cabeça, porque Plotino philosopho Pla-
tonico lhe chama magico & feyticeyro,
que com nos roubar as vōtades, nos traz
como encantados, sem o entendermos.
Por isso compre vigiar, viuer cō cautela,
& afinar o entendimento, pera não ad-
mitirmos seus enganos. E em sentindo q̄
se começa acender algūa faísca de seu a-
mor, a auemos logo d'apagar com a lem-
brāça da morte, porque se não vá ateau-
ndo, & dūa faísca se faça grande incêdio.
Porque he tão prejudicial este amor, que
tanto que entra núa alma, quer logo to-
mar posse della, & aleuantarse cō a me-
nagem, & a ferrolhar a razam, & tela pre-
sa em ferros. E pa ter tyranizada a alma
desta maneyra lhedá lá não sey que fal-
sos contentamentos, com que ella quer
Nazáze. bem a seu mal. Gregorio Nazanzeno, a-
quelle a quem os antiguos per excellēcia

chama

Chamarão o theólogo, definindo o amor do mundo diz que he hú doce tyranno. Sam Ieronymo chamalhe esquecimento da razão. E com razão, porque onde o ha, nam a ha. Plotino chama-lhe pintor, que nos engana com suas falsas imagens de fermosura sem o entendermos. E mal diria quem dissesse que diz elle nisto mal. Porque como diz Menandro, o amor do mundo traz na mão astrevas, com que es-
curece o coração. Donde diz Plutarcho que o que he de tal amor inflammado, está enganado & sem vista. E Quintilia-
no affirma que os amantes não podem julgar da fermosura, por carecerem de vista. E da qui vierão os antiquosa pintar o amor cego, porque cega os olhos do en-
tendimento, de tal maneyra que não vé sua perdição. Porque como diz hum au-
thor, o amor do mundo he como era, que ração.
indo de si lançando com q vay trepado,
& prendendo, sóbe pela aruore o ajuda della mesma & depois aseca, assi elle sobe
per

DA L E M B. DA MORTE.

Celio.

per consentiméto dalma & depoys a m^ata. Conta Celio no v.liuro de suas liçōes antiguas, qne estaua é Babilonia no templo de Apollo hum cofre douro antiquissimo fechado, & que abrindo o húa vez o acharão vazio, mas cheo de tam mao humor, q delle sayo, que matou muyta gente. Per Babilonia, que quer dizer confusam, se entéde o mundo, & pelo seu precioso cofre douro se entende a sua enganosa fermosura & vaidade, que ainda q defora esté ceuando os olhos dos homēs todauaia de dentro he vāo, mas cheo de

Póponio

tal peçonha, que deleytando de fora mata de dentro. Conta Pomponio Mela q ha em Cilicia húa coua muyto larga & deleytosa, & de graciosos aruoredos na entrada, & que quanto mais vāo per ella, tanto se mays vay apertando, & estreytido, & escurecendo, até que os que vāo per ella, vāo dar consigo em tal parte, que a nāo sabem de si, porq se achão metidos nūa maneyra de labyrintho, donde sená

sabem

fabem sayr. Assi o mundo logo no principio promete cõtentamentos, & altas em-
presas, conuidandonos com grandes es-
peranças, que em sim nunca vem a ser
mays que esperanças, até que nolas faz
perder, & quâto mais nos metemos nel-
le, tanto mays nos enteda & embaraga,
ate nos trazer a tal enleo, que lhe entre-
gamos nossas vontades, sentidos, & pensa-
mentos, dias, & annos, & quanto temos,
sem nos dar de nada conta, nem nós a
termos com nosco. Qual conta? Nem
caymos nella, pera lha pedirmos, nem
elle a tem, com nola não dar. Isto faz elle
aos seus, sem o elles acabarem denteder,
aleuantaos pera os derribar, honraos pe-
ra os destruyr. Quantos vimos ja que an-
daião bu fando priuança, mays soberbos
que Anibal com a victoria de Canas, tra-
zendo diante de si mays mares de sober-
ba, que húa balea, quando vem soprando,
& depoys vierão a cayr, & ser rodilhas,
em q os outros alimpauão os pes, & vitá
corca

DA L E M B . DA MORTE :

cortados ē breue espaço todos os enxertos de suas esperanças, q̄ muito tépo auia que crescião, sem ainda darem fructo. O falsas esperanças do mūdo, ó vāos & enganosos cuidados dos mortaes, q̄ no meo da viagem se espedaçam, & antes que ve-

Solino. jam oporto, se perdem & vam ao fundo.

Diz Solino que ha hi duas fontes de tal natureza, que quem bebe dūa, rija tanto q̄ morre, porem selhe acodem com a agoa da outra, deixa de rir, & viue. A primeyra destas fontes he o esquecimento da morte, & a segunda a lembrança della. Bebendo na fonte do esquecimento, rimos sem tino, & deleitamonos nas couzas do mūdo, indo rendidos a nossos appetites, corredo tras elles a redea solta, até darmos cōnosoço em casa da morte sem fim. Potē se acudimos com tempo com agoa da outra fonte, que he a lembrança da morte, tornamos sobre nos, & deyxadas as vaās & falsas deytações do mundo convertemos nossos risos em lagrymas, & nossas

nossa alegria em dor & contrição. Fujamos logo da fonte do descuido da morte, & bebamos na fonte da lembrança della, pa q acabada a jornada vamos beber á gloria no rio da suave fartura & eterno contentamento. Desprezemos na terra a morte, pera alcançarmos no ceo a immortalidade. E se querermos bem viver, não estimemos por serviço de Deos morrer. Porque aquelles se pode dizer q viuem, que desprezão a morte, estando aparelhados pera satisfazer com a tráscoria vida ao que deuê á perpetua honra.

CAPITVLO V.

¶ Do aparelho pera a morte, & do temor & desprezo della, & da conta, em que ateueram os antiguos.



Va duvida, disse o filho, se me offerece a mí, q queria q me senhor declarasseis. Que duvida? Disse o pay. Eu lha direy, respondeo o filho. E he sobre isso q diz, que auemos de desprezar a morte.

Alem

DA LEMB· DAMORTE.

A lembrança da morte causa temcla, & por isso nos deuemos de lembrar della pera a temermos. E pelo contrario o desprezo da morte causa não a temer. E por que temer a morte & não a temer sam duas causas contrayras & repunhantes, se guese que as causas, donde procedem os taes effeytos, tambem antresi se contrarião & repunhão: & as causas sam cuydat na morte & desprazala: logo estas duas causas se contradizē, & não se cōpadecem nū mesmo subjecto. Porque assi como dizemos que o fogo & agoa sam contrayros, porque os effeytos, que sam a quentar & esfriar, sam contrayros, assi parece que podemos dizer, que a lembrança da morte & o desprezo della se contrarião, poys os effeytos, que sam temer à morte & não a temer antresi repunhão. E poys o senhor diz q̄ auemos de cuydar na morte, como o pode ser isto, que agora acabaua de dizer, q̄ a auíamos de desprezar? Tu disſe o pay, tomaste douis princi-

pios ambos falsos, & por isso não he mujo
to ser falsa a cōcrusão. Ohū hē o que disel-
te dos effeitos. Porq̄ bem pode ser que
dous effeitos sejão cōtraycos, sem serẽ
contaycas as causas efficientes. Queres Compa-
ver isto? Mete hū pao nū forno, & ouro ē
outco: o pao fará impuro, & escuro, &
o ouro ficará apurado, & resplâdecête. Ebé
vesque os fogos não são cōtraycos, ainda
que sejão contraycos seus effeytos. E o
mesmo fogo endurece o barro, & abran-
da a cera até a derreter, assí como també
os rayos do sol que fazem o rosto negro
& o linho aluo. Assi que claro está que
não hē verdadeira a proposição que to-
mauas. O outro principio falso, he isso
que dizes, que a lembrança da morte cau-
sa temela, & que por isso nos auemos de
la de lembrar pera atemer. Antes decuy-
dar na morte procede não a temer. Por
que de cuidarmos nella procede apa-
relharmonos pera ella, & de estarmos pe-
ra ella aparelhados nasce não a temermos

DA LEMB. DA MORTE.

Bernard E daqui veo São Bernardo a dizer nūa epistola que o seruo de Deos, dado que não escapa da morte, ao menos não a teme: porque a virtude o faz estar própto pera morrer: E sancto Augustinbo diz q o demasiado arreco da morte vem de Seneca. ter pouco aprovueytado na vida. E Seneca aconselha, como te agora antes dizia, que cuydemos na morte pera a não temermos. Porque do cuydar nella vem aparelharmonos pera ella, & de nos pera ella aparelharmos se segue não a temermos. E não digo eu que nos lembremos da morte pera a temermos, senão pera nos pera ella aparelharmos, porque então hé proueytosa a lembrança da sim quando a dā a nossos peccados. Grande sciencia, disse o filho, será saberse hū homē aparelhar pera bem morrer. Hé disse o pay, hūa das mores, & mays altas que ha no mundo, & hūa das mais esquecidas q ha nelle. Se hū homē se aparelha p hūa festa não sabendo se hade chegar a ella como

como se não aparelha pera a morte, a que
sabe que necessariamente hade chegar?
Encomendote muito este aparelho, pera
a morte: esperaa em todo lugar poys
em todo lugar te espera. Estandoa com
esta lembrança esperando não a teme-
rás. Verdaide hé que da lembranca da
morte nasce hum temor, mas não della,
senão da conta que nos Deos hade pedir,
et que por força auemos de dar? E o te-
mor desta conta nos faz tela com noſſa cō-
ſciencia, donde nos nasce deixarmos o a-
mor do mundo, et abraſarmonos no de
Deos, de que procede por vezes dezejarmos
partirmos ja desta vida, por gozarmos de
Ch̄is na ſua gloria. Homē que hade na-
uigar pera longes terras, et nem tē feyta
matalotajem, nem fato entruxado, nem
auiadouſ ſeus negocios, ſempre lhe parece
que estão as naos depreſſa, et q̄ partem ja.
E dalhe muita dor, quando lhe lebra, q̄
hā de partir eſtādo tão desapercebidos; mas
os q̄ tem auiado tudo, deſejão partir,

Qq ij

Cópara-
cam.

DA LEMB. DA MORTE.

E a pressa lhe parece tardanca. Parte a armada deste mundo pera o outro, e forçadamente hade partit: os descuydados de sua alma, que nem tem pago o que devem, nem se tem tirado dos peccados, nem pedido perdão aos que perseguirão, nem feito nada em cousas importantes, e summamente necessarias a suas consciencias, parecelhe que está a armada a pique, e que começão já aleuantar as ancoras, e a tardanca julgão por pressa, e temem a partida, pera a qual forão descuydados: mas os justos, e que tem sua alma ordenada, vivem sem estes temores, e de tal maneyma desprazão a morte, que por nenhu medo della deyxão de fazer o que deue, antes estan determinados de morrer por Christo, quando for necessario, estimando a elle muyto mais q a vida sem comparação. Nem entendas q digo eu que não temamos em nenhua maneira a morte, porq̄ he tão natural este temor, que não podemos naturalmente deyxar

deyxar de ter algū, mas digo que a não
auemos de temer de tal maneira, que este
temor nos faça fazer o que não deuemos.
E a isto chamo eu não a temer. E cha-
mo desprazala estar hum homē apre-
lhado pera morrer, antes q̄ cometer hū
peccado mortal. Ves logo aqui como a lē-
branca da morte, & o desprezo della não
repunhão: antes tomândo estas duas cou-
sas da maneira q̄ digo, andarão tão liadas,
que estão bē longe de oserem nūca húa
da outra. Santo Ambrosio diz assi: Ambros.
Se es forte despreza a morte, & se es fraco
fugelhe, mas de tal maneyra fuge da mor-
te temporal, que não vas dar na eterna:
porque ninguem pode fugir da morte
senão seguindo a vida, & a vida de Chri-
sto. Periandro diz, que dezear sem neces- Periand.
sidade a morte bē mao, mas que temela
he pior. Quinto Curcio diz, que dos va- Quinto
rões fortes mays he desprezar a morte, Curcio.
que auorrecer a vida. Querem dizer es-
tes authores, q̄ os vanões efforcados, & de

Qq iij altos

DA LEMB. DA MORTE

altos animos hāode desprezar a morte, nāo
por odio da vida q̄ acaba, mas por amor
da honra q̄ permanece. E como esta hōra cō
sistia na virtude, & a virtude em seruir a De
os sequese que hauemos de desprezar a mor
te, quando assi comprir ao seruico de Ch̄ro.
E como para este seruico de Christos ex
cite muyto a lembrança da morte, sequese
que nāo repunha esta lembrāca cō este des
prezo. Quem tinha mays lembrança da
morte que São Ieronymo, & quem mais
desprezo della que elle? Lê as suas obras,
& verás h̄ua cousa, & outra. Toma nas
māos h̄ua epistola, que mandou a Cypria
no, vê o prologo que fez sobre Esdras, le
h̄u pouco pelos comentarios, que fez
sobre os Profetas, onde elle abriu a por
ta de sua tēnda, & mostrou as ricas sedas
& borcados de sua sapiencia, & verás ~
quāl pouco temia a morte, & quanto se
lēbrauia della. Olha pera a sua imago, &
veloás nū aspero deserto, banhado é laori
mas ferido seus peitos, & cō h̄ua caueira diā
Hieron.

te

te. Naquella dura, & espântosa penitencia
 verás como desprezaua a morte & na cauei-
 ra diante como se lembrava della. E pera q
 venhamos á saorada escriptura, dizem
 aquelle santissimo Propheta, & serenissi-
 mo Rey Dauid, que lauava de noite o seu
 leyto, & olhando por si se achava nua la-
 goa de suas laorimas, com que regava seu
 estrado, & tinha a cabeça como conuerti-
 da em fonte, & seus olhos em bicas de suas
 lagrymas, não desejava elle a morte? Lé os
 seus psalmos, & verás quantas vezes suspi-
 raua, & saluçaua por ella. Ay de mi, dizia Psal. 119.
 elle, que minha peregrinação hé perlôgada.
 E noutra parte. Assi como o ciruo deseja as Psal. 41.
 fontes das agoas, assi deseja minha alma
 de vos ver a vós meu Deos. Há minha al-
 ma sede da fonte da vida, ah quando será
 já o dia que me heide partir, & apparecer
 ante a face de Deos! Estando meus olhos e-
 stillando lagrimas de meus desejos, as qua-
 es me seruem de pão, & mantimento.
 dedia, & de noyte. Com estas palauras

Q q iiiij

Joy-

DA LEMB. DA MORTE.

soydosas estaua o bom amante explicando os abraçados dezejos, que tinha de se ver com Deos na sua ~~gracia~~, e o sentimento que tinha de seu longo desterro, enuolto em lagrimas, em que o feruente amor fazia experientia de seu sentimento, e soildade. Chamaua a Deos fonte de vida cuja sede o tinha inflamado, era si ceruo sequioso, ligeiro, e corredor sobre os outros animaes: o qual como dizem os

August. naturaes, e o affirma sancto Augustinho, mata as serpentes, e depoys que as tem mortas, corre com mor sede, e ligeireza à fonte das viuas agoas, porq mortos os peccados que são as serpentes, suspira a alma com mor feruor por aquella fonte da vida, que h̄e Christo nosso Deos. E h̄e de notar que o titulo deste Psalmo h̄e este. Pera a fim, entendimento aos filhos de Core. Como se dissera: Este Psalmo h̄e dirigido a Christo, que h̄e o fim a que h̄ão de ser dirigidas nossas causas. E h̄e este Psalmo hum entendimento que con-

conuem aos filhos da caueyra. Porque coré
na lingoa Hebraica quer dizer caueyra,
como affirma sancto Augustinho na ex-
planacão dos psalmos. Que se entende
pela caueyra, & ossos de finados, senão a
lembrança da morte? Não te pareça q̄
dezejaua este sancto Propheta & real psal-
mista a morte, por escusar os trábalhos da
vida, nem como desesperado, porq̄ isto he
fraqueza, & culpa: mas lembrauase da
morte, & desejavaa, pena se ver com Deos cu-
jo amor o tinha nelle transportado. E isto
he perfeição. Assi interpretão muitos a
quelle Psalmo, sem embargo que outros
lhe dão outros sentido, & ambos podem
ser verdadeiros. Quando Periandro af-
firmava, como te agora antes dizia, que
era mao desejar a morte, entendia do de-
sejo procedido de odio dos trabalhos da
vida, & não do amor de Christo: porque
desejar de morrer por amor de Christo he
cosa gloria, conformando sempre este
desejo com a diuina vontade. Aquelle di-

DA LEMB DA MORTE.

uino Paulo, aquella doçayna euangelica
aquele raso escolhido, não dizia q̄ a sua
vida era Christo, & que a morte lhe era
prueyto? Lé a Epistola, que escreuo a
Philippi. os Philippenses, & velo ás. E logo mais a
baixo diz, que deseja ser morto, & desatado
& estar com Christo. E depois vindo o tem-
po de seu martirio hia tam aleore pera a
morte, como se fora celebrar alouas gran-
des vodas. Estando elle prezó em Romanua
aspera, & escura cadea, que depois foy con-
sagrada em igreja, & he agora orago
de Sam Pelegrino, & Martiniano, na qual
eu per vezes entrey. lhe derão nouas de sua
morte, as quais elle recebeo com grande
contentamento. E logo foy leuado pela
via Ostiense húa legoa de Roma, onde
lhe cortaraõ a cabeça, que deu tres saltos
em terra, onde se logo marauilhosame-
te abriuõ tres fontes dagoa, que ain-
da hoje em dia durão, porque o quer
Deos assi pera memoria daquelle mi-
lagre, as quais eu vi com meus olhos &
ainda

ainda te digo que bebi dellas. Aquella multidão de martires q̄ morrerão pella fé de Christo nosso Deos, quem podera explicar o sancto aluoroco, & feruente amor, com que caminhauão pera a morte. Chorauão os amigos, & parentes que os acompanhauão ate o lugar do martyrio, & representando com lagrimas o seu sentimento, fazião triste pranto, dizédo hūs aos outros com alternada dor, & soydade tão magoadas, & lastimosas palavras, q̄ antre indomitos tigres, & bravos lioes podião fazer impressão. Mas nem por isso os algozes deixauão de lhe dar á morte, nem aos sanctos pesava com ella. Antes com inextimavel alegria & feruor dezejauão já de se ver cõ seu Deos na sua bemaventurança. Queriam antes perder a vida, que a fé, & maravilhosa constancia, & embebidos na diuina chridade não tinham em conta os crueys tyrrannos, nem seus terrueis tormentos, q̄ nunca os asperos desertos de Arabia, nem

DA LEMB. DA MORTE.

os espantosos ermos da Eithiopia, nem as
brauas montanhias de Lydia crarão tão
feras serpentes, tão temibexs, & crnwyss co-
mo eraõ os tyiannos. Mas os glorioſos
martyres entrauaão por meo das chamas
& dos cutellos, como per fuaues, & de-
leitosos jardins. Não auí tormentos por
asperos, & exquisitos que fossem, que os
espantasseſſem. Deleytauãoſe em morrer
por quem morreoo por elles, não querendo
por medo da morte deyxar a verdadeyra
vida, antes com penetratiues palauras,
& suspiros saydos do intimo de ſeu pey-
to moſtrauão o deſejo que tinham de já
parti. Sam Basilio declarando aquel-
las palauras do bom velho Simeão, que
Luc. 2. ſão Lucas eſcreue no ſegundo capitulo
de ſeu ſagrado Euangelião, Agora deyx-
ay ſenhor o voſſo ſeruo ir em paz, ſe
gundo a palaуra que dado tinbeis. Diz
que ſe attentarmos pera as vozes dos ju-
ſtos, acharemos que todos gemem co a
triste tardança, & detenca deſta vida
Hay

Hay hi duas vidas, h̄a neste mundo, &
outra no outro, & a morte h̄e fuella que
ajunta estas duas vidas. E sayndo o san-
tos martyres desta trabalhosa entrão na
outra descansada: saindo desta vida, que
he perlongada morte, per meo da breue, &
gloriosa morte entrão naquella vida, q̄
he eterna, & verdadeyra vida, onde h̄a
vida sem morte, luz sem treuas, alegria
sem tristeza, descanso sem trabalho, & fi-
nalmente onde está o sumo bem, a quem
do qual ficão todos los bens, & todos os bens
que sāo contrayros a este bem, estão tam
longe de ser bens, que sāo males. Antes
da morte de Christo Iesu, não era muito
ser a morte temida, poys por mais sā-
tos que os homens fossem h̄iaõ ao limbo
lugar que era dos justos. Mas como o san-
to de Christo soy chaué, que desfechou
à porta do parayso, & a deixou aberta
pera todos os justos, & está o bom Iesus com
os braçós abertos pera os receber, & fazer
participantes do seu reyno, não h̄a hi ra-

zão

DA LEMB. DA MORTE.

para os bons Christãos tem o arreco, que
tem os gentios, pois nosso Salvador com
sua morte temporal nos liurou da eter-
na, & como diz S. Paulo escreuendo aos
Rom. 4. Romanos, foy entregue por nossos deli-
tos, & resurgião por nossa justificacão.
E pois elle resurgio, tambem nos auemos
de resurgir, pois elle com sua morte ma-
tou a morte. Se em hum sepulchro cer-
rado meterem hū homē viuo, dahi a tres
dias o acharaõ morto. Foy metido no se-
pulchro Christo morto, & dahi a tres dias
sabio viuo. Aqui se mudou o curso da na-
tureza: foy a vida sepultada no sepulchro
da morte. Porque Christo hé vida, como
Ioan. 14. elle diz em S. João: E foy a sepultura
da morte casa da vida, & resurgio avi-
da ficado enterrada a mesma morte. Assi
Osea. 13. o tinha elle dito pello Propheta Osea: O
Solino. morte eu serey tua morte. Conta Solino
que ha abi húa fonte no Epiro, onde se
metem húa tocha apagada say acesa, &
se a metem acesa say apagada. Assi no
sepul-

sepulchro, onde se meterem hū viuo, sairā
 morto, meterão hum morto, & saio viuo.
 Sayo viua aquella tocha, q alumia o mū-
 do que desí díz per S. Ioão: Eu sou a luz Ioan.8.
 do mundo Da qual diz noutra parte o mes-
 mo Euangelista: Elle era luz verdadey-
 ra, que alumia todo o homem, &c. Re-
 surgio viua esta luz, & ficou apagada a
 morte. Que hé de tua victoria o morte.
 Onde estão os teus triumphos? Vás mor-
 ta diante de Christo vencedor, quem vay
 nū carro glorioso triumphando de sy,
 como o tinha prophetizado o Prophetá
 Abacuc, quando fallando do saluador di- Abac.3.
 zia: Diante delle hirá a morte. Tu morte
 engoliste o nosso verdadeyre Lona, mas
 saio uiuo ao terceyro dia: engoliste o pe-
 ra que abrandasse a tempestade do mū-
 do, era nossa Niniue se saluasse com a
 pregacão de sua doutrina. Elle elle te vê-
 ceo, & deoolou. Elle hé aquelle Prophetá
 q saio de sua terra, q deixou o castello, & for-
 taleza do padre, q veo pregar penitencia a
 Nini-

DA LEMB. DA MORTE.

Niniue, que veo ensinar o Euangēlo ao mundo, o qual estando no mundo enchi-a o ceo, & a terra, & sendo homem não deixava de ser Deus, duas naturezas nū suposto. Elle hé aquelle, a quem se acompañão aquellas palavras do Prophetā

Ierem.ii. Ieremias: Deixey minha casa, & minha herança, dey minha amada vida nas mãos de meus imigos. Com sua morte foste tu morto ó morte, pera que nós viuessedes engoliste, mas foste engolido. Morre a vida, & morrendo te matou, & tu fizeste morta, & ella viua. O gloriosa vitória, ó excellente presa, o espantoso, & diuino triumpho! Quem não pasmara na consideração de tam altos mysteries! Pelo primeiror Adam entrou a morte, & pelo seguindo a vida, pelo primeiro o peccado, pelo segundo a graca, pelo primeiro a pena, pelo segundo a gloria. Isto hé o que diz

1.Cori.15. Jam Pāulo na primeira epistola aos Corinthios: Pelo homem a morte, & pelo homem a resurreição dos mortos. E ássi como

em

Em Adam todos morrem, assi em Christo todos serão viuificados. Isto he do Apostolo. Peta que he logo temer a morte, poys Christo morre o & resurgiu, & poys todos auemos de morrer & resurgir? E pera que he desejar longa vida, poys nos dilata nosso desterro, & nos detem neste mar de trabalhos, sem podermos entrar no porto do eterno descanso, o que não podemos fazer senão per meo da morte, que he o cays, em que desembarcamos desta vida pera a outra? E ainda que pareça que a morte he contrayra á vida, he caminho pera ella. E daqui veo a dizer Salamão no seu Ecclesiastes, que melhor Eccles. 7 he o dia da morte que o do nascimento. E nos Proverbios diz que o justo tem a esperança na morte. E por isso não tem os justos quando morrem aquella pena, que tem os maos. Isto he o que diz o liuro da Sapiencia: As almas dos justos sam na mão de Deos, & não lhe tocatá o tormento da morte. Não diz que não morrerão

Rr alos

DA LEMB. DA MÓRTE.

os justos , mas que receberá m a morte
com contentamento. Porque a morte dos
taes, como diz o Psalmista, he preciosíssima
em o conspecto de Deos. Pola morte de
Christo a morte que era pena & tormento
do peccado r, he feyta alegria & mercen-
cimento do justo. Dizem os hum martires
não merece em morrer por Christo? Qué
duuida nisso! Vcs logo a morte, que nas-
ceu da culpa de Adam , feyta mereci-
mento pela graça de Christo. Nossos pri-
meiros padres por peccaré morrerão, &
os sanctos morrem por não peccarem. Lo-
go amorte corporal não somente não he
má, mas he bôa. Quanto mais que a vida
he tão triste & penosa, que nam sey como
os homens tem coração para excessiva-

Ambros. mēte a desejaré. Santo Ambrosio diz que
em cōparação dos males da vida, a morte
he mays remedio q̄ pena. E noutra parte
a.li. diz q̄ nos deu Deos a morte p̄ remedio &
etū. fin de males. Amiano Marcelino chama
a morte fin de viuer & de doer: Salustio
diz

diz q̄ nāo he desfuentura, mas sim de desfuenturas. Marco Tullio na j. Tusculana chama lhe porto, & aos longos dias v̄tos cōtrayros, q̄ nos nāo deyxão entrar pela barra, q̄ he a morte, nosso emparo, & cabo dos trabalhos da vida. Euripides diz, como refere Plutarcho, q̄ a vida nā tē de Euripid. vida mais q̄ o nome, mas q̄ á verdade nāo he vida mas trabalho. E Menádro dizia, Menádr. como cōta o mesmo Plutarcho, q̄ duas Plutarc. coufas ahi perpetuamente vñidas & liadas, & estas saínter vida & ter dor. Os conté-tamétos q̄ tem hū homē em cincoéta annos, contalos ha nū dia, & os desconten-tamentos d'hū dia nāo os acaba de cōtar em cincoéta annos. Falta vida pa acabar de contar os trabalhos da vida. Daqui vierão os Thraces, em especial aquelles q̄ se chamauão Trausos, a auorrecer a vida, & folgar com a morte. Solino no capitul. Solino. lo xv. & Pomponio Mela no segundo do Póponio liuro primeyro escreuem, que estes homēs, quādo os mininos nasciáo, chorauā,

&

DA LEMB. DA MORTE

& lamentauão, & fazião triste pranto, &
quando mortião, os parentes & amigos
se alegrauão festejando a morte com grá-
des contentamentos. Isto affirma també

Valerio Valerio Maximo no segundo liuro, &
Maxim. Quintiliano no quinto, & Herodoto
Quintil. mays antiquo quelles o cota no seu Ter-
Herodo. psichore, que he o quinto de sua historia.

E ahi muitos outros authores, que fazem
disto menção, vindo a falar nas lagrymas
& trabalhos deste triste desterro, & mis-
rauel valle de nossa peregrinaçao. Quá-
do os antiguos em suas singidas fatulas
deyxarão em memoria que Bibli chorara
tanto, que se cõuerterá em fonte, & Atis
em rio, não quiserão significar senão as
tristezas da vida, & as lagrymas que estil-
lamos, & em que nos resolvemos. E assi
cham auão ao principio de nossa vida fon-
te de lagrymas, & ao discurso della rio de
magoas & desauenturas. Donde veo Pli-
nio no septimo liuro de sua historia na-
tural adizer que erão tantos os desgostos

da

da vida, tantos os perigos, tantos os medos, tantos os cuidados, que nenhua coufa era milhor pera o homem esque a bteuidade da vida. Donde veo Alcidano antigo rhetorico a escreuer h̄u liuro em louvor da morte, a quem segue Cicero na sua primeyra Tuseculana. Depoys dos quacs fez sancto Ambrosio aquelle breue mas excellente tractado do bem da morte. Pera que he logo desejar longa vida, poys quanto ella he mais longa, tanto mays se alonga nosso desterro, & se encurta nossa alegria: & quanto mais viuemos, mays nojos sentimos. Donde se segue q̄ não auemos de temer a morte excessivamente, porque dos altos & generosos corações he ter por vida dala a troco da gloriosa memoria.

CAPITVLO VI.

Em que per authoridades das humanas historias vay o pay mostrando os trabalhos da vida, & a honra da gloriosa morte.

Rr iij

Pare

DA LEMB. DA MORTE



E I T O hum breue inter-
uallo, tornou o pay a pra-
ticar dizendo: Parece que
bastaua pera preuar o tra-
balho da vida o que em to-
mey, em to mostrar pelas historias diui-
nas, mas por não faltar nada, trarey al-
gúsexemplos das humanas Dizeme não
Pompeo fora mays illustre Pópeo Magno , se mor-
rera antes da guerra civil? Que homé ahi
dado á lição antiga, q o ouse duuidar?
Não tomára armas contra seu sogro, não
deyxara sua casa, não fugira de Italia, não
fora infelicemente vencido de Cesar, não
viera cayr em mãos de escrauos, não lhe
fora cortada a cabeça tão miseravelme-
te, não forão todas suas riquezas possuy-
das de seus inmigos , & finalmente não
padecera tantas desauenturas, como lhe
comigo trouxe a longa vida. Elle fauore-
ceu a Cesar em seu principio, & elle o fez
& sublimou. Em sim fez quem lhe tanto
mal fez, & erguço quem o derribou, &
quanto

quanto mays vinceo , tanto mays desa-
uenturas sentiu. Venceo em tão breve
tempo tantas naçōes, que parecia que se
lhe anticipaua o effeyto ao desejo. E quā-
do cuydou de gozar da honra de tantas &
tā insinhes victorias, ficou vēcido, viu ecli-
psada sua fama , desbaratados seus exer-
citos, & perdidos seus capitães. Enterrou
seus amigos , & com elles enterrou suas
esperanças. Choraua sem ver remedio,
baralhado em diuersos pensamētos não
sabia determinar se, não se vitava p a par-
te, que nam vissē sua perdição : até o ma-
tarem cō tanta ignominia, q' seus propios
imigos ouueram delle piedade. Poys a-
queile terribel Anibal , que ajuntando Auibal.
grādes nuuensde exercitos ameaçaua o
mundo com espantosas tempestades, &
querendo affectuar o desejo de dominar
que muitos dias auia que tinha criado
rayzes em seu peyto, atrauessou os alpes,
espancou Italia,venceo grādes batalhas
& esteue em risco de saquear Roma, De-

Rr iiii poys

DA LEMB. DA MORTE.

pois detam illustres vi^torias foy v^ecido
de Scipião em sua propria terra , & fugio
della com grande magoa & ignominia,
& de grande senhor veo a ser teruo dou-
tré, & a cayr em tam terriucys trabalhos
que nem pera cuydar no remedio delles
tinha vagar. Que magoa te parece q^u te-
ria, quando h^ua vez estando diante del
Rey Antiocho disse estas palauras. Antes
que me brotassem as barbas fuy seruido,
& depoys q^u me nascerão caás, comecey a
seruir? Com que nuuē de tristeza te pare-
ce que estaria então cuberto seu coraçō?
Aquelle grande Cyro Rey de Persia, que
como diz Xenophonte teue imperio so-
bre os Medos, Hircanos, Syros, Assyrios,
Arabes, Gregos, Lydos, Fenices, Egypci-
os, & outras naçōes, depoys de grandes
vi^torias & triūphos, vejo morrer a māos
dh^ua molher tua aduersaria, que lhe cor-
tou a cabeça n^ua batalha, & lha metco n^u
odre cheo de sangue humano, dizendo:
Furtate de sangue cabeça desfposta delle.

Xenoph

A. 5

Aſſi o conta Herodoto, & muitos ou-
troſ authores. Quādo elle venceo os Chal-
deus, & restituyo os Hebreos a ſua anti-
gua diñidade, & alcançou de muitas na-
ções marauilhosos triumphos, nāo te pa-
rece que ſe entāo morrera, que forá com
muyto mór fama? Mas viueo para morrer
ſua honra, & morre o para viuer ſua infa-
mia: & os lógos dias da vida lhe troxerão
lógos de faſtres. Seria logo em cōtar quan-
tos nojosa vida a carreta & hūa conta de
males ſem cōto. E esta era a cauſa q̄ exci-
tava & eſporeava muitos dos gētios à
meteremſe no meo da morte volūtaria
porque viā que era a vida hū mardetra-
balhos, & perigos, & lagrymas, & que na
vida eterna auia dēcanso, & tranquilida-
de, & alegria. Que ainda que viuão àſeſ-
curas, & nāo atinauão com o caminhoda
immortalidade, todauiia a couſa em ſi nāo
os enganaua. Porque Thales o Milesio Thales
com quē antes te alleguey, confeſſou cla-
rissimamente que a noſſa alma era im-

MB. DA MORTE

mortal. Eesta sentença depois de appro-
uada per muitos philosophos veo ter a So-
crates o mais e minente dos sabios anti-
guos q Athenas teve em seu thesouro,
o qual com muitas razões a engádeceo
& amplificou. E affirmou que auia duas
vias per onde hão as almas depois de say-
das dos corpos, húa pera o ceo lugar da
gloria, & outr' a pera o lugar da pena: de
maneira q cada húa hia ao lugar de seus
merecimentos. E sendo injustamente con-
denado á morte, não quis fugir do carcere
podendo fazer. Antes disse q não tinha
de que se queixar de seus accusadores Ani-
to, & Melito, porque não lhe fezerão ne-
nhu mal, em lhe procurarem a morte, sal-
vo se fosse de cuydarem que lho fazião: &
que elles lhe podião dividir a alma do cor-
po, mas não lhe podião empêcer, poys hia
gozar da imortalidade co os justos, co-
mo largamente refere Platão na sua apo-
logia, & no dialogo de Crito: & Xenophó-
ne na apologia, & no libro dos feytos &

Plato
phonte.

di.

ditos de Socrates. E quando veo a hora,
dizem que tomou na mão o vaso da pa-
çonha, com que o auiaõ de matar, & que
a bebeo sem fazer mudança. E Platão Platão.
falou n'algúas partes tão altamente da
immortalidade d'alma, que conta Cali-
maco que acabando Cleombroto de ler
este liuro, se lançou d'húa torre no mar,
para ir gozar daquella immortalidade.

Assi o refere Cicero na primeyra que Cicero.
stão Tusculana, & depoys sancto Au- August,
gustinho nos liuros de Ciuitate Dei. E Plutarc,
Plutarchó conta que estando Catão Vti Catão,
cense em Utica, cidade de Africa attribu-
lado, & accossado de tristes pensamen-
tos polas viotorias de Cesar, que elle ti-
nha por tyranno, passou húa noyte o
Phedo de Platão da immortalidade da
alma, & que acabando de o ler se ma-
tou com húa espada. E ainda que estes
gentios erráuão grauemente em se mata-
rem, porque ná he licito a ningué tomar
a morte com suas mãos, toda via quis te-
trazer

DA LEMB. DA MORTE.

erazet á memoria estas historias, pera veres, como sentião ser a alma immortal, & quanto mays estimauão posluyr a fama longa, que a vida curta. Em tanto que os Lacedemonios desterrarão ao poeta Archilochos, porque disseram versos que milhoc era na batalha perder as armas que a vida. Dizião elles que por a honra se auia de por a vida, & pola immortalidade a vida & ahonta; porque então ferião ganhadas, quâdo desta mancyra fossem perdidas. E daqui vinha fazeré aquellas palmosas estranhezas, de que estão cheas as historias. Isto moueu a Codro Atheniense meterse desconhecido no exercito dos inimigos, que tinhá por oraculo de Apollo que morrerião, se o matassen. Isto fez a Marco Curcio meterse em Roma nolago, onde foy soruido, sem nūca mays aparecer, por saude da patria. Por esta causa se offereceo Bruto á morte, por liutar Roma da tyrānia de Tarquinio. Isto inflamou os Decios, & Metelos, & outros capitães

Codro.

Marco
Curcio.

Bruto.

Decios.
Metelos

pitães a morrer pôla republica , & a ter a
morte por gloriosa,indo se meter, donde
sabião que não auiaõ de sair, quebrados to
dos os estcos das esperanças de suas vidas.
Finalmente a lembrança da honrosa fa
ma accédeos todos os que adeixarão de si,
& os pos é muytos perigos arduos de co
meter & incertos de acabar. Grandes cou
sas, disse o filho, se contão dos antiguos assi
Gregos como dos nossos Romanos. Mas
parece que nam será tanto, quanto dizé. Compa
Antes creo, disse o pai, que será mays. Por ^{raçao.}
que assi como o eco de muytas palauras
não representa se nam as deradeyras, &
ainda pouco dellas, assi nos, não conta
mos das virtudes & proëzas dos homens
senão o cabo, & auêdo pera dizer muito,
tocamos sómête pouco. Os antiguos forá
muyto amigos de fama, & a sede que ti
nhão della os esporcaua a singularizarse
& abalisarse na virtude, & a não ter em
conta a vida que logo acaba, por alcan
çar a fama, que sempre dura, porque o té
po

DA L'EMB. DA MORTE

potriumphado como erramos per defci-
to em contar os grandes feytos dos ho-
més, assi erramos per excesso em contar
Compa- seus defeytos: & acreſcētamos tantas cou-
gaçam. sas outras á verdade, que parece húa hi-
storia destas capa de romeyro com tantos
Compa- remendos doutros panos, que não se po-
raçao. de diuisar o proprio. Dizem que auia na
Olimpia cidade de Grecia hū alpendre
feyto per tal artificio, que se se dizia nelle
húa palaura alta, soauão sete. Donde vie-
rão os Gregos a chamarlhe heptaphonó,
que quer dizer sete vozes. & os letrados
septiuoca, que quer dizer o mesmo. Assi
nos cōtando hū erro alheo, que ouuimos
acreſcentamos lhe tantos outros, que por
hū dizemos sete, & d'hū moxão nū faze-
mos hū alifante carregado d'armas. E ha
hi homés tam deprauados nisto, que pa-
rece que os beés dos outros sam seus ma-
Ies, & os males alheos sam seus beés pro-
prios. Em fim que tem por estudo os maos
acanhá,

canhar o dos boōs , não considerando
quām grandetacha he descobrir as alheas
quanto mays acrecentalas , & quanta
virtude he contar a que ha nos outros.
Assi que a fama nos benshecco , & nos
males septiuoca. Auifate que nunca de-
fames ninguem , porque a fama , caso
que te pateça couſa pouca em compa-
raçāo da graça & virtude , comtudo to-
mada per si faz muyto ao caso . Don-
dediz Salamão nos Prouerbios que mi-
lhor he bom nome , que muytas rique-
zas. Húa maçaā dura hū mes , & douis , &
muytos mays , se está com sua casca , mas se
lhetirares a casca , d'ahi a duas ou tres ho-
ras a veras negra , disforme , & corrupta:
Poys assi como a casca he couſa pouca
mas dá ornamento & fermosura ámaçā,
& a faz terſe & ſuſtentarſe muyto tem-
po , bem assi a fama , ainda que ſeja couſa
exterior , & de pouca valia em compara-
çāo dos bcs d'alma , todavia ella he húa
gentil

Prouer.
22.Compa-
raçāo.

DA L E M B . DA MORTE :

gentil cobertura, & orna & a fermosentia
a virtude, & heniella como hū tico esmal-
te no fino ouro. E finalmente fala mays
bella, fixa, & constante. E poys ahi ley q̄
manda matar quem rouba a fazenda, nā
sey como a nāo ha pera castigar quem
rouba a fama poys he de mays valia que
a fazenda. Não sey qual he a justiça que
sofre tirar a vida, a quem tira o dinheyro,
& deyxala, a quem tira a fama, estiman-
do os homēs mays á fama que o dinhey-
ro & que a vida. Ea sede da fama esporea
ua muitos dos antiguos a singularizarse &
abalisar se antre os outros, & a nāo ter em
cōta a vida, que logo acaba, por alcānçar
a fama que sempre dura, porque o tempo
triumpha da vida, & a fama do tempo.
Verdade he que errauão elles, porque di-
rigião suas obras á gloria do mundo, auen-
doas de dirigir á gloria de Deos. Porque
assicom o nascouſas naturaes os elemen-
tos sam por causa dos corpos mistos, &
as couſas menos perfeytas por causa das
per

perfeytas,& tudo por causa do homem,
que he o mays excellente dellas, assi as
nossas obras corporaes deue ser por causa
das obras d' alma, & estas deuem ser por
causa da mays excellente dellas, a qual
deue ser dirigida a Christo. Logo do pri-
mo ao vltimo todalas nossas obras deue
ser dirigidas & ordenadas a Deos como a
fim , ao qual hão de ser dedicadas. Mas
ainda que os gentios nam olhauão a este
fim, mas lançauão as rayzes de suas obras
em busca da falsa gloria, com tudo de tal
maneyra se enfunauam nas vaãs esperâ-
ças della, que mouidos dhûa de esperada
& honrosa determinação se abraçauam
com a morte, fazendo façanhas espan-
tosas. Mas pera que he espâtar das anti-
guas, poys vemos as que em nossos tem-
postem feyto os modernos. Não quero
falar nas dos nossos Italianos , porque
me parece que astens viuas na memoria
mas trarrey a ella as dos Portugueses.
Quem duuidar dos notaueys feytos dos

Ss passa

DA LEMB. DA MÓRTE.

passados, ponha os olhos nas miraculosas
façanhas dos presentes, & com avista das
modernas desfará a roda do pouco credi-
to que tem as antigas. Dizem as que fi-
zerão na India os Portugueses, não mo-
strão claramente quā pouco estimauão a
vida, & como tinhão por gloriosa a mor-
te em seruiço de Christo, & em honra de
seu Rey, & de sua patria? Aqueille espanto
so dom Vasco da Gama conde Almiran-
te não fez elle coufas, em cuja compara-
ção as grandezas antigas parecē pouqui-
dades? Elle passou muito abaixo da linha
equinocial & torrida zona, & traueu o
mar Oceano, Atlantico, Arabico Persico,
Indico : & achou outro nouoceo, & no-
uas estrellas, & regiões incognitas & inau-
ditas, & descobriu outro mundo, & deceo
ao sul além do espantoso cabo de bōa es-
perança, & tornou a virar, & traueu a
torrida zona, & passou per onde os anti-
guos cuidarão que não auia passagem, &
descobriu as Indias orientaes, & rompeo

Dom
Vasco.

os

os brauos & indomitos mares, & subju-
gou as medonhas & terribleys ondas, &
donou os monstruosos peixes marinhos,
& conquistou terras riquissimas, & dista-
tissimas, & ouue grādes batalhas, em que
per muitas vezes se viu abraçado com a
morte, & alcançou illustres victorias, em
que com seu esforçado & inuenciel ani-
mo fez reystributarios a seu Rey, & ale-
gantou a Cruz de Christo por final & tro-
pheo de seus spirituaes & temporaes triū-
phos, & leuou a fé de nosso Senhor do oc-
cidente ao oriente, & chegou onde nun-
ca os exercitos do grande Alexandre, nē
nenhūs dos antiguos chegarão, & ecly-
psou a fama dos passados, & espantou os
presentes, & deyxou de si fama perpetua
pera os futuros. Parecete que quando se
auenturaua a tam manhas couças, que
temia a morte, pera deyxar de fazer o
que deuia? Se a elle assi temera, nunca el-
le tam altas empresas cometera, nem
com ellas com tanta gloria sayra. E per
Ss ij derra

DA LEMB. DA MORTE

detradeyro depoys d'ir tres vezes á India, la morre o, sem vir gozar do descansa do galardão, que por seu trabalho merecia, onde també morrerá ás lâçadas dous seus filhos excellentes capitães imitando o animoso esforço, & singular virtude de seu pay, como couisa sua hereditaria. Que te direy das marauilhosas & abalisadas estranhezas, grande & inuenciel animo, illustres & sobrenaturaes victorias da quelle antre os fortes sapientissimo capitão Duarte Pacheco, espelho de todos os capitães do mundo? Quem poderia contar as proezas, caualarias & gloriosas victorias de dom Francisco d'Almeyda. E daquelle espantoso Alfonso d'Alboquerque, á quem do qual ficão todolos Gregos & Romanos: cuja morte os Mouros & gentios não podião crer, mas dizião, q não morrera, senão que o mandara Deos chamar, porque tinha necessidade delle no ceo pera fazer algua guerra? Que palavras ahicom que se possam explicar as grande

grandezas de dom Antíque de Meneses,
dom Steuão da Gama, Antonio da Syl-
veyra, Martim Afonso de Sousa, dō Ioão
de Castro, dom Ioão Mazarrenhas, Ior-
ge Cabral, Francisco Barreto, & doutros
muytos capitães & fidalgos, & de infini-
tos & excellentes coualecyros, cujos glorio-
sos feytos cu contara, senão forão sem cō-
zo, os quaes sendo mortaes deystrarão de si
memoria immortal? Nāo pode ningué Compa-
por noda em sua hōra : porque assi e como raçam.
os rayos do sol vencedor das trevas desfa-
zem com seu resplendor a escura noyte,
assi a fama das excellentes obras de todos
estes que nomeey, & podera nomear, des-
faz com a força de sua claridade a escuri-
dade da murmuração nascida d'húa nu-
vē de odios & falsas opiniões. Nem ahi q̄
debater, senão que estes animosos varões
preferião a honra de Deos á propria vida,
& que então cuydauão que viuião, quā-
do por amor de Deos le artificiuão ámor-
te. E á verdade elles estauão na verdade,

Ss iij por

DA LEMB. DA MORTE

porque à inconstante vida he transitoria,
& a constante virtude ho immortal. Ella
he the souro inexhausto, diamante firme,
exercito inuenciuvel, & finalmente he cas-
tello inexpunhauel. Os que della forem
ornados estarão aparelhados pera a mor-
te, & os que pera ella estiuerem aparelha-
dos, claro he que não a temerão sobeja-
mente, antes trabalhando como que sem-
pre ouuessem de viuer, viuerão como se
logo ouuessem de morrer. Mas tristes da-
quelles que estando emboscados nos vi-
cios, não tendo conta com a manhaā da
emenda, lhe sobreuem d'improuiso a
noyte da sepultura: & não tendo lem-
brança da morte, entra ella per casa de
supito sem bater á porta. He muyto pe-
ra espantar de nossos descuydos, que sen-
do nós mortaes, & vestindo & calçando
de animaes mortos, & comendo coitas
mortas, & viuendo nas casas, que fabri-
carão os mortos, & gastando as rendas,
que nos deyxarão os mortos, & falañgo
cada

cada dia nos mortos, nos não lembrêmos da morte. Os Gregos chamão ao sepulchro syma, & ao corpo soma, pera declararem que o corpo dos viuos he sepulchro de mortos. Não se pode negar que o nosso estinago he adro & cemiterio de corpos mortos, & trazendo nos com nosco o adro & a sepultura nos não lembreamos della. O descuydo grandissimo quanto ha em ti que dizer, & quanto que chorar! Que magoa he ver a ignorância dos homens, o descanso da vida, o descuydo da morte, quão desatados andão do ceo, quão atados com a terra, quanto mays perto da morte, tanto mays longe da lembrança della: arca por arca com a morte, & descuidados na vida. Qual he o coração que sentindo isto não arrebenta com dor? Quaes sam os olhos, que senão conuertē em fontes de viuas agoas? Encomendote filho muyto que tenão esqueças da morte, mas que andes sempre pera ella apercebido, porq he está húa

Ss iiii alta

DA LEMB. DA MORTE

alta philosophia. E assi o entenderão não sómente os theologos Christãos, mas os philosophos gentios. Dessa maneyra, disse o filho, entendem muytos aquella sentença de Socrates, que refere Platão, que a vida dos philosophos he meditação da morte. E querem daqui colher, q a mays excelente de todas as philosophias he ocupar o pensamento na lembrança da morte. E dizem qu'isto he o q quis dizer Platão: ainda q á verdade eu vos ouui ja Senhor a interpretação deste lugar muito diferente da commū, mas nē eu lha entendi, nē elle cuido q acabou de a declarar: & deseo de a entender delle, porque hi ha interpretações, de cujos authores me não confio, nem os queria ver, nem ouuir, porque daq̄lles authores se ha homē deguardar, que não sómente na vida, mas ainda na tençāo se mostrão corruptos, porque erradas tenções gerão quasi sempre erradas opiniões & entendimentos.

CAP.

CAPITVLO VII.

Em que se expõe a authoridade de Platão
acima tocada, & quantas maneyras
ahi de morte.



Qui esteue o pay hú pouco
pensatiuo, como reuoluen-
do na fantesia o que auia
de dizer, & começou desta
maneira. Ainda que he ex-
cellente philosophia cuydar na morte, cõ
tudo não he isso, o que Platão quis signifi-
car. Hi ha quattro maneyras de morte, a
primeyra he, a q̄ chamamos natural, quâ-
do alma se aparta do corpo, a segunda he
quando a alma morre ao mundo, & vi-
ue a Deos, quando viuendo segundo o
espirito, morte segundo as obras da car-
ne, a terceyra he, quâdo alma perde a gra-
ça, & morre pelo peccado mortal, a quat-
ra he a morte eterna no inferno pa sem-
pre. Da primeyra falamos até aqui, & fala-
remos inda adiante. Mas agora pede a
materia que toquemos na segunda, & de-

Ss v poys

DA LEMB. DA MORTE.

poysella n̄os chamará à prática da terceyra & da quarta. Quādo o homē vive n̄o segūdo a carne, mas segundo o espirito, & alma estādo in da no corpo se aparta delle per pensamēto, & se põe em alta contéplação, como q̄ totalmente estivesse do corpo separada, vem a alcáçar tão grandes couias com o entendimento, q̄ diz Aristot. Aristoteles no x. das Ethicas, q̄ neste conhecimento & contéplação cōsiste principalmēte a mays excellente bemaueurança, q̄ se pode nesta vida alcáçar. E por que morrer he apartar se a alma do corpo & nesta contemplação estā alma separada de elle, deyxando os sentidos, & aleuandrandose no entendimento, alienada do exterior, q̄ distrahe, & metida no interior que vne, posta no cétro de si mesma, cha-
Socrates mou Socrates a isto meditação de morte, como se lhe chamara meditação de ho-
mē morto á carne & ao mūdo, & contem-
plaçā dhūa alma desatada dos laços & pri-
sões do corpo, q̄ a empedem, & reduzida

das

das couſas viſiuęys ás inuiſiuęys. E esta diſſe que era a vida dos philosophos. Isto he o q̄ quis significar seu discípulo Platão no Platão: dialogo dalm̄a intitulado Phedo. Assi o interpreta Cicero nas Tusculanas, & Macrob. Cicer. Macrob. crobio sobre o sonho de Scipião. Bem po de ser q̄ tomaſſe Socrates esta doutrina de Pythagoras, aquelle antigo ſabio, que Pythag. foy o primeyro, q̄ se chamou philosopho, como tomou outras m̄uytas, q̄ depoys declarou & amplificou. Porque o Pythagoras foy tão curto naſ palauras, como lôgo naſ ſentenças, & tão affeyçado a calar, que mandaua a ſeus discípulos, q̄ os primeyros dous ános não falaiem, como diz Aulo Gellio no j. das ſuas noytes Atticas. E Gellio. Iaſes auia, q̄ cinco annos não falauão, coſmo diz Luciano. E ainda depoys q̄ podia falar, lhe mandaua que fosse pouco. De maneyra que a ſua rethorica mays enxanaua a calar que a falar: porq̄ tinha elle pera ſi, que o silencio he o traço do ſabedor. Poys húa das ſuas ſentenças era, como

DA LEMB. DA MORT

Cyrillo. refere S. Cyrillo contra Iuliano, & Laërcio. cio na vida de Pythagoras, que a imagé de Deos senão auia de trazer por pedra encastoada em anél. Onde pela imagé de Deos entendia nossa alma, & pelo anél o nosso corpo. Porque assí como o fino rubi ou preciosa esmeralda, he de mays valia que o anél, assí alma he muito mays excellente que o corpo. E ainda que nem Cyrillo, nem Laërcio isto assí declarão, com tudo esta me parece a verdadeyra interpretação. Que queria Pythagoras significar dizendo que a imagem de Deos não auia d'andar vñida no anél, senão que a alma não auia d'andar liada, & atada, & vñida com a carne, indosse com ella, & seguindo suas obras, mas que separada & como sobresi auia devoar ao alto, & contemplar as coisas não somente humá nas mas diuinias. Isto cuido que quis dar a entender Zoroastes, quando disse que alma tinha asas, com que voaua fora do corpo estando nelle, & transcendia as

alturas, mas que se as asas lhe quebrauão,
caya no corpo, onde estaua abatida, sub-
mergida, & sepultada. De maneira que
entendião todos estes sabios, que a vida
do philosopho era apartar & alienar al-
ma do corpo, & morrer quanto a elle.
Porque tinham os elles que o corpo era grá-
de impedimento pera a contemplação,
& chamauam lhe fundamento de mal-
dade, laço de corrupção, morte viua, se-
pulcro mouediço, ladrão doméstico, &
outros nomes desta qualidade, que lhe
pos Trismegisto, aquelle antigo Egy- Trismegisto.
pciano, a quem os Platonicos muyto imi-
tarão. Mas como elles viuão ás escuras
sem o lume da fé, não vião em que con-
sistia a verdadeira philosophia, cujo fun-
damento, he a fé, de que elles carecião.
O diuino Paulo na epistola aos Colos- Coloss. 3.
senses, que erão mortos á carne, & viuão
segundo o espírito, diz: Vos soys mortos
& a vossa vida he escondida com Christo
em Deos. Ena segunda aos Corinthios 2 Corí. 6
diz

DA L'EMB. DA MORTE.

diz assi: Quasi mortos, & ex que viuemos.

Galat. 6.

Ena Epistola aos Galatas: Omundo me
he crucificado amí, & eu a elle. Não se cõ-
tentou com se chamar peregrino, mas
morto ao mundo, & nam de qualquer
morte mas de Cruz, que era a mais des-
honrada & ignominiosa, que entam auia.

August.

E santo Augustin ho diz que auemos de
morrer ao mundo, pera vitierimos segun-

Bernar.

do Deos. E sam Bernardo nū sermão da
quaresma falando desta morte diz estas
palauras: O morte sem duvida bem aué-
turada que goarda o homem sem magoa,
& o faz totalmente alheo do mundo.

Mas he necessario q̄ o que nam viue em
S, viua Christo nelle. Isto he o que diz o

Galat. 2.

Apostolo: Viuo eu, ja nam eu, mas viue
Christo em mí. Como se diffira: Sou mor-
to ao mundo, nam finto nem curo suas
couſas, mas as de Christo me acham viuo
& aparelhado. Isto he de sam Bernardo,
com quem concertam os outros douto-
res catolicos. Doadē se conclue q̄ entam

mor-

morremos ao inundo, & ao corpo, quando nossa alma gouernada pelo spírito, como que nam ouuesse corpo, atalhados os passios do appetito sensitivo, entra cõ a guia da razão no caminho da alta contemplaçā & diuino amor, & como aguea real aleuantada do ninho se alça ao ceo aberto, penetrando altissimos segredos, & nam vay onde quer o corpo, mas elle vay onde ella quer. Isto quis nosso Senhor significar no Euangelho, quando sarádo o paralytico, que jaziã no leyto, lhe disse: Aleuantate do leyto, & tomao ás costas & vayte pa tua casa. Pelo paralytico se entende a alma enferma, pelo leyto o corpo. E assicomo onde hia o leyto, lá hia o paralytico, assi ondevay acarne, lá vay a alma do triste peccador, q̄ jaz entréuada no corpo. Mas recuperada a saude d'alma aleuatase em cõtemplação, & vay com o pensamēto a sua casa, q̄ he a gloria,mediado os diuin os & altos mysterios. E ja nā he gouernada pelo corpo, mas elle p'ella.

E isto

Math. 9.

DA LEMB. DA MORTE

E isto he aleuantarſe a alma, & caminhar
pera ſua casa, leuando comſigo o leyto,
que dantes a leuaua. Isto bafe quanto a
morte tomada da ſegunda maneyra: ago-
ra tratemos breuemente da terceyra.

Ezech. 3; Conta o Prophcta Ezechiel aos trinta &
tres capitulos de ſua prophecia, que foy
leuado em ſpirito de Deos a hum cam-
po cheo de ossos de finados, & era tanto
o numero, que o nam tinham. E diſſelhe
o Prophet: Oſſos ſecos ouui a palaura de
Deos. E apos estas & outras palauras veo
o ſpirito sobr'elles, & a alleuantaranſe
cubertos de carne, & ficaram homens vi-
uos. Que campo he este cheo de ossos de
finados, ſenão o mundo cheo de peccado-
res? E aſſi como pera ſe aleuantarem os
oſſos, & ficarem homens viuos, veo ſobre
elles o ſpirito, aſſi pera o triste, que está
em peccado mortal, ficar viuo, he neceſ-
ſaria a graça diuina, ſem aqual o impio ſe
Thren. 5 nam pode justificar. Isto he o que diz Je-
remias naſ lamentaçōes. Conuerteynos
Senhor

Senhor a vos,& seremos conuertidos. E isto significou Christo nosso Salvador dizendo em sam João. Ninguem pode vir 8.моя
Ioan.6. a mī, se meu padre o não trouxer. Ves logo aqui como os que estão em peccado mortal, estão mortos, tomindo a morte na tercera maneira, que he a de que falamos. Que isto assi seja, dilo a sagrada Sapien.6 e scriptura no libro da Sapiencia per estas palauras: O homē mata pela malicia a sua alma. Daqui se colhe claramente, que o peccador he homicida de si mesmo. San Tiago diz que o peccado como for Iacob.1. summado, gera morte. Então se chama peccado consummado, quando a vontade deliberadamente nelle consente, ainda que senão ponha per obra: porque basta ser consummado per deliberado consentimento do pensamento & vontade para matar. E por isso se chama esse peccado mortal, porque mata a alma. Donde se conclue que a vida do mao he morte. Isto he o que diz sam Paulo aos Ro-

Tc ma

DA LEMB. DA MORTE.

Rom.8. manos: Se viuerdes segûdo a carne,mor-
tareys. E Christo nosso Senhor, dizia em

Matth.9 fan Matheus: Deyxa os mortos enterrar
seus mortos. Como se dissera: Deyxa os
mortos quanto a alma enterrar os mor-
tos quanto ao corpo. Esses que enterrão
os outros , tambem estão enterrados. E
esta he húa coufa assaz monstruosa , an-
dar sepultada húa alma morta nū corpo
viuo. Onde ves que chama nosso Senhor
mortos aos viuos, que sendo viuos quan-
to ao mundo, erão mortos quanto a Deos.

Chrys. Donde veo a dizer sam Ioão Chrysosto-
mo , que he impossivel viuermos , se em
nos os vicios não morrerem. Como nos
podemos chamar viuos estando nos vi-
cios sepultados ? A alma dá vida ao cor-
po , & a graça dá vida a alma,a qual sem
graça esta morta sendo immortal , & estâ-
do ella morta,diz se o homé não ter vida ,
& ficando elle sem vida,não viue , & não
viuendo está morto. E como Christo nos-
so Deos seja a vida,como elle diz em sam
Ioão

Ioão , seguese que quem viue apattado Ioan. 14 delle, não viue, por que como pode viuer sem vida? Ves logo claramente, q̄ oq̄ está em peccado mortal, he morto , & não se pode chamar homē mas fantasma. E se não fosse o custume, assi nos deuiamos de espantar de ver hū homē, que toubessemos que estaua em peccado mortal, como de ver hū finado andar fora da sepultura enterrado em si mesmo. Cuidamos muitas vezes que vemos homēs, & não sam homēs, nos homēs não vemos homēs, mas fantasmas d'homēs , & sepulturas de si mesmos. Vemos ossos, & caucyras , & corpos morttos, fracos, caducos, & transitorios. Em fim vemos imágēs viuas no parecer, & mortas no obrar. E sendo tão miseraney, cuidão que estão seguros em fugirem de Deos pera si. Tāto q̄ Adam peccou a diz a escriptura q̄ fuggio, & se escōdeo de Deos, por q̄ cō a morte se apartou da vida. E difieite Deos.

Tc ij Adá

DA LEMB. DA MORTE

Adā onde estás? Como se dissera: Qué de
ti? Pórq fugiste de mí pera ti? Onde estás,
pois nāo estás em mí, pois estás em ti per-
dido sem mí? Pois morrédo pelo peccado
mortal viues sem viueres? Nāo te poderia
acabar de contar os males, que comigo
traz esta morte, a qual se bem attentaste,
he totalmente contrayra áquella, de que
agora antes falauamos, porque aquella
aparta a alma da carne, & esta ajunta a
Compa-
raçāo. com ella pera noſſa perdição. Porque assi
como avela, se a apagares, viuitá sem se
consumir, mas nāo a matando, ella mes-
ma viuendo se está consumindo, de ma-
neyra que sua vida he sua morte, assi tu,
se te apagares & morreres ao mundo, vi-
uitás sem te consumir, & se viueres a elle,
viuendo te estarás consumindo, & esta-
rás morrendo, & a vida do corpo será
morte d'alma, que he a terceyra maneyra
de morte, de que te prometi, que te auia
de falar. Agora direy algúia couſa da quar-
ta, q̄ he a morte eterna no inferno pera
sem

semprē: onde sam lançados os maos, por que senão lembrárao de suas más obras, pera se dellas arrependerem , nem das bōas, senão pera se dellas gloriarem , por que as bōas obras hão se de depositar no cofre do esquecimento, por atalhar a vaá gloria,& as más na buceta da memoria, pera fazer dellas penitencia.

CAPITVLO VIII. E FINAL.

¶ Da morte eterna , & da lembrançada temporal , com húa deuota peroraçam.



V I D A perfeytissima hea
visam diuina, onde ha vida
sem morte, contentamen-
to sem arrecco , bem sem-
inal : da qual vida partici-
pão os san̄tos na gloria, & os q̄ estão aqui
nesta vida, ainda q̄ nāo participē della, ao
menos participāode sua esperança. Mas
como os q̄ estão no inferno careçāo nāo
somēte daquella celestial & eterna vida,

Tt iiij mas

DA L E M B . DA M O R T E .

mas ainda da esperança della, por isso se
chamão mortos, & aquella pena se cha-
ma eterna morte, por quanta eternamente
se sam priuados da eterna vida. E ainda
que aquelle dey dela morte no quarto lu-
gar, ella se chama morte segunda, da qual
diz assi sam Ioão no Apocalypse: Aquelle
que vencer, não sera offendido da morte
segunda. Como se dizesse: Aquelle que
vencer os vicios, & triumphar de sua pro-
pria vontade, sera liure do inferno. E nou-
tra parte do mesmo Apocalypse diz, que
os maos serão atormentados nū tanque
acceso de fogo & enxofre. E acabado isto
diz: E esta he a morte segunda. Della diz
o Psalmo: Pessima he a morte dos pecca-
dores. E noutra parte: Serão metidos no
inferno como ouelhas no curral, & a mor-
te os comera. Alli a pena ja nunca terá
fim, E como diz S. Gregorio nos moraes,
será morte sem morte. Mas patu nā vires
a esta morte eterna, cuya da na temporal, &
esta pa ella spercebido, não te come de

A poca-
lyp. 2.

A poca-
lyp. 21.

Psal. 33.

Psal. 34.

Gregor.

Sobresalto. A morte prendenos a todos,
& tomanos habitó & tófura. Se nos acha
em habitó de verdadeyros Christão , val
nos a igreja,& liuramnos pelas ordés da
misericordia: & senão somos entregues a
justiça secular do inferno. Mas a culpa di
sto não se ha de attribuir a morte, senão
a nos, que não fazemos nosso deuer, ta el-
la faz o seu. Se Adam não peccara , não
morrera, porque S. Paulo diz que per hú Rom.5.
homē entrou o peccado, & pelo peccado
a morte. E por isso se chama ella morte de
morsu vocabulo latino , que quer dizer
bocado , porque polo bocado do pomo
defeso entrou ella. E nem he má, como
muytos dizem,nem tão medonha, como
a fazē. De mí te digo q̄ me não pesaria cō
ella. E nestalôga idade, em q̄ meves, nesta
velhice castigadora dos erros da mocida-
de, estou cōtente, porq̄ me parece q̄ vou ja
vêdo a terra, & q̄ casado da lôga nauega-
ção da vida começo ja entrar pela barca
do porto da morte:né queria por nenhū

Tc iij pre

DA LEMB. DA MORTE

preço tornar outra vez a cmpégarmenias
duuidosas & tempestuosas ondas. Nem
tepareça, que me dà pena, verme desem-
parado das forças, & daquella disposição,
que comigo traz a mocidade, antes dou
graças a nosso Senhor, porque me liurou
do poder de tão perigosos senhores, & me
trouxe a conhecer nestes dias, q os meus

Compa- crão acabados. O reposteyro dhú princi-
raçao. pe arma a casa, & depoys dc passada a fe-
sta torna a desarmar. Assi o tempo arma
a mocidade de força, & gentileza, & vi-
ueza de sentidos, mas depoys vindo a ve-
lhice, elle mesmo torna a desarmar sua ta-
peçaria, & a tirar tudo, até que as paredes
ficão nuas & despouadas. E daqui vejo
eu que minhas festas sam acabadas, &
meus dias consumidos, poys o tempo,
que he o reposteyro da natureza, me-
tem ja desarmada & tirada toda a tape-
çaria de minha mocidade, & me tem da-
do o desengano dc minha partida, a qual
eu ja queria ver. E se me vem as lagrymas

aos olhos, quando vejo morrer outros velhos de minha idade, que tenho por virtuosos & amadores das cousas de Deos, não he tão somente por ver quebrados os estreos & colunas da república, mas também por os ver ir primeyro qu'eu, a receber a coroa da victoria. E em estremo fico consolado, quando os vejo receber a morte com contentamento, porque final he que lhe fara Deos merces, poys não com alegria, onde os chama. Ca como queremos que nos de premio aquelle, em cuja presença apparecemos contra nossa vontade? E se todostem obrigação a terem prompta sua vontade á de Deos, quanto mays os velhos, que tem passado todo o verde de sua vida? Assíco-Compa-
mo as maçãs verdes se arrancão d'aruo-
ração. re com força, mas as maduras, ellas per si estão desejando de cair, bem assí os mancebos morrem trabalhosamente, como pomos, que estão no verde de sua idade: mas os velhos como maduros elles

DA LEMB. DA MORTE

estão desejando de morrer, pera que faydos dos malaes temporaes, vam gozar dos
Compa- beés eternos. E assi como os açores de
raçao. Noruega voão com mót ligeyreza que
os das outras terras, não por elles natu-
ralmente serem mays ligeyros, mas por
verem quam pouco espaço tem pola bre-
uidade do dia, que alli não ha mays que
de tres horas, assi os velhos vendo quam
pouco espaço tem de vida, devem de dar
obra á virtude com grande pressa, & voar
altamente com grande velocidade, quan-
do não poderem com obras corporaes, ao
menos com as spirituaes, pera que a mor-
te os ache apercebidos, & vão com grande
alegria possuir a eterna bemaueturança.
E se Deospela sua misericordia me lá le-
uasse, antes queria q fosse hoje que á ma-
nhã. O claro & desejado dia aquelle, em
que os justos entrão na bemaueturança
recebidos & festejados dos sanctos, ad-
mittidos ao banquete dos espíritos cele-
stiaes! O bemaueturada morte principio
de

de tām anho bem! Esta he a de q̄ diz o real
Propheta: Preciosa he em o cōspecto do
Senhor a morte dos seus sanctos. O rece-
bimento singular, ó festa sem nenhū arte-
ceo de mudança! Quē fosse tão dito so q̄
visse este dia: O glorioso dia aquelle, em q̄
eu entrar na gloria, & naquellas bēauen-
turas moradas pera sempre, seo Señor
Deos pola sua immensa piedade me esta-
merce quiset fazer, onde verey o mesmo
Deos, aquella desejada gloria, aq̄lle sum-
mo bē, fartura de meus desejos, onde con-
uersarey cō os sanctos, & verey não somé-
te os q̄ cá conheci, mas os de q̄ li, & ouui,
& outros muitos. O alegria inextimavel,
ó contentamento á quē do qual fica to-
da a humana cōsideraçā! Mas não sey se me
toiherão minhas desauéturas tāmanha
bēauenturāça. Dayme Senhor lagrymas
palauar meus males, q̄ me não priue de
tantos beēs. Vos meu Deos que days a-
goa aos brutos animaes não a negueys
a meus olhos, pera que afogado Phataob

Psal. 115.

no

DA LEMB. DA MORTE

no mar de minhas lagrymas, meveja li-
ure do Egypto, & seja seguro do labyrin-
tho do mundo, com o fio da vida pelas
portas da morte, & va gozar do verda-
deyro conténtamento. Porque aqui que
contentamento posso eu ter assentado
sobre os rios de Babylonie, desfazendo
meus olhos em lagrymas com lembran-
ças de Sião, tendo dependurados os in-
strumentos musicos de minha alegria nos
esteriles & amargosos algueiros do mû-
ndo? Liu ray me Senhor desta Babylonie,
pera que soruido em vossas lembranças,
& abrasado em vosso amor, parta pera a
celestial cidade de Ierusalem, onde can-
te com os sanctos as suaves musicas de
Sião: Aleuanto a vós minha voz dizendo
com o Propheta: (Educ de custodia ani-
mam meam.) Tiray Senhor minha alma
deste carcere, liuraia desta coua & prisão
do mundo, leuay me deste de esterro a essa
patria, & deste miserauel vale a esse glo-
rioso monte da visam diuina, onde goze

de

de vós na eterna bemauenturança. Aqui
acabou o bom velho dē falar, & faiáolhe
pelos olhos hūas raras lagrymas hūas a
pos as outras, que fezeram ao filho derra-
mar outras tantas. E assi esteueram hum
pouco saluçando ambos, & soltando de
tal maneyra os olhos ao choro, que o des-
pojo das lagrymas, que alli ficou, podera
ser bōa testimunha do sentimento & de-
uaçāo, que com aquellas deuotas & soi-
dosas palauras teueram. E alimpandose
o filho disse pera o pay: Muyto quisera
Senhor que esteuerão aqui meus irmãos,
pera se aproueytarem desta pratica, em
que tratou altamē da morte. Isto , disse
o pay, se me offerece o ao presente, que he
bem pouco. em comparação do muyto,
que se podéra dizer. E não tenhas magea
de não estarem aqui teus irmão, q cu por
exercicio escreuerey tudo isto, pera que
tu & elles o leays. E recalhamorlos pera
casa, que ha muyto que o sol he recolini-
do, & que a terra está cuberta das trevas,

que

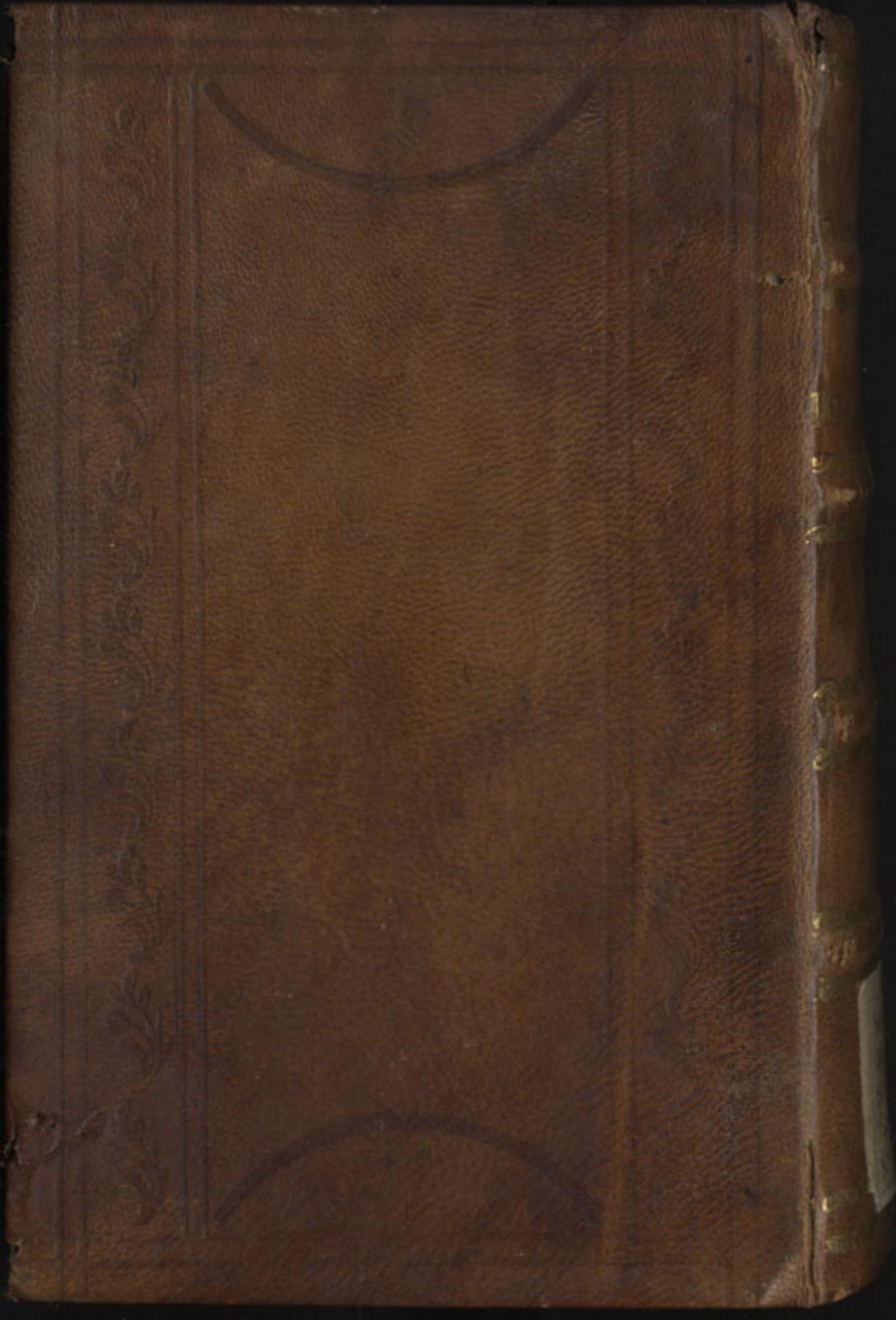
DA LEMB. DA MORTE
que a escura noyte traz comsigo. Reco-
lhemos, disse o filho, poylo assi manda. E
folgo muyto de não morrer tal practica,
como esta, & de a perpetuar entre-
gandoa ás letras, porque a escri-
ptura he a vida das
palauras.



Fim do dialogo da lembrança da morte.







FR. HEITOR PINTO

IMAGEM DA VIDA CRISTÃ



Sala R

Gab.

Est.

Tab. 4

N.º A 3